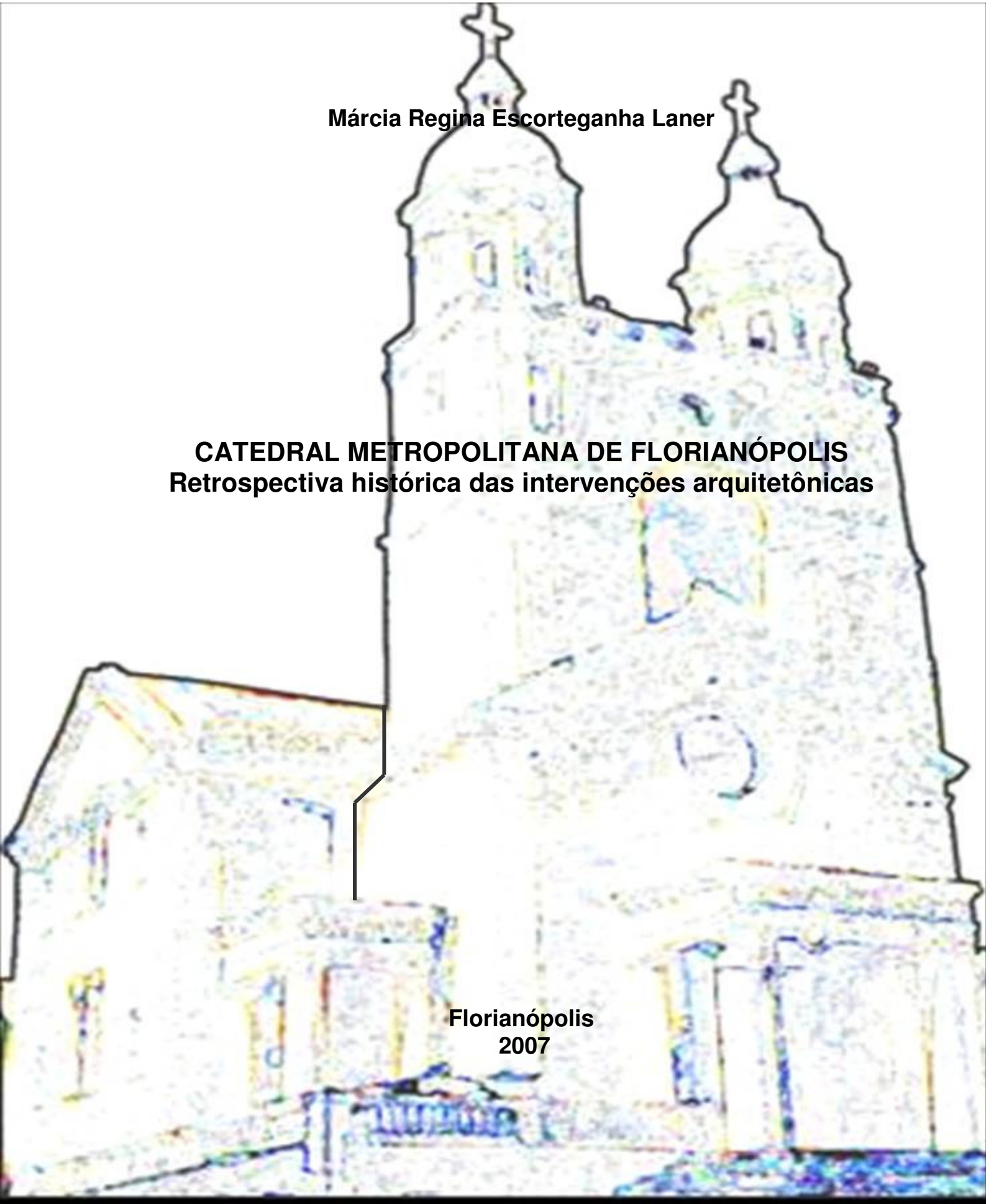


Márcia Regina Escorteganha Laner

CATEDRAL METROPOLITANA DE FLORIANÓPOLIS
Retrospectiva histórica das intervenções arquitetônicas

Florianópolis
2007



MÁRCIA REGINA ESCORTEGANHA LANER

**CATEDRAL METROPOLITANA
DE FLORIANÓPOLIS**

Retrospectiva histórica das intervenções arquitetônicas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo/PósARQ da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, como requisito parcial à obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ângela do Valle
Co-orientador: Prof. Dr. Sérgio Castello Branco Nappi

Florianópolis
2007

FICHA CATALOGRÁFICA

L247c Laner, Márcia Regina Escorteganha, 1967-
Catedral Metropolitana de Florianópolis: retrospectiva histórica
das intervenções arquitetônicas [manuscrito] / Márcia Regina
Escorteganha Laner. – 2007.
2207 f. : il. (algumas color.)

Cópia de computador (Printout(s)).
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro Tecnológico, 2007.
“Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ângela do Valle”.
Bibliografias: f. 189-196.

1. Catedral Metropolitana de Florianópolis. 2. Patrimônio
histórico. 3. Arquitetura religiosa. 4. Arquitetura – Conservação e
restauração. 5. Catedrais – Florianópolis, SC. II. Título.

CDU: 726.6.004.67(816.4)

MÁRCIA REGINA ESCORTEGANHA LANER

**CATEDRAL METROPOLITANA
DE FLORIANÓPOLIS**

Retrospectiva histórica das intervenções arquitetônicas

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de **Mestre em Arquitetura e Urbanismo**. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo/PósARQ da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC.

Área de concentração: **Projeto e Tecnologia do Ambiente Construído**.

Linha de Pesquisa: **Sistemas e Processos Construtivos**.

Prof^ª. Dr^ª. Alina Santiago
(Coordenadora do PósARQ/UFSC)

Prof^ª. Dr^ª. Ângela do Valle
(PósARQ/UFSC- Orientadora)

Banca Examinadora

Prof. Dr. Mário Mendonça Oliveira
(UFBA)

Prof. Dr. Sérgio Castello Branco Nappi
(PósARQ/UFSC- Co-orientador)

Prof. Dr. Gilberto Sarkis Yunes
(PPGAU- Cidade/UFSC)

Prof. Dr. Wilson Jesus da Cunha Silveira
(PósARQ/UFSC)

Florianópolis, 27 de julho de 2007

Dedico este trabalho com carinho aos meus filhos, Franciele e Mateus e ao meu esposo Paulo de Tarso.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por permitir chegar até aqui.

Aos meus pais, pela graça de me proporcionar a vida.

À minha família, meus filhos, Mateus e Franciele, meu esposo Paulo, pelo apoio e por saber relevar minhas ausências. À minha irmã e os sobrinhos, Thalia Caroline Escorteganha, Luíz Antônio Pollo, Carlos André Laner e Aline dos Santos Laner pela colaboração.

À Prof^a. Dr^a. Ângela do Valle (orientadora), ao Prof. Dr. Sérgio Castello Branco Nappi (co-orientador) e aos membros da banca: Prof. Dr. Gilberto Sarkis Yunes, Prof. Dr. Mário Mendonça Oliveira e o Prof. Dr. Wilson Jesuz da Cunha Silveira.

Ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo/PósARQ, da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, por disponibilizar a linha de pesquisa dos sistemas e processos construtivos, que muito contribui na preservação do patrimônio e a todos os professores que contribuíram na minha formação do mestrado, enriquecendo esta trajetória.

Agradeço especialmente ao Prof. Dr. Luís Fontes do Instituto Português do Património Arquitectónico, por fornecer as informações sobre Arqueologia da Arquitetura. E também, ao Prof. Dr. João de Deus Medeiros do Laboratório de Anatomia Vegetal, do Centro de Ciências Biológicas/UFSC.

Às Instituições e as pessoas que abriram as portas e seus arquivos para a coleta de dados. Destacamos especialmente o Arquivo Arquidiocesano de Florianópolis e o Arcebispo Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger, por permitir tão profícua pesquisa nos Livros Tombo. Ao Pe. Francisco de Assis Wloch, por proporcionar ampla liberdade de acesso à documentação e à pesquisa na Catedral, durante as intervenções.

Aos entrevistados: Monsenhor Agostinho Stelin, Pe. Francisco de Sales Bianchini, Pe. Pedro José Koehler, Pe. José Artulino Besen, George Wildi, Susana Cardoso Fernandez e Suzane Albers Araújo, por fornecerem preciosos relatos à pesquisa.

À Casa da Memória/ Fundação Franklin Cascaes, pelo suporte técnico nas entrevistas, principalmente a Prof^a. Eliane Veras da Veiga, amiga e colaboradora e ao Norberto Depizzolatti.

À Fundação Catarinense de Cultura-FCC, no Ateliê de Conservação-Restauração de Bens Culturais- ATECOR, por apoiar a minha dedicação ao mestrado.

Aos colegas de profissão e acadêmicos, pelo companheirismo, em especial à Maria Anilta Nunes, Fátima Regina Althoff, Elizângela da Silva e Patrícia Becker Marques.

Um agradecimento muito especial aos amigos, que conviveram comigo as tensões e angústias na construção desta pesquisa e a todos aqueles que, direta e indiretamente, colaboraram com este trabalho, dando um caráter coletivo e de parceria, em benefício da preservação patrimonial.

“A história está escrita nos traçados e nas arquiteturas das cidades. Aquilo que dela subsiste, forma o fio condutor que, justamente com os textos e os documentos gráficos permite a representação de imagens sucessivas do passado.” Charles-Edouard Jeanneret, conhecido por Le Corbusier (apud VEIGA, 2005).

RESUMO

A Catedral Metropolitana de Florianópolis é o marco zero na fundação da Villa de Nossa Senhora do Desterro no século XVI. Exemplar arquitetônico que muito contribui no testemunho da historicidade catarinense, não só com seus valores arquitetônicos e acervo sacro, mas também quanto a seu patrimônio imaterial constituído durante seus quase trezentos anos de existência. É um ícone que se mantém como fio condutor da transmissão dos signos e símbolos da Florianópolis de outrora.

Este trabalho busca identificar as alterações arquitetônicas que aconteceram ao longo do tempo na edificação, por meio da reconstituição histórica destas intervenções, organizando os fatos relacionados às intervenções de forma cronológica.

A coleta de dados nos Livros Tombo trouxe a público, fatos inéditos sobre as fases de intervenções na Catedral com suas respectivas datações. As entrevistas e as pesquisas documentais contribuem no esclarecimento de relatos e informações sobre os procedimentos adotados, além de citar materiais construtivos utilizados e suas aplicações; foram encontrados relatórios, contratos, propostas e justificativa de intervenções.

O resultado deste trabalho consiste na organização, em seqüência cronológica, das alterações arquitetônicas, dividindo-as em etapas, apresenta-se de forma gráfica e textos, relacionadas às circunstâncias temporais.

Palavras-chave: Catedral Metropolitana de Florianópolis. Patrimônio Histórico. Arquitetura Religiosa. Intervenções de Restauro. Retrospectiva Histórica.

ABSTRACT

The Metropolitan Cathedral of Florianópolis is the landmark zero of the foundation of *Villa de Nossa Senhora do Desterro*, on the XVI century. Its architectural sample so much contributes to testify the historicity of Santa Catarina, not only by its architectural values and sacred art collection, but also in regards to its immaterial inheritance, established during almost three hundred years of existence. It's an icon that maintains itself as a “*conducting wire*”, transmitting signs and symbols from the old-time Florianópolis.

This work looks for to identify architectural alterations that happened in the building among the years, by means of historical reconstitution of these interventions and organizing the facts related to it, in chronological form.

The gathering of data on the *Tombo Books* brought to light, unknown facts about the intervention periods in the Cathedral with its respective datings. The interviews and documental researches have contributed to illuminate the reports and informations about the procedures adopted, besides they do cite the constructive materials used and its applications; were also found reports, contracts, propositions and justifications for the interventions.

The result of this work consists in the organization, in chronological sequence, of its architectural alterations, dividing it into phases, presenting them in a graphic way and texts, related to its time circumstances.

Keywords: Metropolitan Cathedral of Florianópolis. Historical Inheritance. Religious Architecture. Interventions of Restore. Historical Retrospect.

RÉSUMÉ

La Cathédrale Métropolitaine de Florianópolis est la borne limite zéro de la base de Villa de Nossa Senhora de Destêrro, le siècle XVI. Son échantillon architectural contribue tellement pour témoigner le historicity de Santa Catarina, non seulement par ses valeurs architecturales et collection d'art sacrée, mais également dans le respect à sa transmission peu importante, établie pendant presque trois cents ans d'existence. C'est une icône qui se maintient comme "fil de conduite", les signes et les symboles de transmission du Florianópolis d'autrefois.

Ce travail recherche pour identifier les changements architecturaux qui se sont produits dans le bâtiment parmi les années, au moyen de reconstitution historique de ces interventions et d'organiser les faits liés à lui, en forme chronologique.

Le rassemblement des données sur les Livres de Tombo a mis en évidence, faits inconnus sur les périodes d'intervention dans la Cathédrale avec ses datings respectifs. Les entrevues et le documental recherche ont contribué pour illuminer les rapports et des informations sur les procédures adoptées, sans compter qu'elles citent les matières constructives employées et ses applications; étaient les rapports, les contrats, les propositions et les justifications également trouvés pour les interventions.

Le résultat de ce travail consiste en organisation, dans l'ordre chronologique, de ses changements architecturaux, le divisant en phases, les présentant en manière graphique et textes, liés à ses circonstances de temps.

Mots-clé: Cathédrale Métropolitaine de Florianópolis. Patrimoine Historique. Architecture Religieuse. Interventions de Restauration. Rétrospection Historique.

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 01	Conjunto de imagens com a localização geográfica da área central da Ilha de Santa Catarina.....	29
Figura 02	Mapa da rota das navegações entre o Rio de Janeiro e os Portos do Uruguai e Argentina.....	30
Figura 03	“Morte de Francisco Dias Velho”.....	31
Figura 04	Planta da Cidade de Desterro-1819.....	32
Figura 05	“Planta do Patrimônio da Câmara do Desterro, levantada em 1823”.....	33
Figura 06	“Vista da Villa de N. S. do Desterro da Ilha de Saint Catherina”.....	34
Figura 07	Vista do Desterro.....	34
Figura 08	Capela de Florianópolis.....	35
Figura 09	Planta das fundações da Capela e da Matriz.....	37
Figura 10	Retrato do “Brigadeiro José da Silva Paes”.....	38
Figura 11	Conjunto de imagens do projeto da Igreja Matriz na Ilha de Santa Catarina II... ..	42
Figura 12	Corte longitudinal da Igreja Matriz da Ilha de Santa Catarina II.....	43
Figura 13	“Festa dos negros na Ilha de Santa Catarina-1803”.....	44
Figura 14	Desenho “A Matriz do Destêrro”.....	45
Figura 15	“O Largo da Matriz na década de 1860”.....	46
Figura 16	“Exequias pelas Vítimas do Couraçado Aquidaban”.....	47
Figura 17	Lateral Esquerda da Matriz – final séc.XIX.....	48
Figura 18	Igreja Matriz de Nossa Senhora do Destêrro.....	50
Figura 19	Desenho da planta da Catedral atribuída a Theodoro Gründel-1922.....	52
Figura 20	“Procissão de Corpus Christi”.....	53
Figura 21	Reforma externa da Catedral-1922	53
Figura 22	Análise comparativa das alterações na fachada.....	53
Figura 23	Obras de elevação e reforço das torres da Catedral – 1922.....	54
Figura 24	As torres com iluminação noturna.....	54
Figura 25	Torre direita da Matriz.....	55
Figura 26	“Sinos antigos”.....	56
Figura 27	Substituição da cruz pelo sino	56
Figura 28	Análise comparativa do óculo- fachada da Catedral.....	57
Figura 29	Porta principal da Catedral em cantaria.....	58
Figura 30	Alpendres externos.....	58
Figura 31	Configuração da Matriz antes da reforma e ampliação de1922.....	59
Figura 32	Imagem que mostra o vão do transcepto durante a reforma de 1922.....	59
Figura 33	Conjunto de imagens com a localização da porta frontal no acesso lateral.....	60
Figura 34	Localização em planta das aberturas laterais.....	61
Figura 35	Localização das modificações nas aberturas laterais.....	62
Figura 36	Imagens das alterações nas escadarias.....	63
Figura 37	Localização do Império do Divino nas reproduções.....	64
Figura 38	Visualização do adro lateral junta a rua da Trindade, atual Arcipreste Paiva.....	66
Figura 39	Rua Arcipreste Paiva após o alinhamento.....	66
Figura 40	Conjunto de imagens indicando o alargamento da Rua Arcipreste Paiva.....	67
Figura 41	Configuração da Catedral, anos 30.....	68
Figura 42	Conjunto de plantas da Catedral indicando os anexos acoplados à edificação..	71
Figura 43	Projeto da reforma de 1934.....	73
Figura 44	Conjunto de imagens do desmembramento da planta-reforma de 1934.....	74
Figura 45	Descrição em planta dos materiais utilizados no Adro.....	75
Figura 46	Imagens das intervenções nas cúpulas das torres.....	76
Figura 47	Conjunto de imagens das cúpulas durante as obras.....	77
Figura 48	Imagens que indicam a rampa de acesso na lateral direita da Catedral.....	77
Figura 49	Matriz no final do século XIX.....	78
Figura 50	Vitrais artísticos-1948.....	80
Figura 51	Croqui da posição dos vitrais-1948.....	81
Figura 52	Planta do complexo edificado da Catedral.....	82
Figura 53	Conjunto de plantas -construção sobre a Sacristia, junto Arcipreste Paiva.....	84



Figura 54	Aspecto estético da Catedral na década de 1970.....	86
Figura 55	Conjunto de imagens da reforma de 1974.....	89
Figura 56	Imagens do adro durante as obras de 1974.....	90
Figura 57	Imagens do piso de ladrilho hidráulico, antes da reforma de 1974.....	91
Figura 58	Imagens da substituição do piso e repintura nas paredes -1974.....	91
Figura 59	Conjunto de imagens da pintura interna e externa da Catedral antes da reforma de 1974.....	94
Figura 60	Conjunto de imagens durante a reforma de 1974.....	96
Figura 61	Imagens das instalações eletro-eletrônicas -1974.....	97
Figura 62	Imagens sobre o processo de intervenção nos retábulos.....	102
Figura 63	Nicho de São Judas Tadeu na Capela de N. Sr ^a . das Dores.....	104
Figura 64	Retábulo- mor da Catedral, após as intervenções de 1985.....	104
Figura 65	Imagem da cobertura da Catedral, no destaque mancha de carbonização.....	106
Figura 66	Conjunto de imagens do diagnóstico da cobertura.....	109
Figura 67	Imagem da peça metálica inserida na perna da tesoura.....	110
Figura 68	Visualização do telhado com as telhas novas e antigas.....	110
Figura 69	Conjunto de imagens de retirada do reboco nas laterais da Catedral.....	112
Figura 70	Cunhal esquerdo da fachada da Catedral descoberto durante a retirada do reboco-2000.....	113
Figura 71	Catedral depois da pintura externa.....	113
Figura 72	Imagens do acesso lateral da Catedral.....	114
Figura 73	Conjunto de imagens e planta sobre o desabamento do alpendre externo esquerdo da Catedral.....	116
Figura 74	Infestação de insetos xilófagos no ripamento do forro do alpendre.....	117
Figura 75	Conjunto de imagens e esquema gráfico da configuração do forro em estuque.....	118
Figura 76	Imagens e planta localizando os alpendres externos laterais (esquerdo e direito).....	119
Figura 77	Forro de estuque da nave central da Catedral.....	120
Figura 78	Forro de estuque da nave com fissuras e desprendimentos.....	121
Figura 79	Conjunto de imagens sobre o Início das obras de intervenção (interna e externa) na Catedral.....	125
Figura 80	Imagens das obras na cobertura.....	128
Figura 81	Trabalhos de limpeza do forro de estuque.....	128
Figura 82	Visualização da manta metálica.....	129
Figura 83	Configuração da cobertura após da recolocação do telhado.....	129
Figura 84	Imagens da colocação dos fios de cobre para fixar o forro de estuque.....	130
Figura 85	Resultado das intervenções no forro de estuque na nave central.....	131
Figura 86	Registro da argamassa do forro de estuque.....	131
Figura 87	Imagens do fragmento do forro de estuque da nave central.....	131
Figura 88	Imagem da estrutura de andaimes para remoção dos vitrais.....	132
Figura 89	Imagens do processo de intervenção nos vitrais artísticos.....	133
Figura 90	Vitral artístico com a imagem da Madre Paulina, executado em 1991.....	133
Figura 91	Imagens dos retábulos e das prospecções das pinturas decorativas.....	135
Figura 92	Conjunto de imagens e planta localizando as prospecções das pinturas murais.....	136
Figura 93	Janela stratigráfica.....	137
Figura 94	Conjunto de imagens e planta das pinturas murais na Capela de N. Sr ^a das Dores	139
Figura 95	Assoalho em marchetaria.....	139
Figura 96	Imagens do assoalho em marchetaria interditado devido o desnível do piso.....	140
Figura 97	Conjunto de imagens da retirada dos caibros e tabuado do assoalho da Capela.....	140
Figura 98	Imagens da substituição dos caibros.....	141
Figura 99	Conjunto de imagens da recolocação do assoalho na Capela.....	141
Figura 100	Desenho das fundações da Igreja velha e da Matriz.....	158
Figura 101	Planta com as inscrições e coloração indicando as estruturas já edificadas e só projetadas.....	160



Figura 102	Conjunto de imagens do posicionamento e compartimentação interna da edificação.....	161
Figura 103	Escada de acesso às torres.....	162
Figura 104	Cerimônia de batizado.....	163
Figura 105	Imagens para a análise da localização dos bens integrados.....	164
Figura 106	Visualização da entrada principal (área interna).....	165
Figura 107	Análise do dimensionamento e a configuração da Capela de N. Sr ^a das Dores	168
Figura 108	Imagem em cartão postal da Matriz antes da reforma de 1922.....	169
Figura 109	Conjunto de imagens e planta que indica a redução da Capela de N. Sr ^a das Dores, de forma comparativa antes e depois da reforma de 1922.....	170
Figura 110	Conjunto de imagens das pinturas murais da Capela de N. Sr ^a das Dores.....	171
Figura 111	Prospecções na parede lateral direita da Capela de N. Sr ^a das Dores.....	171
Figura 112	Coleta das eflorescências sobre a pintura mural.....	172
Figura 113	Croqui referente as pinturas murais de 1938.....	175
Figura 114	Conjunto de imagens das pinturas murais internas visíveis até a reforma de 1974.....	178
Figura 115	Janela estratigráfica com a indicação das camadas cromáticas.....	179
Figura 116	Leitura cronológica dos pisos e das estruturas parietais da edificação.....	187
Figura 117	Cronologia das etapas construtivas da Catedral.....	188
Figura 118	Documento da reforma-1932- João Baptista Barretto.....	200
Figura 119	Documento da reforma-1934- (diagnóstico das torres) Tom Wildi.....	201
Figura 120	Documento da reforma-1934- (adro e escadarias) Tom Wildi.....	202
Figura 121	Documento da reforma-1934- (pintura externa e reforma na cobertura) Tom Wildi.....	205
Figura 122	Documento da reforma-1938- (pintura interna) Manoel Rovina.....	207
Figura 123	Documento da reforma-1946- (pintura externa) Pozzo Lideo.....	209
Figura 124	"Escavação acha ossos humanos".....	211
Figura 125	Placa explicativa dos cunhais.....	212
Figura 126	O arquiteto Tom Wildi e sua esposa, Maria Passerino.....	214

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATECOR- Ateliê de Conservação-Restauração de Bens Culturais

COTESPHAN- Comissão Técnica do Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município

DGEMN- Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

DIRPATRI- Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural

FCC- Fundação Catarinense de Cultura

FCFFC- Fundação Cultural de Florianópolis- Franklin Cascaes

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPPAR- Instituto Português do Patrimônio Arquitectónico

IPIUF- Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis

PósARQ- Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PPGAU- Cidade- Programa de Pós-Graduação Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade

SEPHAN- Serviço de Patrimônio Histórico, Artístico e Natural de Florianópolis

SUSP- Secretaria de Urbanismo e Serviços Públicos

UAUM- Unidade de Arqueologia da Universidade de Minho – Portugal

UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

UMINHO- Universidade do Minho- Portugal

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura



SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	RETROSPECTIVA HISTÓRICA E A PRESERVAÇÃO	16
1.2	A IMPORTÂNCIA DESSE PATRIMÔNIO HISTÓRICO	17
1.3	JUSTIFICATIVA DA ABORDAGEM DO TEMA	20
1.4	OBJETIVOS	21
1.4.1	Geral.....	21
1.4.2	Específicos.....	21
1.5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
1.5.1	Levantamento Bibliográfico.....	22
1.5.2	Levantamento de Campo.....	23
1.5.3	Reconstituição Histórica.....	25
1.5.4	Síntese das Informações Coletadas.....	25
1.6	ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DO TRABALHO	26
2	A ERMIDA FUNDADORA: da Capelinha, à Capela, e Matriz	28
2.1	SÍNTESE SOBRE A “PÓVOA DO DESTERRO”	28
2.1.1	Localização Geográfica do Estudo de Caso.....	28
2.1.2	Início do Povoamento.....	29
2.1.3	A Colonização.....	31
2.2	A CAPELINHA DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO	35
2.3	A CONSTRUÇÃO DA CAPELA	36
2.4	A MATRIZ- PROJETO DO ENGENHEIRO MILITAR JOSÉ DA SILVA PAES	38
2.5	CONFIGURAÇÃO DA MATRIZ NO FINAL DO SÉCULO XIX	44
3	A GRANDE REFORMA: de Matriz à Catedral	51
3.1	REFORMA E AMPLIAÇÃO	51
3.1.1	A Planta Atribuída ao Arquiteto Theodoro Gründel.....	51
3.2	ALTERAÇÕES NA LATERAL ESQUERDA DA EDIFICAÇÃO	59
3.3	A SUPRESSÃO DO IMPÉRIO DO DIVINO	64
3.4	AS ALTERAÇÕES NA LATERAL DIREITA DA EDIFICAÇÃO	65
4	AS PEQUENAS INTERVENÇÕES: de 1926 a 1967	69
4.1	OS ADITAMENTOS DE 1926	69
4.2	O ASSOALHO DAS CAPELAS- 1927	69
4.3	ADITAMENTOS SOBRE A SACRISTIA -1932	71
4.4	AS OBRAS DO ARQUITETO TOM TRAUOGOTT WILDI	71
4.5	PINTURA INTERNA DE 1938	78
4.6	OS VITRAIS ARTÍSTICOS	79
4.7	CASA PAROQUIAL	81
4.8	PINTURA EXTERNA DE 1946	82
4.9	CONSTRUÇÃO SOBRE A SACRISTIA	82
4.10	AS OBRAS REALIZADAS EM 1954	84
4.11	SEPULTAMENTO EM 1967	84
5	ALTERAÇÃO INTERNA: da reforma à repintura- 1974	85
5.1	AS INTERVENÇÕES	85
5.2	AS REFORMAS NOS FORROS	87
5.3	PROPOSTA PARA REFORMA NO ADRO	89
5.4	TROCA DO PISO DA NAVE CENTRAL	89



5.5	PINTURAS MURAIAS INTERNAS.....	91
5.6	INSTALAÇÃO DA APARELHAGEM ELETRÔNICA.....	96
5.7	MANUTENÇÃO E PEQUENOS REPAROS NAS TORRES E NA COBERTURA.....	96
5.8	PINTURA EXTERNA DA EDIFICAÇÃO.....	97
6	INTERVENÇÕES E RELATÓRIOS: de 1983 a 2003.....	98
6.1	PINTURA EXTERNA DE 1983.....	98
6.2	AMPLIAÇÃO DO “ LARGO DA CATEDRAL”	98
6.3	O PRÉ-PROJETO DE 1987.....	99
6.4	INTERVENÇÕES DE 1993.....	99
6.5	ACRÉSCIMOS E INTERVENÇÕES- 1995.....	100
6.6	PROJETOS E OBRAS DAS ARQUITETAS-2000.....	105
6.7	ACESSO A ALA ADMINISTRATIVA- 2001.....	113
6.8	DESABAMENTO DO FORRO DE ESTUQUE DO ALPENDRE- 2003.....	114
6.9	VISTORIA DO FORRO DE ESTUQUE DA NAVE CENTRAL.....	117
7	A CATEDRAL HOJE: intervenção de 2005 a 2007.....	119
7.1	QUEDA DOS FRAGMENTOS DO FORRO NA NAVE.....	119
7.2	ANÁLISES LABORATORIAIS DOS MATERIAIS CONSTRUTIVOS.....	124
7.3	A COBERTURA E O FORRO DE ESTUQUE.....	126
7.4	BENS INTEGRADOS.....	130
8	ANÁLISES E CONCLUSÕES.....	140
8.1	ANÁLISES.....	140
8.1.1	Como Iniciou a Preservação no Brasil.....	140
8.1.2	Resumo Histórico das Intervenções.....	146
8.1.3	A suposta Data da Construção da Capela.....	150
8.1.4	A Existência da Capela Após a Capelinha, Antes da Matriz.....	152
8.1.5	Planta do Brigadeiro Silva Paes Indicando Áreas Edificadas e Projetadas.....	156
8.1.6	Configuração Interna da Matriz.....	158
8.1.7	A Irmandade dos Terceiros e a Diminuição da Capela de N. Sr ^a . das Dores.....	164
8.1.8	As Pinturas Murais de 1932 e 38.....	170
8.1.9	A Repintura de 1974.....	176
8.1.10	A Preservação e a Política.....	177
8.1.11	A Falta de Detalhamento nos Projetos de Restauro.....	178
8.1.12	O Entorno da Catedral.....	179
8.2	CONCLUSÕES.....	180
8.3	PERSPECTIVAS E RECOMENDAÇÕES.....	186
	REFERÊNCIAS	188
	BIBLIOGRÁFICAS CONSULTADAS.....	193
	ANEXOS.....	197
	APÊNDICES.....	211

1 INTRODUÇÃO

1.1 RETROSPECTIVA HISTÓRICA E A PRESERVAÇÃO

As ações de proteção e preservação, no final do século XX, são ações necessárias, que contribuem para reverter o quadro de perdas sistemáticas dos referenciais sócio-culturais no Brasil e em Florianópolis.

A preservação do patrimônio possibilita a análise e a compreensão de como uma mesma edificação pode, ao longo de sua existência, adquirir diferentes acréscimos, passando a incorporar ao seu valor arquitetônico as modificações ocorridas durante sua existência, construindo, assim, sua história e sua identidade.

É também um elo e uma continuidade entre as linguagens e os significados agregados ao longo do tempo; Transforma-se em testemunho histórico para a comunidade na qual está inserida.

Mas a evolução urbana, por vezes, configura-se em um processo que afeta a preservação do *“patrimônio cultural”*. As mudanças que ocorrem na busca do progresso e do crescimento urbano provocam transformações que causam perdas, às vezes irreparáveis, nos conjuntos históricos. Este patrimônio edificado, a Catedral, está inserido no traçado urbano, portanto, é parte integrante da história da cidade, que ao longo dos anos passou por alterações na edificação, no seu acervo e em seu entorno. Assim sendo, constituem pontos importantes a serem compreendidos na sua totalidade e na necessidade de repensar atitudes sobre o que se quer preservar como exemplar significativo representante da identidade cultural de Florianópolis. O estudo dessas mudanças, através da reconstituição dos fatos históricos, contribui para a compreensão das ações que ocorreram, e que ficaram marcadas nas alterações da estrutura arquitetônica, do tecido urbano bem como, também, na vida das pessoas. Além disso, as alterações arquitetônicas estão diretamente ligadas aos conceitos estéticos gerados durante determinada fase histórica, refletindo o modo de pensar e agir daquela sociedade.

A retrospectiva histórica é uma forma de preservar o patrimônio, com a investigação dos fatos colocando-os em uma ordem cronológica, nos é possível visualizar o desenrolar dos acontecimentos assim analisar como ocorreram as ações dentro de seus contextos político-sociais. Revelando o patrimônio estudado como identidade e registro histórico de uma comunidade, enaltecendo-a como um símbolo de orgulho e representatividade.



Entendemos que a memória arquitetônica é a mais completa de todas, na medida em que nos permite, de maneira mais ampla e profunda, um mergulho no passado e no como viviam os nossos ancestrais. Ela não termina, porém, na contemplação do artefato arquitetônico em si, mas revela pela investigação documental, construtiva e arqueológica do edifício, e que nos ensinará conhecer melhor a verdade da sua história, fazendo o seu testemunho muito mais significativo. (OLIVEIRA, 2001, p. 02).

Esta visualização dos fatos ocorridos com relação às intervenções arquitetônicas, proporcionada pelo resgate histórico da Catedral, permitiu a compreensão e o aprofundamento nas análises dos fatos em relação às intervenções arquitetônicas que aconteceram nesses quase três séculos de existência da edificação. Percebeu-se que estão sobrepostas três igrejas em uma só. É uma edificação carregada de referências e ao mesmo tempo de alterações no seu traçado original. Devido a estas alterações só foi reconhecida e tombada oficialmente como patrimônio municipal e estadual após 1986.

O material coletado durante a trabalho contribuirá com pesquisas futuras, pois a investigação dos fatos e sua devida comprovação documental na construção desta linha do tempo das intervenções ocorridas na Catedral, propiciará conteúdo substancial sobre as alterações na edificação. Não abrangeu-se todas as áreas de pesquisa, pois seria impossível, somente num trabalho, abordar o universo de conteúdo e possibilidades existentes no conjunto desse bem cultural. Desta forma considera-se a edificação da Catedral Metropolitana um objeto de estudo bastante completo e complexo, pois além de valioso bem arquitetônico, no qual veio a se constituir ao longo dos anos, possui um acervo diversificado, tais como: registros documentais, imaginária sacra, pinturas, objetos de cerimonial, entre outros; e nos mais variados materiais, como: madeira, metal, papel, têxteis. Com esta variedade de itens abrem-se perspectivas para diversificadas pesquisas e aprofundamentos, tanto de natureza material como imaterial.

A reconstituição dos fatos através da retrospectiva histórica da Catedral, a qual se propõe empreender, neste estudo servirá como base para outras pesquisas e, como um referencial histórico e cronológico.

1.2 A IMPORTÂNCIA DESSE PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Florianópolis, como em muitas outras cidades brasileiras que detêm conjuntos históricos, desde o Brasil Colônia, possui marcas que identificam a formação estrutural da sua história e cultura. No entanto, seu contexto urbano foi bastante alterado pelo acelerado



desenvolvimento urbano, sofrendo com perdas sistemáticas do seu acervo cultural ao longo dos anos.

A Catedral dessa cidade é considerada um bem de grande valor histórico, cultural e religioso para os catarinenses e turistas que a visitam. Reflete em sua estrutura arquitetônica e seu acervo sacro, signos importantes do seu patrimônio imaterial, pois é considerada o coração da Cidade e a Mãe protetora, além de ser o “marco zero da antiga Desterro” é, também, o símbolo máximo da religiosidade florianopolitana.

A Catedral até pouco tempo não tinha seu reconhecimento oficial como patrimônio tombado, esta medida veio tardiamente a partir de 1986. Ela não fez parte dos primeiros tombamentos, por ser considerada pelos técnicos como uma edificação que não continha mais seu traçado original, devido as alterações que modificaram profundamente sua arquitetura original. Mais tarde foi revisto este posicionamento reconsiderando a carga de significados imateriais em relação às mudanças no seu traçado originalmente concebido. Como esses valores imateriais são atribuídos pela coletividade e se sedimentam ao longo do tempo, eles não são palpáveis; uma das formas de representá-los é correlacionando-os é através da arquitetura e do acervo sacro, refletindo assim a significância dessa edificação. Reconhecendo-a como um conjunto de valores, material, imaterial e arquitetônico, foi realizado o seu tombamento¹ como Patrimônio Histórico, com base na Lei Municipal nº. 1.202 de 02 de abril de 1974 pelo **Decreto nº. 270, de 30 de dezembro de 1986**; e pela Lei Estadual nº. 5.846, de 22 de dezembro de 1980, no **Decreto Estadual nº 2.998 de 25 de junho de 1998**. No caso da Catedral, os Órgãos que realizaram o seu tombamento foram:

- Fundação Catarinense de Cultura- FCC, através da Diretoria de Patrimônio, órgão de preservação estadual;
- Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis- IPUF, através da Serviço de Patrimônio Histórico, Artístico e Natural de Florianópolis- SEPHAN, órgão de preservação municipal.

A partir desta atribuição de valor estas instituições passaram a fazer a fiscalização e a fornecerem as diretrizes para as intervenções.

A Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, aprovada pela Organização da Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura-UNESCO, em outubro de 2003, detalha o que se deve entender por patrimônio cultural: "As práticas, representações, conhecimentos e técnicas", juntamente os “objetos, artefatos e lugares que

¹ O tombamento ocorre devido à análise aprofundada da relevância de se manter presente este Bem Cultural; esta análise é feita por técnicos especializados na área de proteção aos Bens Patrimoniais



lhes são associados” onde as “comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural” (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2006). Atribui como patrimônio imaterial, o que se:

transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2006).

A Catedral é uma edificação religiosa que representa os signos e símbolos da Desterro de outrora, até nossos dias. Testemunhou, e continua testemunhando, todo o desenrolar da história de Florianópolis e os acontecimentos diários da cidade. Desde a “antiga Desterro”, são realizadas aos seus pés ou no seu entorno a maioria das manifestações político-sociais, eventos culturais e atos religiosos, além de ser um dos pontos mais visitados pelos turistas em Florianópolis, pois é de praxe chegar a uma cidade e visitar a Igreja para orar ou admirar sua beleza edificada. Beleza esta que transcende seu significado e seu espaço físico de “*igreja*”, chegando a ser compreendida e admirada como um espaço museológico,

qualquer bem patrimonial ou monumento enquanto construção histórica, contém em si, em cada uma das suas partes constituintes, um pouco da história da sua formação ou edificação e só se constitui como bem patrimonial, só adquirem sentido e valor, se apreendido na dinâmica do tempo e espaço histórico, se percebido como patrimônio vivido. Na forma como hoje se apresentam, corresponde ao produto final de uma acumulação estratigráfica de elementos construtivos e de relações estabelecidas com o meio (FONTES, 2004, p. 173).

A identidade da Catedral começou a ser construída a partir da fixação do povoamento de Bandeirantes, depois, pela quantidade considerável de imigrantes açorianos que vieram colonizar a região a partir de 1748 e, também, por outras etnias que aqui se fixaram ao longo do tempo. Assistiu invasões de nações estrangeiras, como a “Invasão Espanhola de 1777”, que tomou posse das Igrejas da Ilha, usando-as como quartel. Serviu a vários regimes militares; governantes ditadores e autoritários, que usavam as celebrações religiosas e o poder da religião e do clero a seu favor; tempos de perseguições e censura, onde as paredes da Catedral serviram de salvaguarda e proteção para muitos ilhéus. Das suas torres ecoaram a voz dos estudantes e do povo, na “Novembrada”, manifesto de coragem, da luta contra atos ditatoriais, manifestação de repugnância às atrocidades do Marechal Floriano Peixoto aos ilhéus, lá estavam eles aos pés da Catedral tendo ela como amparo para tal ato de coragem e de esperança por liberdade de expressão. Nela foram celebrados muitos batizados de filhos de pessoas ilustres, mas também de “manezinhos”. Suas paredes guardam muitas histórias, do apogeu a queda de muitas famílias



florianopolitanas. Nas naves ainda ecoam o som dos casamentos, com muita alegria, com votos de “felizes para sempre”, mas também o lamento de seus funerais. Cada pedra do adro e das escadarias tem o testemunho das reivindicações nas manifestações dos trabalhadores em greve. Foi lugar onde a mocidade se enamorou ao entardecer como os casais na hora do “footing” da Praça XV; onde se festejou até a madrugada, na alegria desmedida dos foliões e carros alegóricos do carnaval de rua, com seus “pierrôs e colombinas”. Acolheu com dor e pesar a Procissão do Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores e a multidão de fiéis, como uma magnânima mãe que acolhe seus filhos. Portanto, o seu patrimônio imaterial reflete a profundidade das relações entre esta edificação e a população sedimentando significados que despertam as mais variadas relações emocionais, reforçando a identidade e o orgulho a todas as classes sociais de Florianópolis. Isso referenda a importância de se preservar este patrimônio.

1.3 JUSTIFICATIVA DA ABORDAGEM DO TEMA

Esta pesquisa tem como enfoque principal fazer um resgate histórico das diferentes etapas de intervenções arquitetônicas que ocorreram na Catedral, desde a sua concepção até os dias atuais, pois, até o momento, não se tem um registro cronológico das alterações físicas que ocorreram durante seu processo histórico, o que deixa dúvidas na análise perceptiva das mudanças, pois elas foram acontecendo com o decorrer do tempo e se sobrepondo, dificultando, assim, sua compreensão.

Com o objetivo de conhecer e compreender os fatos ocorridos e suas conseqüências, este levantamento pretende contribuir para reflexões sobre as ações tomadas e também nas decisões que embasam os procedimentos atuais e futuros e nos processos de conservação e restauração.

As informações coletadas e registradas poderão servir como fonte de informação dos acontecimentos, como também, acrescentarão elementos à história desse patrimônio.

Por fim, este trabalho reflete uma pesquisa direcionada a localizar os fatos que geraram as intervenções ou por elas foram geradas, demonstrados de forma cronológica, aberta a outras contribuições futuras. Pretendendo, também, despertar o interesse para que sejam efetuadas futuras investigações nas mais variadas áreas, pois a Catedral é um monumento que proporciona muitas conjecturas e correlações com outras edificações. O resultado da



pesquisa como documento cronológico das intervenções na Catedral, contribuirá na manutenção e nos futuros processos de intervenções.

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Geral

Efetuar um levantamento histórico e cronológico das diferentes etapas das intervenções arquitetônicas realizadas na Catedral Metropolitana de Florianópolis.

1.4.2 Específicos

- a) Pesquisar os dados bibliográficos e os documentais em fontes primárias, referentes às alterações arquitetônicas ocorridas;
- b) Documentar, por escrito e graficamente, as alterações no monumento relacionando-as ao período temporal em que ocorreram;
- c) Realizar análises comparativas, baseadas em documentos fotográficos e gráficos, relacionadas às alterações ocorridas ao longo do tempo;
- d) Sistematizar informações que possam ser utilizadas pelos órgãos municipal, estadual e nacional de preservação do patrimônio cultural e pela Cúria Metropolitana de Florianópolis.

1.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Segundo Dieterich (1999, p. 61) “a elaboração do problema é a delimitação clara do objeto de pesquisa”, no seu desenvolvimento, o problema enfocado é o ponto de partida da investigação que segue com a estruturação do método de estudo de caso.

O Método é misto, inicialmente de forma qualitativa e posteriormente complementado pela quantitativa, com técnicas de levantamento de forma direta (documentação histórica, entrevistas e levantamento fotográfico) e indireta (organização dos dados), conduzindo à análise.



Durante a revisão bibliográfica, percebeu-se que haviam lacunas e os fatos relatados eram poucos, com repetição dos mesmos em várias publicações, dando uma falsa impressão de que havia muito material publicado sobre o assunto, quando na verdade eram alguns fatos repetidos por vários autores e sem uma ordem cronológica. Durante a revisão detectaram-se confusões entre fatos e datas que não correspondiam entre si, com isso surgiram dúvidas. Optou-se, então, por uma investigação em fontes primárias, como os Livros Tombo e entrevistas com os padres que vivenciaram o cotidiano da Catedral, mas em épocas mais recentes; tentando buscar novos indícios e dados históricos que relatassem melhor os acontecimentos e talvez encontrar justificativas que esclarecessem os motivos das decisões tomadas durante as intervenções na Catedral.

Algumas imagens aqui reproduzidas, podem não apresentar uma boa qualidade, pelo fato de terem sido fotografadas a partir de documentos antigos ou acervos de imagens com baixa resolução.

A metodologia utilizada divide-se em etapas, conforme os ítems relacionados a seguir:

1.5.1 Levantamento Bibliográfico

Os primeiros passos para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa passam, necessariamente, pela revisão bibliográfica.

Ao abordar o tema em questão, a pesquisa pontuou a revisão bibliográfica em publicações e em instituições:

a) as revisões bibliográficas em publicações investigam os seguintes ítems: os fatos históricos sobre a colonização em Florianópolis e o seu cotidiano dos séculos XVII ao XX, nas publicações de Oswaldo Rodrigues Cabral, Walter Piazza, Auguste de Saint-Hilaire e José Boiteux; em relação a preservação do patrimônio, textos de Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc, Camillo Boito, Cesare Brandi e Isabelle Cury (Cartas Patrimoniais).

b) nas instituições de pesquisa foram realizados os levantamentos documentais situando os fatos históricos já pesquisados e publicados. Orientando o registro cronológico das intervenções e fornecendo subsídios para o detalhamento do assunto abordado, são elas:

- a) Arquivo Arquidiocesano da Cúria Metropolitana de Florianópolis;
- b) Catedral Metropolitana de Florianópolis;



- c) Casa da Memória – Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes;
- d) Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina;
- e) Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis - IPUF/ SEPHAN;
- f) Arquivo Público do Estado de Santa Catarina;
- g) Fundação Catarinense de Cultura - FCC, nos setores:
 - Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural – DIRPATRI;
 - Ateliê de Conservação-Restauração de Bens Culturais – ATECOR.

1.5.2 Levantamento de Campo

Para complementar as análises comparativas das alterações (interna e externa) na edificação em estudo, foi feito o levantamento de campo, obtendo assim, dados documentais (documentos e imagens) imprescindíveis à pesquisa, informações essas que enriqueceram muito o conteúdo abordado, como também, apresentaram alguns fatos inéditos. Este levantamento foi dividido nas seguintes etapas:

1.5.2.1 Levantamento gráfico e fotográfico

As pesquisas realizadas nas instituições, já citadas, teve como objetivo fotografar imagens relacionadas à configuração arquitetônica desde a fundação da Catedral até os dias de hoje. Essa coleta gerou um banco de imagens que serviram de subsídio para as análises comparativas. Estas imagens foram registradas em mídia digital, agrupando as informações em um arquivo pessoal.

As imagens coletadas referem-se às citadas em referências bibliográficas já publicadas ou por indicação durante os contatos pessoais com historiadores, bibliotecários, restauradores, professores e arquitetos.

Esses registros iconográficos são referentes aos séculos XVIII e XIX (desenhos, gravuras, pinturas e mapas) e séculos XX e XXI (mapas e fotografias).

1.5.2.2 Pesquisa documental

Dentro da necessidade de aprofundamento dos dados, iniciou-se uma pesquisa documental nos Livros Tombo, na Catedral Metropolitana de Florianópolis e no Arquivo Arquidiocesano



da Cúria Metropolitana de Florianópolis, onde estão relatados os registros dos párocos da época.

Existem documentos datados de 1727 a 2004, com um intervalo sem registros documentais de 1875 a 1900. Toda a documentação foi transformada em cópia digital comprobatória da pesquisa, pois esse procedimento facilita a análise e o acesso à fonte, favorecendo na conclusão dos trabalhos.

1.5.2.3 Entrevistas

Esta técnica tem o objetivo de reforçar as informações bibliográficas, sobre os fatos ocorridos, possibilitando o surgimento de outros enfoques.

Nesses relatos buscam-se informações que confirmem ou justifiquem as alterações na estrutura física da Catedral, durante suas reformas e intervenções ou como ocorreu a aquisição dos bens que compõem o acervo sacro. Com isto é possível um cruzamento de dados na verificação do processo de resgate histórico.

As entrevistas foram gravadas em fita cassete, para posterior transcrição.

A abordagem é de forma não estruturada e em profundidade, onde o entrevistado relata livremente o assunto abordado, descrevendo em detalhes sua vivência do fato. Estas entrevistas foram direcionadas a um grupo de pessoas que tem uma relação direta com o tema em estudo, como: padres, historiadores e engenheiros.

Optou-se por realizar as entrevistas nas dependências do Centro de Documentação- Casa da Memória/ FCF-FC, com a colaboração da Arquiteta e Mestre em História do Curso de Pós-Graduação em História/UFSC, Eliane Veras Veiga, técnica em documentação oral, que executa o trabalho de transcrição das fitas gravadas. Deve-se considerar que todo o material transcrito fica registrado em fitas magnéticas e impressos, portanto em duas mídias documentais.

Posteriormente esses depoimentos farão parte do “Acervo Documental Municipal” como “Memória Oral da Cidade”, ficando à disposição de outros pesquisadores, contribuindo com futuras pesquisas e em um espaço público de acesso irrestrito, procedimento este fundamentado no Art. 16º da Carta de Veneza de 1964, recomendando que as atividades



práticas desenvolvidas pela conservação sejam sempre documentadas em relatórios analíticos e críticos, ilustrados com desenhos e fotografias e colocados à disposição dos pesquisadores nos órgãos públicos.

Como os depoimentos são considerados acervos documentais, as entrevistas serão guardadas em ambiente museologicamente correto, ou seja, com acondicionamento adequado, controle de umidade e temperatura, procedimentos esses que preservam os acervos e contribuem para prolongar a vida dos registros do patrimônio cultural.

Nas entrevistas realizadas, constam os períodos em que os padres entrevistados atuaram na Catedral. São eles:

- a) Pe. Agostinho Stelin (de 1952 a 1968);
- b) Pe. Francisco de Sales Bianchini (1966 a 1973);
- c) Pe. Pedro José Koeler (1973 a 1993);
- d) Pe. José Artulino Besen (1993 a 1999);
- e) George Wildi (Engenheiro), Filho do arquiteto Tom Traugott Wildi.

1.5.3 Retrospectiva Histórica

Elaborar uma linha do tempo, através do cruzamento dos dados documentais coletados (revisão bibliográfica e documentos variados), desde sua fundação até os dias atuais, proporcionando uma visualização dos fatos ocorridos e que, de alguma forma, influenciaram na configuração arquitetônica da Catedral Metropolitana de Florianópolis.

1.5.4 Síntese das Informações Coletadas

Pretende-se que este projeto de pesquisa resulte em material bibliográfico e documental, sobre a história da arquitetura da Catedral e suas intervenções.

O tratamento dos dados coletados baseia-se nos seguintes itens:

- a) Triagem dos pontos relevantes;
- b) Organização dos dados por áreas de interesse e períodos históricos;
- c) Interpretação, confirmação dos fatos e cruzamento das informações;
- d) Redação do texto para a Dissertação de Mestrado, com revisão e as recomendações da banca de qualificação.



Com isso, divulgar os resultados obtidos junto aos Órgãos de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural de Santa Catarina, Centros Acadêmicos e as Associações de Conservadores - Restauradores de Bens Culturais.

1.6 ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DO TRABALHO

A introdução apresenta no capítulo 1 a importância da preservação do estudo de caso, a Catedral, como patrimônio histórico. Contendo a justificativa, os objetivos (geral e específicos), os procedimentos metodológicos e a estrutura organizacional do trabalho.

No capítulo 2, com o título: “A ERMIDA FUNDADORA: da Capela à Matriz”, localiza geograficamente o objeto de estudo, faz uma síntese do povoamento na Ilha de Santa Catarina, justificando a sua ocupação. Apresenta as Plantas da Matriz projetadas pelo engenheiro militar José da Silva Paes, traçando linhas de análise sobre sua configuração. Cita a Capelinha, depois a suposta existência da Capela, para, enfim, ser edificada a Matriz, todas as três no mesmo local. Pontua-se algumas intervenções pontuais que aconteceram depois da construção da Matriz até a reforma de 1922.

“A GRANDE REFORMA: da Matriz à Catedral”, no capítulo 3, são descritas as obras com base em documentação e fotografias, fazendo análises comparativas entre a reforma estrutural e a estética que acontece em 1922 transformando-a em Catedral e a Matriz edificada em 1753. Enfatizando as alterações e ampliações.

No capítulo 4, “AS PEQUENAS INTERVENÇÕES: de 1927 a 1967”, é relatado cronologicamente às intervenções que aconteceram durante um período de quarenta anos, desde 1927 até 1967, dando ênfase para 1934 quando se realizam obras executadas pelo arquiteto Tom Wildi.

“A ALTERAÇÃO INTERNA: da Reforma à Repintura- 1974” descreve no capítulo 5, a fase em que acontece uma significativa mudança na configuração interna da Catedral, alterando-a esteticamente com a repintura interna, que cobriu todas as pinturas murais. Mas as obras não pararam aí. Devido o estado de conservação precário da edificação foram executadas obras do “piso ao teto”, desde a substituição do piso até a pintura interna e externa, a reforma do adro e das escadarias e a intervenção no forro de estuque e na cobertura.



O Capítulo 6 registra “AS INTERVENÇÕES E RELATÓRIOS: 1980 a 2003”, como: obras de manutenção, a reforma na rampa de acesso lateral e algumas intervenções pontuais. Teve a atuação das três arquitetas que desenvolveram o primeiro trabalho dentro dos moldes que preconiza as Cartas Patrimoniais, como por exemplo: diagnóstico, documentação descrevendo procedimentos e materiais, apoio técnico e científico e recomendações de manutenção. Registrando em relatórios com descrição minuciosa da obra executada, uma fase muito importante para a edificação e a preservação do patrimônio. Foi presenciada e registrada a queda do forro do alpendre externo e a gravidade do estado do forro de estuque da nave central através dos relatórios dos Órgãos de Preservação.

A **Catedral Hoje**, se refere às intervenções de 2005 a 2007, no capítulo 7: relata as obras que estão sendo executadas no momento, referentes à primeira etapa do projeto que pretende atuar em todo o complexo edificado da Catedral, e que foram presenciadas e documentadas durante esta pesquisa.

Nas **Análises e Conclusões** são apresentadas as análises da retrospectiva histórica, como também da relação entre a preservação e as ações políticas. Apresenta perspectivas e recomendações. Finalizando com as conclusões destas análises e demonstrando em planta uma leitura estratigráfica dos elementos arquitetônicos e de uma linha cronológica da edificação.

As **Referências** trazem a listagem das fontes de consulta citadas ao longo do texto.

Nas **Bibliografias Consultadas** estão listadas as fontes bibliográficas consultadas utilizadas durante a pesquisada, mas que não foram citadas no texto da dissertação.

Os **Anexos** complementam o trabalho trazendo os seguintes documentos: colocações sobre a pintura interna da Catedral em 1938, relatórios e diagnóstico do estado de conservação das torres, em 1934, do arquiteto Tom Wildi, nota de jornal sobre as ossadas do antigo cemitério no entorno da Catedral.

Nos **Apêndices** constam a biografia resumida do arquiteto Tom Wildi e a entrevista realizada com o Padre Pedro José Koehler, na qual relata a repintura interna da reforma de 1974.

2 A ERMIDA FUNDADORA: da Capelinha, à Capela e Matriz

O assunto desenvolvido neste capítulo aborda o povoamento da Ilha de Santa Catarina, que iniciou onde o bandeirante, Francisco Dias Velho, edifica as primeiras construções, junto a Capelinha da “Póvoa”, como núcleo da colonização. No local da Capelinha, mais tarde é edificada uma Capela que algum tempo depois se transforma na Matriz de Nossa Senhora do Desterro, projetada pelo Brigadeiro José da Silva Paes.

2.1 SÍNTESE SOBRE A “PÓVOA DO DESTÊRRO”

Na síntese sobre a colonização da “Póvoa de Desterro” são apresentados os motivos que geraram a sua colonização e como aconteceu a evolução da ocupação do território com o passar do tempo.

A pesquisa trata especificamente de temas relacionados à atual Catedral, numa relação direta com a edificação e seu entorno.

2.1.1 Localização Geográfica do Estudo de Caso

O município de Florianópolis tem a área territorial aproximada de 423 km², com parte insular - Ilha de Santa Catarina, e área continental. É a capital do Estado de Santa Catarina e se localiza na Região Sul do Brasil.

Com base nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE, a Ilha de Santa Catarina situa-se entre as latitudes 27°25' e 27°50', na direção geral NE/SW.

A figura 01 mostra um conjunto de imagens com a localização geográfica do município de Florianópolis, com destaque para a posição da Matriz de Nossa Senhora do Desterro, que se localiza na área central do município de Florianópolis, tendo à sua frente a Praça XV de Novembro e nas laterais as ruas: Anita Garibaldi, a Leste, e a Rua Arcipreste Paiva, a Oeste. Este local se constitui na área inicial da “Póvoa de Nossa Senhora do Destêrro” no século XVII, hoje, Florianópolis.

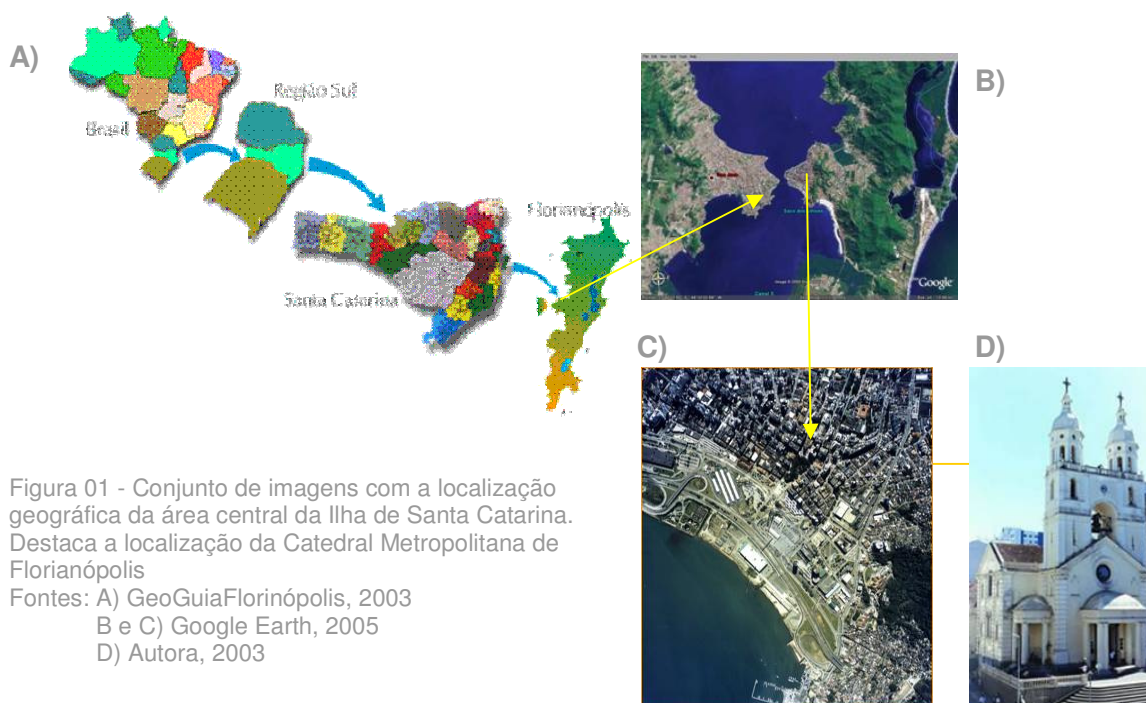


Figura 01 - Conjunto de imagens com a localização geográfica da área central da Ilha de Santa Catarina. Destaca a localização da Catedral Metropolitana de Florianópolis

Fontes: A) GeoGuiaFlorianópolis, 2003
B e C) Google Earth, 2005
D) Autora, 2003

2.1.2 Início do Povoamento

Em 1500, Portugal não fazia idéia da dimensão das terras brasileiras. Os limites do novo território foram construídos aos poucos por iniciativa e determinação dos bandeirantes, em suas expedições pelo interior do País, as “Entradas e Bandeiras”, em busca de minérios e índios.

Portugal, para não perder o domínio dos territórios conquistados, negocia com a Espanha um tratado, o “**Tratado de Tordesilhas**” assinado em 1494, no qual os limites territoriais de cada um seriam determinados por uma linha imaginária, que dividia o mundo em duas partes, de norte a sul. Todas as terras a leste da linha pertenceriam a Portugal e a oeste a Espanha, o limite oeste do Brasil era o meridiano que passava pela cidade de Laguna. Com isso o território brasileiro na época seria um terço do atual.

“No século XVI, a costa catarinense foi freqüentada por navegadores espanhóis, que a tinham como pertencente à Coroa Espanhola. Em 1540, o rei da Espanha concedeu o governo da Ilha de Santa Catarina à Alvar Nuñez Cabeza de Vaca” (BOITEUX, 1959, apud PELUSO, 1991, p. 314). Equivocadamente a Coroa Espanhola pensava que a Ilha de Santa



Catarina lhe pertencia, por isso colonizadores espanhóis nela estiveram. Este equívoco se deve às dificuldades da época em traçar os marcos colonizadores, pois, pelo tratado de Tordesilhas, a Ilha sempre foi de domínio português. Como as expedições dos bandeirantes foram penetrando pelo interior dos territórios ultrapassando os limites do Tratado, em 1750, foi selado um novo acordo, o “**Tratado de Madri**”, estabelecendo que o território pertenceria a quem, de fato o ocupasse.

O interesse da Coroa Portuguesa na ocupação da Ilha de Santa Catarina era usá-la como ponto estratégico, devido a sua posição geográfica nas rotas de navegação (Fig.02). A Ilha de Santa Catarina, é a maior ilha entre as duas maiores cidade litorâneas do Atlântico na América do Sul, Rio de Janeiro e Buenos Aires, localizada no Estuário do Prata, era também um porto favorável ao abastecimento de víveres para as tripulações. A posição geográfica da Ilha, entre os dois centros atlânticos dos impérios rivais- Portugal e Espanha, influenciou o povoamento definitivo, que aconteceu com a fixação do bandeirante Dias Velho e sua família (PELUSO, 1991, p. 313).



Figura 02 - Mapa da rota das navegações entre o Rio de Janeiro e os Portos do Urugai e Argentina. Fonte: Peluso, 1991, p. 350

D. João V, por motivos políticos determina, em 1638, que a Capitania de Santa Catharina (Ilha e parte da terra firme) tornar-se-ia independente de São Paulo (PELUSO, 1991, p. 313).



O interesse da Coroa Portuguesa pela Ilha da Santa Catarina não era econômico, mas de demarcação territorial, o que deixa a Capitania por tempos esquecida pelos seus colonizadores. Mesmo com a passagem das “Entradas e Bandeiras” não ocorre a fundação da “Vila de Nossa Senhora do Desterro”. Isso só acontece mais tarde, quando Francisco Dias Velho vem a fixar sua morada. Dias Velho já havia passado pela Ilha de Santa Catarina, velejando pela costa catarinense em expedições anteriores. Obteve sesmarias no interior e a mando do rei de Portugal, consolidou o povoamento com elevação das primeiras cabanas, à sua custa (CABRAL, 1979, p.17-18).

O motivo que gerou o povoamento de Desterro foi o posicionamento estratégico das terras para manter a bandeira do domínio português; não houve nenhum motivo econômico.

Os motivos das ocupações de território são determinantes na configuração espacial dos núcleos fundadores e na configuração de suas edificações. Assim, a “Póvoa de Nossa Senhora do Destêrro” não ostentava em sua arquitetura o luxo e a riqueza de seus povoadores, por não ter havido um ciclo econômico que financiasse esta configuração nos moldes de Minas Gerais, com o “Ciclo do Ouro”, principalmente observado na decoração e porte das igrejas. A Matriz de Desterro não teve capital e nem preocupação estética similar às igrejas de Minas Gerais, apresentando-se mais despojada e simplificada.

2.1.3 A Colonização

Enfim nasce Desterro, na área onde hoje se situa a Catedral, no momento em que o bandeirante paulista Francisco Dias Velho construiu a primeira capelinha, dedicada a “Nossa Senhora do Destêrro” (CABRAL, 1979, p. 45). Assim sendo, este é o local considerado pela população e historiadores, o “marco zero” de Florianópolis.

Dias Velho funda a “Póvoa”, em 1673 fixando morada na Ilha, com sua família e agregados, enfrentando toda a hostilidade da época, resultando na “nova Destêrro” (PAULI, 1973), onde se mantém até 1689, quando os piratas atacam a Ilha, incendiando as casas e procurando os habitantes, que se refugiam na Capelinha (CABRAL, 1979, p.19). Dias Velho ao



Figura 04 - “Morte de Francisco Dias Velho”

Autor: Dakir Parreiras -1927
Acervo do Museu Histórico de Santa Catarina

Fonte: CORRÊA, 2004, p. 83



tentar defendê-los das atrocidades dos piratas é morto, como também sua família, junto a Capelinha, por ele construída (Fig. 04). Então a “Póvoa de Nossa Senhora do Destêrro” iria tornar-se um “simples agrupamento de pescadores, após a morte do seu fundador” (PAULI, 1973).

A Capelinha de pau-a-pique (CABRAL, 1979, p. 17) continuava no topo da pequena colina, como ponto convergente para os moradores que habitavam a região, servindo de acolhida aos fiéis. Esta confirmação está no registro do livro tomo que, em 25 de dezembro de 1727, os padres jesuítas, franciscanos e carmelitas prestavam assistência religiosa aos moradores da Ilha, conforme atesta o seguinte texto:

[...] patente conferida ao Frei Agostinho da Trindade, provincial vigário da Ordem do Carmo, a mando do Conselho Ultramarino a residir como vigário da Matriz de Nossa Senhora do Destêrro, na Ilha de Santa Catharina e suas dependências, onde já atuava como vigário encomendado Pe. Francisco Justo Santiago (LIVRO tomo I, 1727 a 1871, p. 1v).

Com a declaração da Independência do Brasil em 07 de setembro de 1822, Desterro foi elevada à categoria de Cidade, com a delimitação de um perímetro urbano, “cuja evolução obedeceu a interesses fiscais, não refletindo a expansão do aglomerado urbano” (PELUSO, 1991, p. 316). Esta demarcação do perímetro urbano é percebida na figura 04.

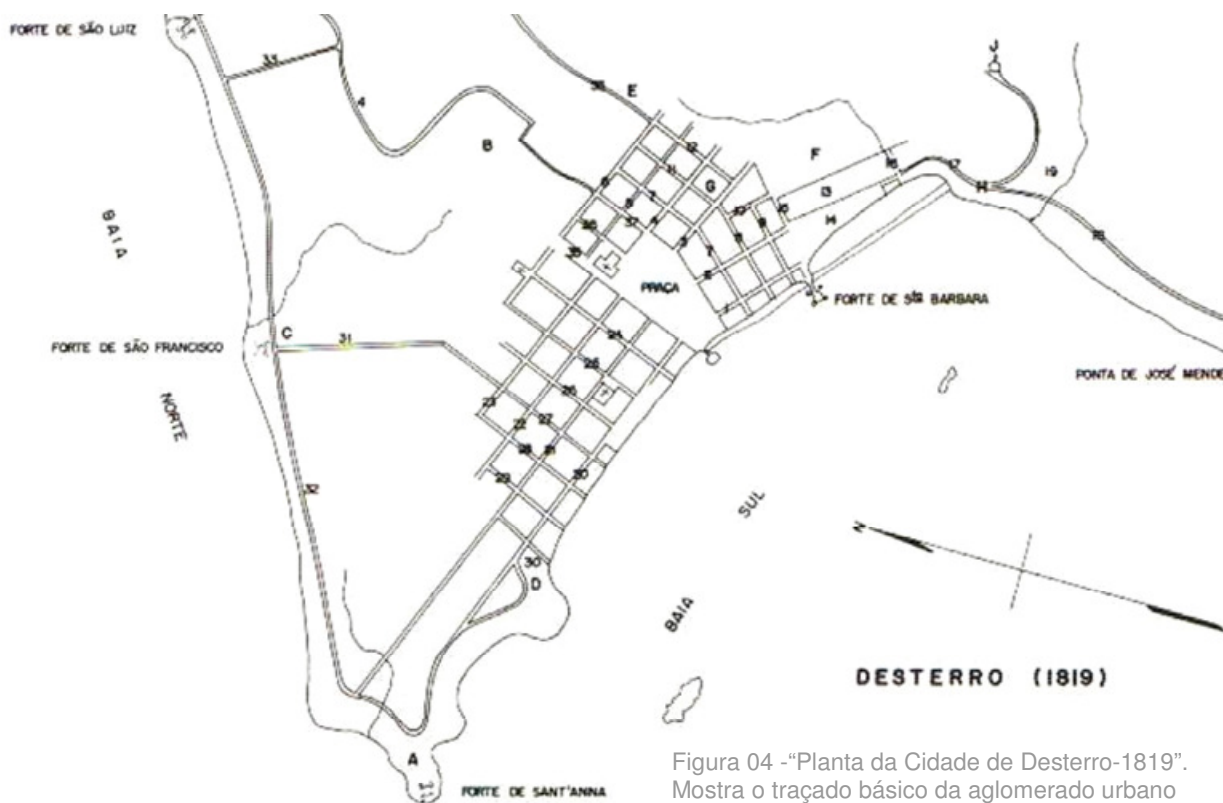


Figura 04 -“Planta da Cidade de Desterro-1819”.
Mostra o traçado básico da aglomerado urbano
Fonte: Cabral,1979, p. 129



Figura 05 - "Planta do Patrimônio da Câmara do Desterro, levantada em 1823"
Planta da área central da Cidade de Desterro-séc. XIX. Posição da Catedral em relação ao traçado e o relevo.
Autor do desenho: Tenente Coelho Peniche
Fonte: Peluso,1991, p. 359

Na planta de Desterro, em 1823 (Fig. 05), observa-se a implantação da Matriz na área central, com eixos longitudinais a partir da Praça XV de Novembro. Estes quarteirões "são retilíneos, predominantemente em grande xadrez e paralelos à borda da praia e os cais" (ADAMS, 2004, p. 89).

Peluso (1991, p. 316) corrobora com a afirmação sobre a descrição da referida área:

A planta do patrimônio da Câmara do Desterro, levantada em 1823, mostra o traçado básico da cidade. A praça central foi localizada no centro da costa da enseada, onde a curva da orla marítima é mais acentuada, e como firmaram os dois lados perpendiculares à linha da praia, resultou daí figura irregular, com um deles em rumo nordeste mais forte que o outro; a igreja, que dela ocupa a face principal, ficou perto de um dos lados, influenciando todo o traçado norte próximo à colina em que foi construída.

Saint Hilaire (1978, p. 170) critica seu posicionamento dizendo: "[...] a capela dedicada a Nossa Senhora do Desterro, prejudica a simetria da praça, já que não tiveram o cuidado de construí-la a igual distância das duas fileiras de casas, além de a colocarem em posição oblíqua em relação à beira do mar". Descreve a cidade, no séc. XVII, como sendo dividida



em “duas partes desiguais por uma grande praça”, esta ocupa quase toda a largura e seu caimento em declive se estende até a beira do mar. A praça, de formato trapezoidal, tem “aproximadamente noventa passos de largura por trezentos de comprimento desde a beira d’água até a igreja paroquial, onde termina”.



Figura 06 - “Vista da Villa de N. S. do Desterro da Ilha de Saint Catherina”. Prancha nº70
Autor: Jean Baptista Debret- ‘ Voyage Pittoresque et Historique au Brésil’
Editado por: Firmin Didot Frères -1834
Acervo – Setor de Obras Raras da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina – Florianópolis

As aquarelas de Jean Baptista Debret e Victor Meirelles de Lima (Fig. 06 e 07), ilustram a iconografia que Saint Hilaire descreveu com relação à praça e ao seu entorno, evidenciando a posição da Matriz e a circulação da Vila, dando a impressão que as ruas convergiam para a praça. A área central da “Villa” apresenta-se como um grande palco aberto e no centro do cenário configura-se a Matriz de Desterro, com uma visibilidade exclusiva e ampla.

“A partir dessa praça, as ruas foram se delineando, procurando adotar um traçado ortogonal e acompanhando as marinhas, seguindo o rumo das fontes d’água e dos primeiros estabelecimentos oficiais e religiosos” (VEIGA, 2004, p. 95).



Figura 07 - “Vista do Desterro” aquarela s/ papel (36,4 X 61,8 cm)
Autor: Victor Meirelles de Lima (circa 1846) Acervo – Museu Victor Meirelles
Obra doada- Família Almirante Lucas Boiteux (1970)
Fotógrafo: Eduardo Marques



A Vila de Nossa Senhora do Desterro de 1748 a 1756, realmente se consolida, quando recebe um grande contingente populacional, cerca de 6000 imigrantes açorianos e madeirenses enviados por Portugal, assentados em localidades da Ilha e litoral catarinense.

Essa leva de imigrantes foi para a Ilha de Santa Catarina e para a Villa de Nossa Senhora do Destêrro um grande impulso, para o desenvolvimento da Capitania. Desta forma, é iniciada uma fase de modernização para a pequena Vila, e a demanda populacional por uma nova matriz começa a ganhar corpo em substituição à singela Capela.

2.2 A CAPELINHA DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO

Com o início do povoamento por Francisco Dias Velho, foi edificada no alto da pequena colina uma capelinha dedicada a “Nossa Senhora do Destêrro” (CABRAL, 1979, p. 17).

Esta ermida devia ser muito singela e de aspecto improvisado, mas era uma referência importante naquela época em que os desbravadores encontravam-se a própria sorte na luta para preservar seu território e sobreviver em condições tão inóspitas. O desenho do artista Aldo Beck (Fig. 08) e registros de historiadores possibilitam imaginar como seria esta configuração inicial.



Figura 08 - “Capela de Florianópolis”

Autor do desenho: Aldo Beck

Fonte: VEIGA. 1993. p. 44

Quanto ao tema da suposta data de sua construção será abordado no capítulo das análises.



A Capelinha ali permaneceu, testemunhando o crescimento da “Villa” e seu cotidiano, como também as atrocidades por ocasião da morte do seu fundador. Viu aos poucos o núcleo urbano configurar-se à sua volta, como símbolo de proteção dos habitantes e de todos que aportavam na Ilha.

É criada a “Paróquia de N. Sr^a. do Desterro em 05 de março de 1712, por Decreto Régio”, sendo o pároco da época - Frei Agostinho da Trindade. O registro da criação da “Igreja de Nossa Senhora do Desterro” como “Vigariania Collada”, ocorre em 21 de janeiro de 1730, através do Decreto de D. João V, em consulta ao “Tribunal de Meza de Consciência e Ordem”, mas só é registrado na Paróquia de Desterro, em 20 de março de 1730. (LIVRO tomo I, 1727-1871, p. 8).

2.3 A CONSTRUÇÃO DA CAPELA

Ao analisar o conjunto de plantas do Brigadeiro José da Silva Paes, encontrou-se em uma delas o desenho das fundações que se referem à Capela construída com pedra e barro, que portanto não é a Capelinha de pau-a-pique descrita por Cabral (1979, p.17).

Neste desenho há inscrições que indicam a compartimentação em planta intituladas “igreja velha” e “igreja nova” (Fig. 09), percebeu-se o traçado das fundações de uma construção anterior à fundação da Matriz, que é o traçado da igreja velha. No registro do LIVRO tomo I (1727-1871, p. 8) “No anno de 1721 encontraram uma grande cruz junto ao local da antiga Igreja”, isso pode ser uma data indicativa da edificação desta Capela. Este é um fato que será abordado no capítulo das análises.

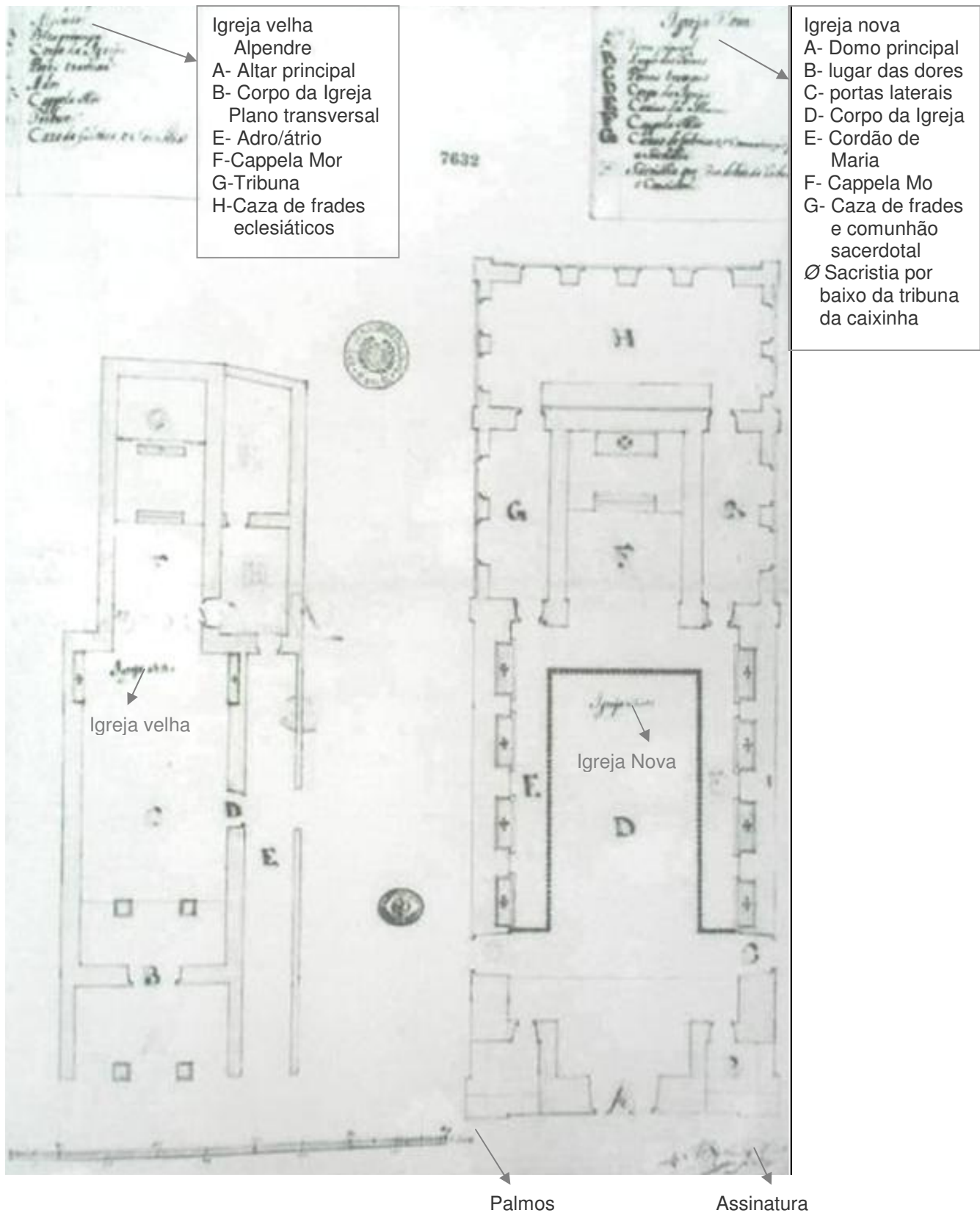


Figura 09 - Planta das fundações da Capela e da Matriz. Desenho das plantas baixas indicando as fundações da igreja velha e o projeto da igreja nova, ou seja, a Matriz; com inscrições indicando os espaços de uso.

Plantas baixas da Igreja Matriz na Ilha de Santa Catarina III
 Projeto da Matriz de Nossa Senhora do Desterro
 Autor do projeto: Brigadeiro José da Silva Paes-1748
 Fonte primária: Arquivo Histórico Ultramarino- Lisboa
 Fonte: Altrock, 2004, p. 63



2.4 A MATRIZ - PROJETO DO ENGENHEIRO MILITAR JOSÉ DA SILVA PAES

Nas terras de colonização portuguesa, e também espanhola, é notória a presença de edifício religioso como ponto estratégico e central, pois dele partem os principais eixos de circulação da Vila, de preferência em terreno mais alto, para evidenciar a edificação da igreja e colocá-la de maneira centralizada em relação à localidade. A igreja era o símbolo maior da conquista territorial feita a serviço de Deus e do Rei de Portugal.

José da Silva Paes (Fig. 10), a mando da Coroa Portuguesa, fixa residência na “Póvoa de Nossa Senhora do Desterro”, em 1738, iniciando um período de atividades com determinação e organização, impulsionando a nova Vila. Sendo assim o Conselho Ultramarino, reconhece a existência de uma nova Capitania d’El Rei, a de Santa Catarina. Nomeado pelo Rei e pelo Conselho Ultramarino como Governador, em 07 de março de 1739, permanecendo no cargo até 1749 e não mais como “simples comandantes de presidio, isto é, comandantes da praça de guerra, como até então” (CABRAL, 1979, p. 24).



Figura 10 - Retrato do “Brigadeiro José da Silva Paes”

Autor do desenho: desconhecido
Acervo Congregação da Igreja da Candelária-
Rio de Janeiro

Fonte: Corrêa, 2004, p. 86

O Brigadeiro José da Silva Paes nasceu em Lisboa, obteve o diploma de engenheiro em 17 de fevereiro de 1701, apresentou-se ao embarque na esquadra do Tejo, sendo incluído no quadro de oficial do regimento da Armada, com o posto de Ajudante de Capitão Engenheiro. Sua missão era inspecionar as embarcações da esquadra. No mesmo ano vai à Província de Alentejo para auxiliar na construção de fortificações.

Silva Paes chega ao Rio de Janeiro em 02 de março de 1735, a mando de D. João V, no quadro do governo do Brasil para inspecionar e melhorar as fortificações, além de substituir em seus impedimentos Gomes Freire de Andrade, no governo do Rio de Janeiro. Assumiu o posto de Brigadeiro da Infantaria em 12 de março de 1735. Foi governador e projetou várias fortalezas nas Cidades do Rio de Janeiro, Santos, Colônia do Sacramento, Rio Grande e na Ilha de Santa Catarina. Nesta última chegou em 1739 (ALTROCK, 2004, p. 19-20).



Esse engenheiro militar projetou para a Ilha de Santa Catarina não só as fortificações para a defesa das terras de domínio português, como também a sua igreja matriz.

[...] o edifício actual da Matriz de Nossa Senhora do Desterro foi mandado levantar pela Provisão do Conselho Ultramarino de 17 de julho de 1748, expedido ao Governador José da Silva Paes, e mandado cumprir por seu sucessor Manoel Escudeiros Ferreira de Sousa em 11 de fevereiro do anno de 1749. A primeira Pedra foi lançada no anno de 1753, tendo governador D. José de Mello Manoel, tendo Vigário Ignácio José Galvão e o Pe. Domingos Pereira Telles (LIVRO tombo, 1727-1871, p. 35).

Em 1748, Silva Paes elabora o projeto da Igreja Matriz, sendo edificada no período de 1753 a 1773. Com isso a pequena ermida de Dias Velho dá lugar à Capela, que agora se transformará em uma nova edificação, a Matriz de Nossa Senhora do Destêrro, refletindo uma nova perspectiva de desenvolvimento.

As plantas do projeto da Matriz, atribuídas ao Brigadeiro José da Silva Paes (Fig. 09, 11 e 12), pertencem ao acervo do Arquivo Histórico Ultramarino em Lisboa - Portugal. O conjunto gráfico é composto por planta, elevação frontal, elevação lateral e cortes (longitudinal e transversal). As primeiras notícias da existência destas plantas são trazidas em 1943, quando CABRAL (1979, p. 48) retorna de sua viagem aos Estados Unidos, encontrando-as na Biblioteca do Congresso. Também são trazidas por ALTROCK (2004), do Arquivo Histórico Ultramarino/ AHU, de Lisboa. Neste conjunto das "Plantas Baixa da Igreja Matriz na Ilha de Santa Catarina III" (Fig. 15), foi possível levantar a hipótese em relação à presença da suposta Capela de "pedra e barro", que será abordada no capítulo das análises.

Nas plantas atribuídas a ele (Fig. 09, 11 e 12), estão localizados os espaços de uso, ou seja, a compartimentação dos ambientes. Também contêm inscrições manuscritas identificando cada cômodo e demarcando áreas já edificadas e as só projetadas.

A "construção da igreja Matriz foi iniciada em 1753, quando outro já era o Governador- D. José de Melo Manoel" (LIVRO tombo, 1727-1871, p. 35), estendendo-se por um período de 20 anos. Durante a sua construção, os serviços religiosos foram transferidos para o Hospício dos Jesuítas, fato mencionado anteriormente (p. 48).

Cabral (1979, p. 49-50) justifica que a demora na construção da nova Matriz, teria sido devido ao custo da construção que se elevou muito acima das previsões de Silva Paes. A falta de verbas "retardou o ritmo das obras, pois em 1769, ainda não estavam acabadas e só quatro anos mais tarde seriam concluídas".



Outra justificativa, é que a fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim precisava de reparos urgentes, pois, em 1762, Portugal suspeitava que a Espanha poderia atacar a Ilha de Santa Catarina. Isto fez com que fossem executadas obras nas fortalezas, e fosse consumida toda a verba disponível. O Governador da época, não teve dúvidas em lançar mão dos fundos destinados à construção da Matriz. Mas este ataque espanhol à Ilha só aconteceria quinze anos depois, em 1777.

Sobre esta invasão, ficou registrado no LIVRO tombo (1727-1871, p. 6v) a data e, inclusive, a tomada da Igreja pelos espanhóis, em:

fevereiro do anno de 1777, em que por ocasião da occupação da Ilha de Santa Catharina pelas forças hespanhólas, aposou-se da Igreja Matriz do Desterro, o Vigário Geral dos Exércitos Hespanhóis, o Pe. D. Francisco Manoel de Andrade.

Quem ocupava o cargo de “Vigário collado” era Pe. Dom Inácio José Galvão, que se afastou devido à invasão, retornando à “administração religiosa da paróquia em julho de 1778”, o período de duração da invasão (LIVRO Tombo, 1727-1871, p. 6v).

A convivência foi amigável entre as forças opostas, apesar dos invasores tomarem posse de várias igrejas da ilha, sendo o caso da Igreja Matriz e da Igreja do Rosário de São Benedito e transformá-las tanto em quartéis como casa de oração para as tropas espanholas e a comunidade (PIAZZA, 1977, p.73).

Para Henrique Fontes, o retardamento das obras da Matriz teria sido provocado pelo espírito de oposição do Governador Francisco Antônio de Menezes e Souza ao seu antecessor, pois, quando D. José de Melo Manoel lhe passou o Governo, em março de 1762, “bastaria um mês de trabalho para concluir a feitura da Matriz; Menezes, muito de propósito, conservou-a no abandono, retardando, assim, de anos, a conclusão da obra” (CABRAL, 1979, p. 50).

A construção da Matriz foi um marco para Vila de Nossa Senhora do Desterro no século XIX, marcando esta fase da “Destêrro” de outrora, de forma suntuosa. Para Veiga (2006), a Matriz projetada por José da Silva Paes, o primeiro governador da antiga Capitania, tem a seguinte configuração: “[...] como ele era engenheiro militar, de formação clássica, européia, o projeto original da igreja matriz é clássico, severo, espartano. A característica mais visível é a cantaria da portada, além da planta retangular e do frontão triangular da fachada”.



A nova Matriz deve ter sido uma edificação de grande vulto e ostentação, compondo com os outros prédios oficiais da praça um belo cenário.

Silva Paes foi nomeado o primeiro Governador da Capitania em 07 de março de 1739, permanecendo no cargo até fevereiro de 1749. Portanto, comandou por dez anos a Capitania, salvo um intervalo de três anos, quando é chamado para executar trabalhos na cidade de Rio Grande.

Adoecendo, em 1748, solicita à Coroa Portuguesa um substituto em 02 de fevereiro de 1749. Com seu afastamento não chegou a receber a grande massa de imigrantes vindos das Ilhas de Açores e Madeira para o litoral catarinense, entre 1748 e 1756, mas tomou as devidas providências para abrigar e fixar os primeiras levas de imigrantes portugueses. A forma de recepção utilizada por Silva Paes serviu de modelo aos seus sucessores para estabelecer neste território as demais imigrações no Estado (CABRAL, 1979, p. 25)

Silva Paes não chegou a ver o início da construção da Matriz, pois regressou a Lisboa ao deixar o Governo de Santa Catarina, em 20 de março de 1749. Em Lisboa, juntamente com Alexandre de Gusmão, faz os mapas da Corte para o **Tratado de Madri**, de 1750.

Faleceu em Lisboa no ano de 1756 (PIAZZA, 1988).

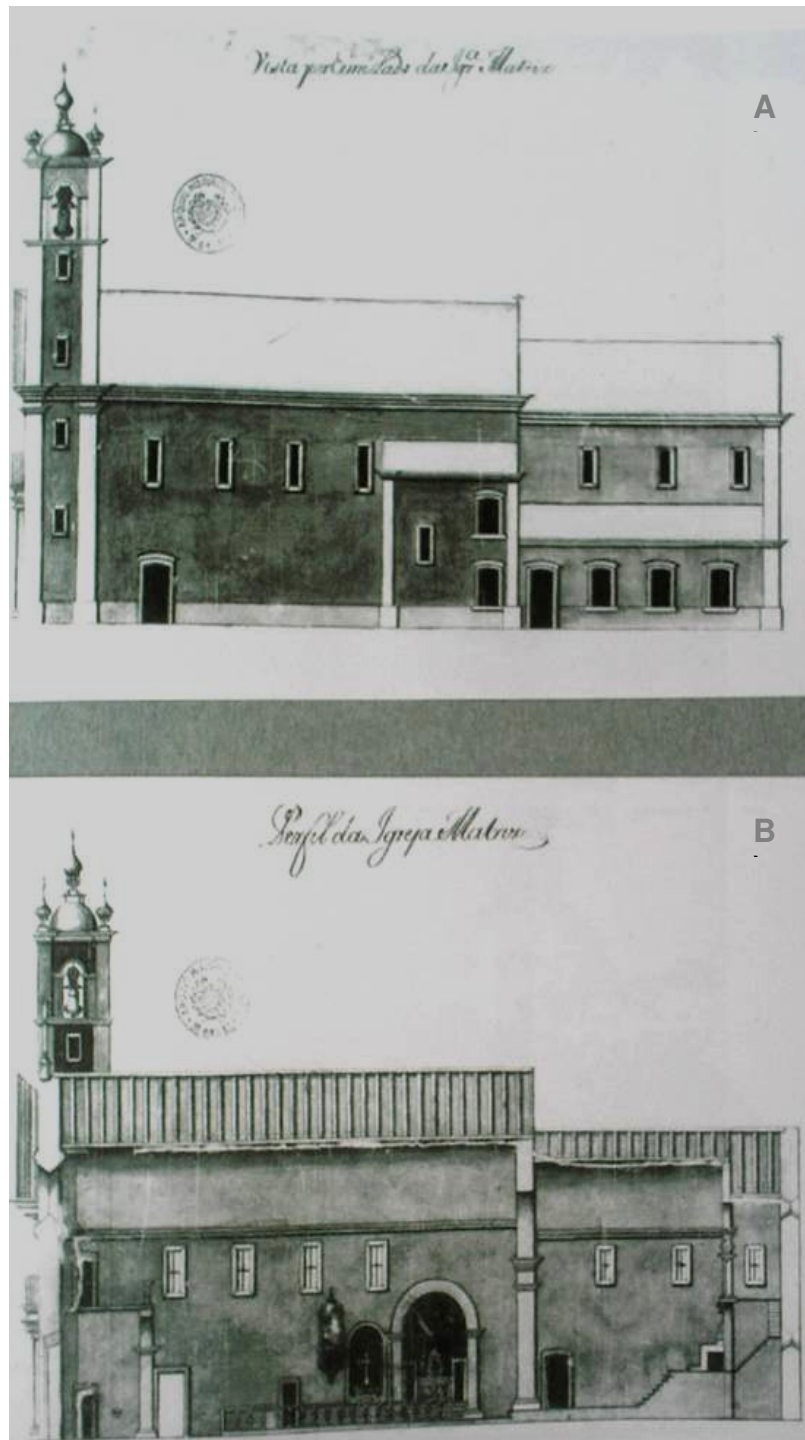


Figura 12 - Corte longitudinal da Igreja Matriz na Ilha de Santa Catarina II. Mostra a compartimentação interna da Matriz.

A) Lateral esquerda

B) Corte lateral longitudinal

Autor do projeto: Brigadeiro Joseph da Silva Paes-1748

Fonte primária: Arquivo Histórico Ultramarino- Lisboa

Fonte: Alrock, 2004, p. 60.



2.5 CONFIGURAÇÃO DA MATRIZ NO FINAL DO SÉCULO XIX

A configuração da Matriz, aparentemente, permaneceu a mesma, pois não foram encontrados registros gráficos ou relatos referentes à configuração arquitetônica, desde sua edificação em 1773 até 1860, quando os desenhos e litografias dos viajantes estrangeiros que passavam pela “antiga Destêrro” deixaram como legado seus preciosos documentos iconográficos da época. Estes aspectos iconográficos podem ser constatados na figura 13.



Figura 13 - “Festa dos negros na Ilha de Santa Catarina-1803”

Autor do desenho: Tilesius

Fonte primária: Krusenstern Adamm J. Von Atlas sur Reise um die Welt Unternommen auf Befehl seiner Kaiserlichem Majestat Alexander der Ernfen auf den Comanmodo.

Acervo: Ylmar Corrêa Neto

Fonte: Corrêa, 2004, p. 125

Quanto as mudança que aconteceram neste período do século XIX, se referem mais ao entorno, propriamente dito, do que a edificação. Estas alterações serão pontuadas a seguir:

a) O ajardinamento: na análise dos vários registros gráficos do início do século XIX (Fig. 13, 14 e 15), a edificação apresentava alterações só na área frontal, com a presença dos jardins.

O Relatório do Presidente Antero José Ferreira de Brito, de 1847 (SAINT HILAIRE apud JUNQUEIRA, 1978, p. 172), relata que após a época de sua viagem, foram feitos melhoramentos, a “fachada da igreja principal foi restaurada, dois pequenos jardins ocuparam o lugar dos depósitos de lixo que havia na vizinhança [...]”.



Quanto aos jardins à direita e à esquerda da Matriz, o primeiro registro oficial que se tem a respeito destes dois canteiros ajardinados, é de 1856. Foi considerado tão importante que a “Câmara solicitou ao Presidente da Província Carlos Augusto Ferraz de Abreu designasse uma pessoa para, de junho a outubro, ali plantar flores e folhagens. Escolhido para a missão, o galé² Joaquim da Silva Paes³, tratou de conservá-lo permanentemente”. (MACHADO, 2000, p. 45).

Saint Hilaire registra em notas, sua visita no século XIX à “Villa de Nossa Senhora de Destêro”, informando que a Igreja é grande e tem duas torres, mas que é desproporcional sua largura em relação à altura. Para chegar até ela sobe-se por uma rampa margeada por “dois muros de arrimo” que dá acesso a uma “pequena plataforma em meia lua. Na base dessa elevação há uma alta palmeira, cuja elegante folhagem, que se agita a mais leve brisa, contrasta com a imobilidade do prédio ao qual ela serve de ornamento. (SAINT HILAIRE apud JUNQUEIRA, 1978, p. 170)

Também Tschudi, se interessa pela visualização da Matriz, descrita por Saint Hilaire e a reproduz, com seu entorno no desenho datado de 1866 (Fig. 14).



A Matriz do Destêro, Tschudi — 1866

Figura 14 - desenho - “A Matriz do Destêro”

Autor do desenho: Tschudi- 1866

Fonte: Cabral, 1942, p. 107

³ Indivíduo condenado a trabalhos forçados

⁴- Joaquim talvez seja parente do brigadeiro José da Silva Paes, pois tem o mesmo sobrenome .



Veiga (1993, p. 190), corrobora estes registros gráficos e históricos.

[...] não havia adro fronteiro a Matriz, mas sim dois canteiros marginando uma ladeira que dava acesso ao templo e que mais tarde foram murados. Esses pequenos jardins foram executados após 1856, pois até então a rampa descia diretamente da Matriz em direção ao largo e deste até a praia.

Tschudi representa a Matriz e seu entorno 63 anos após o desenho de 1803, de Tilesius (Fig. 13). Apresenta uma concordância visual em vários aspectos, porém a diferenciação está na representação gráfica dos dois canteiros murados e na vegetação (Fig. 13 e 14).

Na litografia de Rohlacher e Schwartzer de 1860 (Fig. 15), percebe-se as modificações na área de entorno da Matriz em relação aos outros desenhos (Tilesius e Tschudi) e ficam mais evidentes os jardins frontais com a estruturação dos seus muros de contorno. O fato de ser um desenho justifica este curioso aspecto dos muros, é facultado ao artista evidenciar certos aspectos do desenho com o objetivo de focalizar os pontos a serem ressaltados na imagem, neste caso os jardins aparecem mais salientes.



Figura 15 - "O Largo da Matriz na década de 1860"
Litografia de Rohlacher e Schwartzer
Fonte: Cabral. 1979. p. 60

Como estes registros gráficos (desenhos) são aceitos como documentos historiográficos, eles justificam à afirmativa da existência dos jardins até 1866. Mais tarde, esta área frontal será alterada para a estruturação do adro com suas escadarias.

A alteração nas laterais da Matriz não se dará somente pela construção do adro, mas também pelo ajardinamento da Praça XV de novembro e a implantação do sistema de esgoto, pois:

[...] o ajardinamento da praça alterou a arruamento lateral da Matriz até o Teatro Santa Isabel. Foram canalizadas todas as águas a partir do Teatro e do princípio da rua da Trindade (atual Arcipreste Paiva), com um sistema de esgoto que se dividia, dirigindo uma parte para o córrego Trajano e outra para o mar, pelo lado do Mercado (VEIGA, 1993, p. 207).

b) Adro e escadarias:



Figura 16 - “Exequias pelas Vítimas do Couraçado Aquidaban”- Igreja Matriz Nossa Senhora do Desterro - janeiro de 1906
Fonte: Casa da Memória- Acervo Documental

No registro fotográfico de 1906 (Fig. 16) observa-se a mudança estrutural da área frontal da Matriz, onde a nova configuração da construção do adro e suas escadarias de acessos, laterais e frontal, substituem os jardins mencionados anteriormente. Esta nova estrutura amplia o acesso à Matriz e dá um aspecto de maior suntuosidade à edificação.

A nova estrutura foi solicitada ao poder público, pelo Vigário Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva para “aterrar e calçar o adro da Igreja” e também construir as paredes de apoio ao aterro (SOUZA, 1981, p. 84). Tal solicitação foi relatada pelo Presidente da Província de Santa Catarina, Dr. João José Coutinho, à Assembléia Legislativa- Provincial, em 1º de março de 1857. Este relatório era referente ao estado das Igrejas da Ilha em 1860.

Apesar desta solicitação ter ocorrido em 1857, antes do registro gráfico de Tschudi, em 1866; provavelmente não foi executada, pois Veiga (1993, p. 208) detalha esta construção do adro com base no Ofício da Diretoria de Obras Públicas ao Presidente da Província de 21 de junho de 1890:

Foram concluídas as obras da Matriz, constantes de demolição dos parapeitos de tijolos e muros de sustento, removendo-se o entulho para a Rua da Trindade. Foi escavado todo o entorno da Igreja e removeu-se o aterro para a distância de 250 metros. Construiu-se quatro degraus de alvenaria, reparou-se o terreno com o acréscimo de desaterros. Por fim foram executados os muros laterais.



Outra citação importante com base no ofício da Diretoria de Obras ao Presidente da Província em 15 de maio de 1890 e 17 de junho do mesmo ano, menciona o empreiteiro das escadarias:

As ruas laterais ainda não haviam sido desaterradas, e como esta parte da obra competia à Câmara Municipal, o empreiteiro da escadaria da Matriz ficou impedido de executar a sua parte para a qual já havia inclusive adquirido os materiais necessários. Neste ano o governador do Estado rescindiu o contrato para as obras da escadaria, indenizando Antonio Carioni, contratado pelas mesmas, e os trabalhos foram suspensos temporariamente (VEIGA, 1993, p. 207).

Isto revela que as obra da escadaria e conseqüentemente do adro, devem ter se estendido por um longo período até serem concluídas.

É perceptível a dimensão do muro lateral construído para a estruturação do adro (Fig. 17), como os elementos vazados que foram utilizados como parapeito (acabamento na área superior do muro), demarcando a área de uso destinada à circulação no Adro da Matriz.



Figura 17 - Lateral Esquerda da Matriz- final séc.XIX.
Rua lateral, visão parcial do muro de arrimo
Fonte: Acervo Casa da Memória

c) O cemitério no entorno da Matriz: Os cemitérios fazem parte do conjunto arquitetônico das capelas e igrejas, ocupando a área de fundos e laterais das igrejas. É comum a existência destes cemitérios em pequenas localidades, a exemplo de Santo Antônio de Lisboa, Canasvieiras, Ribeirão da Ilha e outras. No caso da Matriz, “dos lados e ao fundo ficava o cemitério, que só entrou em extinção depois de 1840”, com a fundação de um novo “nos terrenos do Estreito”, que pertencia à “chácara de José Vieira de Castro, na cabeceira insular da Ponte Hercílio Luz” (VEIGA, 1993, p.190).

A remoção e o traslado dos restos mortais para o novo cemitério da ponte, como era chamado popularmente, deu-se de forma parcial, pois só as famílias que podiam dispor de



recursos o fizeram e, com isso, muitas ossadas ali permaneceram no subsolo do entorno da Matriz. "Em 1894, a Lei Municipal no Art.2º, baixava o prazo de um ano para que fossem retirados os ossos do antigo cemitério situado ao lado da Matriz" (CABRAL, 1979, p. 513).

Com a construção do adro e das escadarias alterou-se o terreno no entorno próximo à edificação, onde se localizava o cemitério.

Estas obras provocaram a remoção do "entulho para a Rua da Trindade", hoje Rua Arcipreste Paiva, na lateral direita da Catedral. Como afirma Veiga (1993, p. 208): "escavou-se do todo o entorno da Igreja e removeu-se o aterro para a "distância de 250 metros". Com isto ocasionou um desbaste parcial da rampa natural que circundava a Matriz, antes da construção do adro e o alargamento da Rua Arcipreste Paiva.

Parte deste aterro serviu de base para a construção da Secretaria Estadual da Fazenda, inaugurada em 07 de setembro de 1955, talvez até com os restos mortais do cemitério, pois até hoje constam depoimentos que afloram ossos humanos quando são feitas obras no Adro da Matriz, indicando que ainda se encontram resquícios de ossadas (ANEXO G).

Mas a edificação aparentemente, não é alterada e nem conservada através dos procedimentos de manutenção, o que fica evidente no seu estado de deterioração no início do século XX conforme o registro fotográfico da figura 18.



Figura 18 - Igreja Matriz de Nossa Senhora do Desterro-
Fotografia do início do séc. XX
Fonte: Casa da Memória- Acervo documental

Em decorrência do seu estado de conservação associado a outros interesses, no primeiro quartel do século XX, ocorre uma profunda mudança estrutural na Matriz, causada pela Reforma de 1922. Esta alteração do traçado idealizado e executado por Silva Paes dá se, também, em função da necessidade de redimensionamento do espaço interno da Matriz, que não comportava o número de fiéis, que havia se multiplicado com o passar dos anos, pois, em 1906, Florianópolis possuía uma população em torno de 13.000 habitantes, dos quais 11.500 eram católicos (LIVRO tombo III, 1902-1930, p. 35v). Em 1909 já chegava a mais ou menos “15.000 almas, menos 300 protestantes alemães e de 300 a 400 evangelistas” (LIVRO tombo III, 1902-1930, p. 45v), e a capacidade de acolher os fiéis no corpo da Matriz era de “300 lugares”⁴ (KOEHLER, 2005). As reformas, além disso, trouxeram ostentação e valorização a um dos mais significativos monumentos da cidade.

⁴ KOEHLER, Pe. Pedro José. Entrevista gravada na Casa da Memória em 18 de agosto de 2005.

3 A GRANDE REFORMA: de Matriz à Catedral

Este capítulo tem como objetivo relatar como aconteceram as obras de reforma e ampliação da Matriz, ocorridas durante o século XX, mais precisamente no ano de 1922, detalhando, através de análises comparatórias em documentos gráficos, as mudanças estruturais e estéticas sofridas na edificação.

3.1 REFORMA E AMPLIAÇÃO

O século XX trouxe consigo uma série de mudanças sócio-econômicas no mundo, principalmente com a expansão do capitalismo ocidental e o avanço das pesquisas nas várias áreas das ciências sociais e tecnológicas, sendo a Revolução Industrial a mola propulsora desse processo de modernidade.

No Brasil, principalmente na Região Sul, o encanto pelas novidades que vêm do exterior trazidas pelos imigrantes, é absorvido como cópia do padrão europeu. Isso faz com que a antiga Desterro, acolha essas idéias inovadoras vindas da Europa e que vão estar presentes nas características arquitetônicas das edificações. Isso ocorre em nome de uma modernidade, provocando mudanças no comportamento social e se refletindo no contexto da Cidade e em sua arquitetura, sendo a Catedral um bom exemplo desse espírito moderno de ostentação da época.

Em 1919, Monsenhor Francisco Xavier Topp pároco da época, e Dom Joaquim Domingues de Oliveira, Arcebispo, duas personalidades eclesíásticas consideradas pessoas inovadoras, foram os principais atores na grande reforma empreendida na Matriz no século XX.

Cabe lembrar que a Igreja Matriz, por se tornar a sede da Arquidiocese, foi elevada a condição de Catedral, em 19 de julho de 1903. A partir de então, muda a denominação de Matriz de Nossa Senhora do Desterro para Catedral Metropolitana de Florianópolis, Paróquia Nossa Senhora do Desterro.



3.1.1 A Planta Atribuída ao Arquiteto Theodoro Gründel

No início do século XX, mais precisamente em 1922, começam as obras da grande reforma. O arquiteto Theodoro Gründel, foi o responsável por essas obras de reforma e pela ampliação da Catedral (LIVRO tomo III, 1902-1930, p. 69v).

Na Secretaria de Urbanismo e Serviços Públicos- SUSP, que na época da reforma se chamava “Secretaria de Obras e Serviços- Secção de Planejamento e Urbanismo”, foi encontrado um desenho de uma elevação lateral, atribuída a Theodoro Gründel, como autor e construtor, com data de 15 de fevereiro de 1922, e o projeto foi aprovado com registro nº 541 (Fig. 19). Nessa planta não consta a assinatura do Sr. Theodoro, mas lhe é atribuída a autoria no registro da Secretaria.

Encontrou-se somente esse desenho sobre o projeto da reforma e ampliação de 1922 (Fig. 19), que certamente fazia parte de um conjunto com outras peças gráficas. Nela está registrado todo o tratamento estético planejado para as estruturas, como também os elementos decorativos das fachadas da edificação. Essa configuração planejada no projeto de Gründel é o que se concretiza no final das obras.

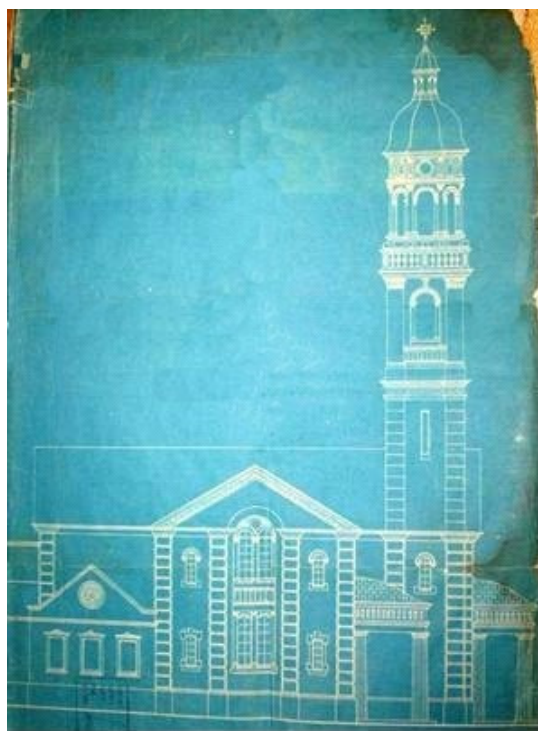


Figura 19 - desenho da planta da Catedral, atribuída a Theodoro Gründel, 1922

Data: 15 de fevereiro de 1922, nº 541.

Fonte: Secretaria de Urbanismo e Serviços Públicos- Florianópolis



Uma das etapas da reforma da Catedral foi à retirada do reboco externo da edificação, que foi posteriormente refeito, inclusive nas novas paredes laterais para o alargamento da nave central. Foi montada uma estrutura de andaimes feitos de madeira, em todas as fachadas, para a aplicação da nova argamassa (Fig. 20 e 21). Quanto ao tipo de argamassa utilizada, seria necessário fazer prospecções e análises dos materiais construtivos através da recomposição de traço, para assim poder afirmar o que foi utilizado na época.



Figura 20 – “Procissão de Corpus Christi”, no centro andor o Arcebispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira, Destaque: substituição do reboco externo da Catedral
Fonte: Casa da Memória- Acervo Documental



Figura 21 - Reforma externa da Catedral -1922. Andaimes para a substituição do reboco externo.
Fonte: Casa da Memória- Acervo Documental

Para entender as alterações que o edifício sofreu em suas fachadas, serão feitas análises comparativas entre fotografias da Catedral, antes e depois da reforma (Fig. 22).

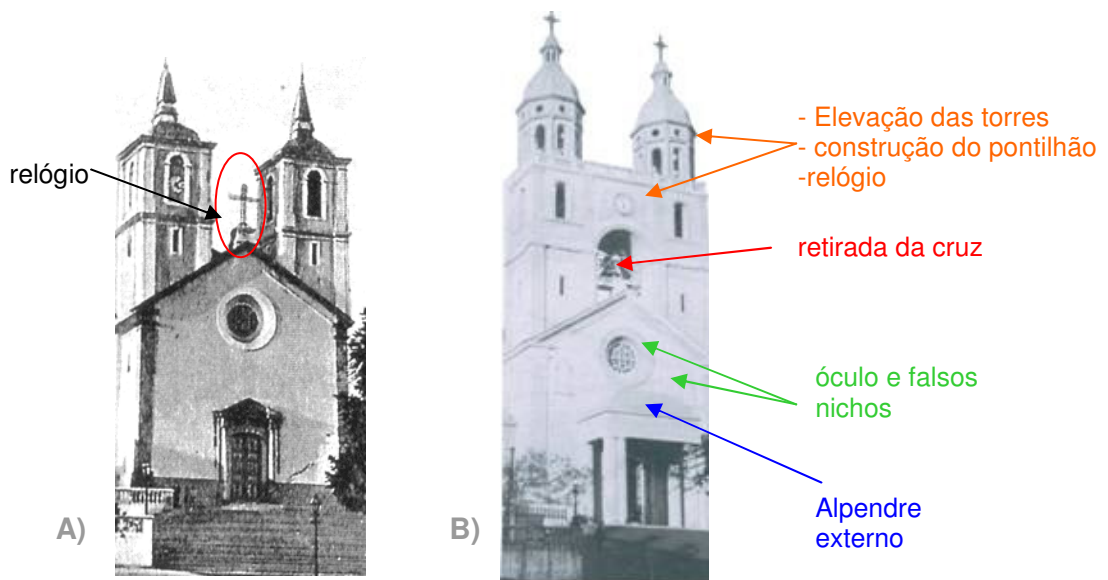


Figura 22 - Análise comparativa das alterações na fachada.
A) Matriz de Nossa Senhora do Desterro- início do séc. XX.
B) Catedral Metropolitana de Florianópolis, década de 1940
Fonte: Casa da Memória- Acervo Documental



Com a ampliação das torres, houve o prolongamento da estrutura alterando verticalmente o formato original (Fig. 22). Foi aproveitada a estrutura existente dos primeiros níveis, mantendo o posicionamento das aberturas, essas tiveram somente a alteração nas dimensões e no formato da moldura de contorno. Quanto à argamassa de revestimento (reboco), com base nos registros fotográficos, provavelmente foi refeita em toda a estrutura da torre não mantendo a argamassa original, desde a base das torres até as cúpulas (Fig. 23).

Se a intenção era preservar o reboco original mantendo o revestimento da estrutura da antiga Matriz, a intervenção, ou seja, a decapagem, realizar-se-ia somente na estrutura acrescida do prolongamento da torre e não nas duas estruturas, a nova e antiga. Fica evidente na figura 23 o procedimento adotado, demonstrando que o acabamento, ou seja, aplicação do reboco aconteceu no sentido da cúpula para a base o que indica a aplicação de argamassa nova.

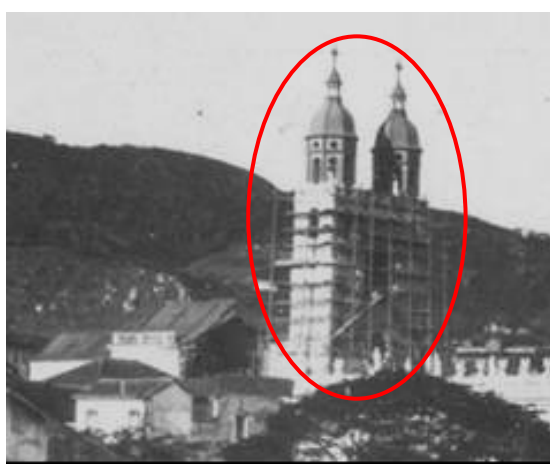
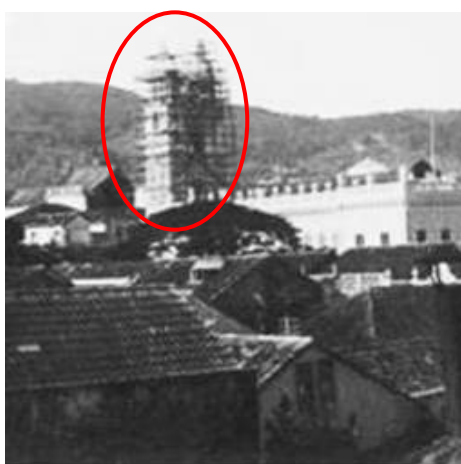


Figura 23 - Obras de elevação e reforço das torres da Catedral – 1922
Fonte: Acervo Casa da Memória

Esse prolongamento aconteceu na proporção de 1/3, mantendo o formato quadrilátero. A pequena cúpula, que tinha como acabamento pináculos triangulares, foi substituída por outra cúpula de base octógona, com aberturas nas faces do tambor adornadas com frisos, apresentando um aspecto neoclássico à estrutura das torres.

O acabamento da cúpula, constituída por oito faces vazadas, tem como arremate e elemento finalizador, cruces, que ficavam iluminadas à noite. Cabe mencionar que foi instalada luz elétrica



Figura 24 - As torres com iluminação noturna
Fotógrafo: Mário Costa Jr. (2003)
Fonte: www.Guiafloripa.com.br



na Catedral em novembro de 1911 (LIVRO tomo III, 1902-1930, p. 57). A figura 24 ilustra este aspecto noturno das torres.

Entre as torres foi edificado o “pontilhão” que é utilizado como acesso entre o topo das torres e servem também para a sua manutenção e a do telhado.

No centro do “pontilhão” há um relógio que, antes da reforma, localizava-se na torre lateral direita da edificação como observa-se no detalhe da fotografia (Fig. 25). Deve ser o mesmo que é mencionado no seguinte trecho do LIVRO tomo I (1896-1903, p. 44): “em 1897 foi instalado na torre da Igreja Matriz, um relógio vindo da Alemanha”, o qual, provavelmente, foi transferido da torre para a área central do pontilhão construído entre as duas torres na reforma de 1922, como sugerimos.



Figura 25 - Torre direita da Matriz. Destaque para o relógio no seu interior. Fotografia- início do século XX. Fonte: Acervo da Casa da Memória

Essa área das torres fora destinada para a colocação do carrilhão dos sinos, um artefato de grande pompa e orgulho para a época.

Para que as torres suportassem o acréscimo desse peso foi necessário o reforço na estrutura e a construção do pontilhão. O carrilhão, vindo da Alemanha em novembro de 1922, é composto por cinco sinos, pesando 5.338 quilogramas e é acionado por sistema elétrico; estão distribuídos dois a dois nas torres, os de maior peso na seção inferior, os de peso médio na seção superior da torre, e o quinto sino, o menor, estão sobre o frontão triangular, sustentados por uma armação com barras de ferro.

Há, ainda, dois sinos mais antigos e que não fazem parte do conjunto do carrilhão de sinos (Fig. 26), estão localizados na área central do pontilhão das torres. O sino maior, na imagem ampliada, foi doado pelo Imperador D. Pedro II à Matriz, no ano de 1872, conforme as inscrições e o brasão do Império gravado no metal.



Esse pequeno sino em destaque na figura 26 é o de menor tamanho, com toque manual. Provavelmente é o sino mais antigo da Catedral, talvez usado desde a construção da Matriz no século XVIII ou até de data anterior, pois poderia pertencer à antiga Capela. Não foram encontrados registros referentes a esse fato. Trata-se apenas de uma hipótese.

Figura 26 - "Sinos antigos". O maior doado por D. Pedro II e no detalhe o pequeno sino com toque manual, que supõem ser da Capela.
Fonte: Acervo da autora 2005

A elevação e o reforço das duas torres, os acréscimos de elementos arquitetônicos e a implantação do carrilhão de sinos, deram um formato diferenciado às torres da Catedral, configurando nesse alongamento um formato mais imponente.

Na área central acima do frontão, em destaque, existia uma cruz; ela foi retirada, para a colocação da armação metálica que sustenta o quinto sino do carrilhão (Fig. 27).



Figura 27 - Substituição da cruz pelo sino
A) Matriz- início do séc. XX. Fonte: Casa da Memória
B) Catedral- Fonte: autora- 2006



O óculo permaneceu na posição central em que foi concebido por Silva Paes (Fig. 28). É um elemento arquitetônico tradicional nas igrejas como entrada de ventilação e luminosidade para o coro e a nave central. Está presente em muitas igrejas luso-brasileiras, como é o caso da Igreja de N. Sr^a. das Necessidades (Santo Antônio de Lisboa), N. Sr^a. da Conceição (Lagoa da Conceição) e outras. No caso da Catedral, depois dos vidros transparentes, que vedavam essa abertura, recebeu em 1948 os vitrais artísticos.

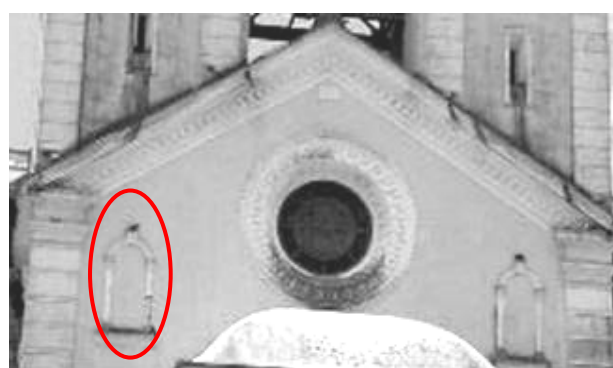


Figura 28 - Análise comparativa do óculo- fachada da Catedral.

A) Matriz de Nossa Senhora do Desterro- início do séc. XX.

B) Catedral Metropolitana de Florianópolis, 2005

Fontes: Casa da Memória- Acervo Documental

Esse óculo é contornado por uma moldura em relevo. Antes da reforma, eram frisos lisos. Após a reforma, a moldura não foi alterada, só aumentaram seu contorno para receber os acréscimos na decoração em relevo, com formato geometrizado, nos moldes art-decô. A mesma tendência ocorre no contorno do beiral do frontão triangular, acima do óculo.

Nas laterais do óculo (em destaque na figura 28), observa-se a introdução de falsos nichos na fachada, pequenos elementos em formato de abertura emoldurados com frisos em relevo. Isso reflete uma preocupação estética e compositiva, rebuscando a fachada com elementos ora de linguagem art-decô, ora neoclássica.

Apesar das várias reformas, inclusive a inclusão do alpendre que encobre parcialmente a portada original em cantaria, esta igreja traz os elementos fundamentais da igreja tradicional. Com a inclusão dos elementos novos, podemos dizer que a igreja hoje tem características ecléticas, ou seja, nela convivem elementos estéticos de diferentes correntes artísticas (VEIGA, 2006).

Foram construídos três alpendres externos, nas laterais e na fachada principal sobre a portada original em cantaria. Eles têm a função estética e funcional, servindo como proteção e abrigo aos fiéis e à edificação.



O alpendre externo frontal encobre a porta original da Matriz (Fig. 29). Essa entrada principal tem a cercadura constituída com pedra de Lioz português, a mesma pedra que se encontra no Arco Cruzeiro e nas portas de acesso das sacristias. A reforma não modificou a portada original da igreja Matriz, ela só foi encoberta, diminuindo assim sua visualização.



Figura 29 – Porta principal da Catedral em cantaria.
Fonte: Acervo da autora-2005

A afirmação sobre os alpendres (Fig. 30), é que “na década de 40 foram acrescentados pórticos frontal e laterais inspirados no estilo neoclássico” (CONCREJATO, 2006). Essa afirmação veio a causar dúvidas em relação à data de sua construção, pois na planta da reforma de 1922, atribuída a Theodoro Gründel (Fig. 19), os alpendres externos estão projetados. A planta de Tom Wildi, que será apresentada no próximo capítulo, se refere às intervenções em 1934 no Adro, já apresenta a marcação (desenho) das colunas dos alpendres (Fig. 4).

Assim não é possível fazer nenhuma afirmação sobre a data precisa da sua construção. Apesar dos alpendres serem projetados em 1922, há possibilidade de não terem sido executados durante a reforma. Mas como há indicações na planta de Tom Wildi de 1934 e na figura XX, supõe-se que já existiam na década de 1930, portanto, estima-se que sua construção aconteceu antes de 1940.

Alpendres
externos



Figura 30 - Alpendres externos
Fonte: Acervo da autora-2005



3.2 ALTERAÇÕES NA LATERAL ESQUERDA DA EDIFICAÇÃO

As mudanças que ocorreram nessa fase da reforma foram acentuadas nas laterais causando alterações nas estruturas parietais com a construção do transepto. Na lateral esquerda da Matriz, essas mudanças foram analisadas com base nos registros fotográficos da época (Fig. 31).

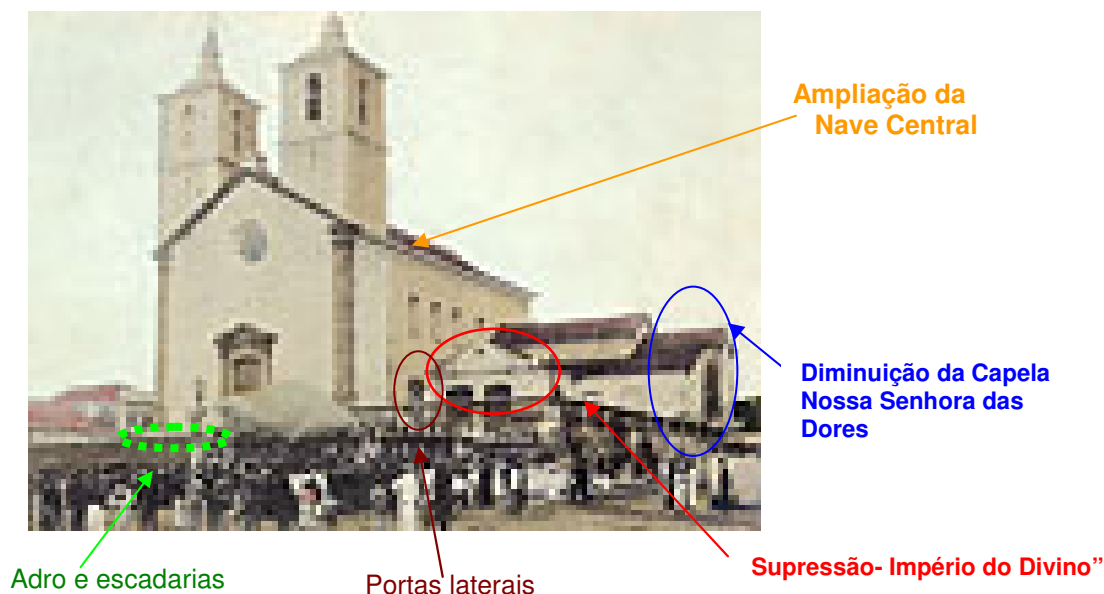


Figura 31 - Configuração da Matriz antes da reforma e ampliação de 1922.
Nos destaques as análises das alterações
Fonte: Casa da Memória- Acervo Documental

Com o alargamento do corpo da Matriz, a nave central sofreu uma intervenção radical que modificou a sua configuração original “rasgando” a edificação, em destaque na figura 32. Essa ação foi realizada com o objetivo de ampliar o espaço destinado à acomodação dos fiéis nas celebrações religiosas. Um dos motivos mais evidentes é o aumento no número de frequentadores da igreja, em decorrência do aumento populacional.

Na imagem (Fig. 32), observa-se o vão com a retirada das estruturas parietais e da cobertura, para a construção do transepto na nave central,



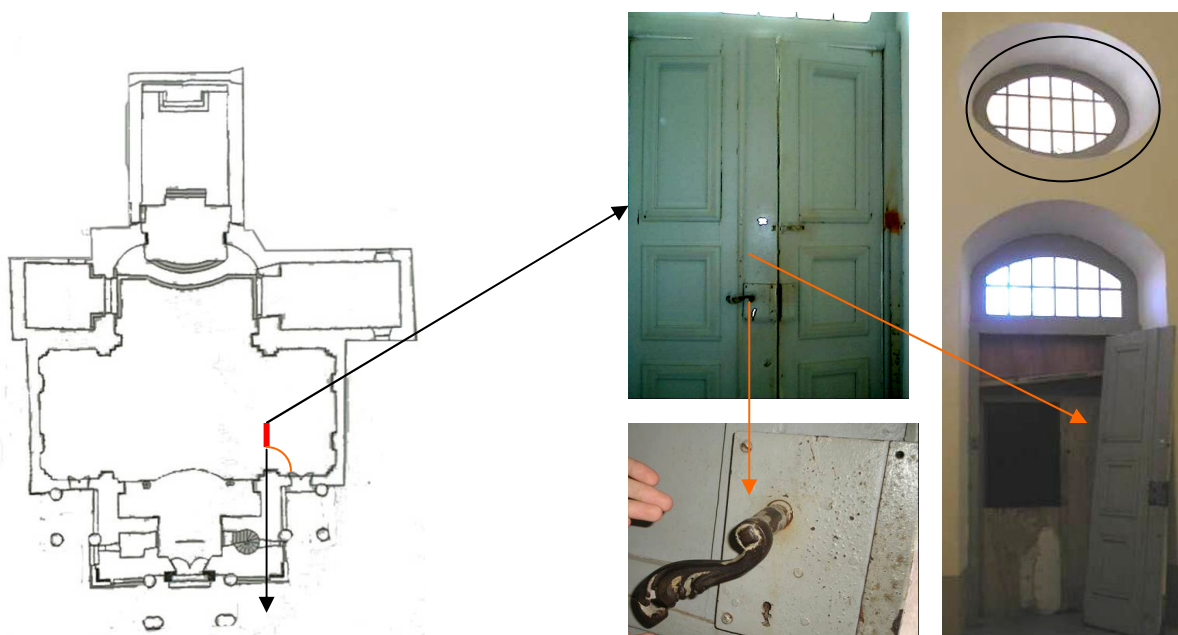
Figura 32 - Imagem que mostra o vão do transepto durante a reforma de 1922.
Fonte: Acervo Casa da Memória



rasgando literalmente o edifício. A reforma fez com que as paredes existentes fossem demolidas para a edificação das novas. As paredes do corpo da nave central foram deslocadas para as laterais, criando assim o transepto e dobrando o espaço de circulação interna.

Na figura 33 (destaque em azul) observa-se um elemento decorativo novo, o óculo acima da abertura, sua moldura em madeira foi introduzida na reforma de 1922.

As portas que existiam na fachada lateral (Fig. 33) foram transferidas para frente, num posicionamento recuado em relação à porta principal em cantaria. Elas se localizam sob os alpendres externos laterais como acesso frontal secundário.



Posição da porta antes da reforma de 1922

Figura 33 - Conjunto de imagens de localização da porta de acesso lateral. Em destaque a fechadura de época
Fonte: acervo da autora, 2005

As características das portas reveladas na tipologia das almofadas e na configuração das ferragens (cachimbo e leme) levam a crer que possam ser as portas originais da antiga Matriz, recolocadas após a alteração das paredes. Elas apresentam bom estado de conservação, necessitando somente de manutenção, desta maneira foram preservadas essas peças construtivas tradicionais e de valor histórico, como recomenda a Carta de Veneza, salvaguardando os testemunhos históricos e preservando as características de significação cultural, como preconiza a carta de Burra.



Outra ação necessária é a realização de análises para a identificação anatômica da madeira, indicando a espécie botânica utilizada, fornecendo subsídios sobre o material e seu comportamento. Contribuindo desta forma, com os procedimentos de conservação e restauração que mais se adaptem à preservação destas peças construtivas tradicionais, como recomenda a Carta de Restauro de 1972, no Art. 8º sobre o estudo dos materiais construtivos tradicionais interagindo e abordando as várias áreas de pesquisa.

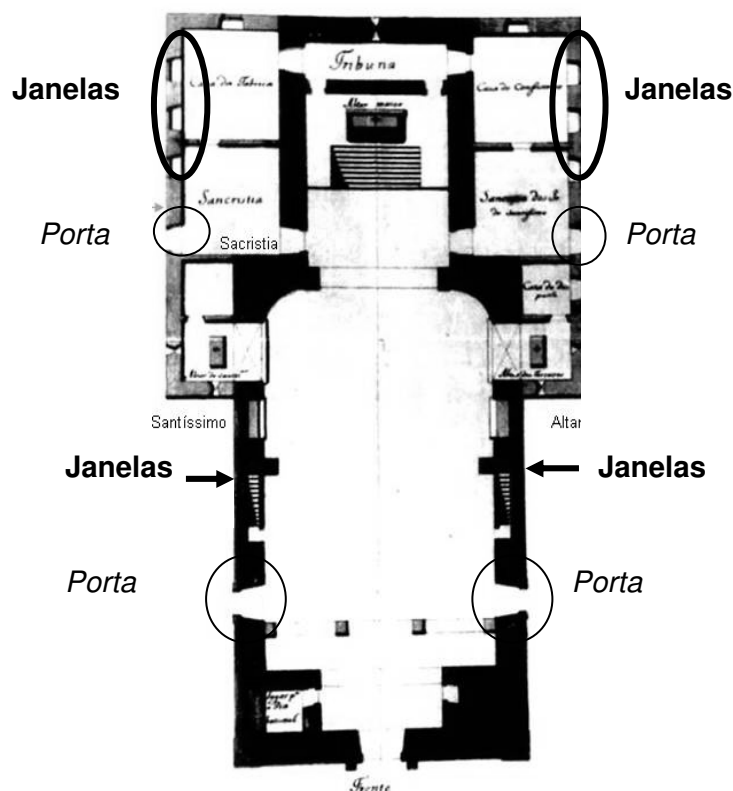


Figura 34 - Localização em planta das aberturas laterais executadas em 1773
Fonte: Fonte: Altrock, 2004, p. 60.

Conforme a planta (Fig. 34) foram distribuídas as aberturas com rebatimento de uma lateral para a outra, elas são simétricas e correspondentes.

As aberturas que na Matriz configuravam-se em número de quatro passaram para três, mas o mesmo espaço das aberturas antigas foi aproveitado. No quadro lateral que compreende as aberturas, as janelas superiores, que se localizam na lateral (destaque em vermelho, Fig. 35) foram aproveitadas as mesmas posições sendo somente ampliadas as suas dimensões; na janela central (destaque em amarelo, Fig. 35), uniram-se os dois vãos das janelas antigas e formataram uma única janela com dimensões maiores. Quanto às janelas inferiores na mesma fachada são totalmente novas (Fig. 35).

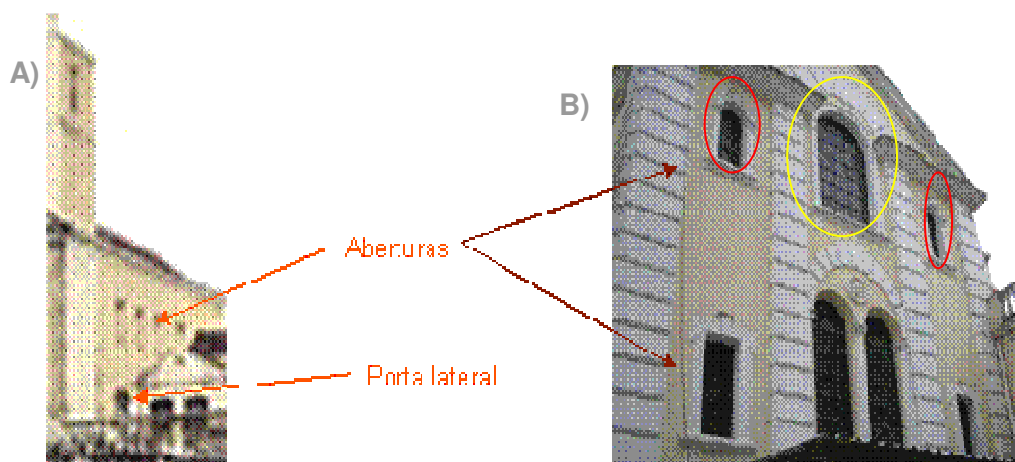


Figura 35 - Localização das modificações nas aberturas laterais. Destaques para as alterações que ocorreram.
A) lateral esquerda da Matriz- início séc. XX Fonte: Casa da Memória- Acervo Documental
B) lateral esquerda da Catedral- 2006 Fontes: acervo da autora, 2005

As quatro janelas na área superior (Fig. 35) desapareceram com a demolição das paredes. Na construção do novo volume, o vértice do telhado propiciou um acabamento superior em frontão, obedecendo fielmente os detalhes do projeto de Gründel (Fig. 19). Nessa nova fachada, estão dispostas três aberturas na área superior e quatro na área inferior, a maioria delas com vergas em arco pleno, emolduradas com elementos decorativos, como frisos e pilastras, características românicas e neoclássicas. No início o fechamento das janelas era feito com vidros simples de corte retangular, mas em 1934, recebem vidros “Morenezes” amarelados, durante as obras do arquiteto Tom Wildi. Os vitrais artísticos, só serão colocados em 1948, mantendo-se até hoje.

Essa reforma de 1922 provocou perdas na estrutura das paredes da Capela de N. Sr^a. das Dores. Com a demolição total da parede de fundos e parcial das paredes laterais, restando apenas parte da estrutura original da Matriz do século XVIII. A demolição, na área posterior da Capela, foi atribuída à construção da rampa de acesso lateral ao Adro.

As escadarias e o adro já haviam sido construídos no final do século XIX (mencionado na p. 47), mas novamente são modificados, alterando parcialmente seu aspecto. A área de recepção da Catedral adquire arredondamento dos muros laterais e prolongamento dos degraus, que se apresentam em forma de semicírculo (Fig. 36).



A remoção de parte da balaustrada do primeiro estágio da escadaria frontal e também do contorno do adro, proporcionou ampliação da área destinada à circulação dos fiéis e favoreceu a acomodação das pessoas nas celebrações mais movimentadas.

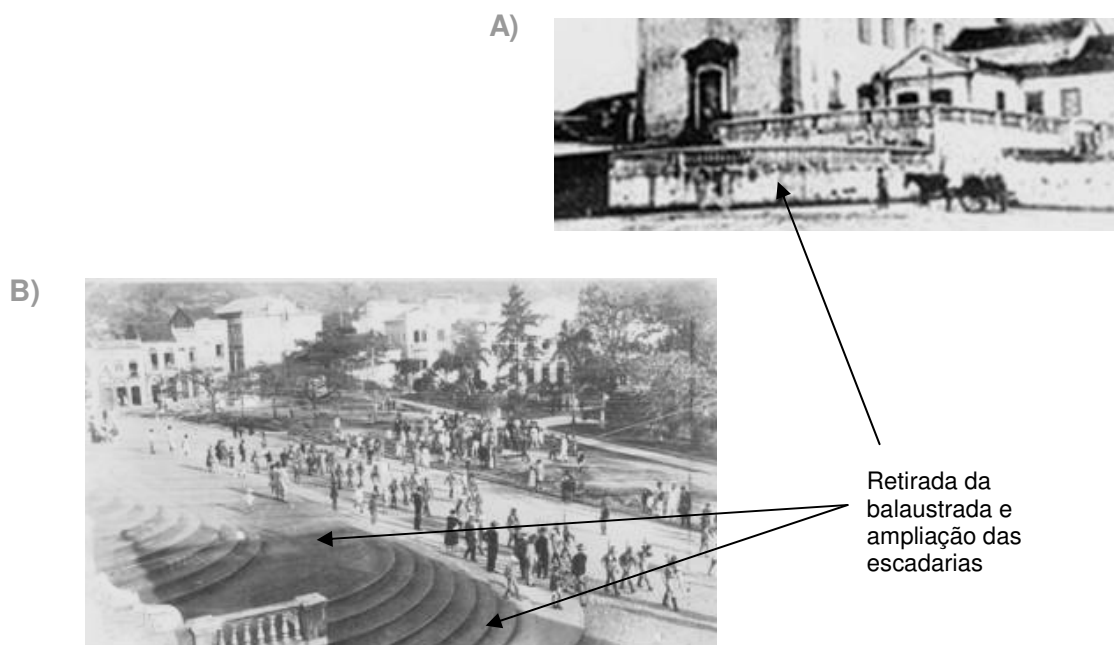


Figura 36 - imagens das alterações nas escadarias:
A) Matriz- início do séc. XX, antes da reforma e ampliação;
B) escadaria frontal- década de 1920
Fonte: Casa da Memória- Acervo Documental

Provavelmente as escadarias receberam nova camada de argamassa, melhorando assim seu estado de conservação e a utilização das mesmas.

Os elementos vazados que faziam o fechamento da área de circulação do adro, já mencionados anteriormente (p. 48) são substituídos por balaustres (Fig. 36).

A alteração do Adro, não se dá somente com a mudança nas escadarias, mas também em razão das seguintes intervenções: a adição de rampas de acesso nas laterais; a supressão do “Império do Divino”; a retirada do cemitério junto à Matriz; a diminuição da Capela de N. Sr^ª. das Dores; e o alargamento da nave central com os alpendres externos.

A impressão que se tem é que à medida que aumenta o número de fiéis se alteram as escadarias de acesso. No início era uma pequena rampa bem limitada, passando para uma escadaria de dois lances, e posteriormente, o seu alargamento. As escadarias são um agente facilitador de acesso, como um convite às pessoas a adentrar a igreja. Interessante é destacar a importância desses elementos que constituem a arquitetura podendo facilitar ou



afastar o aproveitamento dos elementos funcionais, e como isso pode influir em muitos outros fatores de uso e percepção dos espaços.

3.3 A SUPRESSÃO DO IMPÉRIO DO DIVINO

As celebrações de culto ao Divino Espírito Santo eram realizadas na edificação conhecida como “Império do Divino”. Essa edificação fica anexa às igrejas e, em geral, na lateral esquerda, indicando o lugar do Espírito Santo. Esse posicionamento respeita a configuração da iconografia cristã, referente à disposição das três pessoas da Santíssima Trindade, Deus no centro, Jesus à direita e o Divino Espírito Santo à esquerda e assim como as demais igrejas essa era a configuração presente junto à Catedral (Fig. 37).

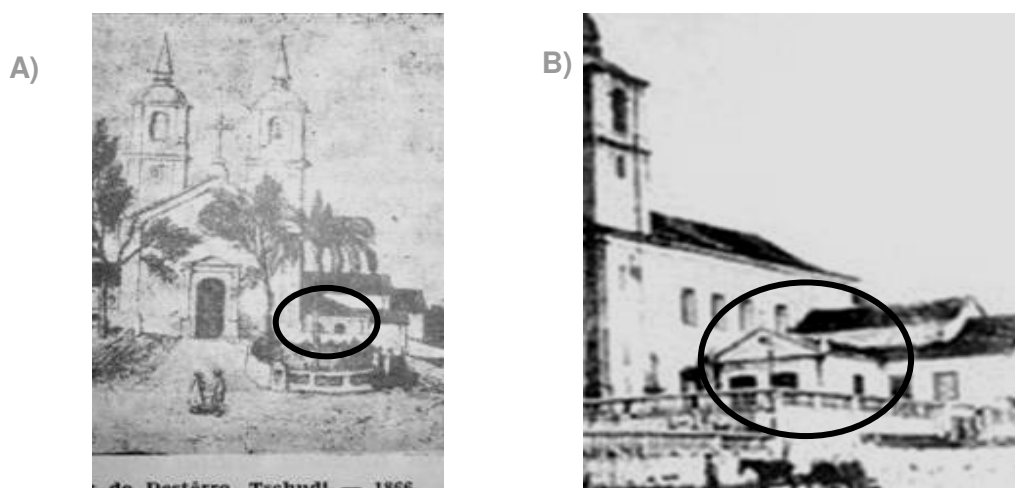


Figura 37 - Localização do Império do Divino. Entre as reproduções:
A) Desenho Tschudi de 1866
B) Fotografia do início do séc. XX, antes da reforma e ampliação
Fonte: Casa da Memória- Acervo Documental

Essa edificação anexa não é só uma dependência, mas uma estrutura de grande significado religioso e cultural, que faz parte do conjunto das edificações sacras de culto tradicionais e que foram sendo destituídas de sua importância no decorrer do tempo, à medida que foram sendo demolidas, deixando de transmitir às futuras gerações seu significado e valor.

O culto ao divino Espírito Santo é uma devoção a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, praticado em Portugal desde a Idade Média. Hoje essa expressão religiosa é praticada em quase todo o Brasil e sua celebração se realiza no dia de Pentecostes. Ainda se preservam



vários símbolos da festa do Divino Espírito Santo, como por exemplo: a bandeira, a coroa e o desfile do Cortejo Imperial.

O início dessas celebrações em Santa Catarina acontece no “[...] século XVIII, com a chegada dos açorianos”, a partir de 1748 (VEIGA, 2004, p. 79).

Como essa tradição religiosa⁵ só se incorporou a cultural local, como já foi dito anteriormente, com a imigração açoriana após 1750, a edificação do “Império do Divino” não está projetada nas plantas de Silva Paes. Sua construção deve ser posterior à construção da Matriz. Apesar de não constar registros sobre o tema, supõe-se sua existência ainda no século XIX, provavelmente edificada depois da imigração açoriana, fato esse confirmado no detalhe do desenho do Tschudi em 1866 (Fig. 37).

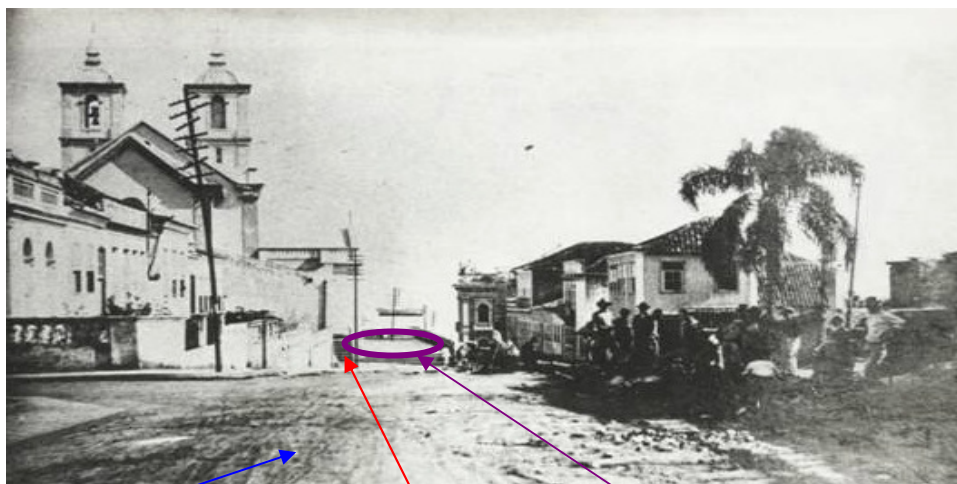
Essa estrutura física foi demolida para a ampliação da nave central da Igreja, eliminando do conjunto sacro uma parte importante da edificação.

3.4 AS ALTERAÇÕES NA LATERAL DIREITA DA EDIFICAÇÃO

Na lateral direita as mudanças ocorreram devido ao alargamento da rua contígua, a Rua Arcipreste Paiva, até o século XIX chamada de Rua da Trindade (CABRAL, 1979, p. 130).

Essa rua pode ser observada na figura 38, na qual mostra os fundos da Catedral, onde essa rua não era reta, mas circundava o adro da Matriz e permitia o acesso lateral à sacristia direita da edificação. O adro avançava na lateral com a área de circulação maior do que atualmente.

⁵ Em Florianópolis há três Irmandades do Divino Espírito Santo que ainda resistem ao tempo: Irmandade de Florianópolis, fundada em 1773, mesmo ano da inauguração da Matriz; a de Santo Antônio de Lisboa, fundada em 1927, que resultou da fusão de outras três; e a de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha, com registro de funcionamento de 1860 (VEIGA, 2004, p. 82)



Rua da Trindade

Porta de acesso lateral à sacristia com escadaria.

Adro da Matriz

Figura 38 - visualização do adro lateral junto a rua da Trindade atual Arcipreste Paiva.
Autor da fotografia: Maurício Gonçalves dos Santos
Fonte: RAMOS, Àtila Alcides. Memória do Saneamento Desterrense, Florianópolis, 1986, p. 49.

Essa alteração fica evidente nas imagens da figura 39.



Figura 39 - Rua Arcipreste Paiva após o alinhamento. Este fato causou a diminuição do adro da Matriz e supressão da Capela do Santíssimo Sacramento.
Autor foto: Família Elpo
Acervo Fabiano Teixeira dos Santos
Fonte: Ornato Arquitetura Ltda 2007



Houve um rebaixamento do leito da mesma, provocando um desbaste na elevação do solo que acomoda a Igreja. Para manter estáveis as estruturas do templo, foi construído um muro de sustentação próximo às fundações, fato observado na comparação das fotografias de várias épocas (Fig. 40).

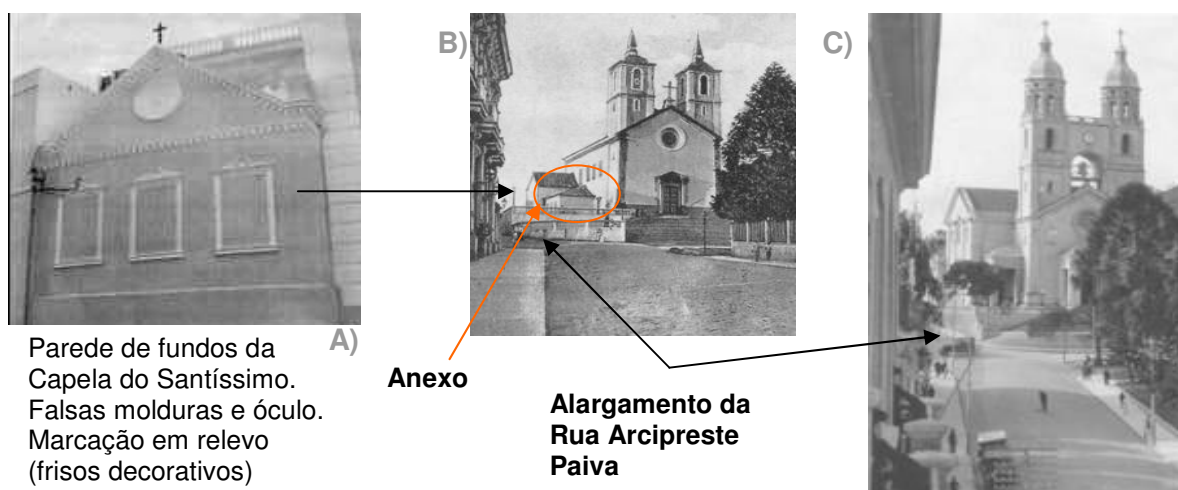


Figura 40- conjunto de imagens indicando o alargamento da rua Arcipreste Paiva.

A) Parede de fundos da Capela-

Fonte: autora-2005

B e C) - as alterações na lateral da Capela

C) supressão do anexo na lateral direita da Catedral

Fontes: Matriz no início do séc. XX e na década de 1940 -Acervo Casa da Memória

Na parede antiga existiam aberturas (janelas), em número de três, e um óculo no centro do frontão triangular; composição essa repetida como falsas aberturas no desenho de Gründel (Fig. 40). O seccionamento dessa parede talvez tenha acontecido antes da reforma, durante a construção do adro e escadarias e o alargamento da Rua Arcipreste Paiva, que provocaram desbaste do terreno lateral da Catedral (VEIGA, 1993, p. 208).

Com o redimensionamento da rua e o corte no terreno, houve a demolição da parede dos fundos da Capela do Santíssimo Sacramento, diminuindo assim, sua dimensão inicial e retirando mais uma parede original da Matriz.

Ao ampliar a nave central, para fazer o transepto, essa lateral teve sua altura redimensionada em relação à sua configuração anterior à reforma, que era mais baixa e possibilitava a visualização das paredes da Capela do Santíssimo; com as paredes novas, criou-se um paredão lateral (Fig. 40) para quem passasse na calçada ao lado, além de encobrir visualmente a Capela do Santíssimo.



Nessa lateral existia, ainda, um anexo edificado junto à Capela do Santíssimo (destaque na Fig. 40), não se tem registro a que se destinava essa dependência. Poderia funcionar como anexo da Irmandade do Santíssimo Sacramento, que se instalou na Capela ou poderia ter outra finalidade, o fato é que ela existia e sofreu a supressão total com o alargamento da nave central.

A ampliação da nave central deixou a área destinada à acomodação dos fiéis, mais ampla. Com o objetivo de proporcionar maior conforto durante as celebrações, foram colocados mais bancos em torno de “22 bancos para sentar e ajoelhar e 10 mais simples” (LIVRO tombo III, 1902-1930, p. 5v)

Na imagem de 1930 (Fig. 41) observar-se o resultado da reforma e ampliação de 1922. Nela foi preservado o telhado original na capela-mor, os alpendres já estavam edificados e ainda não haviam sido construídos a Casa Paroquial e do edifício Dom Joaquim.



Figura 41 - Configuração da Catedral, anos 30. No detalhe como era a cobertura original da Matriz com telhas novas e antigas.

Autor foto séc.XIX: George Daux/Acervo Fabiano Teixeira dos Santos

Fonte: IPUF apud Ornato Arquitetura Ltda

A inauguração da reforma e ampliação foi comemorada, segundo registro do Monsenhor Francisco Xavier Topp, em “25 de dezembro de 1923 com missa solene. O Ex. Bispo Diocesano D. Joaquim de Oliveira [...] benze a parte nova da Cathedral reconstruída pelo architecto Theodoro Grundel” (LIVRO tombo III, 1902-1930, p. 69v).

O Monsenhor Francisco Topp, um dos promotores da mudança na configuração da Matriz para Catedral, veio a falecer, em 28 de dezembro de 1925, entristecendo moradores da



época. Nasceu em Narendorf, na Alemanha em 15 de julho de 1877, veio para o Brasil 1896, era muito querido pela população, que reconhecia seu esforço e dedicação aos fiéis e bens patrimoniais da Catedral, reconhecimento esse que ficou registrado, como no seguinte apontamento: “a Matriz um tanto estragada, ele concertou e remodelou, aumentou-a por três vezes e a enriqueceu de novas alfaias” (LIVRO tomo III, 1902-1930, p.74).

Mesmo com essa grande reforma e ampliação da Catedral, as modificações não pararam por aí. Desde então a edificação passa por sucessivas intervenções, talvez pela necessidade de manutenção, pela ação do tempo, que age inclemente sobre todos os bens arquitetônicos, e no caso da Catedral os problemas são ampliados por sua grande dimensão.

Essa transformação da Matriz para Catedral, em todos os sentidos, representou um impulso de modernização para a época, que foi recebida e incorporada pela população como algo positivo e valorizado, ampliando seu significado referencial

4 AS PEQUENAS INTERVENÇÕES: de 1926 a 1967

Após a grande reforma de 1922, que produziu muitas alterações na Catedral, novas obras pontuais voltam a ocorrer do ano de 1926 a 1967. Essas intervenções não tiveram a mesma proporção das modificações de 1922, até porque muitas delas tinham como objetivo a manutenção da edificação que com o passar do tempo sofre às degradações naturais do envelhecimento dos materiais e da estrutura física, mas independente do objetivo, essas novas reformas provocaram mudanças estéticas e funcionais como será relatado neste capítulo.

4.1 OS ADITAMENTOS DE 1926

As obras de 1926 tiveram um caráter funcional, que interferiram na ambientação e na conservação de algumas estruturas tradicionais da Igreja. É o caso da reforma nas sacristias, alterando seu pavimento e lavatórios [...] (LIVRO tomo III, 1902-1930, p. 77).

Também em novembro de 1926 (Fig. 42), com o início da construção da nova Casa Paroquial, fazendo frente com a rua Padre Miguelinho "[...] levantou-se um andar sobre a laje existente, construíram 4 quartos, um corredor no sobrado e instalações sanitárias". Estas dependências foram "bentas em 05 de fevereiro de 1927" (LIVRO tomo III, 1902-1930, p. 82v).

4.2 O ASSOALHO DAS CAPELAS-1927

A partir de abril de 1927 ocorrem obras nas Capelas de N. Sr^a. das Dores e do Santíssimo Sacramento (Fig. 42). Elas iniciam na Capela das Dores, com a pintura do teto e a substituição do piso, que era de "tijoleiras", por assoalho; essas obras são concluídas em agosto do mesmo ano. Posteriormente, ocorre a substituição do assoalho da Capela do Santíssimo, sendo colocado um "assoalho com lindo efeito de mosaico de madeira amarela e preta" (LIVRO tomo III, 1902-1930, p. 87v). Os degraus da entrada da Capela e próximo ao retábulo foram feitos com mármore branco. Essas obras na Capela do Santíssimo são concluídas em dezembro.

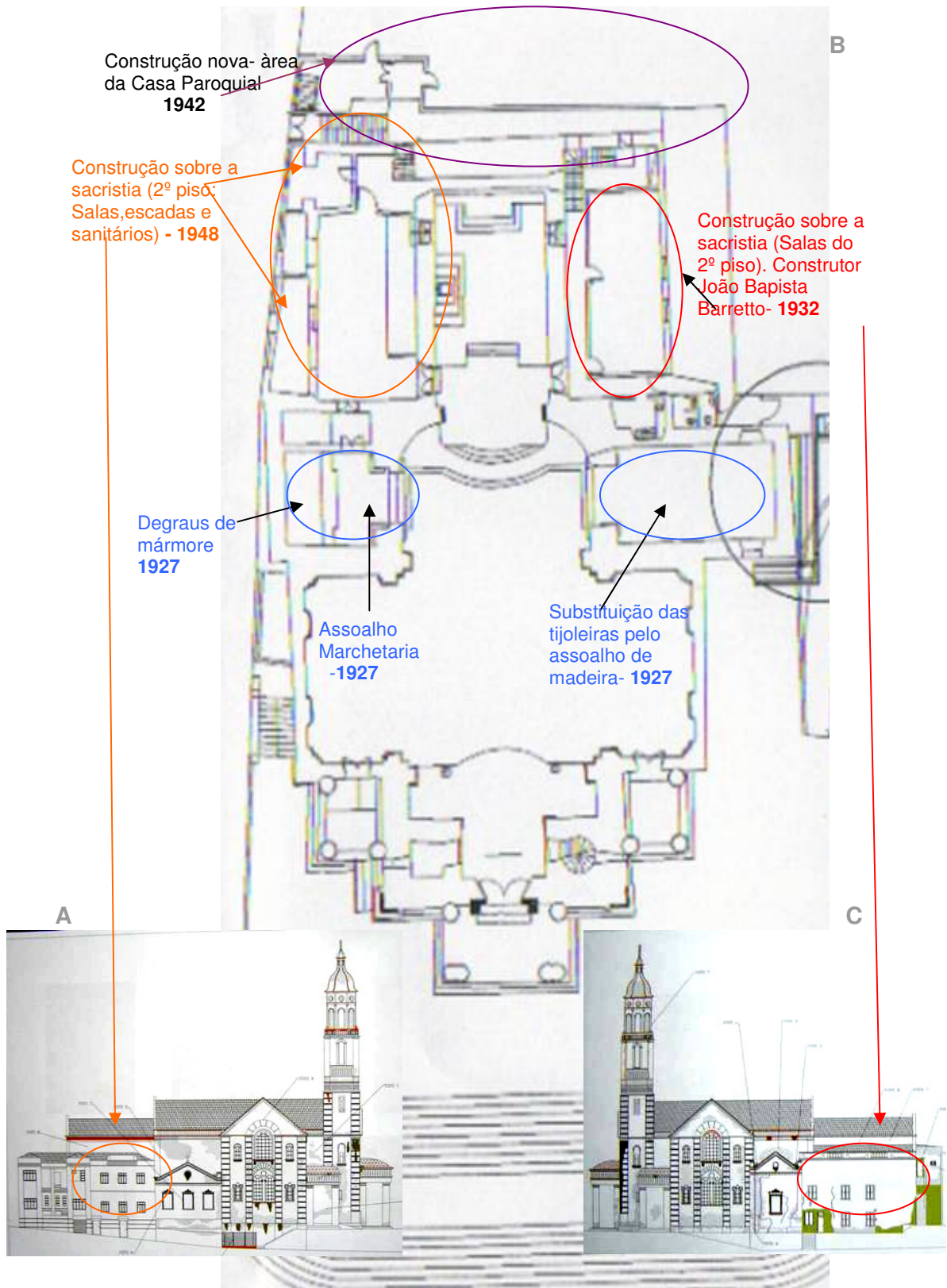


Figura 42 - conjunto de plantas da Catedral indicando os anexos acoplados a edificação.
A) corte lateral direito da Catedral- 2000. Escala 1/500 Autor: Empresa Concrejato-2005
B) planta baixa da Catedral. Escala 1/200 Autor: Arq. Andréa Hermes Silva-2000
C) corte lateral esquerdo da Catedral- 2000. Escala 1/200 Autor: Empresa Concrejato-2005
Fonte: Arquivo FCC- Diretoria de Patrimônio-2007



4.3 ADITAMENTOS SOBRE A SACRISTIA -1932

O construtor, João Baptista Barretto, realiza aditamentos (acréscimo de novas dependências anexas à edificação) sobre a sacristia, em 06 de setembro de 1932. A qual se refere como sendo a “ala direita da edificação”. Na realidade trata-se da lateral esquerda onde se localizava a segunda sacristia (Fig. 42) com relação ao croqui encontrado e a descrição espacial da construção (ANEXO A).

É uma área de uso administrativo com a seguinte configuração: os espaços de uso do térreo são destinados à secretaria da Catedral; dependências para o atendimento dos fiéis e a cozinha; no andar superior, possui duas salas que são utilizadas para reuniões e catequese com acesso por escada.

João Baptista Barretto descreve com detalhes, em documento manuscrito, como procedeu a ampliação sobre a sacristia (ANEXO A). Segundo seus relatos foram demolidas as paredes internas e introduzida uma viga de madeira, para segurança do primeiro pavimento, além de três chapas de ferro na parede dos fundos. Construiu uma escada em caracol que dava acesso ao pavimento superior de madeira com corrimão e balaustrada envernizadas. As paredes da sacristia foram pintadas com caiçã e as esquadrias, à óleo e alvaiade. Manteve-se o assoalho e o forro. No telhado, substituíram três asas de tesouras e utilizaram três chapas de ferro como segurança nas linhas das tesouras.

Essas obras foram concluídas em 25 de outubro de 1932, com inauguração em dezembro, e permanecem até hoje.

4.4 AS OBRAS DO ARQUITETO TOM TRAUOGOTT WILDI

No Arquivo Arquidiocesano, a documentação do ano de 1934, revela a concorrência para as obras no Adro e pintura externa da Catedral, entre Edmundo Ribeiro Gama em 11 de julho, e o arquiteto Tom Wildi em 25 de julho. Esse processo começou em maio de 1934. Na época o Cura da Catedral era o Pe. Laureano Garcia (LIVRO tomo IV, 1931-1943, p. 26 v).

Tom Wildi ganhou para a “*secção*” de obras que visavam o embelezamento e rebaixamento do adro e rampa de acesso lateral. Arquiteto com formação européia (APÊNDICE A - biografia resumida), projeta e executa as mudanças estéticas e estruturais no adro e na



rampa de acesso lateral; realiza intervenções pontuais nas cúpulas das torres, aplica mais uma camada de pintura externa, além de pequenos consertos internos.

A execução das obras foi documentada através de diagnósticos, registros fotográficos, desenhos e relatórios descritivos dos procedimentos realizados.

Nessa oportunidade, não ocorreram mudanças na estrutura da Igreja, apenas ações pontuais. A partir de junho de 1934, Tom Wildi com sua equipe de trabalho, inicia uma seqüência de obras na Catedral. A planta original foi desmembrada em três partes para facilitar a compreensão das mesmas (Fig. 43 e 44). Tratar-se-ão, cada uma delas em separado, a seguir:

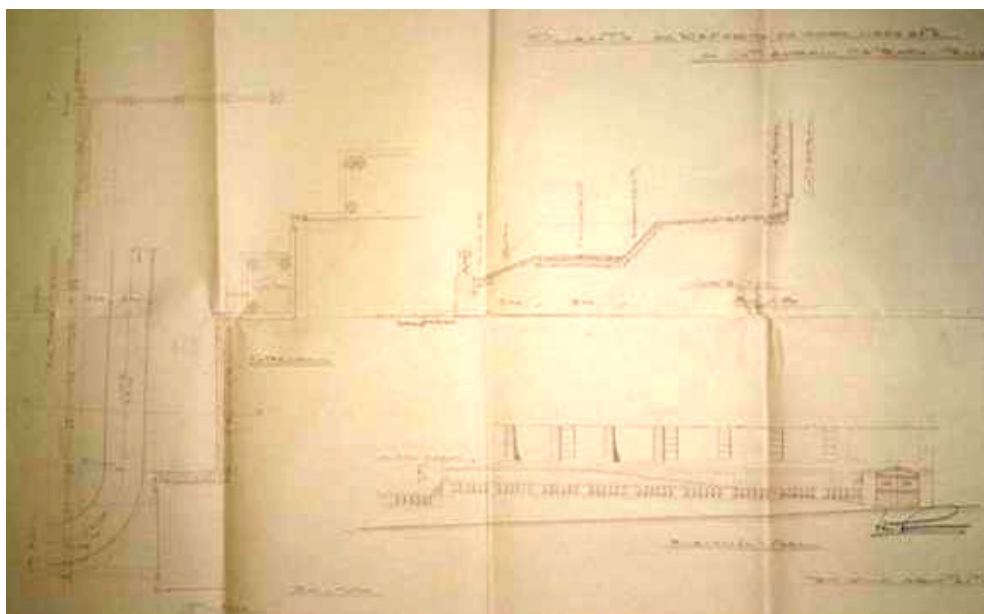


Figura 43 - Projeto da reforma de 1934. Desenho do adro e rampa de acesso na lateral esquerda, com rebaixamento e portão

Autor; Arquiteto Tom Wildi
Fonte: SI ISP-2006

a) Reforma do Adro e da Rampa de Acesso- a partir de junho de 1934 iniciou-se uma seqüência de obras na Catedral, a começar pela reforma do adro e da rampa de acesso. O arquiteto Tom Wildi foi o responsável pelo projeto de reforma. Conforme o documento do arquiteto sobre a reforma nessa área, a proposta era:

[...] demolição do pavilhão externo, com as escavações necessárias para a rampa lateral paralela ao paredão externo com rebaixamento do mesmo em [...] 1.50 mts. em toda sua extensão 31.30 mts, calçamento com paralelepípedos, a entrada (lateral) [...] com dois pilares de tijolos de 2,50 X 0,80 X 0,60 mt, com soleira de granito 3,20 X 0,60 m e portão de ferro com duas folhas 2,40 X 3,20 mts. A balaustrada será reconstruída com pilares e cernilhas obedecendo as existentes [...] (Tom Wildi, documento de 25-07-1934).

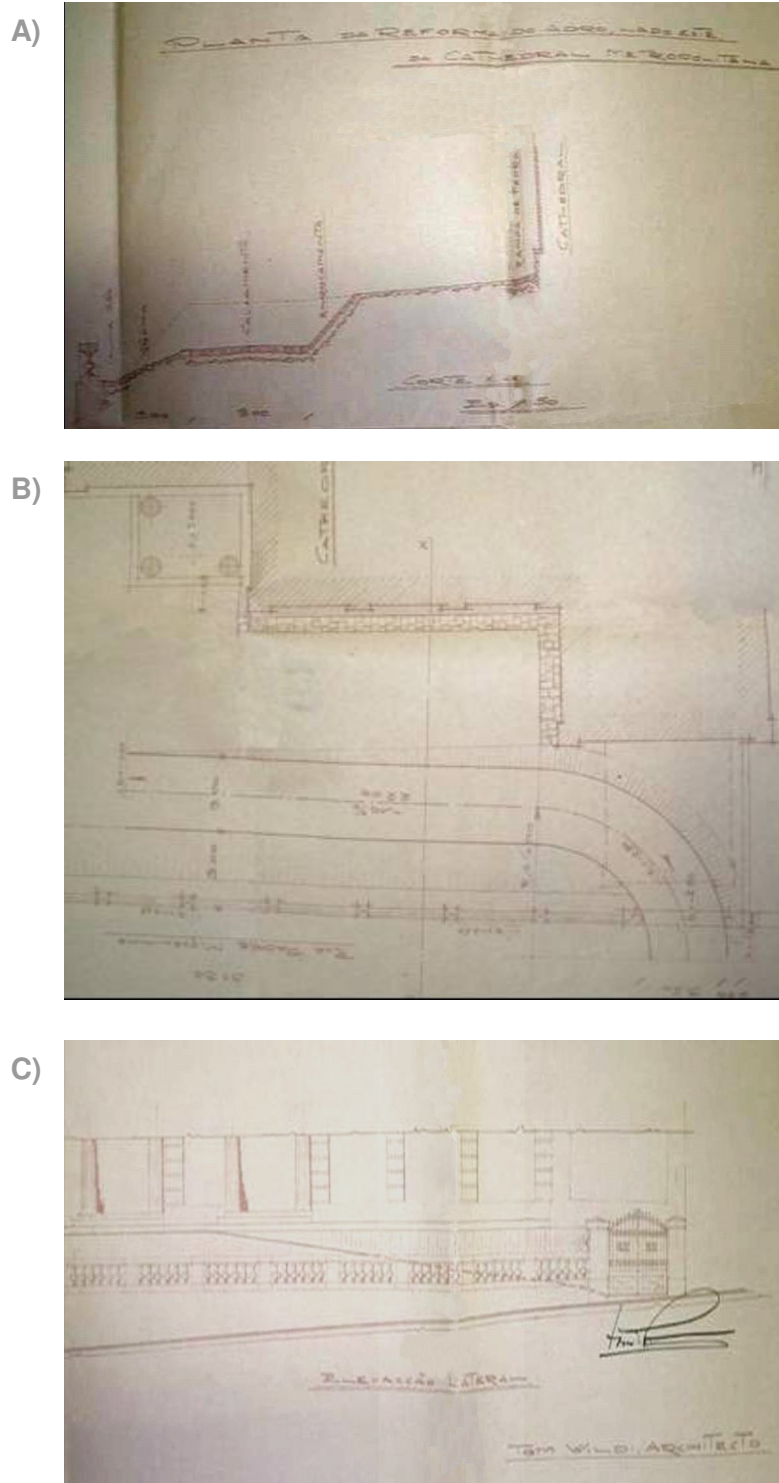


Figura 44 - Conjunto de imagens desmembradas do desenho em planta da reforma de 1934.
Autor; Arquiteto Tom Wildi
Fonte: Arquivo arquiocesano de Florianópolis- Cúria Metropolitana-2006



As portas de acesso sob os alpendres externos foram “cobertas com pedra granito” como também a “rampa a direita do adro impedindo que as águas removam a terra, pondo a descoberto as ossadas do antigo cemitério” (LIVRO tomo IV, 1931-1943, p. 48).

O conjunto de desenhos em planta apresenta as elevações da murada, os acessos e cortes da escadaria e também registra o tipo de material utilizado para calçar o adrona figura 45.

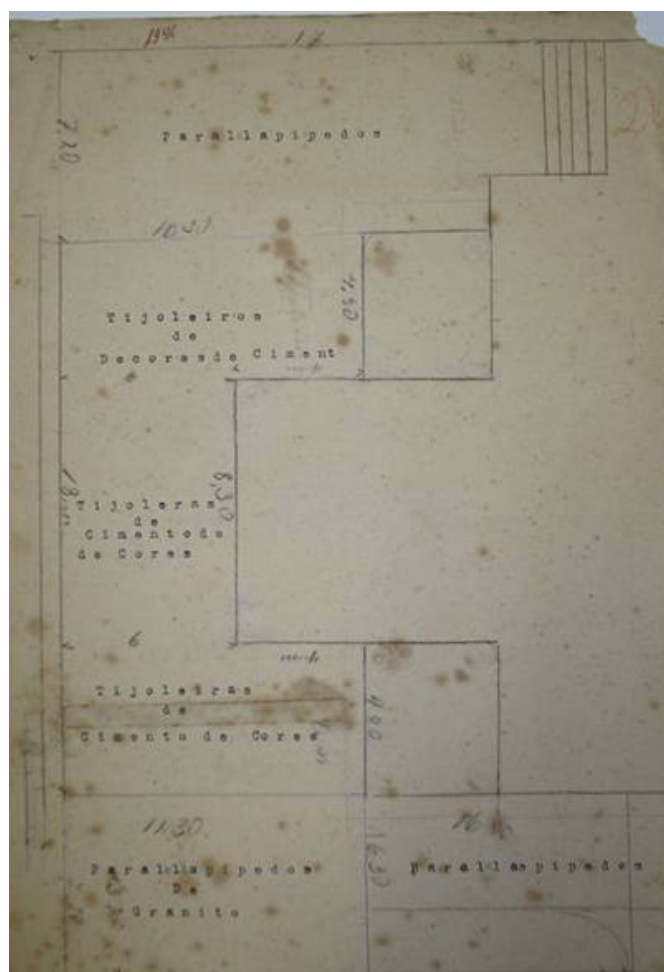


Figura 45 - Descrição em planta dos materiais utilizados no Adro

Autor; Arquiteto Tom Wildi

Fonte: Arquivo arquiocesano de Florianópolis- Cúria Metropolitana-2006

b) Diagnóstico da Torres e Intervenções nas Cúpulas- o arquiteto Tom Traugott Wildi ao fazer a vistoria nas torres para executar os serviços contratados, constatou o seu precário estado de conservação; relata-o no diagnóstico de 06 de agosto de 1934, enviado ao Arcebispo, onde cita “graves defeitos na estrutura das torres” (ANEXO B).



Em relatório constata que havia desprendimento do concreto em várias áreas, devido à oxidação nas vigas de ferro (Fig. 46), principalmente no piso superior onde haviam vigas de ferro em duplo T assentadas transversalmente, com os vãos preenchidos em concreto e as partes inferiores expostas. As cúpulas foram edificadas com vergalhões e trilhos de bonde, revestidas com argamassa. Os locais onde havia fissuras no revestimento permitiam a entrada de umidade que provocava a oxidação do ferro. Esse mesmo processo acontece na área superior das cúpulas, onde estão fixadas as cruzes. O “assento” das cúpulas está reforçado por viga de ferro em duplo T, em cantoneiras, que estão “erradamente colocadas” (ANEXO B).

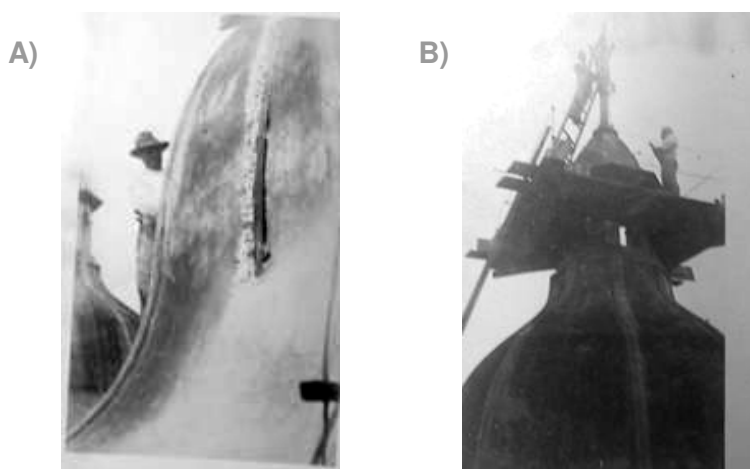


Figura 46- Imagens das intervenções nas cúpulas das torres.

A) detalhe da Cúpula em reforma, no detalhe área com desprendimento;

B) extremidade superior com plataforma para a execução das obras

Fonte: Arquivo Arquidiocesano de Florianópolis – Cúria Metropolitana-2006

Os procedimentos de diagnosticar, analisar e documentar as etapas de intervenção nas cúpulas, adotados pelo arquiteto, demonstra seriedade e profissionalismo ao adotar uma metodologia mais cuidadosa para com a edificação, prática não muito comum naquela época.

Realizou primeiro o diagnóstico das torres e das cúpulas, identificando as causas das degradações, depois elaborou uma proposta de intervenção com registro gráfico das alterações e a relação dos materiais a serem aplicados e por fim, interviu de forma pontual, somente nas áreas degradadas (Fig. 47). Esses podem ser identificados como alguns dos procedimentos adequados nos processos de restauro, recomendados nas Cartas Patrimoniais de Veneza (1964) e de Restauro (1972), ou seja: intervir minimamente e antes disso fazer um levantamento detalhado do estado de conservação do patrimônio.



Figura 47 - Conjunto de imagens das cúpulas durante as obras.
Fonte: Arquivo arquiocesano de Florianópolis – Cúria Metropolitana -2006

c) Rampa e Passeio na Lateral Direita- Rua Arcipreste Paiva- o alargamento da Rua Arcipreste Paiva, já havia ocorrido, mas o Arquiteto construiu o passeio que margeia a rua, e a rampa com degraus e corrimão em granito e como elemento decorativo finalizador do corrimão, consta no desenho, uma ânfora.

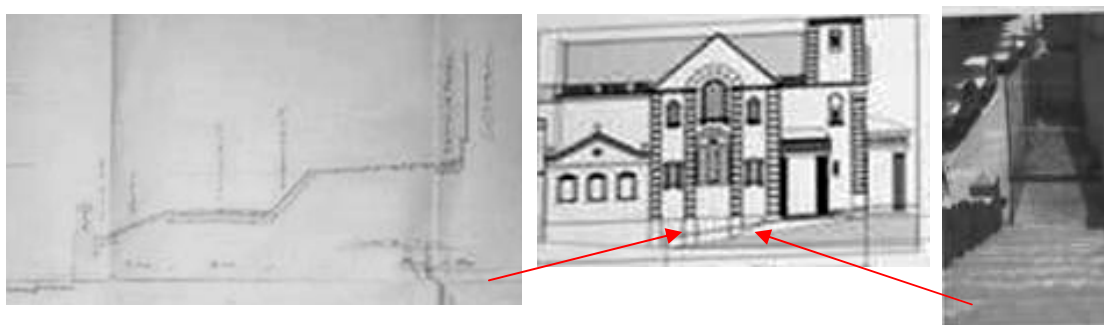


Figura 48 - Imagens indicando a rampa de acesso na lateral direita da Catedral
Fontes: Cúria Metropolitana -2006/ autora-2007

O projeto para a rampa está representado no detalhe do desenho de Tom Wildi (Fig. 48). O procedimento dessa obra foi por ele denominado como: “rampa com enrocamento em granito”. Descreve ter utilizado cimento para fazer o rejuntamento das pedras. A obra foi executada na lateral direita da edificação, após o alpendre externo, com o objetivo de



melhorar a escadaria de acesso. Atualmente essa escadaria apresenta apenas um pináculo como elemento finalizador do corrimão e foram substituídas algumas partes por cimento.

d) Pintura Externa- a concorrência para pintura externa aconteceu em julho de 1934 entre os senhores José Guerreiro Clevis, Henri Panarim, Edmundo Ribeiro Gama e Tom Wildi. A proposta aceita pela Comissão da Catedral foi a de Tom Wildi, que iniciou os trabalhos em agosto. O documento com os procedimentos dessa repintura externa e a descrição do material utilizado encontra-se transcrito no anexo D.

As paredes foram limpas com escova de aço para receber a pintura que foi feita a base de cal e pedra hume para a “pega”, nas paredes externas, torres, dependências, colunas, capitéis, frisos e cimalkas. Foram preenchidas as rachaduras nos rebocos, nos balaustres e parapeitos. As áreas de cimento nas cúpulas receberam uma camada de sulfato de zinco antes da pintura a óleo e no rufo externo com alvaiade. As cruces acima das torres e os “talheiros dos pavilhões de entrada” foram pintadas com “zarcão” e depois tinta a óleo.

Nos procedimentos para as peças em madeira foi proposto lixar e decapar para a remoção dos vestígios de tintas.

Foram realizados reparos nos telhados com a colocação de calhas de cobre (largura 50 cm) assentadas sobre as calhas de ferro existentes e “4 calhas de espigões baixo para o telhado principal”. Concerto da cobertura em “folhas de zinco dos 3 pavilhões de entrada”. Junto às paredes, revestimento com folhas de cobre, e também com a bainha de folhas de cobre no “beirado”, ou seja, beiral.

Essa afirmação sobre a cobertura em folhas de zinco indica que: houve troca da cobertura do telhado de telha cerâmica, sendo substituída por folhas de zinco e mais tarde voltando a ter telha cerâmica. Hoje, a cobertura é com telha cerâmica francesa. Originalmente o telhado foi concebido com telha cerâmica e nele haviam desenhos de cruces através de dois tons das telhas (Fig. 49).

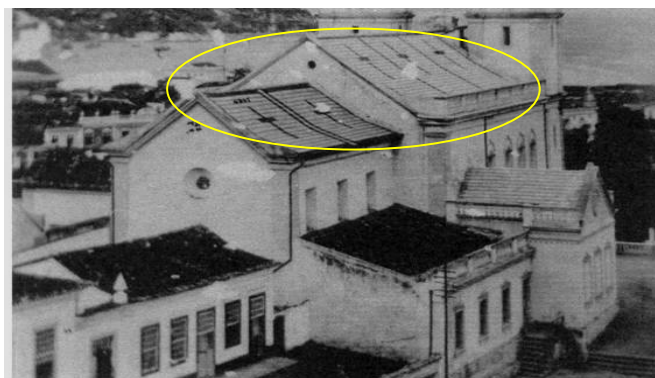


Figura 49 - Matriz final do século XIX.
No destaque a cobertura original
com desenho de cruces.
Autor: George Daux
Fonte: IPUF apud Ornato 2007



Em setembro de 1935 o arcebispo D. Joaquim emite recibo dos serviços que foram executados por contratos e administrativamente pelo Arquiteto Tom Wildi. Os referidos serviços são: pintura geral da Catedral; reforma do adro na lateral esquerda da edificação; colocação de vidros Morenezes em 14 janelas (para as janelas laterais da nave central, isso ocorre antes dos vitrais artísticos) e serviços de segurança nas torres, evitando o desprendimento das áreas degradadas.

Com isso encerram-se as intervenções projetadas pelo arquiteto Tom Wildi na Catedral, deixando como legado, uma documentação rica e detalhada da postura e dos procedimentos adotados nessa reforma. Depois dessas intervenções não se tem registro de que o arquiteto tenha atuado posteriormente em outras obras na Catedral. Até o momento essas são as informações encontradas, não descarta-se a possibilidade de que no futuro, surjam outras.

4.5 PINTURA INTERNA DE 1938

A execução das pinturas murais, a princípio, são atribuídas à reforma e a ampliação de 1922, mas existem relatos que indicam data posterior. É o caso do documento do LIVRO tombo indicando obras no interior da mesma em junho de 1938: “começaram neste mez os trabalhos de renovação interna da Catedral sob a direção técnica do sr. Manoel Rovina. O projeto foi competentemente aprovado pelo sr. Arcebispo” (LIVRO tombo IV, 1931-1943, p. 58v).

Também existe um contrato que relata a pintura interna da Catedral (ANEXO D), com decoração e demais serviços; assinado e reconhecido em Cartório no dia 28 de julho de 1938 entre a Mitra Metropolitana e Manoel Rovina (decorador) e Crispim Crespo (pintor). A reabertura da Catedral, após a conclusão das obras, foi em abril de 1939, os valores pagos pelos serviços prestados foram custeados por doações dos fiéis (LIVRO tombo VI, 1932-1943, p. 62).

Essas pinturas perduraram até a reforma de 1974, quando todo o interior da Catedral sofreu um processo de repintura, encobrindo-as totalmente.

Este assunto será abordado no capítulo das análises por entender que ainda permanecem dúvidas em relação ao autor das pinturas murais realizadas no interior da Catedral.



4.6 OS VITRAIS ARTÍSTICOS

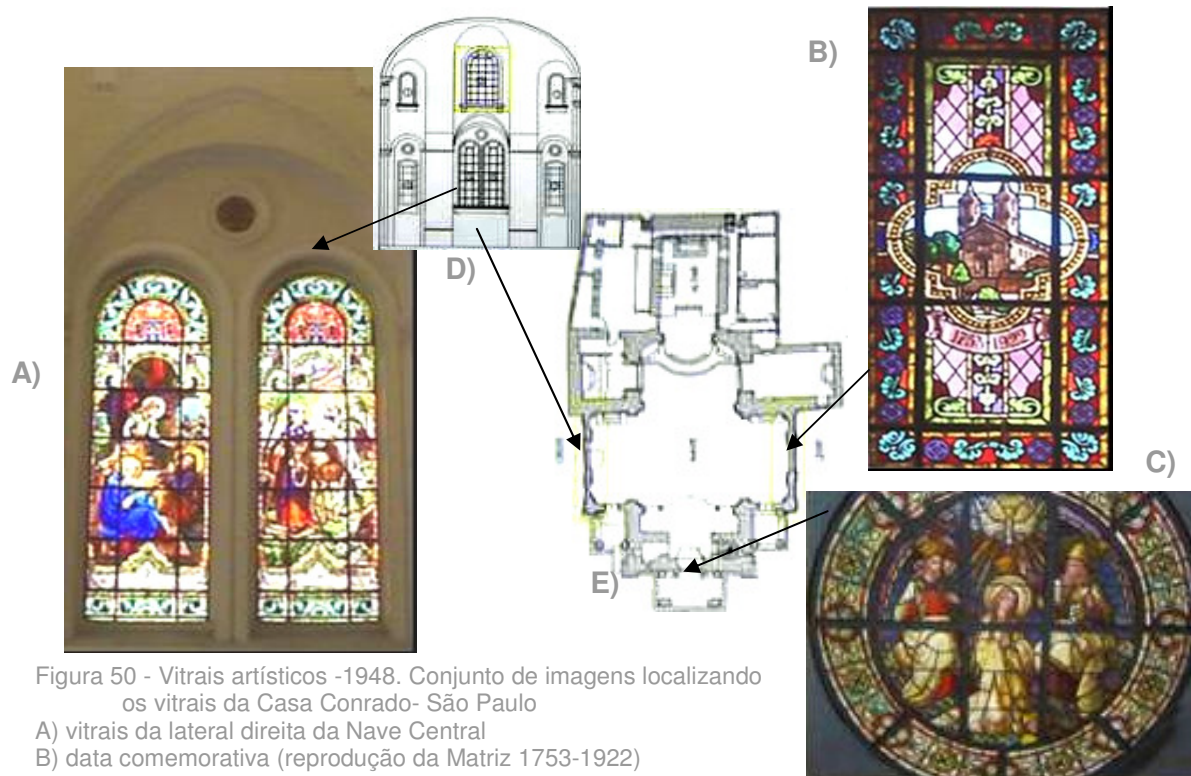


Figura 50 - Vitrais artísticos -1948. Conjunto de imagens localizando os vitrais da Casa Conrado- São Paulo

- A) vitrais da lateral direita da Nave Central
- B) data comemorativa (reprodução da Matriz 1753-1922)
- C) rosácea no centro da fachada principal

Fonte: Acervo da autora- 2005

D e E) Planta e corte lateral da Catedral Fonte: Concrejato 2007

Os vitrais trazem consigo uma característica muito marcante desde a Idade Média, pois têm a função de proporcionar luminosidade ao ambiente. Quando a luz solar incide em seu mosaico de vidros coloridos, produz iluminação difusa e suave com tons variados, o que torna o ambiente interno aconchegante, sereno e introspectivo, propício à oração e à contemplação.

Os elementos artísticos e decorativos, como os vitrais, foram agregados à estrutura arquitetônica da Catedral, ao longo do tempo.

As janelas executadas na reforma de 1922, conforme projeto de Theodoro Gründel, recebem vidros simples de formato retangular. Em 1934, são instalados vidros “Morenezes” amarelados, nas intervenções de Tom Wildi, e finalmente, em 1948, os vitrais artísticos, confeccionados pela Companhia Comercial de Vidros do Brasil - Casa Conrado, de São Paulo, que permanecem até os dias atuais na Catedral.



O processo de colocação dos vitrais foi planejado, conforme croqui com as indicações e as descrições dos temas a serem representados figurativamente, esse documento foi encontrado no Arquivo Arquidiocesano da Cúria Metropolitana de Florianópolis (Fig. 51).

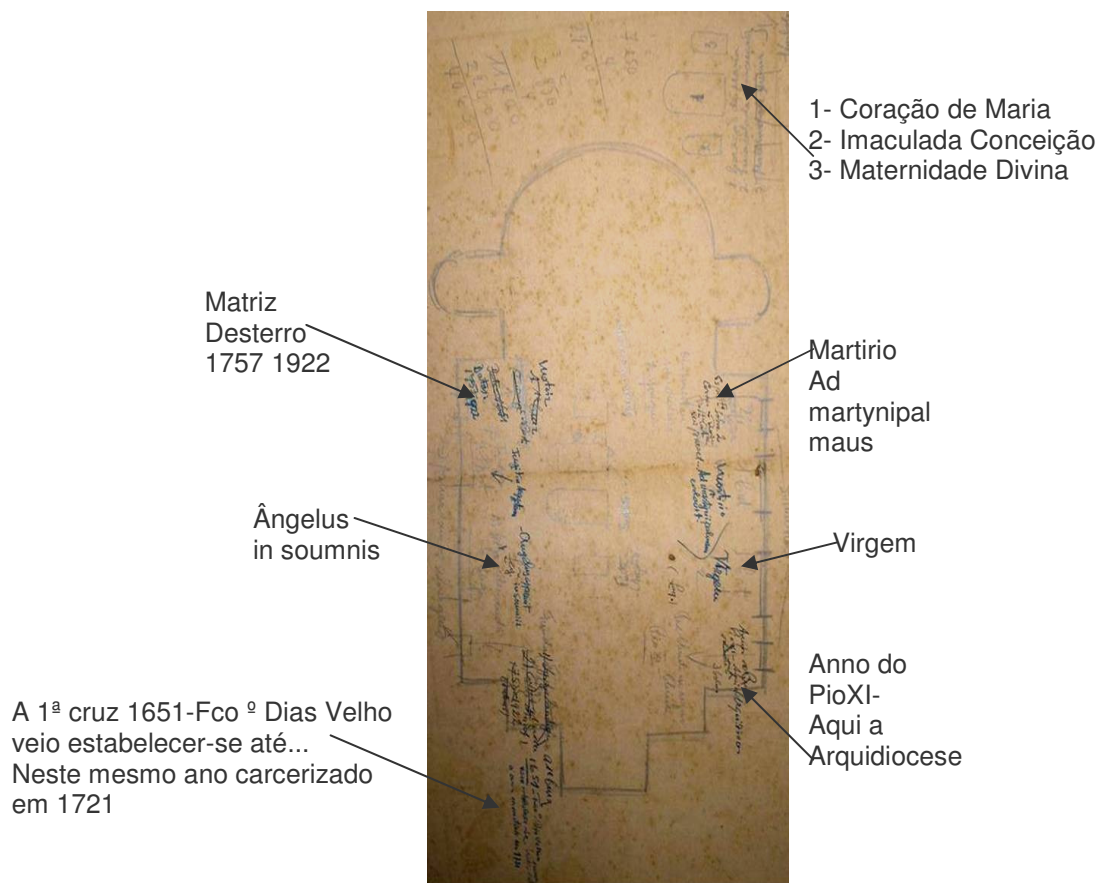


Figura 51 - Croqui da posição dos vitrais em 1948-Casa Conrado-São Paulo
Autor: desconhecido
Fonte: Arquivo arquidiocesano de Florianópolis –
Cúria Metropolitana (março/2006)

O processo da colocação dos vitrais teve início em 1946. Desde a encomenda, escolha dos temas e a colocação propriamente dita, levaram dois anos até serem concluídas.

Na maioria das vezes, o mosaico de vidros coloridos refere-se a temas figurativos sacros, geométricos, fitomorfos e outros. No caso dos vitrais da Catedral eles têm imagens representativas de temas sacros, compostos por elementos figurativos, geométricos e fitomorfos e também temas comemorativos, como: a fundação da “Póvoa de Destêrro” e a construção da Matriz.

Os vitrais como elemento decorativo e funcional proporcionaram à edificação a valorização do seu aspecto interno.



4.7 CASA PAROQUIAL

Foram construídas, nos fundos da Catedral, as dependências da Nova Casa Paroquial, em destaque na figura 52, cujas obras foram iniciadas em outubro de 1942 sob a responsabilidade do Engenheiro Ivo C. Piccoli (LIVRO tomo VI, 1932-1943, p. 85v).

Este é mais um aditamento (acréscimo construtivo) no entorno das estruturas mais antigas da Igreja.

O destaque na figura 52 com relação às linhas amarelas indica os aditamentos que circundam a capela-mor, provocando uma sensível diminuição da ventilação nas estruturas parietais de 1773 e no interior da Igreja. Essa alteração nas condições ambientais propicia um microclima que favorece a proliferação de microorganismos, influenciando na deterioração dos materiais construtivos, além de afetar o estado de conservação dos bens móveis e integrados.

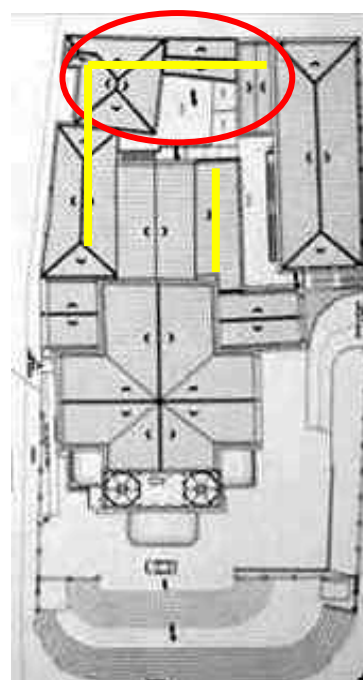


Figura 52 - Planta do complexo edificado da Cátedra. Destaque para a localização da Casa Paroquial e dos anexos
Fonte: Concrejato, 2006

Quanto a proibição dos aditamentos nas obras de arte, a Carta de Restauo de 1972, é clara em seus artigos transcritos à seguir: Art 6º - proíbe as alterações das condições de acesso ou ambientais, em que chegou até nossos dias a obra de arte; Art. 7º - modificações ou inserções de caráter sustentante [...] não podem resultar em alterações , nem cromáticas, nem da matéria, nova ambientação ou instalação da obras quando [...] houverem sido destruídas a ambientação ou instalações tradicionais; no Art 8º recomenda cuidados em toda e qualquer obra no entorno, que altere ou provoque novas intervenções (CURY,2000).



Deve-se ter cuidado nos complexos edificados em relação aos aditamentos, pois podem se transformar em um amontoado de estruturas parietais que complicam a conservação, principalmente nas construções históricas.

4.8 PINTURA EXTERNA DE 1946

Em 1946, foi executada a pintura externa da Catedral, conforme o contrato de 15 de abril com Pozzo Lideo. Ele envia ao Arcebispo orçamento detalhado e nele descreve todas as etapas e os materiais utilizados (ANEXO F): limpeza geral com escova de aço e espátulas; lavagem das pedras em cantaria da portada principal com ácido; pintura de caiação das paredes, dos ornatos e do estuque, depois outra camada com cal pigmentada; tinta a óleo nas esquadrias de madeira; as portas, são queimadas a fogo para retirada das pinturas antigas; cúpulas e cruzeiros pintados com grafite e depois patinados e lustrados com pano até chegar a meio brilho “biombagine”; muros, balaustres e sacadas pintados como a fachada principal.

Apesar da descrição dos procedimentos fica a dúvida em relação as esquadrias, que teriam sido “queimadas à fogo, todas as pinturas antigas da porta de entrada principal até chegar a madeira natural” (ANEXO F). Certamente esse procedimento não foi executado, pois prospecções recentes indicam várias camadas de pintura e se tal procedimento tivesse sido executado o resultado das prospecções seria diferente, ou seja, o número de camadas monocromáticas seria menor.

4.9 CONSTRUÇÃO SOBRE A SACRISTIA

A construção de um pavimento sobre a sacristia lateral direita da Matriz obstruindo a entrada de luz e ventilação através dos vitrais na capela-mor foi executada em 1948, conforme projeto nº 3533 aprovado pela Diretoria de Obras em 02 de setembro de 1948 (Fig. 53). A área construída de 213 m². destinava-se a salas de catequese e reuniões.

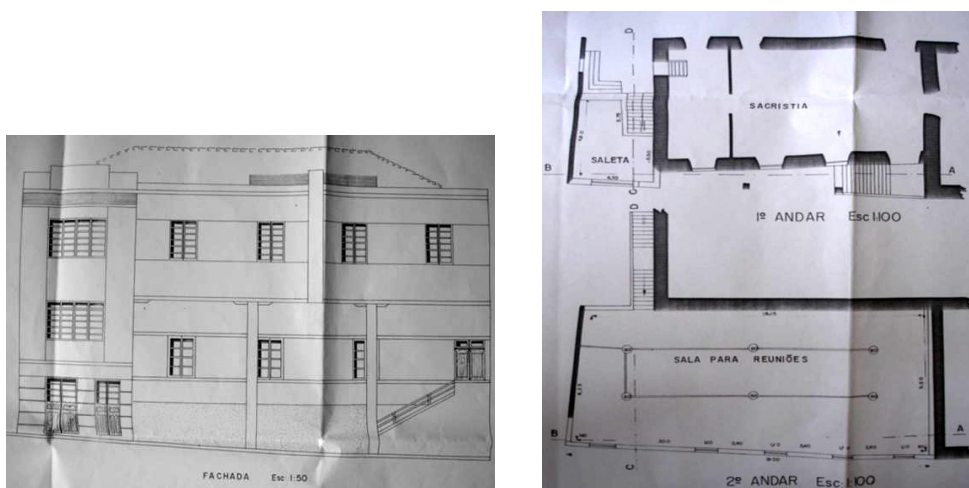


Figura 53 - Conjunto de plantas- construção sobre a sacristia, junto a Arcipreste Paiva.
Fonte: Acervo IPUF apud Ornato Arquitetura Ltda 2007

4.10 AS OBRAS REALIZADAS EM 1954

Nessa reforma foi refeita a instalação elétrica da catedral, além da substituição do piso da Sacristia, que era assoalho, por ladrilhos. Exemplos destes ladrilhos hidráulicos só existem ao lado do órgão, localizado no coro da nave, pois nas sacristias foram substituídos os ladrilhos por piso cerâmico esmaltado nos anos 80, aparentemente eles apresentavam-se com desgastes, mas em razoável estado de conservação.

4.11 SEPULTAMENTO EM 1967

O falecimento do Arcebispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira em 18 de maio de 1967, provocou uma comoção geral em toda a Arquidiocese. Quando acontece o falecimento de um Arcebispo durante seu mandato, conforme a tradição católica, esse deve ser sepultado dentro da igreja, sede do Arcebispado. Sendo assim, depois de ser velado e receber honras do funeral por três dias foi sepultado dentro da Capela de N. Sr^a. das Dores; após, sem a



presença de público, foi retirado do caixão para fazer a máscara mortuária em gesso. Retiraram a Cruz Peitoral que foi enviada ao Museu Sacro de Azambuja- na cidade de Brusque. Recolocaram o caixão no túmulo, lacrando-o com uma laje de concreto. Para o acabamento do túmulo utilizaram placas de mármore (LIVRO tomo VI, 1932-1943, p. 53v).

Esse fato é relevante para a pesquisa, pois foi através desse relato que pudemos constatar a complementaridade de função assumida pela Capela de N. Sr^a. das Dores depois de 1967, como uma espécie de cripta, pois a cripta é denominada por ser um espaço subterrâneo, nesse caso, somente os corpos estão no subterrâneo, mas é como é denominada popularmente e pelo clero.

Através do conjunto de intervenções relatadas durante o presente capítulo, foi possível constatar como a edificação vai se alterando e como sempre vão acontecendo obras pontuais. Só que este processo contínuo de interferir e alterar o aspecto da edificação, afeta a estrutura e os materiais construtivos e na maioria das vezes são mais prejudiciais do que benéficos.

Mas a Catedral continuará recebendo intervenções, algumas pontuais e pouco significativas, outras amplas e incisivas. A questão está em como essas intervenções alteram as estruturas funcionais e estéticas da edificação. É o caso das obras de 1974, com a repintura interna, que alterou esteticamente todo o aspecto interno.



5 ALTERAÇÃO INTERNA: da reforma à repintura- 1974

Este capítulo relata as alterações que acontecem na edificação na década de 70. Não houve nessa época alterações estruturais nos moldes das que ocorreram em 1922, mas ainda assim, causaram um grande impacto para a época. Elas tinham por finalidade mais melhorias estéticas do que funcionais, devido seu aspecto interno e externo que apresentava degradações (Fig. 54).

Basicamente as intervenções realizadas foram de manutenção da edificação, mas com relação à alteração estética interna fica evidente uma ação mais incisiva.

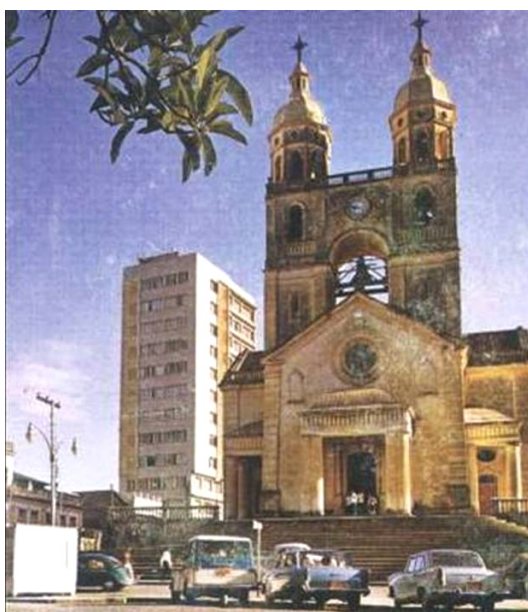


Figura 54 - Aspecto estético da Catedral na década de 1970.
Fonte: Acervo Prosul, 2005.

5.1 AS INTERVENÇÕES

Nos anos 70, a Catedral apresentava um aspecto bem degradado, interna e externamente (Fig. 54). Além da degradação no estado de conservação na pintura externa e interna, apresentava também infiltrações na cobertura, além de problemas de conservação generalizados na edificação.



Outro problema era à acomodação dos fiéis nas cerimônias religiosas. A população de Florianópolis havia aumentado consideravelmente⁶, pois a cidade já havia se tornado um pólo atrativo ao turismo. As pontes facilitavam o acesso ao centro da cidade e as praias, trazendo o “progresso” e com ele um grande contingente de pessoas. O Padre Pedro José Koehler, Cura da Catedral na época, sentindo necessidade de ampliar a capacidade de acomodação, que era de 300 lugares, começava a fomentar a idéia da construção de uma nova Catedral nos novos aterros da Capital.

Em fevereiro de 1970, o clero e as autoridades políticas da cidade, começam a reunir-se para discutir a proposta de reformar a edificação ou construir uma nova Catedral. Essa deveria ter acomodação para 1500 lugares e espaço para 20 lojas, que poderiam ser sublocadas como fonte de recursos para a Catedral (LIVRO tombo V, 1943-1978, p. 59).

A proposta era fazer a nova edificação na área do aterro hidráulico da Baía Sul ou na área do aterro mecânico da Praça da Bandeira, próximo à Assembléia Legislativa. Contudo, apesar das discussões e insistência na proposta, ela não se concretizou. Com isso as intenções de melhorias foram focadas novamente na edificação já existente.

Como o estado da pintura externa, estava bastante danificado (Fig. 54), o Governador Colombo Salles promove a pintura externa da Igreja, na tonalidade branca, inaugurando-a em 10 de abril de 1972. A justificativa de tal investimento foi à comemoração do sesquicentenário de D. Pedro I. Sublinha-se contudo que essa pintura serviu apenas como paliativo, para que as obras que realmente eram necessárias, do ponto de vista estrutural, fossem proteladas por mais alguns anos, até 1974, quando então se inicia um processo generalizado de obras em toda a edificação, que foi do piso ao telhado.

Em Julho de 1973 são realizadas reuniões para definir as estratégias da reforma, entre os Membros do Conselho Administrativo da Catedral - CAP e as autoridades governamentais, solicitando verba para o “custeio das obras no adro, Capela de N. Sr^a. das Dores, abóbadas, calhas, telhado, troca de piso e pintura completa” (LIVRO tombo V, 1943-1978 p. 65).

A análise do estado de conservação da edificação para os trabalhos da reforma iniciam em 15 de junho de 1974, sendo vistoriada pelos seguintes engenheiros: Olavo Fontana Arantes e Adevaldo Pinto Pereira, da Construtora Ceisa, Osny Berreta e Lineo Machado juntamente

⁶ População de Florianópolis: 1940 (25.014 habitantes); 1950 (48.264 habitantes); 1960 (72.889 habitantes); 1970 (115.547 habitantes); 1980 (153.547 habitantes). Fonte: IBGE-Censo Demográfico do Estado de Santa Catarina apud Peluso, 1991, p. 313.



com Pe. Pedro (LIVRO tomo V, 1948-1978 p. 71v). Esses fizeram as seguintes constatações:

1. o telhado necessitava a substituição de alguns barrotes, que estavam apodrecidos e com ataque de cupins.
2. O estuque das naves entre a Capela do Santíssimo e das Dores, em frente ao arco cruzeiro, estava com as estruturas de sustentação completamente comprometidas.

As obras começaram em agosto do mesmo ano e, à medida que prosseguiam os trabalhos, percebeu-se que o estado de conservação da cobertura era mais grave do que fora previsto durante a vistoria, o mesmo ocorreu na Capela das Dores e nas torres. Isso fez com que as obras se estendessem e fossem mais incisivas do que havia sido projetado no início dos trabalhos.

5.2 AS REFORMAS NOS FORROS

As obras foram efetuadas no forro da Nave Central e das Capelas Laterais, do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora das Dores.

Os trabalhos prolongaram-se por meses, e o orçamento previamente estimado havia se esgotado, o que forçou o pedido de ajuda financeira para a continuação das obras ao Governador Antônio Carlos Konder Reis. Com a ajuda recebida foi possível construir andaimes e plataformas para acesso ao estuque do forro em todo o corpo da nave (Fig. 55), intervindo nas áreas que apresentavam infiltrações, principalmente no trecho da cobertura próximo à entrada, e nas áreas em desprendimentos do forro de estuque, junto ao arco cruzeiro.

Para o bom andamento das obras que iniciaram em 15 de junho de 1974, as atividades paroquiais foram transferidas para a Capela do Colégio Coração de Jesus (LIVRO tomo V, 1943-1978, p. 71).

Quanto ao forro da Capela do Santíssimo Sacramento, não há registro de que o mesmo tenha sido alterado, talvez por encontrar-se em boas condições, atualmente o existente ainda é em madeira, mas não há certeza que seja o forro original.

Com relação ao forro da Capela de N. Sr^a das Dores, Pe. Pedro Koehler, afirma que “[...] houve necessidade de restaurar completamente a Capela de N. Sr^a. das Dores, que não



havia previsão, mas foi colocado tudo igualzinho como estava; o estuque encontrava-se bastante danificado pela ação do tempo [...]”⁷. Foi substituído a estrutura do madeiramento da cobertura que estava danificada por insetos xilófagos e com apodrecimento, e refeito o forro de estuque⁸, com a mesmo tipo de estrutura de sustentação que a do forro de estuque da nave, só que não há pinturas murais.

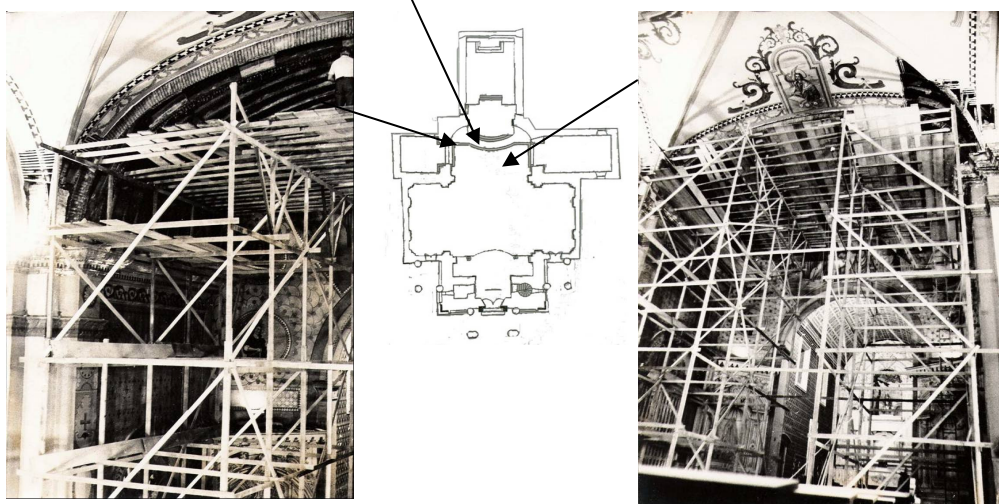
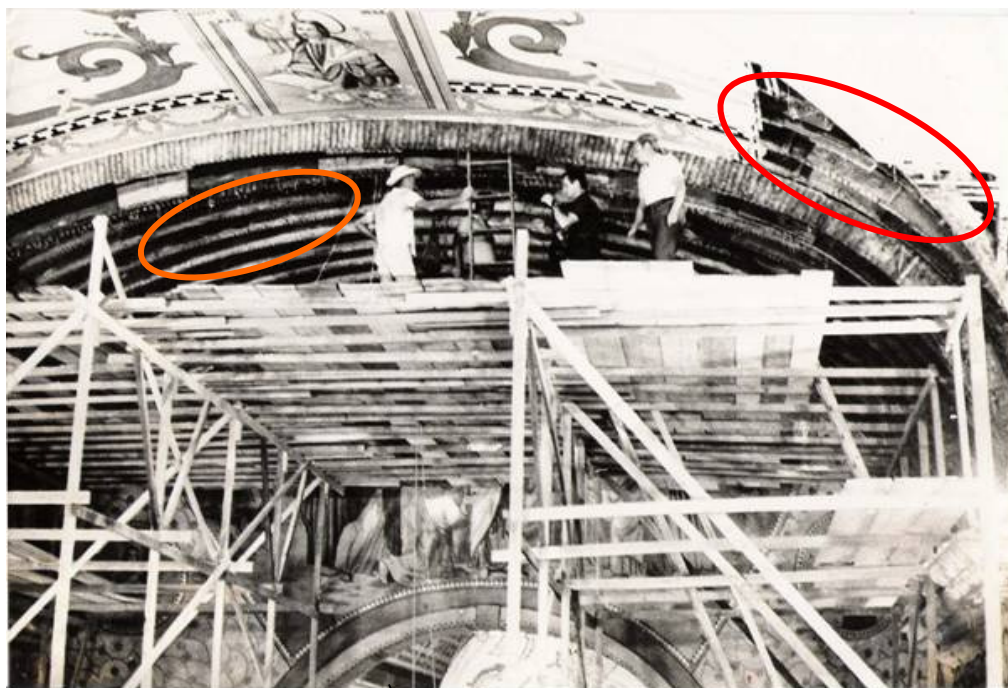


Figura 55 - Conjunto de imagens da reforma de 1974. Obras na área do arco cruzeiro, com a retirada do forro em estuque
Autor da Fotografia: Foto B- Blásio Junkes
Fonte: Acervo do Pe. Pedro José Koehler-1974

⁷ KOEHLER, Pe. Pedro José. Entrevista gravada na Casa da Memória em 18 de agosto de 2005

⁸ ídem



5.3 PROPOSTA PARA REFORMA NO ADRO

Nessa época o adro era utilizado como estacionamento (Fig. 56). Devido às sugestões de alguns fiéis em aumentar a quantidade de vagas para estacionar veículos, foi laborada a proposta para ampliação do mesmo visando a geração de fonte de renda para a Catedral. Mas essa ampliação não foi possível, porque quando começaram as escavações foram encontrados ossos humanos, em decorrência do adro localizar-se exatamente onde existia o antigo cemitério. Esse fato inviabilizou a obra, movimentando a opinião pública (ANEXO G) e os órgãos de preservação com relação aos restos mortais que permaneceram e ainda permanecem no local. Com isto fica comprovado que a transferência dos restos mortais durante a mudança do cemitério para outro local foi parcial; não foram retiradas todas as ossadas, que até hoje são encontradas ao serem feitas obras que necessitem de escavações do solo no entorno da Catedral.



Figura 56 - Imagens do Adro durante as obras de 1974.

Autor das Fotografias: Foto B- Blásio Junkes

Fonte: Acervo do Pe. Pedro José Koehler-1974

5.4 TROCA DO PISO DA NAVE CENTRAL

Ainda no ano de 1927, acontece a troca do piso da nave central, com a retirada dos ladrilhos hidráulicos, que seriam em princípio, substituídos por lajotas de cerâmica em tom marfim, de preferência com desenhos estilizados em cores neutras, lembrando o colonial (LIVRO tombo V, 1943-1978, p. 71); mas isso não é concretizado, pois optaram pela colocação de marmorite, que permanece até hoje na nave central.

Do piso em ladrilho hidráulico retirado durante a reforma ainda existem resquícios no piso ao lado do Órgão, no Coro. São vestígios dos ladrilhos hidráulicos que também existiam na nave e nas Sacristias (Fig. 57).



Resquício do piso hidráulico, junto ao Órgão- mezanino do Coro



Figura 57 - Imagens do piso de ladrilho hidráulico antes da reforma de 1974.
Autor da Fotografia: Foto B- Blásio Junkes
Fonte: Acervo Pe. Pedro José Koehler-1974
Acervo autora 2005

Durante entrevista, o Pe. Pedro Koehler fez observações quanto à retirada dos ladrilhos: “É nosso dever anotar que os ladrilhos, na catedral não são antigos e históricos, e sim ladrilhos comuns, e por isso mesmo, desgastados pelo uso. Ladrilhos, bem, de má qualidade”⁹. Foi removido o piso da nave (Fig. 58), que era de “ladrilhos hidráulicos, substituídos por 509 m² de marmorite e 32 m² de mármore no Presbitério. O piso de madeira da Capela-Mor, com 140 m², foi lixado e revestido com carpet na cor vermelha (LIVRO tombo V, 1943-1978, p. 71).



Figura 58 - Imagens da substituição do piso e repintura nas paredes -1974
Autor da Fotografia: Foto B- Blásio Junkes
Fonte: Acervo do Pe. Pedro José Koehler-1974

Quanto ao piso de marmorite, que permanece no corpo da nave até hoje, apresenta bom estado de conservação, com desgastes e pequenas fissuras em algumas áreas, o que é próprio desse tipo de material. Quanto ao desgaste é ocasionado pelo uso. O que realmente agrava seu estado de conservação são os procedimentos de limpeza não recomendados, pois recebem lavagem, regularmente, com mangueira e água corrente. O excesso de umidade na lavagem do piso forma uma película de água na irregularidade das placas de

⁹ KOEHLER, Pe. Pedro José. Entrevista gravada na Casa da Memória em 18 de agosto de 2005



marmorite, influenciando no processo de secagem e evaporação da água, acelerando o processo de fragilização do material.

5.5 PINTURAS MURAIAS INTERNAS

Analisando as fotos tiradas antes da reforma (Fig. 59), pode-se concluir que as pinturas murais apresentavam um processo de degradação acentuado.

Quanto ao assunto das pinturas murais internas da Catedral, Pe. Pedro declara na entrevista:

Se a pintura interna realmente tivesse valor artístico e se fosse de pintor conhecido, ou mesmo se tivéssemos encontrado pessoa competente, capaz de retocar aquela pintura deteriorada, com o tempo, pela água que havia penetrado em diversos lugares do estuque, seria eu o primeiro a querer preservá-la para a posteridade. Quer dizer, se tivesse a pintura, se fosse algo maravilhoso, como a gente vê... por esse mundo... na Europa, em diversos lugares [...]¹⁰.

Com o intuito de resolver essa questão do aspecto interno da Catedral, que apresentava desprendimentos pontuais nas pinturas e perdas localizadas nas áreas de infiltração da umidade, buscou-se uma nova configuração interna relacionada ao gosto estético, diria um tanto quanto pessoal.

[...] no que diz respeito os trabalhos de conservação e embelezamento da mesma, os quais já estão em andamento, os desenhos decorativos, além de serem pobres na combinação das cores, dão um aspecto lúgubre, devido aos tons escuros. As pinturas, em vista da ingenuidade na sua execução, não tem expressão nenhuma, com deformações primárias, não possuem nenhum valor artístico. As mesmas estão de um modo geral com as superfícies desgastadas pelo tempo e pela má conservação, sugerindo desta forma o lixamento total das paredes e forro [...]¹¹

Como as intenções dessa intervenção eram realmente, dar outro aspecto estético ao interior da Catedral, Pe. Pedro antes de tomar essa decisão sozinho, consulta algumas autoridades e pessoas envolvidas com a preservação do patrimônio. Essas pessoas faziam parte de um grupo que começava a formar uma consciência sobre preservação em Florianópolis.

Padre Pedro declara que a “pintura não tinha expressão artística; antes, pelo contrário. Apesar disso, não iríamos mandar tirar a dita pintura, sem consultar pessoas que pudessem

¹⁰ KOEHLER, Pe. Pedro José. Entrevista gravada na Casa da Memória em 18 de agosto de 2005

¹¹ idem



dar o seu parecer[...], resolve consultar o Arcebispo e os Membros do CAP-Comissão Administrativa Paroquial, que o aconselham a consultar o “Patrimônio Histórico e Artístico”¹². Promove então uma reunião na tarde de 26 de julho de 1975 para discutir o assunto, onde estavam presentes: o Arcebispo Dom Afonso Niehues, o Governador Antônio Carlos Konder Reis, Ciro Corrêa de Oliveira Lira (representante do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), José La Pastina (Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná), Osmar Marcos Grubba, Sara Regina Silveira de Souza, Janete Milles (Patrimônio Histórico e Artístico de Santa Catarina) e o Cura da Catedral Pe. Pedro José Koehler (LIVRO tomo V, 1943-1978 p. 76). As declarações durante a reunião sobre a pintura interna da Catedral foram:

[...] disse textualmente o Sr. Ciro: “O patrimônio histórico por hora não vai se intrometer na restauração da catedral.”

O Sr. Governador, Dr. Konder Reis que me disse “não ver expressão artística nesta pintura”, Dr. Gruba em seguida, falou “que o governo não tem condições se preocupar com a restauração da catedral” [...] “Podem pintar a catedral”. Tínhamos então permissão do órgão do governo para pintar a catedral, já que o Dr. Gruba, Coordenador Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico, sugeriu encaminhar pedido ao governo para tombamento [...] Como cura da Catedral, não aceitei esta colocação de encaminhamento do tombamento [...] sem que o Governo antes cedesse uma área para a construção da nova catedral (LIVRO tomo V, 1943-1978, p. 76-77).

Padre Pedro sai aliviado dessa reunião, pois havia dividido a responsabilidade da decisão tomada declarando: “[...] me via assim livre de críticas futuras de jornalistas e de pessoas que queriam a permanência daquela pintura interna.” (LIVRO tomo V, 1943-1978 p. 77).

Sara Regina Silveira de Souza deixa registrado esse episódio em sua publicação de 1981, justificando a decisão tomada pela comissão, da qual fazia parte, com relação à repintura sobre as pinturas murais no interior da Catedral:

A última restauração sofrida pela atual catedral de Florianópolis, deu-se há alguns poucos anos atrás quando uma equipe orientada pelo IPHAN, pintou a Igreja, encobrindo as pinturas coloridas do seu interior. O fato causou sérias controvérsias junto à opinião pública, uma vez que as pinturas parietais do templo já faziam parte do seu conjunto arquitetônico. Nós, especialmente, não vimos o “porquê” das controvérsias, já que há muito, o templo estava descaracterizado. Arquitetonicamente nossa Catedral é um amontoado de formas que não se inter-relacionam. Da igreja de Silva Paes, resta apenas, hoje em dia, a planta, publicada neste trabalho e em outros escritos anteriormente realizados (SOUZA, 1981, p. 84).

¹² idem

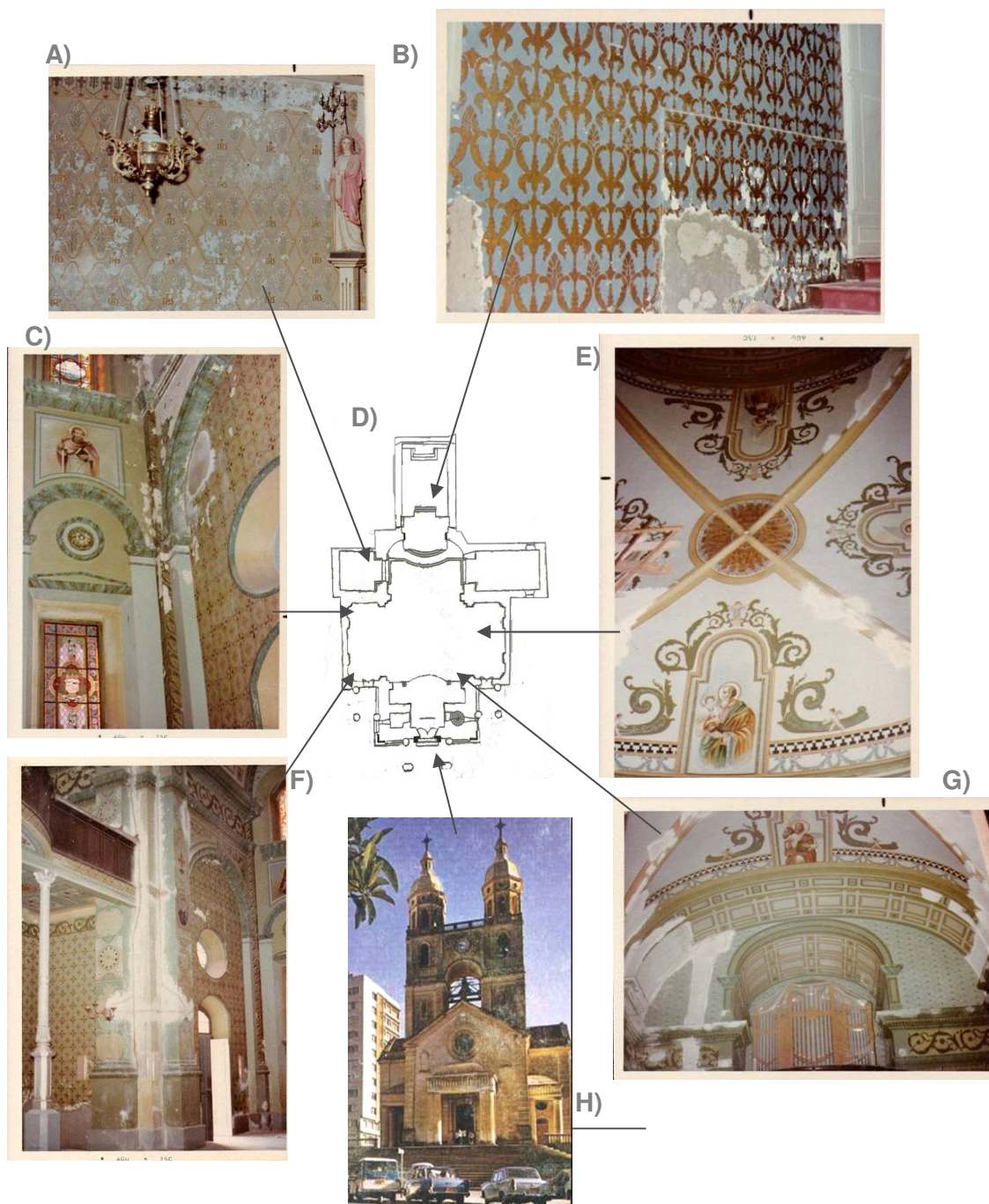


Figura 59- Conjunto de imagens interna e externa da Catedral antes da reforma de 1974:

- A eB) detalhe da parede lateral da Capela-Mor
- C) Nave Central- paredes laterais direita
- D) Planta baixa esquemática
- E) Nave Central- pintura no forro em estuque
- F) Nave Central- coluna e paredes laterais direita junto ao coro e a entrada lateral
- G) Nave Central - parede do Coro e entrada lateral
- H) Fachada frontal da Catedral- década de 1970

Autor da Fotografia: Foto B

Fonte: de A a G) Acervo do Pe. Pedro José Koehler-1974

H)Acervo Prosul- 2005



No relatório enviado por Osmar Marcos Grubba, Arquiteto e Coordenador Estadual do Patrimônio e Artístico, era recomendado que fosse contratado um técnico para investigar “se por baixo das pinturas atuais não existia algo de valor artístico”. E continua “as pinturas em vista da ingenuidade de sua execução, com deformações primárias, não possuem nenhum valor artístico”. Assume que cabe a eles a “responsabilidade de sugerir [...] novas cores[...] para o seu interior. Transcrevo do LIVRO tomo V (1943-1978, p. 77 e 77v), as recomendações do Sr. Osmar Marcos Grubba, como Coordenador Estadual do Patrimônio e Artístico :

- a) paredes e forro: depois de restaurados e lixados[...] preparado com massa fina para receber a nova pintura. Esta seria aplicada com tinta a óleo no tom azul bem claro e fosco;
- b) frisos (cornijas) e demais saliências:depois de previamente estudados, seriam pintados no tom azul médio, fosco;
- c) altares: pintados no tom gelo, com tinta a óleo brilhante e repintando-se também os frisos dourados;
- d) piso: substituído por lajota cerâmica em tom marfim[...] com desenhos estilizados e cores neutras, lembrando o colonial;
- e) piso do Altar-Mor: revestido com carpet na cor vermelhão.

Na figura 60 observam-se dois procedimentos de intervenção acontecendo ao mesmo tempo: as paredes sendo repintadas e a remoção do piso.

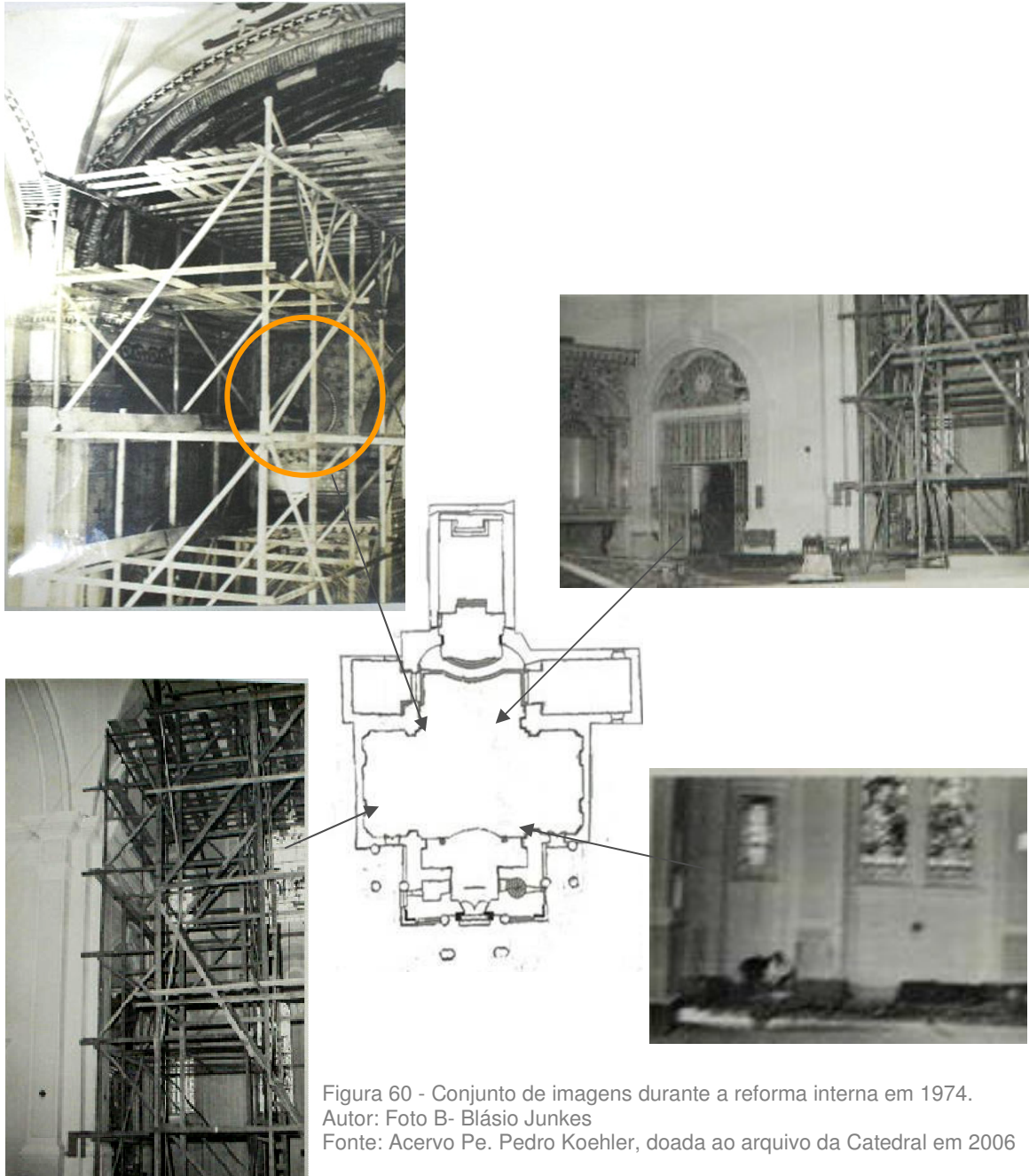


Figura 60 - Conjunto de imagens durante a reforma interna em 1974.
Autor: Foto B- Blásio Junkes
Fonte: Acervo Pe. Pedro Koehler, doada ao arquivo da Catedral em 2006



5.6 INSTALAÇÃO DA APARELHAGEM ELETRÔNICA

A instalação de aparelhagem eletrônica na Catedral foi uma inovação tecnológica para a edificação, instalando condutores elétricos e microfones, adquirindo aparelhagem nova de alto falantes e reparando o quadro de controle e transmissão de som para os ambientes.

A instalação foi executada por Osnilo Amorim da empresa “Contempo”. A instalação existente já apresentava problemas, pois foi utilizada uma fiação embutida nas paredes sem canaletas isolantes (Fig. 61). Além disso, é um sistema interligado de circuito fechado, então, se desativar uma das caixas de som ou ocorrer alguma falha em algum ponto da fiação, o sistema não funciona. Osnilo¹³ (informação verbal), declara não haver outra forma de fazer a instalação sem usar aquela já existente, pois alterá-la danificaria as paredes históricas além de ter um custo elevado na instalação.

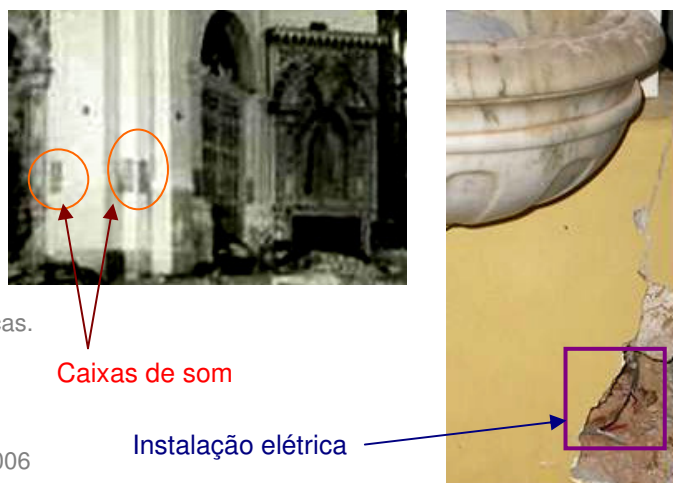


Figura 61 - Imagens das instalações eletro-eletrônicas.

- A) Nave Central- paredes laterais direita
- B) fiação abaixo da Pia de água benta, na entrada lateral direita

Autor: Foto B- Blásio Junkes

Fontes: Acervo Pe. Pedro Koehler- 1974/ autora- 2006

Caixas de som

Instalação elétrica

5.7 MANUTENÇÃO E PEQUENOS REPAROS NAS TORRES E NA COBERTURA

As áreas das torres apresentavam degradações originadas do desgaste natural com o envelhecimento dos materiais construtivos e também pela ação das chuvas e da maresia.

A intervenção na pequena abóbada da entrada da Catedral ocorreu devido à infiltração da água que se acumula no patamar localizado atrás do frontispício triangular da fachada principal.

¹³ Osnilo Amorim na Catedral Metropolitana de Florianópolis, em novembro de 2007, durante a execução das obras pela empresa Concrejato. Declaração fornecida quando efetuava serviços de reparo nas instalações elétricas antes do evento comemorativo para entrega da primeira etapa das obras realizado em 08 de dezembro de 2007.



Recuperação parcial do telhado e madeiramento, com limpeza e reparo nas calhas e condutores.

5.8 PINTURA EXTERNA DA EDIFICAÇÃO

A pintura externa foi feita em todas as fachadas, não está especificado qual o tipo da tinta utilizada.

Essa reforma foi coordenada pelo mestre-de-obras, Sr. Junckes, e o mestre pintor- Sr. Carlos Auflen, com seus operários. Também houve a participação do DAE (Departamento Autônomo de Edificações-Órgão do Estado de Santa Catarina) que colaborou com seus funcionários, Olavo Fontana Arantes, Adevaldo Pinto Pereira e operários; da Construtora Geisa, Osny Berreta e Lineo Machado (LIVRO tomo V, 1943-1978, p. 74).

Em dezembro de 1975, como consta em matéria de jornal, foram “concluídos os trabalhos de recuperação” (Jornal de Santa Catarina, 5 de julho de 1975). Quanto a esta reportagem, Pe. Pedro¹⁴ se refere ao termo recuperação utilizado pelo jornalista e diz: “Seria melhor se ele usasse o termo restauração”.

Assim sendo, depois de todas essas intervenções, do piso ao teto da Catedral, na noite 21 de dezembro de 1975, em missa solene, as obras na Catedral são inauguradas e ela é reaberta ao público, após dezessete meses.

Outra contribuição do Padre Pedro foi regularizar a escritura da Catedral, pois até 1975 ela não tinha escritura do terreno. Foi movido um processo judicial de usucapião para regularizar e legalizar a posse do terreno em que se encontra a Catedral.

De acordo com os registros encontrados, depois das obras realizadas do teto ao piso, entre 1974 e 1975, a Catedral passará por um período de oito anos sem reformas, para mais tarde novamente passar por obras pontuais.

¹⁴ KOEHLER, Pe. Pedro José. Entrevista gravada na Casa da Memória em 18 de agosto de 2005.

6 INTERVENÇÕES E RELATÓRIOS: de 1983 a 2003

Este capítulo relata o que ocorreu de 1983 até 2003. São principalmente obras de manutenção e acréscimos pontuais na edificação.

6.1 PINTURA EXTERNA DE 1983

No ano de 1983, mais precisamente em 09 de maio, a Catedral recebe novamente uma pintura externa. Foi uma obra custeada pelo Governo do Estado de Santa Catarina e realizada pelo DAE- Departamento Autônomo de Edificações, autorizado pelo Diretor Odilon Furtado e seus auxiliares, Antônio Martendal e Orlando Teixeira. O executor da pintura foi o Sr. Agenor da firma “Noé”. A pintura que foi aplicada em todas as fachadas, era de tonalidade branca, contudo não há especificação do tipo da tinta aplicada (LIVRO tomo VI, 1979-1987, p. 25v).

O Governador Esperidião Amim manifestou-se em relação à pintura da Catedral, dizendo: “faço questão de pintar a Catedral por fora, aliás, por dentro ela está bem bonita com a última reforma e pintura” (LIVRO tomo VI, 1979-1987, p. 25v).

6.2 AMPLIAÇÃO DO “LARGO DA CATEDRAL” - 1985

Nesse ano a Prefeitura Municipal de Florianópolis retira os paralelepípedos da rua lateral, a Padre Miguelinho, substituindo-os por “petit pavê”, para a implantação do “Largo da Catedral” na calçada que a circunda. Com isso ocorre o afastamento da circulação dos automóveis transformando aquele local em “calçadão”, promovendo a humanização do espaço.

Esse trecho do “calçadão” compreende a área frontal e lateral até a entrada administrativa da Catedral, permanecendo a Rua Anita Garibaldi para o tráfego de veículos. Mais tarde, em 2006, quando a Prefeitura Municipal de Florianópolis faz a aquisição do prédio do Governo do Estado para a transferência da Câmara de Vereadores, será agregada ao “Largo da Catedral” a rua Anita Garibaldi, prolongando a área de “calçadão”.

A alteração valorizou e humanizou a área central, deixando o entorno imediato da Catedral mais acessível e agradável aos usuários. Essa mesma solução poderia ser adotada para a



lateral direita, a Rua Arcipreste Paiva, diminuindo o tráfego de veículos e ampliando o “Largo da Catedral”.

6.3 O PRÉ-PROJETO DE 1987

Em agosto do ano de 1987, Pe. Pedro apresentou um pré-projeto, no qual pretendia retirar o salão do segundo pavimento da Sacristia, “voltando ao estilo original, ou seja, sairia o que foi acréscimo posterior”. A outra sacristia “não seria demolida somente restaurada” (LIVRO tomo VI, 1987-1993, p. 04).

No lugar da Casa Paroquial seria construído um edifício de nove pavimentos, onde hoje se encontram algumas dependências da Catedral mais o prédio do Cine Roxi. Além da proposta de se construir o prédio haveriam várias salas para uso da Catedral, para locação e obtenção de uma fonte de renda. O “ante projeto” feito por René Gonçalves e Olavo Arantes, compreendia o projeto do prédio “com levantamento dos custos e a procura de empresa para a permuta do potencial construtivo do terreno da Catedral por área construída” (LIVRO tomo VI, 1987-1993, p. 04). Esse assunto foi por muito tempo debatido, desde setembro de 1987 a janeiro de 1990, quando o IPUF faz o tombamento do Cine Roxi, inviabilizando a proposta da construção do prédio, e portanto, abortando o projeto.

Pe. Pedro também tenta intervir na rampa lateral direita, feita por Tom Wildi em 1934, junto a Rua Arcipreste Paiva, com escavações junto à escadaria para edificar uma pequena lojinha de produtos religiosos, que serviria como fonte de renda para custear as despesas da Catedral. Mas a obra é embargada pelos órgãos de fiscalização do patrimônio histórico do município.

6.4 INTERVENÇÕES DE 1993

Este ano compreende obras de conservação pontuais e alguns acréscimos, como:

a) A Conservação dos Vitrais: os materiais construtivos da edificação vão se alterando e fragilizando-se com o passar do tempo, principalmente pela ação do intemperismo. É o caso dos vitrais artísticos contemplados nesse ano por projeto de restauração.



A restauração foi feita pela empresa de São Paulo, Companhia Comercial de Vidros do Brasil - Casa Conrado, a mesma que os fabricou na década de 40. Esse processo ocorreu de março a dezembro. Com o objetivo de recuperar e reconstituir as partes dos vitrais danificados pela ação do tempo, vibração causada pelo trânsito na lateral da edificação e por ações de vândalos que haviam quebrado alguns vitrais ao jogarem objetos e pedras contra a edificação.

b) Aquisição do Lustre: em setembro ocorre a inauguração de um lustre moderno, fixado no centro da abóbada da nave central, adquirido em São Paulo, como doação do Governo do Estado. Esse lustre encontra-se ainda em uso, só que seu aspecto destoava, do conjunto arquitetônico.

c) Supressão do Anexo na Escadaria Frontal: nesse mesmo período foi extinta a “pequena livraria” que se localizava na escadaria frontal da Catedral. Ela tinha aspecto improvisado e não condizia com a fachada do edifício. Essa lojinha de produtos religiosos foi transferida para o térreo do edifício Dom Joaquim, na lateral esquerda, junto ao “Largo da Catedral”, um local com aspecto mais agradável e organizado.

d) O Falecimento do Arcebispo: na madrugada do dia 30 de setembro, faleceu o Arcebispo da Arquidiocese de Florianópolis, Dom Afonso Nihues, no retiro do clero, em Brusque. Transladaram seu corpo no final da tarde, para ser velado na Catedral. Após ser velado foi sepultamento na Capela de Nossa Senhora das Dores.

Esse fato é aqui relatado, devido a colocação de mais uma lápide próxima ao Retábulo da N. Sr^a. das Dores. A Capela passa a ter nesse momento, duas lápides, a de Dom Joaquim na lateral esquerda e a de Dom Afonso na lateral direita.

6.5 ACRÉSCIMOS E INTERVENÇÕES - 1995

Durante esse ano aconteceram obras de acréscimos, tais como:

a) Altares e Retábulos: nesse período a Catedral estava sob os cuidados do Cura Pe. José Artulino Besen, que permaneceu no cargo de 1993 a 1999. Durante sua atuação na Catedral propiciou a ocorrência de obras nos altares e retábulos. Ele relata que:

[...] durante a intervenção nos altares e retábulos foram emassados e folhados a ouro por Osvaldo Zanini a mesma coisa que repetimos em 1995. Alguns querem descobrir neles a pintura original: encontrarão madeira lixada.



Basta olhar a documentação dos arquivos para perceber que tudo na catedral foi mexido primeiro em 1920-1922 e depois em 1937-1939 (BESEN, 2006)

Os procedimentos executados durante essas obras conforme a descrição e os registros fotográficos¹⁵ foram o: lixamento das superfícies dos retábulos, aplicação de impermeabilizante e preenchimento das áreas faltantes com massa a base de gesso. Para o douramento foi aplicado um produto, aparentemente uma tinta comercial, de tom avermelhado na cor bordô, como se fosse o “bolo armênio”¹⁶; no caso da aplicação como base para a folha de ouro, ou seja o “bolo armênio”, esse não seria o material indicado para ser utilizado. Após foi aplicado um produto para a adesão da folha de ouro, o mordente; e antes que esse secasse, aplicou-se a folha de ouro¹⁷, fixando-a sobre a tinta bordô (Fig. 62). Como proteção à folha de ouro, foi usado um produto a base de laca saturada sobre o douramento, como acabamento. Para deixar um aspecto envelhecido, aplicou-se um produto a base de betume e óxido de ferro sintético¹⁸.

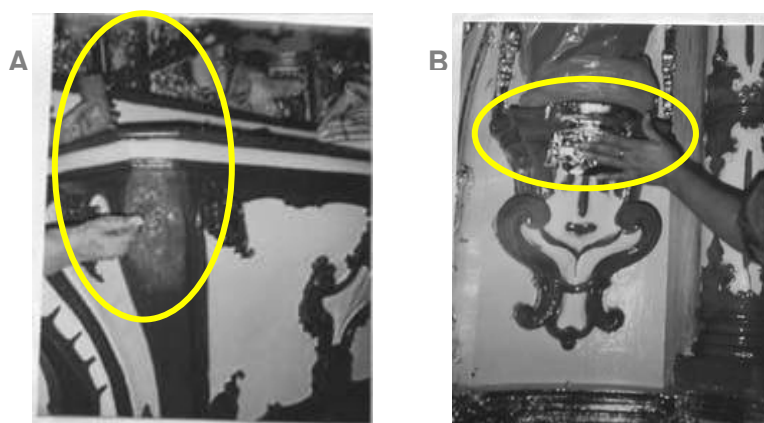


Figura 62 - Imagens sobre o processo de intervenção nos retábulos. Nos destaques: A) aplicação do mordente sobre o produto de cor bordô, no altar do retábulo B) colocando a folha de ouro sobre o mordente
Fonte: DaLma Lúcia Mendes- Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo/ UFSC- Disciplina: Materiais e Técnicas Construtivas -1995

¹⁵ Dalma lúcia Mendes - documenta o processo de restauração nos retábulos para a disciplina de Materiais e Técnicas Construtivas IV- Curso de graduação da Arquitetura/ UFSC, em 29 de maio de 1995.

¹⁶ Bolo Armênio –mistura de argila e óxido de ferro, com aparência aveludada, usada para o douramento com folhas de ouro. Funciona como camada de isolamento entre a base de preparação o gesso e a folha de ouro.Fonte: ROSENFELD, Leonora Lerer. Glossário Técnico de Conservação e Restauração em Pintura. Porto Alegre: Universidade Editora/ UFRGS, 1997.

¹⁷ Dalma lúcia Mendes - documenta o processo de restauração nos retábulos para a disciplina de Materiais e Técnicas Construtivas IV- Curso de graduação da Arquitetura/ UFSC, em 29 de maio de 1995.

¹⁸ idem



Ao tomar conhecimento da execução da obra o órgão responsável pela preservação no município – IPUF/SEPHAN¹⁹ considerou os procedimentos de intervenção que estavam sendo executados eram inadequados, interditando a obra. O embargo das obras perduraria até que fosse apresentado o respectivo projeto de restauração. Mas, devido as pressões externas foi feito um acordo entre os executores da obra, o Pároco e o Órgão de Preservação, para conclusão do trabalho; os trabalhos prosseguiriam mas sem lixar ou decapar os demais retábulos.

O retábulo que realmente foi o mais prejudicado com essas ações incisivas de perdas das camadas históricas e da folha de ouro original na decapagem das camadas existentes, foi o Retábulo-Mor. Já os outros retábulos, recebem a aplicação sobre as camadas existentes sem decapá-las.

A continuidade das obras teve o acompanhamento dos órgãos de fiscalização, controlando, de certa maneira, as aplicações de material não indicado nos processos de conservação e restauração em obras sacras.

Outro fato que gerou preocupação foi à aplicação de produtos de difícil reversibilidade, ou seja, que possam ser removidos nos processos de restauração futuros sem prejudicar o material original. Os produtos aplicados nessa intervenção não possuíam características e comportamentos semelhantes aos materiais originais, é o caso da massa epóxi aplicada como acréscimos ornamentais nos bens integrados (Fig. 63), altares e retábulos, inclusive nos bens móveis.

Na Carta de Veneza de 1964, há orientações em relação a esses procedimentos recomendados, que só devem ser executadas ações que conservem e revelem os valores estéticos e históricos, respeitando os materiais originais e o princípio no qual, toda restauração termina quando começam as reconstituições conjecturais; também considera que, a conservação e a restauração do patrimônio têm como objetivo salvaguardar, tanto a obra de arte quanto seu testemunho histórico. A Carta de Restauro de 1972 corrobora essas recomendações proibindo, indistintamente, aditamentos de estilos ou analógicos, inclusive de forma simplificada (CURY, 2000). Isso reforça a crítica às intervenções efetuadas por profissionais que não são da área de conservação-restauração de bens culturais.

¹⁹ Ofício 0077/95 de 09 de março de 1995, endereçado ao Pároco da Catedral



As ações executadas objetivaram somente a recomposição estética e não a preservação histórica.



Aplicação de ornamentos de massa epóxi com pintura dourada sobre o nicho de São Judas Tadeu

Figura 63 - Nicho de São Judas Tadeu na Capela de N. Sr^ª. das Dores. Aplicação com massa epóxi para fazer os ornamentos dourados. Fonte: da autora- 2005

A figura 64 apresenta o resultado nos retábulos. A inauguração dessas obras aconteceram, em fevereiro. Em novembro, foi a inauguração na Capela do Santíssimo Sacramento e nos demais altares e retábulos.



Figura 64- Retábulo-mor da Catedral após as intervenções de 1985. Fonte: da autora-1996

b) Altar de Mármore da “Fuga para o Egito”: foi construído, no mês de maio, um novo altar em mármore, para sustentar e facilitar a visibilidade devocional do conjunto sacro da talha “Fuga para o Egito”, que se localizava na lateral direita da Nave Central em posição transversal à lateral do Retábulo de São José (LIVRO tomo VI,1993-1999, p. 04). No momento, a talha “Fuga para o Egito” foi transferida para a Capela de N. Sr^ª. das Dores e o altar de mármore está sendo ocupado pelo esquife do Senhor Morto.

c) Piso do Presbitério: O piso que dá acesso ao Presbitério, na entrada da Capela-Mor, foi substituído por degraus de mármore com uma pequena plataforma na qual se localiza o altar de celebração. Quanto aos degraus e o assoalho de madeira, que datam 1851, permanecem os mesmos.



Essa obra foi executada pelo estudante que cursava a segunda fase da graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, Luiz Chang, em 30 de janeiro de 1995 (LIVRO tombo VI, 1993-1999, p. 02).

d) Pintura e Iluminação Externa: Em dezembro foram executadas mais obras pelo paulista Bottura, como: pintura interna e externa. Nos registros pesquisados, só foi encontrada essa informação, não constando o nome completo do executor das obras, somente “Bottura”.

As obras realizadas tinham o objetivo de valorizar e embelezar a edificação, como também destacar o acervo sacro da Catedral, “a nova iluminação vai permitir que as cores exatas sejam mantidas, já que as luzes habituais chegam a deixar o dourado esverdeado”, afirmação do Pe. José Artulino Besen ao Jornal “O Estado” em dezembro de 1995.

Essa reforma foi financiada pela Prefeitura, com o patrocínio da AFLOV- Associação Florianopolitana de Voluntariado (Fundação Educacional Maçônica- a cargo da Maçonaria Catarinense) e do Sistema Catarinense de Comunicação – TV SBT, Sucursal do Sistema Brasileiro de Televisão. Para a recuperação da partes externas, inclusive a colocação de mais uma camada de argamassa de cimento como revestimento da escadaria de acesso frontal, foi feito um convênio entre a Superintendência do Sistema Catarinense de Comunicação (SCC), Marcelo Petrelli, o Prefeito Sérgio Grando e a Presidente da AFLOV, Cleide Grando e o Pe. Bessen” (O Estado, 1995).

Para valorizar a arquitetura da edificação e também a sua pintura recente, foi introduzida nova iluminação externa na Catedral, que teve o financiamento da Prefeitura Municipal de Florianópolis (LIVRO tombo VI, 1993-1999, p. 04) e foi inaugurada em 22 de novembro junto às festividades do dia da Padroeira Santa Catarina, dia 24 de novembro.

e) As Chuvas de Dezembro: no dia 24 de dezembro ocorrem problemas nos telhados da Catedral, salas anexas à igreja e Casa Paroquial, em decorrência das fortes chuvas, provocando graves danos aos telhados da Catedral e suas dependências, com infiltrações. Essa ocorrência fez com que fosse iniciado um processo de reparo nas coberturas, em 19 de março de 1996 (LIVRO tombo VI, 1993-1999, p. 04).

f) Melhoramentos no Carrilhão dos Sinos: com o objetivo de melhorar a maneira de acionar o Carrilhão dos Sinos da Catedral, foi instalado um novo sistema de acionamento, inaugurado em 25 de novembro, obra executada pela empresa “Matusalém”, de Uberaba -



Minas Gerais. O novo equipamento permitiu que os sinos fossem movimentados através de um sistema eletrônico de programação de toques, acionado e controlado da Sacristia. Isso facilitou a programação do toque dos sinos, pois antes só eram acionados manualmente. A aquisição e instalação do sistema tiveram o financiamento da Prefeitura Municipal de Florianópolis (LIVRO tomo VI, 1993-1999, p. 04).

6.6 PROJETO E OBRAS DAS ARQUITETAS - 2000

As arquitetas: Andréa Hermes Silva, Sílvia B. Spricigo Vieira e Tatiana Filomeno Vaz são as responsáveis pelas obras iniciadas em agosto de 2000 e que se estenderam até fevereiro de 2001.

Tais obras tiveram a fiscalização dos órgãos de preservação, estadual e municipal. Com base no projeto de restauração foram enviados os dados em relatórios ao IPUF/SEPHAN e à Fundação Catarinense de Cultura- Diretoria de Patrimônio. A seguir serão transcritas as etapas:

a) Diagnóstico e Obras na Cobertura: as arquitetas constataram que em obra anterior, talvez em 1974, foi feito um tabuado entre as telhas e as tesouras, para evitar a infiltração das águas das chuvas. Só que essa ação tentando ser benéfica, infelizmente, provocou efeitos patológicos, pois com o acúmulo de umidade no tabuado que se estendeu para o madeirame da cobertura provocou o apodrecimento da madeira e a proliferação de insetos xilófagos. Também foram encontradas marcas de carbonização nas madeiras “causadas pelo aquecimento das telhas” nos horários de calor intenso. Essas marcas podem ser observadas no detalhe da figura 65.



Figura 65 - Imagem da cobertura da Catedral, no destaque mancha de carbonização- 01/08/2000. Acervo FCC- Dir. de Patrimônio/ Relatório: fev./2001

A **Carta de Veneza** elaborada no II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos, em maio de 1964, se refere no Art. 6º- que a:



Conservação de um monumento implica a preservação de um esquema em sua escala. Enquanto subsistir, o esquema tradicional será conservado, e toda construção nova, toda destruição, e toda modificação que possa alterar as relações de volumes e de cores serão proibidas. (ELIAS, 2002 apud CALDEIRA, 2007).

No relatório consta que em função dessa adaptação, que não alterou o volume ou as cores como se refere a Carta de Veneza, mas que introduziu um novo elemento, houve alteração da funcionalidade do esquema tradicional, sendo assim o telhado foi profundamente modificado em toda a área que vai da fachada do edifício até o fim do transepto. Do transepto até o Arco Cruzeiro se manteve a solução original da cobertura. Para melhor análise as arquitetas dividiram os telhados em dois trechos, descrevendo os sistemas encontrados e aqui apresentados de forma resumida:

Trecho 1- telhado da nave central, que vai da portada até o fim do transepto²⁰.

Toda a concepção do telhado foi alterada, substituindo-se a tradição original da arquitetura luso brasileira por uma nova estrutura, baseada em grandes tesouras. A mesma solução foi adotada ao longo das novas capelas introduzidas nas laterais da nave. As tesouras suportam terças e cumeeiras e sobre elas se apóiam os caibros, de bitolas mais recentes. Ao destelhar o trecho frontal do transepto direito, verificou-se o péssimo estado da ponta do rincão e o frechal, assim as arquitetas sugeriram que fosse feita uma emenda na peça, mas o mestre de obras alertou para o risco, pois essa peça sustenta o forro, e qualquer problema nela pode acarretar queda no forro de estuque.

O trecho 1 é coberto por um tabuado fixado sobre os caibros e sobre o qual estão pregadas as ripas. Essa solução inusitada, para a arquitetura brasileira, se por um lado confere rigidez e homogeneidade ao conjunto da cobertura, por outro prejudica a ventilação do telhado e impede o acesso às telhas, obrigando que qualquer reparo seja feito sobre o telhado.

Trecho 2- fim do transepto até o Arco Cruzeiro²¹.

Não foi possível acessar o telhado da Capela-Mor. A solução foi manter cumeeira, terças e frechais, além de boa parte dos caibros ainda falquejados. Nesse setor, a área livre do telhado sobre a qual se caminha, é formada pela linha alta que auxilia a estruturação da tesoura do telhado.

²⁰ Relatório – Acompanhamento de obra- Arquitetas: Andréa Hermes da Silva, Sílvia B. Spricigo Vieira e Tatiana Filomeno Vaz . Florianópolis Fev.-2001. Fonte Arquivo FCC- Diretoria de Patrimônio- 2006

²¹ Idem



Constatou-se séria degradação em uma das pernas mestras da tesoura que forma a cobertura de uma das laterais apresentando-se como o ponto mais degradado de toda cobertura. O madeiramento que é bem mais antigo apresenta diversos pontos de comprometimento avançado. Na verificação da estrutura central da tesoura principal, foi feito o “falquejamento da peça até remover todo o trecho do brancal degradado (fibras da madeira sem resistência- pó fino)”, após o “falquejamento da peça tingida pelo cupim, injetou-se cupinicida (produto escolhido e recomendado, K-Otrine ou piretróide) nessa peça e nas demais peças da cobertura”²². Também foi feita a substituição do frechal por peça da mesma dimensão.

As arquitetas registraram no relatório as áreas que sofreram intervenções inadequadas (Fig. 66) e apesar dos problemas diagnosticados fizeram a seguinte observação: “quanto a conservação, pode-se dizer que a estrutura do telhado apresenta estado geral satisfatório, existindo poucas marcas de infiltração de água e relativamente poucos pontos onde se evidencia a ação de cupins”²³. Segundo as profissionais, o escoamento das águas pluviais é o principal problema da cobertura, devido ao dimensionamento incorreto das calhas e dutos, agravado quando ocorrem chuvas fortes. Esse defeito decorre do fato de:

Ter-se iniciado o telhamento pela cumeeira, prática que leva a problemas freqüentes no setor mais sensível dos telhados: as calhas e os beirais. O caso da matriz é típico: iniciando pela cumeeira, não se conseguiu que a conclusão dos telhados liberasse o espaço desejável para o correto escoamento do grande volume de água captado pelos telhados e despejados nas calhas. Verifica-se que todas as calhas são estreitas em demasia, proporcionado o acúmulo de água e provável vazamento para o interior do edifício. O subdimensionamento das calhas , é agravado pela inexistência de rufos ao longo das linhas de escoamento das água, ampliando a umidade transmitida para as paredes²⁴.

²² idem

²³ idem

²⁴ idem

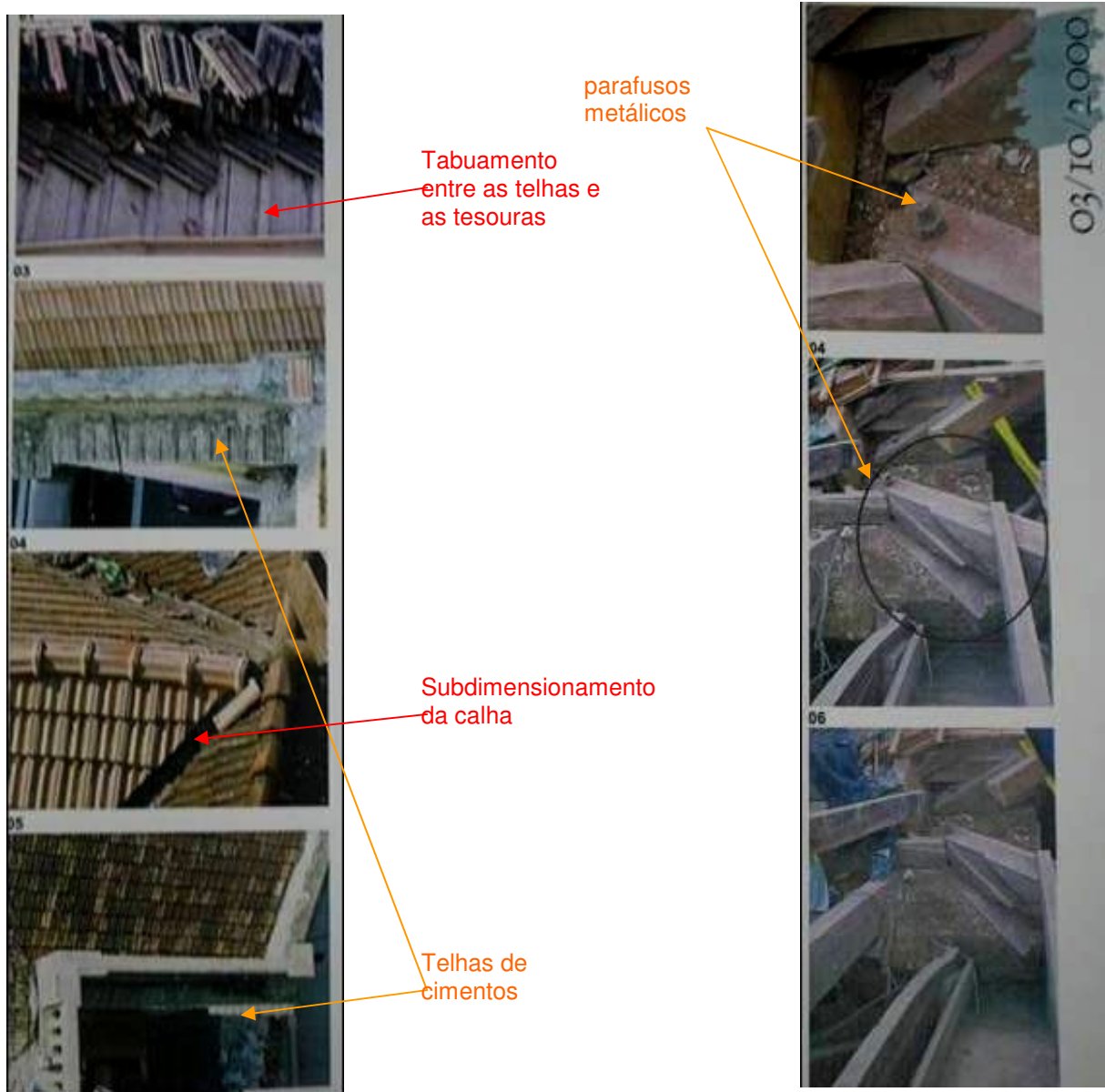


Figura 66 - Conjunto de imagens do diagnóstico da Cobertura- 03/10/2000
Acervo FCC- Diretoria de Patrimônio (relatório fev/2001)



Elas realizaram a inserção de peça metálica na perna da tesoura, recomendada pela consultoria feita ao engenheiro da Empresa de construção civil- “Zita”, na reunião do dia 24 de outubro de 2000. Essa peça (Fig. 67), foi somente pregada na perna frontal direita, não foram colocados parafusos atravessando a peça, procedimento esse acordado previamente pelas profissionais e os órgãos de fiscalização²⁵.



Figura 67 - Imagem da peça metálica inserida na perna da tesoura- 04/10/2000
Acervo FCC- Dir. de Patrimônio (relatório fev/2001)

Substituíram as telhas na Capela-Mor (Fig. 68), e na lateral direita do transepto da nave. Retiraram o tabuado da cobertura que estava entre as telhas e a estrutura de madeira, permitindo assim a ventilação no telhado. Ampliaram as calhas para melhorar o escoamento das águas pluviais. Quanto à cobertura em telha cerâmica, declararam:

[...] as telhas utilizadas são de cerâmica do tipo “francesa” de modelo recente, presumindo-se que sua fabricação não tenha menos do que 50 anos. Não possuem excepcionalidade e nem qualidade de execução (perceptível pelo aspecto e pelo som característico) nem dimensionado das calhas (usuais nas telhas francesas antigas, que possuem ótima capacidade de escoamento)²⁶.

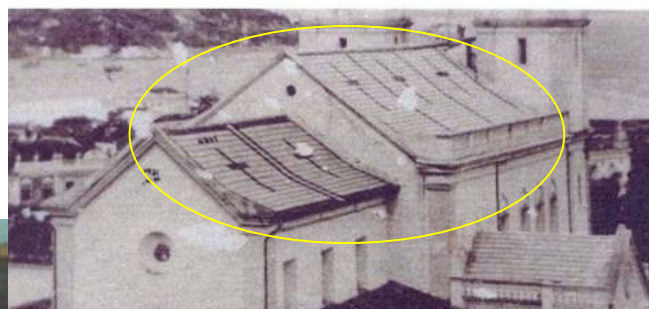


Figura 68 - Visualização do telhado com as telhas novas e antigas. No detalhe como era a cobertura original da Matriz.

Autor foto séc.XIX: George Daux
Acervo Fabiano Teixeira dos Santos
Fonte: IPUF apud Ornato Arquitetura Ltda
Acervo FCC- Diretoria de Patrimônio

²⁵ Relatório – Acompanhamento de obra- Arquitetas: Andréa Hermes da Silva, Sílvia B. Spricigo Vieira e Tatiana Filomeno Vaz . Florianópolis Fev.-2001. Fonte Arquivo FCC- Diretoria de Patrimônio- 2006

²⁶Idem



b) Substituição Parcial do Reboco: em setembro, foi realizada reunião entre as arquitetas executoras e a arquiteta Maria Izabel Kanan do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN, para diagnosticar e programar os procedimentos em relação ao reboco na base da toda a edificação, pois apresentava degradações e infiltração da umidade ascendente. Após coleta e análise microscópica do reboco verificou-se que havia indícios de cal, então foi sugerida a colocação de argamassa a base de cal com areia média grossa, com traço 1/ 2,5 ou 1/3.

Mas antes de aplicar a argamassa foi feita uma visita à Casa D'Itália pelas arquitetas, os técnicos do IPUF e os pedreiros da obra, para verificação do reboco utilizado pelos restauradores italianos naquela restauração.

Com a consultoria da arquiteta e técnica do IPHAN, Izabel Kanan, foi aplicado o reboco começando pela lateral direita da edificação. O procedimento foi umedecer bem a parede antes da aplicação em camadas finas da argamassa. Depois de pronto o reboco e durante o processo de “cura” (eliminação da umidade, ou seja, a secagem) apresentou pequenas fissuras, não consta no relatório qual o procedimento adotado para solucioná-las.

Quanto ao reboco externo, houve a substituição parcial em toda a base da edificação no sentido longitudinal com uma faixa de 2m de altura em média. O reboco utilizado foi de argamassa a base de cal. Esse procedimento ocorreu devido à deterioração causada pela umidade ascendente que havia degradado o reboco próximo a base das estruturas parietais. As áreas em que foram aplicadas parcialmente o reboco (Fig. 69), são: na lateral direita da edificação, junto à calçada da Rua Arcipreste Paiva; na lateral esquerda da nave e da Capela de N. Sr^a. das Dores; e na fachada frontal. Também foi removido o reboco da área posterior, ou seja, a parede de fundos da Capela-Mor, que foi toda decapada (Fig. 69), ficando apenas o óculo na área superior, aparentemente sem ser removida a camada de argamassa antiga (detalhe em amarelo na figura 69). Na área inferior ao ser retirado o reboco foi descoberta a marcação de uma abertura, provavelmente um acesso aos fundos da capela-mor, que encontra-se obstruída por uma parede alvenaria (detalhe em vermelho na figura 69).

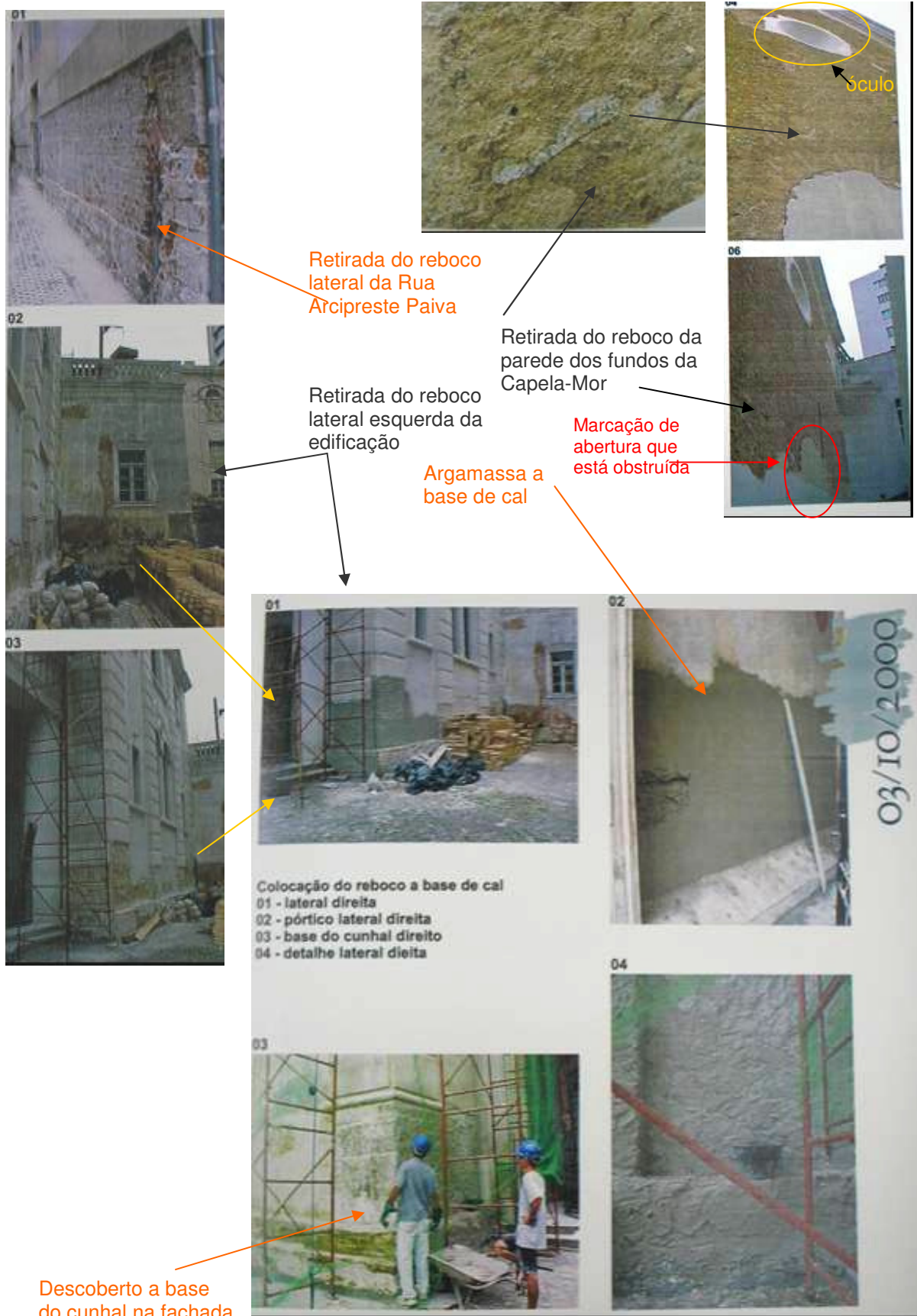


Figura 69 - Conjunto de imagens da retirada do reboco nas laterais da Catedral- 2000
Acervo FCC- Diretoria de Patrimônio (relatório fev./2001)



Durante a retirada do reboco externo encontraram nos cantos da fachada principal as bases originais dos cunhais em cantaria da Matriz de 1773 (Fig. 70), que estavam recobertos pelas argamassas aplicadas ao longo do tempo.

Na reunião para verificação desses cunhais realizada pelo IPUF, FCC e Àtila Ramos, ficou determinado que ficassem aparentes somente a base dos cunhais, com uma placa explicativa desta intervenção, gravada em aço inox (ANEXO H). Mas, essa placa não foi fixada no local, o motivo de não ter sido colocada até o momento não foi esclarecido.

Nessa área dos cunhais foi substituído o reboco, somente no trecho que amplia os cunhais e que foi edificado com tijolos, localizando-se acima da base em cantaria, deixando à descoberto os cunhais originais como testemunho histórico da edificação .



Figura 70- Cunhal esquerdo da fachada da Catedral descoberto durante a retirada do reboco - 2000
Acervo FCC- Diretoria de Patrimônio

Também foi estudada a possibilidade de projeto luminotécnico com o Eng. Marcelo Campelli, para proporcionar uma valorização das obras de embelezamento da edificação, mas essa proposta ficou no papel, não foi executada.

Como etapa final foi executada a pintura externa de toda a edificação. O resultado pode ser constatado na figura 71. Para efetuar essa etapa finalizadora da obra, fizeram a “coleta de mostras da torre esquerda”, na identificação foram encontrados “indícios de tinta à cal amarelo creme (igual a cor atual da Alfândega)”²⁷

O procedimento para a remoção da tinta foi a utilização de removerdor de tinta (da marca suvinil), à raspagem, lixamento. Para optar pelo método mais



Figura 71 - Catedral após a pintura externa
Arquivo FCC- Dir. de Patrimônio-fev/2001

²⁷ Relatório – Acompanhamento de obra- Arquitetas: Andréa Hermes da Silva, Silvia B. Spricigo Vieira e Tatiana Filomeno Vaz . Florianópolis Fev.-2001. Fonte Arquivo FCC- Diretoria de Patrimônio- 2006



eficiente para a remoção as arquitetas e o mestre de obras, visitaram o Country Clube, para análise comparativa da tinta aplicada naquela edificação.

A pintura foi feita com tinta a base de silicato da empresa Ibratim Tintas. Verificou-se a necessidade da retirada total da tinta acrílica existente, pois a aderência do silicato fica prejudicada e diminui sua resistência. Em áreas onde a camada de tinta acrílica estava mais resistente, apresentando manchas visíveis, “houve a necessidade de uma segunda de mão de lixa nestes trechos”²⁸. Foram feitos testes nas cores: Tóquio e Califórnia, optou-se pela segunda nas estruturas parietais e nas áreas de arremate, saliências e ornamentos na cor Alaska.

Cabe mencionar que algum tempo após a aplicação da pintura a base de silicato apareceram manchas na edificação. Na averiguação das causas constatou-se que o removedor comercial utilizado para a remoção da tinta acrílica e demais camadas de tintas antigas, não havia sido totalmente retirado, e seus resquícios reagiram depois da secagem da tinta, provocando manchas.

6.7 ACESSO A ALA ADMINISTRATIVA - 2001

Para facilitar o acesso e a circulação na ala administrativa da Catedral, foi construída uma escadaria na lateral esquerda da igreja, ao lado da Capela de N. Sr^a. das Dores, próximo a rampa do adro, (Fig. 72). Essa obra também teve como responsáveis a equipe das Arquitetas: Andréa Hermes Silva, Sílvia B. Spricigo Vieira e Tatiana Filomeno Vaz.



Figura 72 - Imagens do acesso lateral da Catedral.
Destaque para a escadaria de acesso a ala administrativa
Fonte arquivo Gerência de Patrimônio/FCC

²⁸ Relatório – Acompanhamento de obra- Arquitetas: Andréa Hermes da Silva, Sílvia B. Spricigo Vieira e Tatiana Filomeno Vaz . Florianópolis Fev.-2001. Fonte Arquivo FCC- Diretoria de Patrimônio- 2006



A Gerência de Patrimônio Estadual aprovou a referida obra, emitindo parecer favorável observando que tal adição “não acarretará danos ao bem tombado ou ao seu entorno” e sugere que “seja usado piso antiderrapante”²⁹. A obra foi executada de acordo com o projeto aprovado pelos órgãos de preservação e fiscalização do patrimônio, correspondendo à funcionalidade prevista, vindo a facilitar os trabalhos administrativos da igreja. Mas, essa obra apresenta alguns problemas; a inclinação do acesso é muito abrupta e o piso que foi utilizado em dias chuvosos fica muito escorregadio, transmitindo uma sensação de insegurança principalmente aos idosos.

Em 2005, quando acontece a interdição da Catedral devido às obras no forro de estuque, esse será o único acesso para a Catedral e demais dependências.

6.8 DESABAMENTO DO FORRO DE ESTUQUE DO ALPENDRE - 2003

No ano de 2003, ocorreu o desabamento da estrutura que sustentava o forro de estuque do alpendre lateral direito, construído após a reforma de 1922. A causa do desabamento foi o apodrecimento da estrutura em madeira utilizada durante a construção do alpendre, na confecção da abóbada de concreto armado, como cobertura do alpendre; e que ficou todos estes anos encapsulada dentro dela (Fig. 73).

Em virtude do desabamento do forro no dia 07 de setembro de 2003, foi acionado os órgãos de preservação que fazem a vistoria do local. A Técnica em Assunto Culturais da Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural/ FCC, Andréa Marques Dal Grande, emite o Parecer Técnico nº027/03 sobre o estado da estrutura e as causas do desabamento com as seguintes constatações, aqui descritas resumidamente:

O forro em estuque era uma estrutura única e vedada, sem alçapão de acesso para o seu interior, como se fosse um encapsulamento. Deste modo, o madeiramento ficou enclausurado nesse ambiente, sujeito a degradações em consequência de umidade e ataque de insetos xilófagos, pois não havia ventilação nem condições de manutenção.

²⁹ Parecer Técnico nº. 07/03- Diretoria de Patrimônio Arquiteta: Andréa Marques Dal Grande. Florianópolis 03/04/2003. Fonte Arquivo FCC- Diretoria de Patrimônio- 2006



Essas condições ambientais provocaram a “degradação do madeiramento de sustentação (supõe-se, tanto do forro, quanto da forma da cúpula de concreto), que ao romper-se levou consigo toda a extensão do forro de estuque”³⁰.

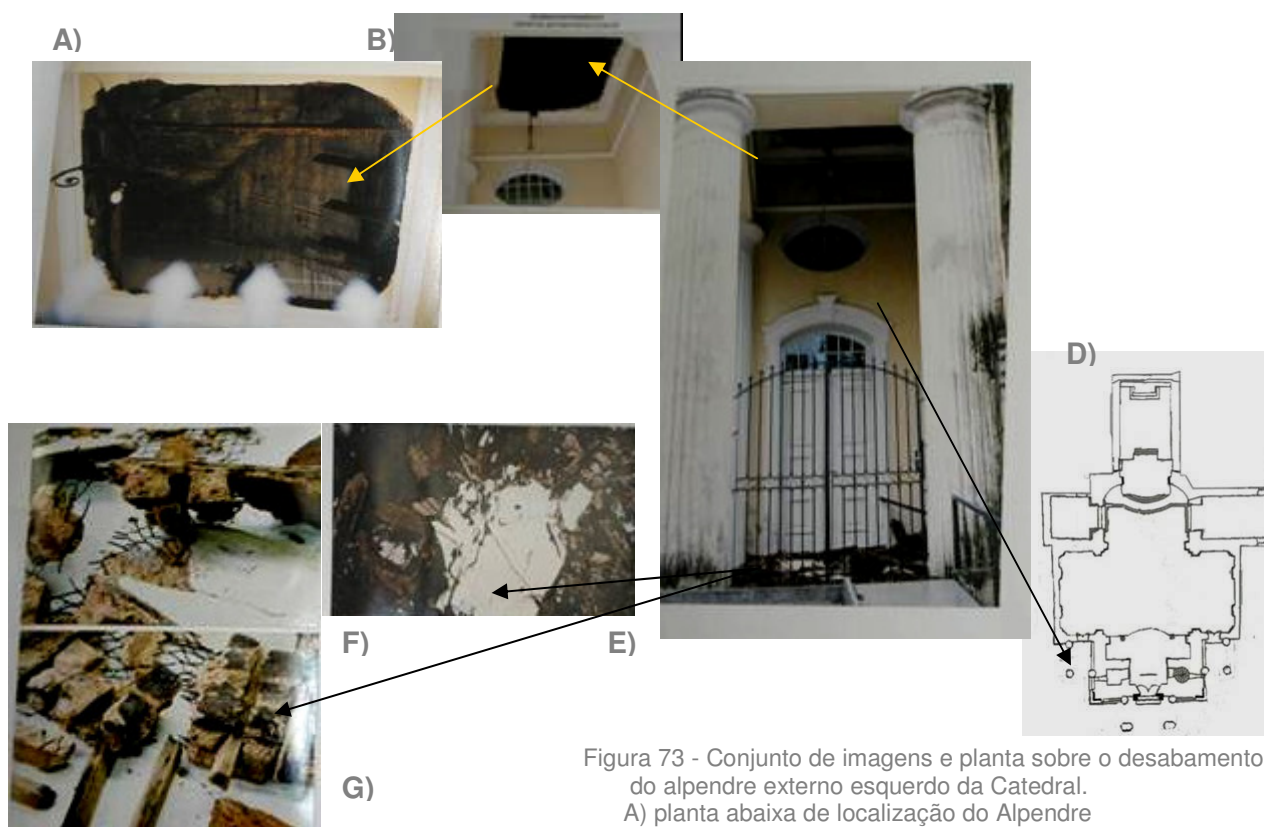


Figura 73 - Conjunto de imagens e planta sobre o desabamento do alpendre externo esquerdo da Catedral.

- A) planta abaixo de localização do Alpendre
- B) visualização do Alpendre direito após o desabamento
- C) visualização do forro do Alpendre direito
- D) visualização do interior do forro do Alpendre
- E, F e G) detalhe dos fragmentos

Fonte: Arquivo Gerência de Patrimônio/FCC e da autora-2001

No exame do material, foi seccionada uma peça de madeira que sustentava o forro, a “peça de maior seção (20X12 cm). Ao serrarmos uma das madeiras verificamos que seu cerne estava tomado por galerias de cupins” (Fig. 74) encontrava-se “apodrecido e pulverolento”, e grande quantidade do material apresentava “ação de fungos na decomposição das fibras de madeira”. O “forro de estuque propriamente dito apresentava melhor estado de

³⁰ Parecer Técnico nº. 07/03- Diretoria de Patrimônio Arquitecta: Andréa Marques Dal Grande. Florianópolis 03/04/2003. Fonte Arquivo FCC- Diretoria de Patrimônio- 2006



conservação, possuía ainda coesão da argamassa (cal e argila)”. A tela de metal que compunha a estrutura apresentava “baixa oxidação e ainda possuía resistência à flexão”.



Figura 74 - Infestação de insetos xilófagos no ripamento do forro do alpendre.
Fonte: Arquivo Gerência de Patrimônio/FCC

Constatou-se que nos trechos de ripamento degradados, a umidade se dava de “dentro para fora (o miolo apodrecido)”. E quanto à madeira utilizada como caixaria na estruturação do forro e que ficou interna, era de “baixa qualidade”³¹.

O tipo de forro em estuque executado nestes alpendres é feito com tela, que se chama: “déployer”. Ele tem uma estrutura diferenciada e um tanto porosa pela constituição do material com argamassa a base de cal e pó de tijolo. É peculiar sua forma de construção, através de ripamento em madeira, com a espessura fina (entorno de 1,5 mm), depois recebe uma camada de argamassa, uma tela (metálica ou de algodão) ou fibras vegetais e conclui com uma camada de argamassa de acabamento. Essa argamassa de preenchimento é denominada de “bolo”. A seguir vemos um exemplar deste forro em “déployer” na figura 75. Que é um fragmento do forro do alpendre externo que desabou e a mesma estrutura do forro de estuque da nave central.

³¹ idem

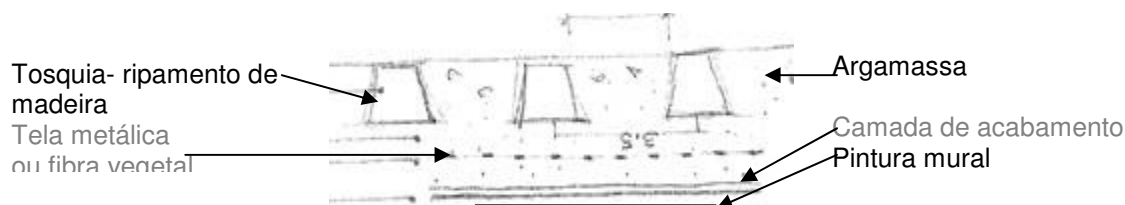


Figura 75 - Conjunto de imagens e esquema gráfico da configuração do forro em estuque.

A) fragmento do forro de estuque (verso), mostrando a estrutura do ripamento, a argamassa e a tela metálica

B) idem (face)

C) desenho esquemático da estrutura do forro de estuque

Fonte: Acervo da autora-2005/ 06

Como análise comparativa entre os alpendres (Fig. 76), não foi possível chegar a uma conclusão, pois no alpendre da lateral esquerda da igreja, não existe o forro. Não há relatos ou registro do que aconteceu, se também foi desabamento. Hoje resta somente um friso de marcação do forro (detalhe da Fig. 76).

Depois da vistoria procedeu-se a retirada dos escombros, colocando posteriormente neste local, um bastidor de madeira com tela de “nylon”, fina, como proteção. Para evitar que o local se tornasse abrigo para pequenos animais. Permanece até hoje desta forma (Fig. 76).

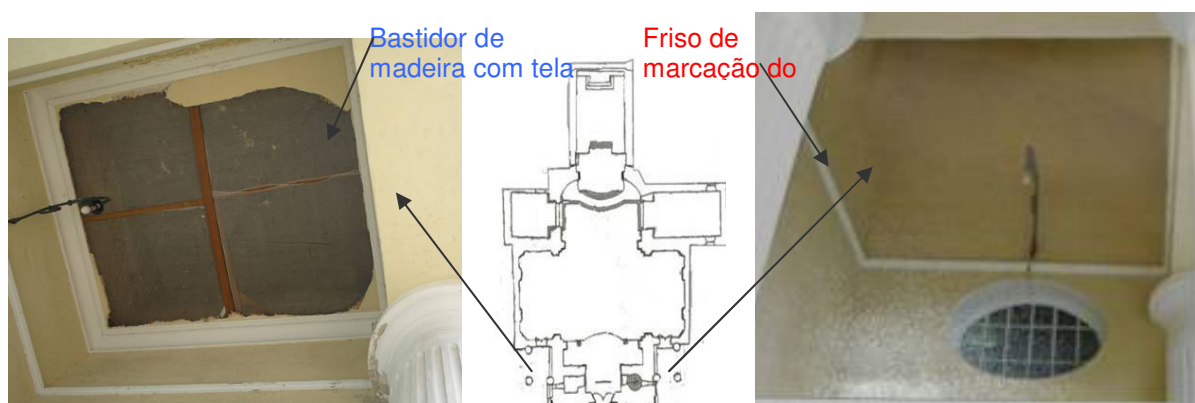


Figura 76 - Imagens e planta localizando os alpendres laterais (esquerdo e direito)
Fonte: Arquivo Gerência de Patrimônio/FCC e Acervo da autora-2001

6.9 VISTORIA DO FORRO DE ESTUQUE DA NAVE CENTRAL

Durante a vistoria do alpendre, e em razão dos problemas detectados nesses, decidiu-se também fazer a verificação do forro da Nave Central. Na oportunidade constatou-se que o mesmo apresentava “fissuras que inspiram uma avaliação mais criteriosa”³². Sugerindo que fosse feita “inspeção técnica no madeiramento de estrutura da cobertura, realizada pelo corpo de bombeiros em parceria com os órgãos de preservação”.

Ainda durante a vistoria foram identificadas “rachaduras nas nervuras das abobadas da união das Capelas laterais com a Nave”, sendo as possíveis causas dessas rachaduras a “oxidação do aço existente”, ou seja, as peças metálicas que foram fixadas na estrutura da cobertura. Percebeu-se, também uma fissura ao longo do Arco Cruzeiro, considerada uma “patologia que requer avaliação e que indica pequena movimentação da estrutura”. Assim foi recomendado o seu “monitoramento através da fixação de espias de vidros”³³.

Outra recomendação é sobre as argamassas, como o “clima da região de Florianópolis “[...] altera radicalmente os gradientes de temperatura e teores de umidade”, ocorre muita

³² Parecer Técnico nº. 07/03- Diretoria de Patrimônio Arquiteta: Andréa Marques Dal Grande. Florianópolis 03/04/2003. Fonte Arquivo FCC- Diretoria de Patrimônio- 2006

³³ Espias de vidro: são lâminas de laboratório colocadas transversalmente à fissura e fixadas com cola ou “massa epóxi nas extremidades” para acompanhar se há movimentação nas estruturas de fundação. Se a lâmina se deslocar ou se desprender com a dilatação das fissuras, fica comprovada a movimentação nas estruturas, caso contrário as estruturas não estão em movimento ou sob risco de desabamento.



oscilação entre a umidade e a temperatura atingindo toda e qualquer estrutura física. As argamassas antigas são mais porosas permitindo que passe por suas estruturas parietais uma grande quantidade de umidade e para facilitar sua entrada e saída, não recomenda-se a utilização de “argamassas de impermeabilização” de “interesse artístico e menos ainda, nas que apresentam forros ou elementos construtivos em gesso”³⁴. O agravante em relação a essa umidade é a saturação da salinização devido à proximidade do mar, que atinge e corroem os materiais.

As fissuras da nave citadas no relatório (Fig. 77) refletem um processo de degradação perigoso, pois envolve a segurança não só da estrutura como das pessoas que freqüentam a Igreja. Essa situação estendeu-se até 2005, quando começaram a cair pequenas partes do forro de estuque da Nave, provocando a interdição do local. Também eram visíveis manchas de colônias de microorganismos, nas áreas degradadas, causadas pelas infiltrações.



Colônia de
microorganismos

Figura 77 - Forro de estuque da nave central da Catedral. Destaque para as fissuras
Local: Nave Central da Catedral acima do coro

Esta será a causa principal do processo de intervenção que acontece a partir de 2005.

³⁴ Parecer Técnico nº. 07/03- Diretoria de Patrimônio Arquiteta: Andréa Marques Dal Grande. Florianópolis 03/04/2003. Fonte Arquivo FCC- Diretoria de Patrimônio- 2006

7 A CATEDRAL HOJE: intervenções de 2005 a 2007

As fissuras do forro da nave, diagnosticadas no relatório de 2003, agravaram-se a ponto de desprender pequenas partes, que caíram sobre os bancos, deixando toda a comunidade em alerta, pois, além do risco para a segurança, era o alerta de que a preservação do estuque estava comprometida (Fig. 78). A partir de então o Pároco e as instituições responsáveis por sua preservação, mobilizam-se pela manutenção do monumento. Dessa forma inicia, em janeiro de 2005, um novo processo de intervenção na Catedral, envolvendo uma proposta para todo o complexo edificado, dividindo-o em várias etapas, que estão em curso até o momento.



Figura 78 - Forro de estuque da nave, com fissuras e desprendimentos. Local: Nave Central da Catedral, acima do coro.
Fonte: Acervo da autora, 2004

7.1 QUEDA DOS FRAGMENTOS DO FORRO DA NAVE

Pe. Francisco de Assis Wloch, “o Pe. Chico”, Cura da Catedral relata na matéria de jornal³⁵ as más condições da edificação e como isto colocava em risco “as peças sacras de alto valor artístico e religioso”. Registra seu desabafo dizendo: “[...] tivemos que suspender o funcionamento dos sinos para não comprometer mais ainda a estrutura da construção, que já sente os efeitos do tráfego pesado que provoca trepidações”. Também destaca as infiltrações como principal causador das deteriorações na edificação e relata a queda do alpendre externo, “[...] Há pouco tempo uma parte do teto na entrada lateral esquerda do

³⁵ Jornal A Notícia. “Prefeitura avalia elaboração de projeto para restauração”. Florianópolis, 18 de dezembro de 2004



templo desabou, exatamente no local onde os moradores de rua costumavam dormir. “Ainda bem que nessa noite não havia ninguém ali”.

Como as fissuras do forro da nave estavam agravando-se paulatinamente e julgando que a queda de fragmentos fosse ocasionada pela trepidação causada quando soavam os sinos, (Fig. 89), foi determinado que esses não fossem mais tocados até se consolidar a estrutura do forro. A partir daí a Catedral ficou em silêncio a espera do início das obras estruturais na edificação. Outra medida adotada foi o isolamento parcial do interior da nave, no local dos desprendimentos do forro, com fita sinalizadora.

O relatório sobre a “insegurança gerada pelo deslocamento de partes do forro de estuque da nave principal gerou uma ação coletiva envolvendo a Cúria Metropolitana, Órgãos de Preservação e a comunidade, com o objetivo de restaurar as estruturas da edificação³⁶.

Na reunião realizada em dezembro de 2004, com autoridades e técnicos em preservação patrimonial. Os técnicos do SEPHAN/IPUF sugerem à comissão, a elaboração de um laudo técnico da cobertura. Esse laudo foi executado pelo Escritório Piloto de Engenharia Civil - EPEC, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. As inspeções iniciaram em janeiro de 2005 e após trinta dias de vistorias e análises, foram entregues os diagnósticos do estado de conservação do forro e da cobertura da nave, nos quais foi confirmado o risco iminente de desabamento do forro³⁷.

A equipe do EPEC/UFSC, responsável pelo laudo era composta por consultores, professores doutores e alunos dos Cursos de Graduação da Engenharia Civil e da Arquitetura.

O laudo diagnosticou que as “peças estruturais da cobertura em madeira da nave apresentavam diversos problemas patológicos. Esses problemas acarretavam a redução das propriedades mecânicas da madeira, conseqüentemente se dava o aparecimento de fissuras e desagregação da argamassa de composição do forro em estuque. Essas fissuras podem ser originárias das deformações excessivas do sistema de sustentação em arcos”³⁸.

³⁶ Relatório da Catedral Metropolitana de Florianópolis- Cobertura da nave principal. SEPHAN/IPUF, março de 2005.

³⁷ Escritório Piloto de Engenharia Civil- EPEC/UFSC. Ofício 2502- 2005-02, de 25 de janeiro de 2005.

³⁸ idem



A equipe do EPEC/UFSC, não só realizou um levantamento do estado de conservação da edificação para identificar as causas do deslocamento e da queda de partes do forro de estuque, como também, fizeram a inspeção em todo o complexo edificado da Catedral e suas dependências. Segundo Gabriela Beduim, responsável pela gerência dos trabalhos, “a cobertura do saguão principal foi o local que apresentou as piores condições de conservação”.

A Mitra Metropolitana ao compreender a gravidade da situação, ordenou o fechamento da Catedral, solicitando auxílio para medidas a serem tomadas pela preservação do patrimônio à Prefeitura Municipal, através do IPUF/SEPHAN.

A Catedral foi interditada ao público, em 25 de fevereiro de 2005.

Em publicação de jornal, Gabriela afirma: “Esse é o primeiro trabalho de restauração feito pelo EPEC”. Gabriela ressalta a diferença entre esse tipo de reparo em patrimônios e uma reforma comum, e diz que acompanhou vários congressos sobre o tema para poder gerenciar o projeto. “O trabalho precisa ser bem mais cauteloso, não dá pra chegar quebrando qualquer parede”. O projeto inicial de restauração, formulado pelos alunos do EPEC, previam a execução de mais duas etapas, que consistiam no mapeamento dos danos e, depois, na própria restauração. “Não sabemos se vamos participar dessas próximas etapas, ainda estamos em processo de negociações”, afirma Gabriela. (FECCHIO, 2006). Porém, apenas o contrato para o laudo técnico de todo o complexo edificado da Catedral, anexos e dependências, foi assinado.

Com base no diagnóstico elaborado pela equipe do EPEC, os técnicos do SEPHAN/IPUF junto à Comissão da Catedral, solicitam três orçamentos para as obras de conservação-restauração. Foram recebidas as propostas de várias empresas locais, além das três solicitadas para a execução da primeira etapa -“Projeto Estrutural da Cobertura”: [AT] Arquitetura; Giem/ UFSC; PROSUL; Schreider Engenharia Ltda; TECNOTEST; e uma de São Paulo: CONCREJATO.

Em abril de 2005 os órgão de preservação municipal (SEPHAN/ IPUF) e estadual (Diretoria de Patrimônio/FCC), determinam os critério técnicos gerais para a elaboração do projeto de restauro³⁹:

³⁹ Parecer Técnico- **Critérios e orientações técnicas gerais para a elaboração do projeto de restauro.** SEPHAN e FCC, 05-04-2005



- 1) Os princípios básicos, a serem seguidos: intervenção mínima; compatibilidade de técnicas e materiais empregados; legibilidade das intervenções; reversibilidade dos materiais empregados; proíbe-se aditamentos (acréscimos) e falsificações, conforme o Art. 6º da Carta Italiana de Restauo, de 1972.
- 2) Para fins de aprovação do projeto de Conservação/ Restauração do imóvel, deverá contemplar os seguintes itens: histórico do bem; diagnóstico do estado de conservação, com mapeamento dos danos, avaliações técnicas e específicas de especialistas nas áreas estruturais, de materiais e bens integrados (pinturas murais e forros); levantamento arquitetônico e fotográfico; memorial descritivo dos materiais e serviços bem como peças gráficas localizando as intervenções em plantas, cortes e fachadas; responsável técnico, com comprovada formação e experiência na área. Em caso de projetos e execução de obras civis faz-se necessária a Anotação de Responsabilidade Técnica (ART); e o cronograma físico-financeiro.
- 3) No produto final deverá constar os sub-produtos: pesquisa histórica das edificações e seu entorno: descrição cronológica, das intervenções e da modificação do entorno, com planta cronológica; identificação das fontes bibliográficas; pesquisa arqueológica, identificando os vestígios de ocupação e a existência das antigas estruturas; prospeccões para verificar a existência de pinturas decorativas no forro e nas paredes; Identificação no caso de existência de pinturas antigas nas esquadrias e escada do Coro; e das camadas cromáticas dos Altares. Os vestígios históricos encontrados pelas prospecções, seja ela arqueológica ou de pinturas decorativas, deverão ser fotografados e demarcados em planta (escala 1:50); análises laboratoriais; levantamento arquitetônico da situação atual contendo: planta de situação, plantas baixas, planta de cobertura, as quatro elevações, três cortes transversais e três longitudinais; diagnóstico do estado de conservação dos bens moveis e imóveis; proposta de intervenção e restauro; recomendações de manutenção, visando a sustentabilidade da restauração.

Para viabilizar um projeto de intervenções para a totalidade da edificação, seus anexos, dependências e o acervo sacro (bens móveis e integrados), ficou estabelecido que o projeto fosse desmembramento em etapas, facilitando assim sua viabilização financeira. Na medida em que houvesse a captação de recurso, seria efetuada uma etapa dentro do projeto global.



O Governo do Estado e a Prefeitura Municipal garantiram os recursos para a primeira etapa do projeto, iniciado em agosto de 2005, baseado no levantamento efetuado pelo EPEC/UFSC.

A indicação da Empresa Concrejato, pelo Arcebispo Dom Murilo S. R. Krieger, para a execução das obras na Catedral, decorreu do fato da mesma ter executado os trabalhos de intervenção na Catedral da Sé, em São Paulo.

Para dar continuidade ao processo e iniciar as obras, pois só assim a Catedral poderia abrir novamente suas portas ao público, foi assinado um convênio no valor de R\$ 1.800.000,00 (um milhão e oitocentos mil reais), em 18 de março de 2006; entre o Governo do Estado de Santa Catarina, Prefeitura Municipal de Florianópolis, Ação Social e Cultural da Catedral e a Empresa Concrejato.

A empresa contratada, Concrejato, se baseou no levantamento feito pelo EPEC/UFSC.

A partir daí, começou a implantar a estrutura necessária para desenvolver os trabalhos, isolando a área com tapumes e colocando andaimes para acessar à cobertura, acondicionando e protegendo as estruturas físicas próximas ao forro, como: os retábulos, vitrais e piso, também retirando os bens móveis que se encontravam dentro da igreja. Medidas foram tomadas com o objetivo de não provoca danos durante as obras no forro e na cobertura (Fig. 79). A primeira etapa, então seria a consolidação do forro e as intervenções na cobertura.

A)



B)



Figura 79 - Conjunto de imagens sobre o início das obras de intervenção (interna e externa) na Catedral:
A) colocação dos tapumes isolando a edificação e estruturas de andaimes no entorno da edificação
B) colocação dos andaimes e forração do piso, para a consolidação do forro de estuque da nave central.
Fonte: Acervo da autora, 2005.



Durante a vistoria feita pelos técnicos da empresa, Engenheira Maria Aparecida Soukef Nasser (Coordenadora geral das obras), Arquiteta Vanessa Kraml, Engenheiro Calculista Henrique Diniz e o Engenheiro Wilson Roberto Pereira Braga (Engenheiro responsável), constataram que a estrutura de madeira da cobertura estava gravemente deteriorada e em péssimo estado de conservação, conforme matéria do Jornal Diário Catarinense de 28 de maio de 2006:

[...] a gravidade do problema pode ser confirmada na grande quantidade de madeiras (canela preta) danificadas pela ação de cupins e a umidade ao longo dos anos [...] Elas se encontram depositadas no lado de fora da edificação, podendo ser usadas em remendos, já que não existe canela preta disponível no mercado da construção civil. O grande problema dessa e de outras igrejas é que elas possuem telhados extensos, mas os dutos para o escoamento das águas das chuvas são pequenos, por esse motivo, as águas acabam se infiltrando pelas paredes e provocando o aparecimento de umidade. Parte da umidade que comprometeu a cobertura da Catedral ficava retida nos restos de materiais de construção da última intervenção feita no local, deixados nas imediações dos beirais. Além de poeira, restos de madeiras e serragem, foram encontrados outros objetos que vedavam a saída d'água. As telhas francesas que foram colocadas na última restauração, realizada em 2000, foram retiradas e estão passando por limpeza e higienização com o uso de hidrofugantes, visando a retirada dos fungos que se acumularam. Nem todas as telhas vão poder ser reaproveitadas, pois algumas se partiram no momento da retirada". (MARTINS, 2005)

A declaração acima descrita reflete a necessidade de manutenção e limpeza da cobertura removendo os microorganismos que se acumulam nas telhas, ou seja, as cianobactérias. Também reflete o problema recorrente na cobertura, que está ligado ao escoamento das águas pluviais, em decorrência dos dutos não terem dimensões suficientes para o escoamento das águas, o que favorece a infiltração pelas paredes; fato esse já mencionado na inspeção da cobertura feita pelas arquitetas em 2000

7.2 ANÁLISES LABORATORIAIS DOS MATERIAIS CONSTRUTIVOS

São realizadas análises dos materiais construtivos, procedimentos exigidos pelos órgãos de preservação que fazem o acompanhamento da obra. Os materiais construtivos enviados para as análises laboratoriais foram:

a) Telhas: A telha cerâmica da cobertura da nave central, tipo Francesa, foi encaminhada para os ensaios ao Prof. Dr. Sérgio Castello Branco Nappi- Laboratório de Tecnologia do Restauro do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC, em setembro de 2005. Os dados abaixo foram retirados do laudo emitido:



Norma Técnica: NBR8947 – Telha Cerâmica – Determinação da Massa e Absorção de Água. Resultado: O valor da absorção de água verificado foi de 23,44 % (vinte e três inteiros e quarenta e quatro centésimos por cento).

Norma Técnica: NBR8948 – Telha Cerâmica – Verificação da Impermeabilidade.

Resultado: Não houve vazamento, nem formação de gotas, nem tampouco aparecimento de manchas de umidade na superfície inferior do corpo de prova.

b) Madeira: para a identificação anatômica da madeira da cobertura da Nave Central, realizada pela Diagrama Engenharia LTDA, foram coletadas amostras (outubro de 2005) dos caibros, das terças, da tesoura principal, das treliças e dos barrotes da estrutura em madeira da cobertura; a equipe de inspeção e elaboração do relatório foi: Prof. Dr. Carlos Alberto Scüzs (ECV/UFSC); Eng. Rodrigo Figueiredo Terezo (PPGEC/UFSC) e Demian Marafiga Andrade, graduando (ECV/ UFSC)⁴⁰.

Resultado: a madeira que apresenta maior ocorrência entre as amostras analisadas é da espécie *Ocotea Catherinesis* - Canela Preta, com 64,1%; a segunda é *Aspidosperma pyricollum* - Peroba, com 25,6%; as demais com índices em torno de 3%: *Hueronima alchorneoides*- Licurana; *Colubrina Glandulosa*- Sobraji; *Tabebuia umbrellata*- Ipê; *Ocotea Odorífera* - Canela- sassafrás

Como as espécies são de madeira de alta resistência mecânica e de grande durabilidade e foram encontradas somente espécies nativas da região de floresta pluvial atlântica, provavelmente florestas próximas a Florianópolis, Rodrigo F. Terezo declara que, houve uma “preferência pela Canela-preta e isso demonstra uma seleção criteriosa por parte dos construtores”.

c) Argamassa: foram retiradas amostras das argamassas de reboco das paredes: da capela-mor, do transepto e da nave central, para análises laboratoriais de recomposição de traço e granulometria da areia. Os ensaios foram executados pelo Prof. Mário Mendonça Oliveira, Coordenador do Núcleo de Tecnologia da Preservação e Restauração- NTPR, da Universidade Federal da Bahia-UFBA- Escola Politécnica/PPG-AU, o responsável pela análise é o químico do CNPQ, Allard Monteiro do Amaral.

Resultado: parede externa fundo da capela-mor. Ensaio 01- ensaio simples de argamassa

⁴⁰ Relatório IPUF 00726/2006, de 23 de junho de 2006. Fonte: Arquivo da FCC- Diretoria de Patrimônio



Traço mais provável (massa): Ligante (resíduo solúvel): argila e silte (finos): areia(grossos)=
(1,00: 0,09: 2,86)

7.3 A COBERTURA E O FORRO DE ESTUQUE

Os trabalhos iniciaram na cobertura com a retirada das telhas do transepto até a capela-mor. As telhas foram limpas com jato d'água, depois passado um produto hidrofugante. Enquanto isso, para a estrutura em madeira da cobertura e os forros da capela-mor e da nave central, não ficarem desprotegidos foi colocado no local das telhas uma proteção provisória com plásticos e ripamento que fixava a cobertura provisória (Fig.80).



Figura 80 - Imagens das obras na cobertura.

A) operário trabalhando lavando as telhas

B) proteção do forro usando como cobertura lona plástica fixada por ripamento

Fonte: Acervo da autora, 2006.

Ao mesmo tempo, outra parte da equipe trabalhava na consolidação do forro de estuque sob a cobertura, fazendo inicialmente a retirada de materiais acumulados ao longo do tempo, principalmente nos beirais. Esse acúmulo nos beirais estava forçando a estrutura do forro de estuque e agravando as fissuras nas arestas, pois havia também tido depósitos de material de intervenções anteriores feitas na cobertura. A limpeza sobre o forro de estuque foi efetuada com aspirados de pó e trinchas, para a remoção dos detritos (Fig. 81).



Figura 81- Trabalhos de limpeza do forro de estuque. Com a remoção das peças de madeira da estrutura da cobertura que estavam danificadas.

Fonte: Acervo da autora-2006



Após a limpeza, foram removidos caibros, terças e tesouras que estavam comprometidos pelo ataque de insetos xilófagos. Essa remoção foi somente nas áreas afetadas. As partes removidas foram substituídas por peças tratadas.

Para evitar que houvesse infiltração de águas das chuvas foi colocada uma manta de subcobertura (folha contínuas de alumínio) entre a estrutura de madeira da cobertura e o ripamento das telhas, com calços de afastamento entre a manta e as telhas (Fig. 82).

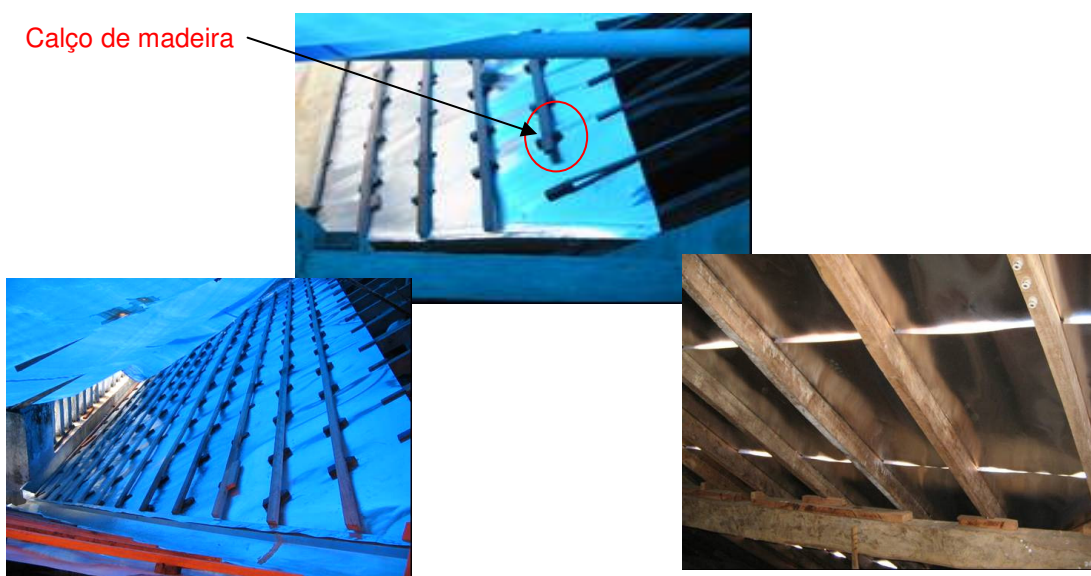


Figura 82- Visualização da manta metálica. Calços e ripamento que intercalam a estrutura do telhado
Fontes: Acervo Fabiano Teixeira dos Santos apud Ornato Arquitetura Ltda-2007
Autora- 2006

Finalizando, recolocaram nos telhados as telhas cerâmicas que puderam ser reaproveitadas, substituindo as que estavam danificadas ou comprometidas por patologias.

Depois desse trabalho no telhado do transepto e da Capela-Mor, os mesmos procedimentos foram repetidos nos telhados das capelas laterais, anexos e Casa Paroquial. O aspecto final da cobertura pode ser observado na figura 83, através das diferentes tonalidades das telhas.

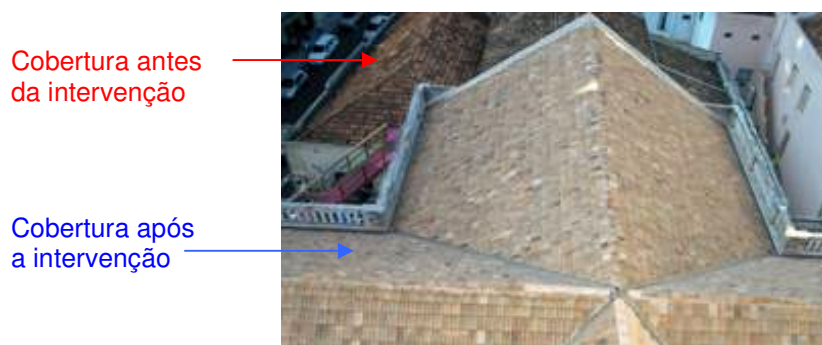


Figura 83 - Configuração da cobertura após a recolocação do telhado.
Fonte: Acervo da autora-2006



Mas os trabalhos continuavam acontecendo paralelos, à medida que se trabalhava no madeiramento da cobertura e do telhado, ao mesmo tempo eram executados os procedimentos previstos para o forro de estuque. Os procedimentos de sustentação do forro aconteceram antes do trabalho na contra-face, ou seja, na face voltada para o ambiente da nave, para garantir a estabilidade do conjunto.

A preocupação maior estava em não afetar as pinturas murais do forro de estuque durante a consolidação, pois o estuque apresentava muitas fissuras e o material consolidante poderia vaziar afetando as pinturas.

Quanto ao forro de estuque, a solução encontrada para sua recuperação foi à consolidação do estuque. Optaram pelo procedimento de fixação do “bolo” que sustenta o forro. Foram colocados filamentos de cobre revestidos de película protetora. Os fios foram colocados em pequenos furos feitos no “bolo”, onde uma das extremidades do fio, era fixada com resina epóxi e a outra extremidade, era encaixada no ripamento da estrutura do estuque (Fig. 84).



Figura 84- Imagens da colocação dos fios de cobre para fixar o forro de estuque.
A) operários removendo as áreas fragilizadas e limpando as sujidades entre os ripamentos do forro de estuque
B) operários trabalhando na colocação dos fios de cobre revestido e fixação com resina epóxi
C) detalhe do adesivo epóxi utilizado para fixar os fios de cobre junto ao “bolo”
Fonte: Acervo da autora-2006

O resultado obtido aparece em destaque na figura 85, após a colocação dos filamentos de cobre e fixação dos mesmos. Foi feito um revestimento para consolidar esse procedimento de suspensão do forro original pelo filamento de cobre, colocando uma camada de argamassa nova, formando um sanduíche entre o forro existente e a argamassa nova. Como testemunho da argamassa antiga preservou-se algumas áreas de bolo original (Fig. 85).

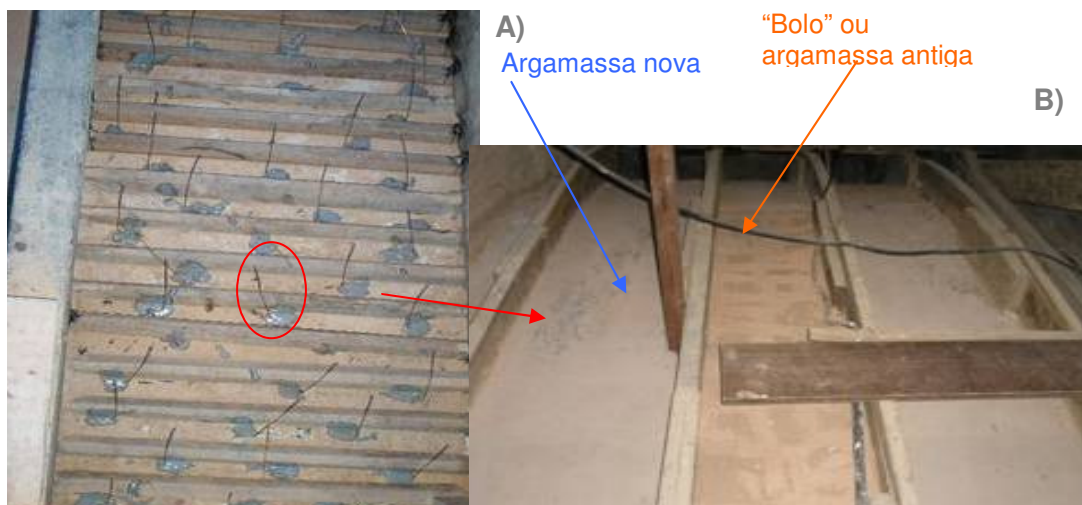


Figura 85- Resultado das intervenções no forro de estuque da nave central.

A) como ficou a aplicação dos fios de cobre revestido e fixação com resina epóxi

B) mostra a diferenciação do bolo antigo e do novo, aplicado sobre os filamentos de cobre

Fonte: Acervo da autora-2006

Esse “bolo” que compõem o estuque do forro da nave, já teve intervenções anteriores, conforme o registro gravado na argamassa do forro junto ao arco cruzeiro, com a inscrição “1975” (Fig. 86), provavelmente de forma parcial nas obras de 1974, introduzindo argamassa nova nesta área.



Figura 86- Registro da argamassa do forro de estuque.

Local: na contra-face na direção do Arco Cruzeiro

Fonte: Acervo da autora-2006

Todo este cuidado em preservar o forro, por exigência dos órgãos fiscalizadores, teve como objetivo manter a estrutura original que contém as pinturas de 1938, que registra os vestígios das pinturas murais encoberta por várias camadas de repintura. A figura 87 apresenta um fragmento do forro da nave central onde aparecem as camadas de policromia.

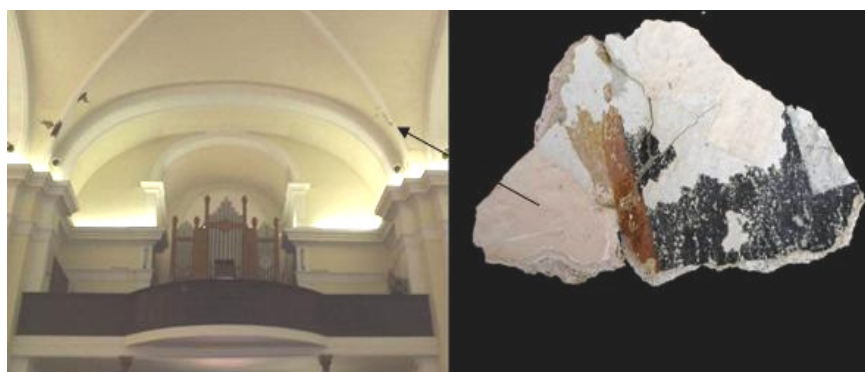


Figura 87- Imagens do fragmento do forro de estuque da nave.

Fonte: Acervo da autora-2005/6



7.4 BENS INTEGRADOS

Acontecem intervenções de conservação e investigação nos bens integrados. A seguir relacionados:

a) Vitrais artísticos: os vitrais que foram colocados em 1948, entram em processo de restauração. São colocados andaimes para a remoção de cada estrutura dos vitrais (Fig. 88).

Essa intervenção é realizada pelo funcionário José Laércio Lino da Silva, da empresa referida. Ele declara⁴¹ que trabalhou “oito anos em um ateliê de São Paulo, com restauração em vitrais, depois veio trabalhar na Concrejato e fez a restauração dos vitrais da Catedral da Sé”.



Figura 88 - Imagem da estrutura de andaimes para remoção dos vitrais. Local: lateral direita da Nave Central. Fonte: Acervo da autora, 2006.

Os procedimentos adotados para intervir nos vitrais foram: documentação do vitral no local; retirada dos vitrais; documentação fotográfica; análise do estado de conservação, determinação das áreas de intervenção; limpeza no verso das pinturas vitrais, com: escova e/ou palha de aço, pano umedecido com solvente; reconstituição dos perfis de chumbo (onde fosse necessário); consolidação do mesmo com solda de estanho e solução oleosa; chanframento, que é o ajuste dos perfis de chumbo com espátula de metal fazendo pressão nas bordas do perfil para acabamento; e colocação de massa de calafetar vidro na lateral do caixilho⁴² (informação verbal).

Esse procedimento foi executado em todos os vitrais da nave, fachada principal e capela-mor, de outubro de 2006 até março de 2007 (Fig. 89).

⁴¹ Declaração fornecida por José Laércio Lino da Silva na Catedral Metropolitana de Florianópolis, em Florianópolis, em 12 de fevereiro de 2007

⁴² idem



Figura 89- conjunto de imagens do processo de intervenção nos vitrais artísticos. No destaque o resultado da intervenção. Fonte: Acervo da autora-2007

Uma curiosidade é o vitral em homenagem a beatificação de Madre Paulina pelo Papa João Paulo II, em 1991. Esse vitral já existia com outro tema. Foi reaproveitada a estrutura existente e partes dos vidros coloridos (destaque da Fig. 90), montando o novo vitral com a imagem comemorativa à Madre Paulina, modificando assim o vitral colocado em 1948 por uma nova configuração composta de vidros novos e antigos. Ele localiza-se na primeira janela da lateral direita da capela-mor, próximo ao arco cruzeiro.



Figura 90 - Vitral artístico com a imagem da Madre Paulina, executado em 1991. Fonte: Acervo da autora,2007.

Sobre esses vitrais Pe. José Artulino Besen, declara: “Santa Catarina possui um acervo rico em vitrais e não lhes dão o devido valor. Quanto maior a quantidade de vermelho e azul num vitral verdadeiro, mais caro e clássico ele é”. Ele acompanhou o trabalho de restauro dos vitrais da Catedral na época em que atuava como Cura, em 1987, e relata que “o



restauro é caro e gira em torno de US\$ 700,00 o metro quadrado [...] o tempo não é inimigo da cor. O pigmento utilizado no processo de fusão do vidro não se acaba. O problema são as pedras e a trepidação provocada pelo trânsito”, que danificam e provocam pequenas movimentações nos vidros, alterando assim o ajuste dos perfis de chumbo, que com o passar do tempo acabam afrouxando os perfis e deslocando os vidros⁴³.

b) Prospecções nos retábulos: segundo BAZIN (1956) ao registrar a importância dos bens integrados nos conjuntos arquitetônicos, menciona os retábulos, afirmando que “[...] são a razão de ser das igrejas, que são um prolongamento da arquitetura, sendo impossível separá-los”. Realmente são peças representativas e quanto mais rebuscados e ornamentados, mais são admirados pelos fiéis e visitantes.

As prospecções nos retábulos foram feitas de outubro a dezembro de 2005, com o objetivo de identificar as diversas camadas cromáticas nos altares e retábulos e também a existência de pinturas decorativas antigas. Esse empenho investigativo é devido a importância desses bens integrados do acervo sacro da Catedral.

Foram encontrados vestígios de “pinturas decorativas originais debaixo das camadas de repintura” (Fig. 91). Segundo a restauradora essas pinturas decorativas foram constatadas em todos os retábulos, no entanto as repinturas feitas sobre a camada de policromia encontravam-se muito aderidas e mesmo com o uso de produtos químicos, eram de difícil remoção⁴⁴.

O retábulo da Capela do Santíssimo apresenta policromia original com elementos decorativos, em destaque na figura 91. O mesmo acontece na área interna, na mesa do altar do retábulo de Nossa Senhora de Lourdes, onde foi encontrada pintura decorativa original. Provavelmente essa mesa foi feita com partes de um retábulo antigo (item b da Fig. 91).

Os procedimentos de restauração dos retábulos serão determinados em etapas futuras, dentro do processo de intervenção previsto, se houver viabilidade.

⁴³ BESEN, Pe. José Artulino. Entrevista via e-mail, em 21 de abril de 2006.

⁴⁴ Laudo Técnico-“Prospecções dos Bens Integrados da Catedral Metropolitana de Florianópolis”. Susana Cardoso & Fernandes. Setembro/ 2005.

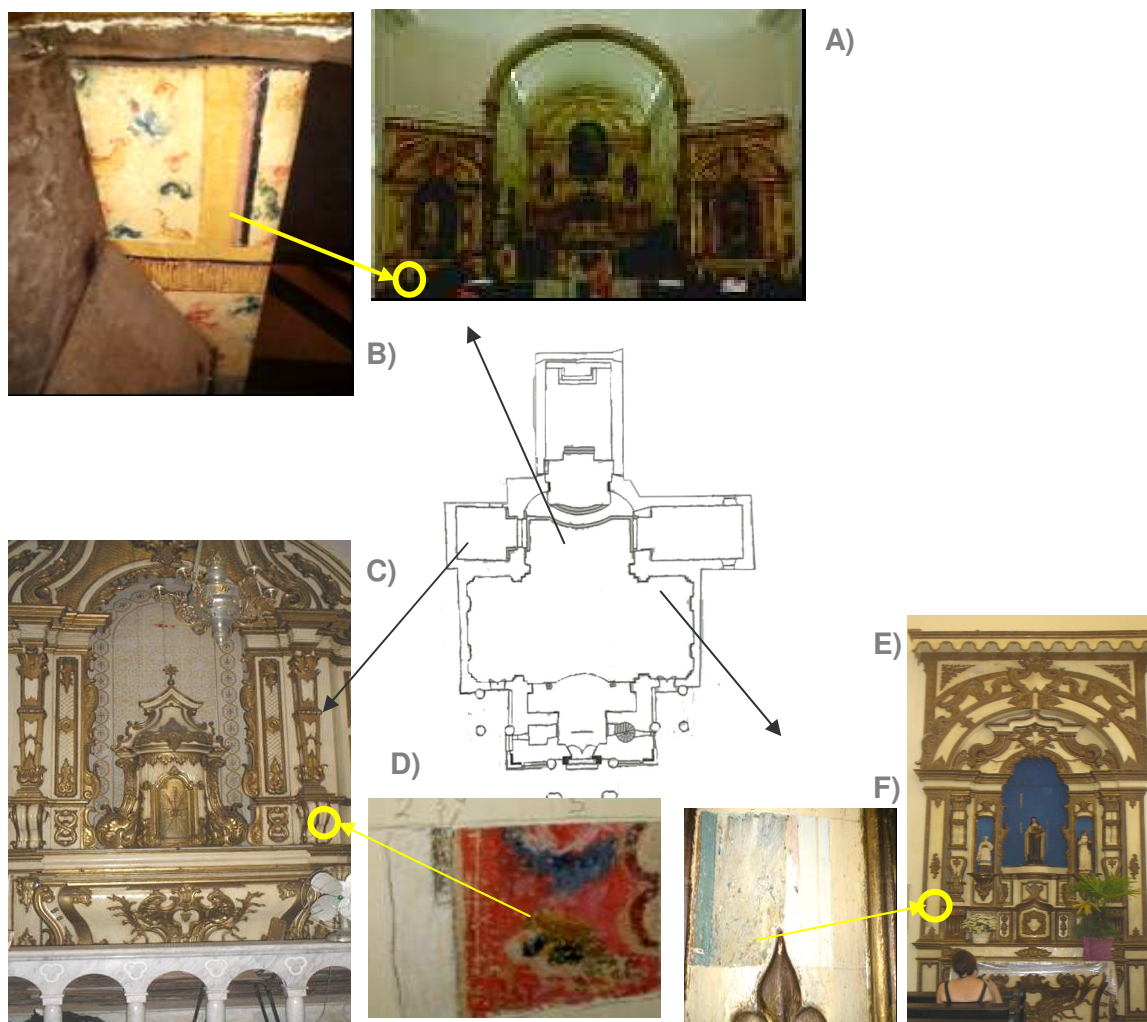


Figura 91 - Conjunto de imagens e planta de localização dos retábulos e das prospecções das pinturas decorativas:

A e B) Retábulo de N. Sr.ª. de Lourdes e imagem ampliada da mesa interna do retábulo

C e D) Retábulo da Capela S. Sacramento e imagem ampliada da prospecção na lateral do retábulo

E e F) Retábulo de Sant'anna e imagem ampliada da prospecção na lateral do retábulo

Autor das Fotografias: Luis A. Pollo

Fonte: Acervo da autora, 2005-2006.

c) Pinturas Murais: foram encontradas pinturas murais em todas as paredes, em bom estado de conservação, não demonstrando que tenham sido lixadas (Fig. 92).

A dificuldade estava na remoção da camada que foi aplicada durante a reforma de 1974. A tinta aderiu muito nas camadas de policromia das pinturas decorativas, o que dificultava e encarecia a restauração. Então, os órgãos fiscalizadores determinaram a permanência das janelas estratigráficas, protelando a remoção das repinturas em áreas maiores para projetos futuros devido à dificuldade na remoção e na viabilidade de verba.



Em relação à afirmação do Pe. Pedro Koehler, de que teriam passado “uma mão de massa corrida” antes da repintura (LIVRO tombo VI, 1993-1999, p. 44), essa ação provavelmente não aconteceu, pois, se assim o fosse, existiria uma película entre as pinturas murais e a camada de “tinta a óleo”⁴⁵ (informação verbal). Se essa massa existisse, seria mais fácil a decapagem das camadas de repinturas o que reduziria, inclusive, o custo da restauração.

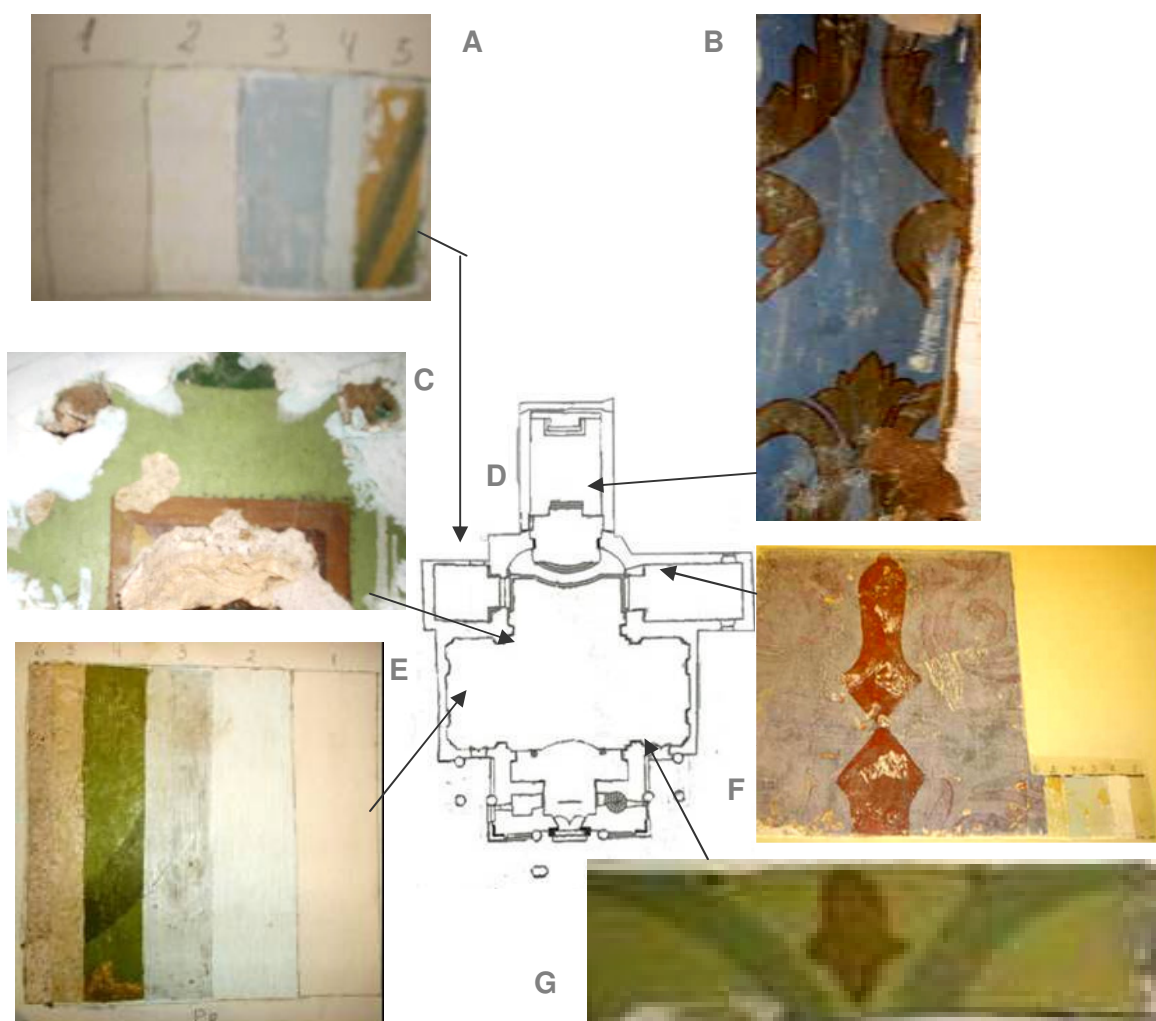


Figura 92 - Conjunto de imagens e planta localizando as prospecções das pinturas murais.

- A) resquício da pintura na coluna da nave central
- B) parede lateral da Capela do S.Sacramento
- C) planta baixa de localização
- D) parede lateral da Capela-Mor
- E) parede lateral da Capela de N. Sr^a das Dores
- F) paredes da nave central
- G) parede lateral direita da nave central

Autor das Fotografias: Luis A. Pollo Fonte: Acervo da autora- 2005/06

⁴⁵KOEHLER, Pe. Pedro José. Entrevista gravada na Casa da Memória em 18 de agosto de 2005.



A janela estratigráfica na parede lateral direita da nave central, construída em 1922, apresenta seis camadas de policromia (Fig. 93). A quarta camada, em destaque, refere-se à pintura mural de 1938, após a reforma de 1922; com tons verdes e arabescos dourados, feitos com purpurina. Abaixo dessa pintura, há uma camada de reboco. Esse procedimento favorece o entendimento da história da edificação, como também preserva a memória dos procedimentos antigos. Com é evidenciado por Oliveira (1995, p. 08).

Chama-se atenção para os aspectos atávicos (herdados ou transmitidos) ou de preservação da memória das antigas argamassas, em relação aos procedimentos modernos, destacando a necessidade de se analisar e ensaiar os exemplares encontrados, como forma de resgatar o conhecimento e os procedimentos desaparecidos e orientar a restauração.

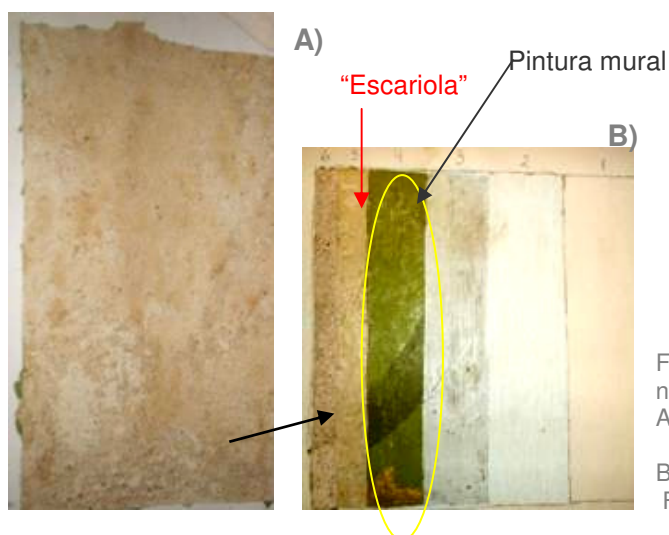


Figura 93- Janela estratigráfica. Prospecção na parede lateral direita da nave Central: A) reboco anterior a aplicação da pintura mural de 1938 B) em destaque a pintura mural de 1938 Fonte: Acervo da autora-2005

O laudo técnico emitido pela restauradora em 26 de setembro de 2005, afirma que “nas paredes laterais internas o reboco é liso com características de uma *scaiolla* de cor lisa”⁴⁶ (Fig. 93). Essa colocação de que o reboco “é liso”, não pode ser considerado, pois aparentemente tem leve textura. E quanto a “cor lisa”, acredita-se que é referente a monocromia de tom ocre claro; já o termo utilizado de “escariola”, se refere a um tipo de revestimento muito utilizado no século passado, que consiste na aplicação de uma pasta preparada a base de cal e cimento branco, seu polimento era feito através de uma “boneca” de pano. Aplicava-se a argamassa, pulverizava-se um pó (talco) e friccionava-se com a boneca sobre as paredes já rebocadas, com o objetivo de regularizar a superfície e proporcionar certa impermeabilidade a parede (UNGERICHT, 2002, p. 34). Talvez esta *scaiolla* a que ela se refere seja algo similar a “escariola” estudada por Ungericht, podendo ter alguma variação na aplicação e na composição dos materiais utilizados. Nas paredes da

⁴⁶Laudo Técnico-“Prospecções dos Bens Integrados da Catedral Metropolitana de Florianópolis”. Susana Cardoso & Fernandes. Setembro/ 2005.



Catedral, o que pode ter ocorrido é a aplicação do reboco sem o talco pulverizado e polimento, utilizando somente a desempenadeira.

d) Descoberta de pinturas por detrás do retábulo de N. Sr^a. das Dores: durante a execução de prospecções no retábulo da Capela de N. Sr^a das Dores, ao verificar as imagens do levantamento fotográfico, a restauradora percebeu, que existia na estrutura interna do retábulo, paredes laterais com pinturas murais. Isso fez com que a empresa responsável pelas obras de intervenção, desobstruísse a passagem que levava para o interior do Retábulo. Descobriram assim o emparedamento dos fundos da Capela e pinturas murais, provavelmente anteriores as pinturas de 1938 (Fig. 94).

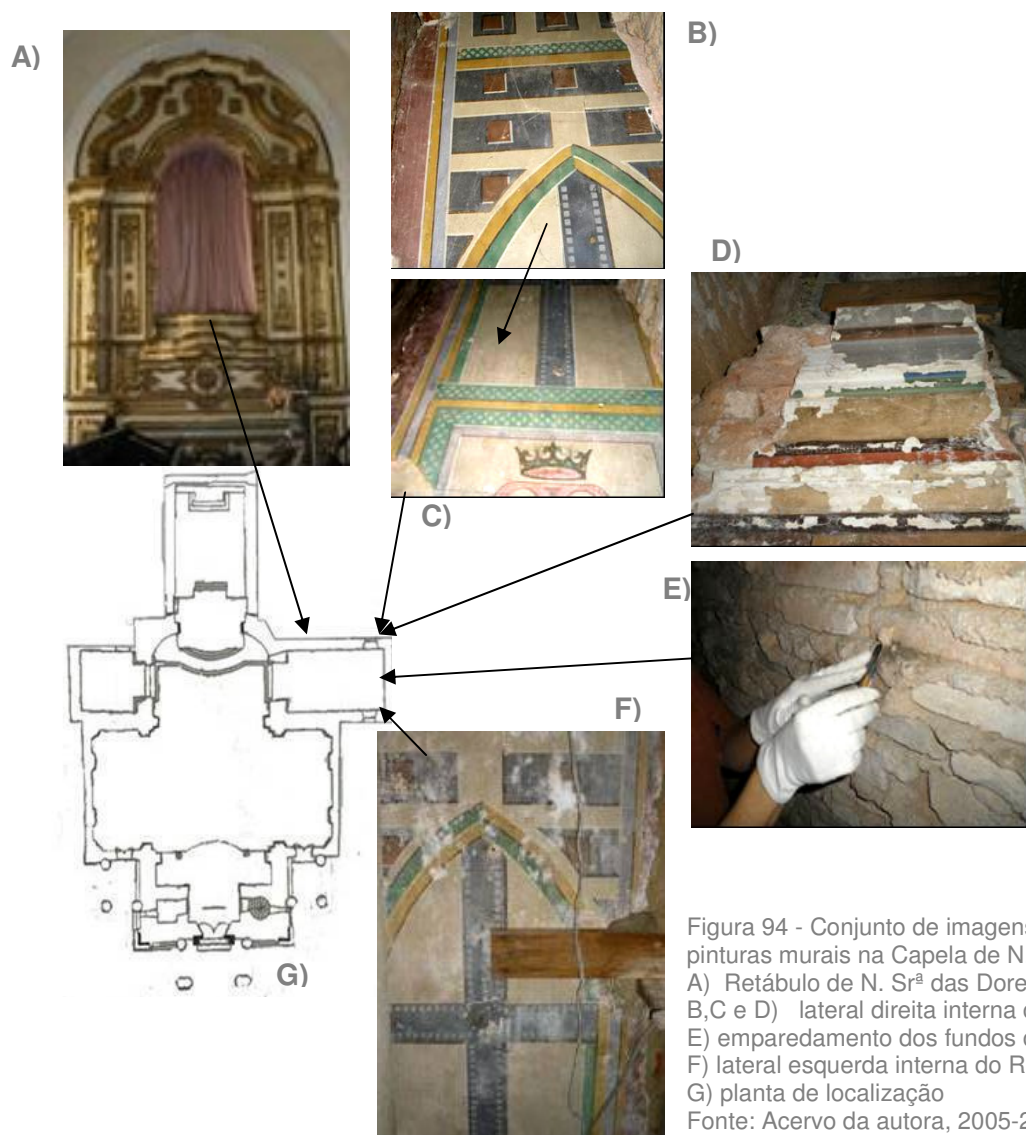


Figura 94 - Conjunto de imagens e planta das pinturas murais na Capela de N. Sr.ª das Dores. A) Retábulo de N. Sr.ª das Dores B,C e D) lateral direita interna do Retábulo E) emparedamento dos fundos da Capela F) lateral esquerda interna do Retábulo G) planta de localização Fonte: Acervo da autora, 2005-2006.

e) Piso da Capela do Santíssimo Sacramento: as obras vão sendo executadas conforme são captados os recursos financeiros. Até abril de 2007, a última obra em execução era a do piso da Capela do Santíssimo Sacramento.

A empresa contratada reduziu a equipe de trabalho, enquanto aguardava recursos para o término das obras. Em fevereiro de 2007, parte da equipe de obras continuava intervindo pontualmente, sendo o caso da Capela do Santíssimo Sacramento, com a substituição do madeiramento degradado.



Figura 95 - Assoalho em marchetaria Fonte: Acervo da autora, 2005.



O assoalho da Capela é em “parquet”, colocado em 1927, foi executado em técnica mista, tabuado e “marchetaria” (pedaços de madeiras coloridas que se encaixam formando desenhos), no formato de uma cruz com filete geométrico contornando as bordas do piso (Fig. 95).



Figura 96 – O assoalho em marchetaria interditado devido o desnível do piso
Fonte: Acervo da autora, 2006.

O piso apresentava desnível acentuado no canto direito, próximo à parede lateral, permanecendo interditado até ser averiguada a causa do dano (Fig. 96), através da remoção de toda a estrutura do assoalho e do barroteamento, para verificação do estado de conservação, constatando muitas áreas com apodrecimento e infestações de insetos xilófagos (Fig. 97).



Figura 97 - Imagens da retirada dos caibros e tabuado do assoalho da Capela.
Intervenção em decorrência do ataque de insetos xilófagos e da umidade.
Fonte: Acervo da autora, 2007.

As peças de madeira do barroteamento foram retiradas e substituídas às peças danificadas por barrotes novos, apoiados sob pequenos calços de cimento e recolocado um tabuado de madeira nova, para ser fixado o assoalho em marchetaria; como consta no registro fotográfico todo o barroteamento foi substituído (Fig. 98).



Calços de cimento para os barrotes



Aplicação de argamassa na base do reboco degradado

Figura 98- Imagens da substituição dos caibros. No detalhe esquerdo calço de cimento. No detalhe direito substituição do reboco. Fonte: Acervo da autora- 2007

Os tacos e fragmentos de madeiras coloridas, ou seja, a marchetaria original, são recolocados e fixados por parafusos novamente, refazendo o desenho, e nas áreas em que se encontrava a marchetaria deteriorada as peças foram substituídas por novas. A fixação foi feita com parafusos como fica evidente na figura 99.



Parafusando as peças de madeira da marchetaria

Recortes de madeira clara para substituir a madeira do assoalho em marchetaria

Tabuado novo

Figura 99- Conjunto de imagens da recolocação do assoalho na Capela. Fonte: Acervo da autora- 2007

Os trabalhos referentes à cobertura e a consolidação do forro, que englobou vários trabalhos paralelos, como: pesquisa histórica, pesquisa arqueológica, prospecções nos bens integrados, altares e retábulos, a retirada dos bens móveis do local em que estavam



ocorrendo às obras; o levantamento de danos e dos problemas patológicos nas estruturas edificadas do complexo da Catedral, estas obras foram entregues em 08 dezembro de 2006, completando a primeira etapa.

Concluída a recolocação do piso da Capela do Santíssimo Sacramento, a empresa efetuará outras etapas do projeto. Para a execução de todas as intervenções previstas, a empresa aguarda os recursos a serem captados, pois pretende-se intervir em todos os anexos e dependências. Também serão contemplados com projetos de restauração todo o acervo sacro. Além de outras ações, está prevista a criação do museu sacro, para onde serão destinadas as exposição das peças sacras históricas da Catedral, como atrativo turístico e como uma fonte de renda; a princípio para o espaço destinado ao museu, estava sendo cotado o Prédio Dom Joaquim, mas optou-se pela sacristia lateral direita da edificação, que será adequada a este fim com a restauração do espaço, removendo o andar superior que foi anexado em 1948.

O projeto completo com as etapas futuras de restauração foi apresentado oficialmente no dia 25 de novembro, na Catedral. Os recursos necessários para a segunda etapa serão captados através da Lei Rouanet.

Com isso encerram-se a descrição das intervenções históricas na edificação. Nessa última intervenção que iniciou em 2005, só foi possível acompanhar os procedimentos da 1ª etapa, não relatando assim todo o processo, pois as obras ainda estão em execução.

Os capítulos da presente Dissertação foram apresentados de forma cronológica, tentando trazer a público todo o material coletado encontrado até o momento, referentes a fatos relacionados com as intervenções arquitetônicas ocorridas nestes quase trezentos anos de existência da Catedral

Com base nestes levantamentos, foi possível questionar e analisar alguns fatos relevantes para a história da edificação e dos processos de intervenções históricas.

8 ANÁLISES E CONCLUSÕES

8.1 ANÁLISES

A preservação envolve um conjunto de atitudes que vão além das obras de intervenção no patrimônio edificado. Devido à complexidade do tema, serão analisados neste capítulo, os vários enfoques que têm relação direta com as ações preservacionistas, como: a história das intervenções dentro das conjecturas temporais, a criação dos órgãos que atuam na preservação do patrimônio, a influência das ações políticas sobre as ações de preservação e a falta de detalhamento que afeta os projetos de restauro. Para finalizar é feita a conclusão das análises e algumas recomendações visando à preservação do patrimônio.

8.1.1 Como Iniciou a Preservação no Brasil

Esta análise é relevante na percepção do surgimento de uma consciência no Brasil, voltada à preservação do patrimônio histórico, após os anos 30. É a partir desta institucionalização que se proporcionará uma ação mais efetiva de preservação, como preconiza as Cartas Patrimoniais e que aos poucos vai influenciando as etapas de intervenção na Catedral.

No Brasil as ações de preservação são viabilizadas pelos órgãos institucionais que fiscalizam e fazem a normatização técnica dos processos referentes ao patrimônio. Isso ocorre nas três esferas do poder público: Federal - IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), Estadual, em Santa Catarina é a Fundação Catarinense de Cultura-FCC e Municipal, no caso de Florianópolis é o SEPHAN/IPUF. A seguir serão apresentados quando e como iniciaram as ações de preservação nas três esferas do poder público:

a) em nível nacional: as ações de preservação só começam com o surgimento do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, criado em 13 de janeiro de 1937 durante o Governo de Getúlio Vargas. Em 1936, o então Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, preocupado com a preservação do patrimônio cultural brasileiro, solicitou a Mário de Andrade a elaboração de um anteprojeto de Lei para a salvaguarda desses bens. Em seguida, confiou a Rodrigo Melo Franco de Andrade a tarefa de implantar o Serviço do Patrimônio - SPHAN, em 30 de novembro de 1937, promulgado pelo Decreto-Lei nº. 25, que organiza a “proteção do patrimônio histórico e artístico nacional”, naquela época vinculado ao Ministério da Educação e Cultura. Rodrigo Melo Franco de Andrade



contou com a contribuição de Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Afonso Arinos, Lúcio Costa e Carlos Drummond de Andrade na tarefa de implantar o IPHAN.

Desde a sua criação um grande contingente de técnicos, prioritariamente arquitetos, deram impulso à proteção do patrimônio e suas intervenções, assegurando a permanência da maior parte do acervo arquitetônico e urbanístico luso-brasileiro. Mas as ações do IPHAN tomaram uma forma mais estruturada em todo o País após a década de 1970, porque antes disto eram direcionadas para as regiões Norte e Nordeste.

Nessa evolução mundial do conceito de monumento para o conceito de patrimônio urbano, destaca-se o 1º Seminário Brasileiro para Preservação e revitalização de Centros Históricos realizado em 1997, que resultou na **Carta de Petrópolis**, considerando toda cidade como um organismo histórico; e como sítios históricos, todos os espaços que concentram testemunhos do fazer cultural da cidade e de suas diversas manifestações. Indicando para sua preservação como pré requisito fundamental, a ação integrada dos órgãos de preservação: federal, estadual e municipal, bem como a participação da comunidade. Nesse processo de preservação, o “inventário é considerado parte dos procedimentos de análise e compreensão da realidade, constituindo-se em uma ferramenta básica para o conhecimento do acervo cultural e natural” (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2006). Neste sentido é “imprescindível a viabilização e o estímulo aos mecanismos institucionais que assegurem uma gestão democrática da cidade[...]” (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2006).

O primeiro encontro no Brasil, em 03 de abril de 1970, resultou no **Compromisso de Brasília**, através da reunião governadores, prefeitos e de entidades culturais, para fins de uniformização da legislação (art. 23 do Decreto-Lei nº25 de 30 de novembro de 1937), visando organizar e normatizar a proteção do patrimônio nacional e colocar em prática o Decreto-lei das ações de preservação patrimonial e tombamentos. Também determinar que cada estado e município deveria ter seu órgão de preservação seguindo as diretrizes do IPHAN. A articulação desse encontro feita por Lúcio Costa em parceria com o Ministério da Educação e Cultura, resultou na assinatura do compromisso pelo Ministro Jarbas Passarinho. Os representantes do Estado de Santa Catarina nesse encontro, foram: o Secretário de Estado da Educação e Cultura, Prof. Jaldir Bhering Faustino da Silva; o Diretor do departamento de Cultura, Carlos Humberto Pederneiras Correia e o representante da Universidade Federal de Santa Catarina e da Comissão do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico do Estado nomeada pelo Governador Ivo Silveira, o Prof. Oswaldo



Rodrigues Cabral. Um ponto importante que resultou do encontro foi a determinação que cada estado e município teria seu departamento de proteção ao patrimônio.

b) em nível estadual: em Santa Catarina, o início da proteção do patrimônio edificado ocorreu em âmbito federal, com a proteção das fortalezas que faziam parte do sistema defensivo português no período colonial, através do seu tombamento em 1938.

Desencadeando as primeiras medidas de proteção ao patrimônio cultural de Santa Catarina, foi criada a lei nº. 5846 em 1980, pelo Governador Jorge Bornhausen, determinando à Fundação Catarinense de Cultura a competência de conferir ao patrimônio de relevância estadual o grau de proteção (ALTHOFF, 2002).

Depois de 15 anos de vigência, somente nove edificações monumentais encontravam-se protegidas no Estado.

Em dezembro de 1994, no final do Governo de Antônio Carlos Konder Reis, e início do Governo Paulo Afonso, ocorre uma grande ação de tombamento em Santa Catarina, com base em três projetos distintos da Fundação Catarinense de Cultura (Revista Cartaz, 2001, p. 69):

1. “Identidade das Cidades Catarinenses”- estudos que resguardavam a identidade urbana dos núcleos históricos mais representativos das cidades de Santa Catarina;
2. “Os Roteiros Culturais da Imigração”- representados pelas unidades rurais, edificações que testemunham os primeiros assentamentos da época da colonização do Estado, associados às paisagens naturais de rara beleza;
3. “Igrejas do Litoral”- que destacam as igrejas e capelas do litoral catarinense, marco das primeiras povoações luso-brasileiras.

Com essa iniciativa foram quase trezentos bens culturais tombados do patrimônio edificado de Santa Catarina. Contudo esta quantidade de tombamentos representa só parte de todo o patrimônio imóvel do Estado, mas que influenciou positivamente no desenvolvimento cultural e turístico de muitas regiões, revelando a importância destes exemplares preservados e demonstrando um quadro indicativo do quanto há por se preservar.

c) em nível municipal: o início do processo de preservação em Florianópolis ocorreu em 1974, através da Lei Municipal nº. 1202, que dispõe sobre a proteção de seu patrimônio, instituindo um instrumento de tombamento e criando o órgão competente para esta preservação, denominado SEPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do



Município. O SEPHAN é uma estrutura administrativa composta por uma comissão técnica, o COTESPHAN - Comissão Técnica do Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município que por meio da representação de diversas entidades indicadas, atua como assessoria sobre as questões pertinentes ao patrimônio histórico/ cultural. É importante ressaltar que essa ação voltada para a proteção do acervo patrimonial existente, constituiu-se em uma das primeiras iniciativas em âmbito municipal no Brasil no sentido de objetivar a instituição de uma legislação de tombamento. “Tratava-se de uma iniciativa pioneira, pois até então as ações de preservação restringiam-se predominantemente às esferas, federal ou estadual” (ADAMS, 2002, p. 47).

A exemplo da política nacional, inicialmente também em Florianópolis, a preservação em âmbito municipal contemplava apenas os grandes monumentos, tanto que, até 1985 só haviam sido tombadas onze edificações, na maioria, igrejas. A Catedral não estava entre elas, pois os técnicos da época interpretaram que a edificação não era um exemplar genuinamente original, devido às alterações ocorridas durante as várias intervenções que foram descaracterizando-a, principalmente na reforma de 1922, que modificou radicalmente o projeto e a construção da Matriz.

Em 1979, com a transferência do SEPHAN, até então vinculado à Secretaria Municipal de Educação, para o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis – IPUF, a preservação passou a ser considerada como elemento integrante do planejamento urbano da cidade. A partir de então, além do tombamento de grandes monumentos, também foi prioridade a preservação de conjuntos arquitetônicos que ainda testemunhavam a evolução urbana, mantendo assim os referenciais culturais na paisagem construída.

A fase inicial dos trabalhos de preservação foi determinada ao IPUF, que viu esta situação com grande preocupação, pois o Plano Diretor vigente permitia índices de ocupação extremamente elevados, “concentrado principalmente nas áreas históricas da cidade”, provocando um “processo de destruição do casco histórico de Florianópolis” (ADAMS, 2002, p. 64). Com o objetivo de fazer frente a esta desenfreada especulação imobiliária, em 1976 iniciaram-se estudos para a reabilitação do patrimônio. Para auxiliar neste processo o IPUF contou com a assessoria e parceria técnica de especialistas alemães⁴⁷ na consultoria em

⁴⁷ Sociedade Alemã de Cooperação Técnica –GTZ, prestando serviço para o UPIF por meio do Acordo sobre a Cooperação Técnica Brasil- Alemanha (Convênio CNDU/IPUF). Entre as recomendações realizadas em conjunto, ressaltava-se a necessidade de definir zonas de preservação do substrato histórico, onde a ocupação seria estabelecida através de Planos de Massa, com parâmetros rigorosos de configuração formal, consolidando assim a diretriz técnica que dava prioridade de proteção aos conjuntos históricos e edificações isoladas.



relação ao planejamento urbano, ao turismo e a preservação do patrimônio, ocasião em que foram definidos os parâmetros básicos orientadores da política de preservação municipal⁴⁸, em 1981⁴⁹ (BAUMANN, 1983). Baseado nestes estudos preliminares, foi efetuado um inventário do acervo de valor histórico/arquitetônico, através de mapeamento e documentação fotográfica, com vistas à identificação de conjuntos referenciais urbanos/culturais marcantes na paisagem urbana.

Até 1985 a proteção do acervo patrimonial em âmbito municipal era realizada exclusivamente através de decretos municipais de tombamento, expedidos pelo Executivo após a análise do órgão técnico, SEPHAN, e a recomendação da comissão técnica consultiva, COTESPHAN.

As estruturas de preservação e de planejamento urbano criaram uma normatização apoiada pela legislação, que dispõe de critérios orientadores nas intervenções de restauro e reforma do patrimônio edificado. ADAMS (2002, p. 47) refere-se as três categorias de preservação, P1, P2 e P3⁵⁰:

Duas das categorias contemplam a proteção, diferenciando as unidades monumentais daquelas de valor como integrantes da paisagem urbana. E, para as unidades destituídas de valor e os terrenos não ocupados foi definida uma categoria especial, objetivando garantir sua adequada integração no conjunto urbano preservado. Nestes casos é fundamental que os condicionantes para as novas construções garantam a contemporaneidade, não só para impedir falsidades históricas, mas também para estimular o registro da marca do nosso tempo no espaço protegido (ADAMS, 2002, p. 47).

Assim sendo os poucos técnicos que atuam e lutam pela preservação dos bens tombados e seu entorno, procuram fazer o máximo com o objetivo de conservar estes exemplares de

⁴⁸ ARAÚJO, Suzane Albers- gerente do SEPHAN/IPUF. Entrevista realizada em 26/abril/2006, via e-mail.

⁴⁹ Seminário Sobre Desenvolvimento Urbano e Preservação do Patrimônio Histórico. Personalidade presentes: Heydock - Diretor do Departamento de Planejamento Urbano de Wiesbaden e Kiesow - Conservador Geral do Estado de Hesse. Novembro de 1981. fonte: Fundação Cultural de Joinville.

⁵⁰ **P1** - os imóveis classificados que pela sua monumentalidade e valor excepcional, são totalmente preservados, interior e exterior. Geralmente, trata-se de edificações de cunho oficial e religioso.

P2 - imóvel que faz parte da imagem urbana da cidade e se constitui num patrimônio valioso, digno de perpetuar a história de Florianópolis. Isto não altera o valor econômico do imóvel, que continua na propriedade de seu titular. Poderá ser alugado ou vendido, se o proprietário assim desejar. O imóvel classificado como P2 não pode ser demolido. São necessárias a manutenção e a restauração das fachadas e da volumetria em suas formas originais. São admitidas adequações internas, desde que não interfiram no exterior do imóvel.

P3 - São aqueles localizados nas áreas de entorno de bem tombado, podem ser demolidos, pois se constituem em unidades de acompanhamento dentro das áreas tombadas. Porém, um novo edifício a ser construído neste local deverá se integrar e se harmonizar com a arquitetura antiga existente na vizinhança, considerando aspectos como: volumetria, cobertura, composição de fachadas e aberturas, comunicação visual, toldos e pintura. Deverá também ser observada a sua integração com o cenário natural e as áreas verdes



significado ímpar no contexto histórico-cultural, pautando-se sempre nos documentos, reconhecidamente, de preservação patrimonial e tentando fazer com que as ações de preservação que acontecem em todo o território nacional, no estado e no município, tenham como base as “Cartas Patrimoniais” e as “Teorias de Restauo” de Viollet-le-Duc à Cesare Brandi.

Nosso país ainda é jovem perante outras nações, nas quais já se discute há séculos a preservação dos monumentos, com suas terminologias e conceitos. Mas nem por isso deixam a desejar nos procedimentos e na conscientização em relação a outros países. As ações de preservação têm a supervisão de técnicos que se embasam nas teorias da restauração, nas Cartas Patrimoniais e outras fundamentações da área. Isto demonstra a importância na trajetória humana da troca de informações sobre os processos de intervenção e restauro, das análises e das discussões multidisciplinares na área de preservação, que juntamente com as recomendações das Conferências Internacionais possibilitaram a modificação nos procedimentos de intervenção no patrimônio em si. Através desta reconstituição foi possível perceber as mudanças que ocorreram após a atuação dos órgãos de preservação, apesar de que muitas coisas ainda estão por fazer, mas para que as ações sejam efetivas é necessário um maior amadurecimento da população e do poder público, principalmente a sedimentação de uma consciência preservacionista. Sendo fundamental as pesquisas referentes ao tema e também a valorização dos especialistas das áreas de conservação e restauração, em consonância com a multidisciplinaridade na atuação técnica, efetivando a execução de projetos de “restauro” e não de “reformas”.

d) O tombamento da Catedral: até a década de 80 a Catedral não era reconhecida como um patrimônio tombado, portanto não tinha a proteção de leis de preservação. Como ela é considerada por todos, população e visitantes, como um bem de grande significado imaterial para a coletividade e esse reconhecimento transcendia as alterações que a descaracterizava de um exemplar original, fez com que os técnicos em 1986 reavaliassem seu tombamento. Então foi decretada em 1986, como edificação “integrante do conjunto histórico, pela sua importância histórica, artística e arquitetônica, classificada nas três categorias, a saber: P1, P2 e P3”⁵¹; conforme especifica o Decreto nº 270/86, assinado pelo Prefeito Edison Andrino no dia 30 de dezembro. Em 1889 o Prefeito Esperidião Amin Helou Filho conforme a Lei Municipal nº 1.202, de 04 de abril de 1974 e o Decreto nº 270/86⁵²,

⁵¹ Decreto nº 270/86 da Prefeitura Municipal de Florianópolis- Gabinete do Prefeito da Cidade de Florianópolis, Edison Andrino, assinado em 30 de dezembro de 1986. Fonte: IPUF/SEPHAN, 2006.

⁵² Decreto Lei nº 521/89, de 21 de dezembro de 1989, pelo Gabinete do Prefeito da Cidade de Florianópolis, publicado no Diário Oficial do Estado de Santa Catarina. nº 13868 em 18 de janeiro de 1990.



decreta o tombamento do conjunto arquitetônico da Catedral, ou seja, a edificação principal e seu entorno através do Decreto 521/89 de 21 de dezembro de 1989. Na esfera estadual seu tombamento ocorre somente em 1998, no final do Governo Paulo Afonso Vieira, através da Lei de Tombamento Estadual nº 2.998/98⁵³.

O reconhecimento da Catedral como patrimônio tombado é recente e essa mudança só aconteceu devido ao amadurecimento no pensamento da preservação, que incluiu não só a edificação, mas seu entorno e o contexto imaterial. Os critérios para esse tombamento teve como embasamento a evolução do pensamento das Cartas patrimoniais que percebeu o patrimônio imaterial como um bem a ser preservado por fazer parte de uma cultura. A **Carta de Veneza**, elaborada no II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos, em maio de 1964, Art. 3º e 7º refere-se a "conservação e a restauração dos monumentos visando salvaguardar tanto a obra de arte como seu testemunho histórico" e "o monumento é inseparável da sua história de que é testemunho e dos meios em que se situa" (ELIAS, 2002 apud CALDEIRA, 2007). Na Austrália em 1980, a **Carta de Burra**, resultado da reunião do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios - ICOMOS, aborda nos Art. 2º e 3º "[...] os cuidados a serem dispensados a um bem para preservar as suas características que represente uma significação cultural [...] sem deturpar o testemunho nela presente" (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2006). A **Carta de Brasília**, em 1995, onde os representantes dos países do Cone Sul, "pressupõe a manutenção do conteúdo sócio-cultural, considerada imprescindível no equilíbrio entre o edifício e seu entorno, se ocorrer à ruptura disso, seria um atentado contra autenticidade" (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2006). A **Carta de Cracóvia**, de 2000, define "**autenticidade**"- "significando a soma de características substanciais, historicamente determinadas: do original até o estado atual, como resultado das várias transformações ocorridas"; e determina que o "conjunto de ações de uma comunidade deve ser destinada a fazer com que o seu patrimônio e seus monumentos perdurem, respeitando o significado da identidade do monumento e dos seus valores" (FONTES, 2006, p. 07).

Portanto a Catedral pode ter em si, três monumentos sobrepostos, mas o que a evidencia como monumento de relevante significado e de grande valor a população, é no seu conjunto de bens imateriais que foram sedimentados durante suas etapas históricas e que se ancoram nos bens materiais e na sua arquitetura imponente.

⁵³ Decreto de Tombamento Estadual nº 2.998/98



8.1.2 Resumo Histórico das Intervenções

A Catedral Metropolitana de Florianópolis é um patrimônio com referências significativas do século XVIII. É o marco zero da fundação da Póvoa de Nossa Senhora do Desterro. Durante seus 230 anos sofreu muitas alterações arquitetônicas. Hoje apresenta um aspecto diferenciado daquele concebido pelo engenheiro militar e primeiro governador da província de Santa Catharina, José da Silva Paes. Em toda a existência da edificação não havia uma compreensão das modificações sofridas no seu sistema construtivo tradicional.

Com o objetivo de analisar tais modificações foi feito o levantamento cronológico das intervenções arquitetônicas através de pesquisa bibliográfica, gráfica e oral; além de trazer a público as informações inéditas coletadas nos Livros Tombo da Cúria Metropolitana de Florianópolis, empregando à pesquisa um caráter documental importante ao comprovar datas e intervenções desconhecidas.

Com base nos dados coletados foi possível analisar os fatos e visualizar cronologicamente as alterações no sistema construtivo tradicional da edificação que aconteceram ao longo desses três séculos de existência.

O resultado desta reconstituição histórica começa com a Capelinha de pau-a-pique, edificada pelo bandeirante Francisco Dias Velho, em 1651, que ergueu a primeira Igreja dedicada a Nossa Senhora do Desterro (LIVRO tomo I, 1727-1871, p. 8). Passou à Capela de “pedra e barro e de mui pequena capacidade e cimitria” (CABRAL, 1979, p. 48), com data provável de 1721. Em 1748, o engenheiro militar, Brigadeiro José da Silva Paes, solicita permissão ao Rei de Portugal para a construção de uma igreja Matriz, projetando a nova Matriz do Desterro, que deveria substituir a “velha igreja”, levantada pelo fundador, justificando que a igreja existente tinha “pouca capacidade para acomodar os fiéis e pouca simetria” (CABRAL, 1979, p. 25). A construção foi iniciada em 1753, utilizando parte da estrutura da antiga edificação, como consta no desenho da Capela, que indica fundações mais estruturadas, provavelmente de pedra e cal, pois era a técnica construtiva da época, e como no desenho da planta que faz a passagem da Capela para a Matriz há o rebatimento de espaços e usos, supõe-se que tenham sido usadas, ao menos em parte, as mesmas fundações da Capela para edificar a Matriz (Fig. 100).

A conclusão da construção da Matriz em 1773 foi um marco para a Vila de Nossa Senhora do Desterro, um exemplar de construção luso-brasileira que deu notoriedade a Capitania de Santa Catharina no século XVIII, situada na pequena colina central do vilarejo, junto a Casa



de Governo e demais dependências que representavam o poder social e político, e para a qual convergiam todas as ruas do centro histórico.

Sua configuração permanece a mesma até meados do século XX, através das suas linhas arquitetônicas e do seu conjunto edificado, como: o frontão principal, a portada em cantaria, as torres sineiras, as capelas laterais e o anexo do Império do Divino. Durante este período ocorreram apenas obras de manutenção ou alterações pontuais no entorno: o ajardinamento, a retirada do cemitério e a alteração do adro e das escadarias.

Na virada do século XX, em 1922, ocorre uma grande alteração estrutural no projeto concebido no século XVIII, com intervenções internas e externas. As estruturas parietais da nave são literalmente “rasgadas”, ficando um vão aberto onde foi feita a ampliação do corpo da nave central, configurando assim o “transcepto”. Também ocorrem mudanças com a elevação e ampliação das torres sineiras e os acréscimos decorativos (aditamentos), mesclando uma arquitetura inicialmente com aspecto colonial português a elementos arquitetônicos neoclássicos; assim configura-se a passagem de Matriz à Catedral.

Supõe-se que o motivo desta mudança tenha sido a necessidade de uma nova configuração estética, que além de suprir a necessidade de mais espaço físico para as celebrações, contribuiu para conferir um novo aspecto à Vila de Desterro, condizente com o desejo de modernidade e de progresso da Cidade.

As mudanças implantadas são conseqüências das influências vindas da Europa e dos Estados Unidos, com a Revolução Industrial (século XIX). Exemplo disto é a construção da ponte Hercílio Luz, fazendo a ligação ilha-continente e trazendo um maior contingente de moradores para a Ilha.

As mudanças ocorridas na virada do século acabam influenciando as atitudes político-sociais, isso associado aos novos conceitos trazidos pelos imigrantes que fixaram-se na região, propiciaram uma visibilidade política à Florianópolis, que saiu do anonimato de uma “ilhota esquecida e abandonada” no sul do Brasil. Um dos políticos que mais contribuiu para a nova imagem da Ilha de Santa Catarina foi o Governador Hercílio Luz, que trouxe novas concepções estéticas para a arquitetura, para as artes e para o traçado urbano, alterando e renovando os traçados de algumas ruas e aplicando medidas estruturais que visavam ao crescimento da cidade.



Todas essas mudanças que atingiram a cidade, também se fizeram ver nas obras que transformaram a Matriz em Catedral, inauguradas em 1924. Mas as intervenções não pararam por aí, houve aditamentos (acréscimos) de elementos arquitetônicos e decorativos na alteração do adro e das escadarias, em 1934, na pintura mural interna, em 1938, com medalhões sacros, arabescos e pinturas decorativas em todo interior da edificação; e os vitrais artísticos da Casa Conrado de São Paulo, em 1948.

As pinturas murais de 1938 provocaram um impacto visual de requinte e ostentação. Mas, em 1974, estas pinturas murais são recobertas por repintura monocromática, com tinta a óleo em tom azul claro fosco, ocultando por 31 anos a existência dessas pinturas decorativa. As intervenções vão além da repintura geral, acontece também a troca do piso de ladrilho hidráulico, as obras no forro de estuque e no madeiramento da cobertura, a substituição do telhado, os acréscimos de anexos como: a Casa Paroquial, as salas nas laterais da capela-mor sobre as sacristias e outras obras de manutenção.

No período entre 1975 até 2005, acontecem mais obras pontuais, que não provocam alterações radicais na estrutura edificada, no entanto, o principal fato causador das patologias está ligado ao dimensionamento incorreto das calhas e dutos que ocasionam o escoamento indevido das águas pluviais. Como o subdimensionamento das calhas é agravado pela inexistência de rufos ao longo das linhas de escoamento das águas, amplia-se a umidade transmitida para as paredes, provocando vazamentos para o interior do edifício. A cobertura sempre apresentou problemas, desde a sua concepção, que por vezes se manifestavam. Nestas ocasiões então, eram feitos consertos dos danos causados, sem a devida investigação das causas que provocaram as infiltrações. Com as obras realizadas ao longo do tempo a cobertura sofreu procedimentos que, por vezes, ampliavam a degradação. Algumas delas foram referidas de forma direta no relatório de 2000, como: a colocação de um tabuado entre o telhado e a cobertura; o depósito de restos dos entulhos nas bordas internas do forro de estuque, forçando a estrutura, principalmente nos rincões⁵⁴; a falta de manutenção e outras complicações. Isso fez com que o forro de estuque da nave central fosse irreversivelmente afetado. Estes motivos contribuíram para agravar o estado de conservação do forro, chegando a romper parte da estrutura nos cantos da entrada da nave, próximo aos pilares laterais. Os primeiros indícios do agravamento dos problemas foi o

⁵⁴ RINCÕES: Canal formado pelo encontro das águas em dois panos convergentes de telhado, e por onde corre a água pluvial.



aparecimento das fissuras em 2003, progredindo até o desprendimento de pequenos fragmentos do estuque, colocando em risco a estrutura da edificação e também a segurança dos fiéis que freqüentavam a igreja. No final de 2004 a Catedral é interdita à visitação pública e começa um processo prolongado com obras em todo o complexo edificado. Estas intervenções ainda estão em andamento, fazendo parte de um projeto global de recuperação da Catedral.

Durante toda a trajetória desta edificação, que contém em suas fundações e nas estruturas parietais materiais construtivos tradicionais do século XVII, constatou-se que este monumento arquitetônico foi sempre objeto de construção e reconstrução, de aditamentos, de modificação, de adaptação de usos. Estas intervenções deixaram registros fiéis da marca do tempo, guardando em suas paredes um pouco da história e da cultura local, admirada e respeitada em sua grandiosidade e representatividade do acervo material e imaterial, sedimentado ao longo do tempo, absorvendo e interiorizando as modificações no seu aspecto arquitetônico e estético.

A contribuição desta reconstituição cronológica, sobre as etapas históricas e suas intervenções arquitetônicas da Catedral Metropolitana de Florianópolis, desde a sua concepção até hoje, é uma forma de contribuir na preservação deste monumento de grande significado patrimonial, material e imaterial para todos os catarinenses e também ressaltar a importância da pesquisa histórica dos materiais e das técnicas tradicionais utilizados nos sistemas construtivos, segundo Oliveira (2001) que ao resgatar a memória do “fazer”, permite conhecer os materiais constitutivos do patrimônio herdado, podendo assim “intervir” no edificado e seu entorno. A importância da pesquisa no conhecimento das formas e a funcionalidade das edificações, com suas técnicas e materiais, configuram um contexto que só adquire sentido e valor quando percebido como patrimônio vivo e atuante. O resultado desta pesquisa é compreendido como um resultado estratigráfico dos seus elementos construtivos e das relações com seu entorno e com a comunidade em que está inserido, evidenciando e valorizando a cultura de um povo que se espelha e se orgulha de sua história.

A Catedral é um templo no qual seu espaço físico já transcendeu à função religiosa, podendo ser vista também como um espaço museológico, é visitada por todos os tipos de pessoas, às vezes de vários credos, que ali reverenciam a sua grandiosidade como marco da Cidade. Muitos adentram suas portas para admirar seu conjunto arquitetônico, seus bens



integrados e móveis, mesmo sem possuírem vinculação religiosa, constituindo-se assim como um ponto turístico.

8.1.3 A Suposta Data da Construção da Capela

Quanto à data precisa da construção da Capela de pedra e cal não há registro, são apenas datas supostas, pois Matos (1996, p. 47) afirma que o início do povoamento ocorreu em 1673 com a chegada do bandeirante Dias Velho; requerendo o título das terras em 1679, aí providenciou a ereção de uma Igreja. No entanto Cabral (1979, p. 18), diz que Dias Velho talvez tenha chegado em 1662 e nada edificou por aqui até 1672, na citação assim registrada:

A primeira vez que saiu Dias Velho, de Piratininga, para fundar a povoação da Ilha de Santa Catarina, dizem que foi em 1662. Se saiu, se por aqui andou, desta vez, entretanto, nada fundou nem levantou e até 1672, dez anos após, tudo leva a crer que não o tivesse feito [...]. Em 1673, seu irmão José Dias Velho, ao seu mando, andou por aqui e fez algumas plantações; e, ele mesmo, entre 1675 e 1678, três anos corridos aqui permaneceu. Foi só depois disto que regressando a São Paulo, requereu sesmarias na Ilha, “onde já tinha igreja de N. Sra. Destêrro”.

Existe outra versão divulgada no site da Catedral, sobre o histórico da Catedral, em que:

[...]1679, Francisco Dias Velho requereu o título legal das terras. Providenciou então a ereção de uma Igreja em honra a Nossa Senhora do Desterro. Alguns historiadores dizem ter sido o próprio Dias Velho quem mandou edificar a dita Capela, para outros, o que é mais provável, na sua chegada a dita Capela já existia, pois, um LIVRO tombo do Arquivo da Ordem Terceira de São Francisco diz que a primeira Igreja que teve a Ilha, foi construída no centro da atual Praça XV de novembro, no ano de 1651 (Catedral Metropolitana de Florianópolis, 2001).

A versão divulgada no site da Catedral se refere à existência de uma “capela em 1651 constando registro no Livro tombo da Ordem Terceira”. Na realidade, esta citação se refere à existência da Capela do Hospício dos Jesuítas e não à Capelinha de Dias Velho.

Esta capela do Hospício dos Jesuítas ficava nas proximidades da praça onde hoje é o prédio dos Correios (VEIGA, 1993, p.186). Ela foi utilizada para a hospedagem das alfaias, imagens, paramentos litúrgicos e atividades religiosas, durante a construção da Matriz projetada por Silva Paes (CABRAL, 1979, p. 50).

[...] passando então, durante as obras, a Matriz para a Pequena Capela dos Padres Jesuítas, que se localizava ao lado da Praça XV onde hoje fica o prédio dos Correios. A [...] mudança foi feita com todo o cerimonial, pois transferiam até o Santíssimo e a Pia Batismal” (LIVRO tombo, 1727-1871, p. 35).



Daí, a interpretação de que esta é a primeira edificação antes da Matriz, mas, na realidade, é um relato do início da capela da Irmandade dos Terceiros. Esta Irmandade, que se localizava no Hospício dos Jesuítas, mais tarde transfere-se da dita capela, próxima à praça, para a Capela Lateral de Nossa Senhora das Dores, durante a construção da Matriz em 1769 e só construirá sua própria Igreja, a da Ordem terceira de São Francisco, em 1851 (CABRAL, 1979, p. 420). No decorrer deste capítulo será mencionada a relação entre os Terceiros, ou seja, a Irmandade da Ordem Terceira de São Francisco e a Capela de N. Sr^a. das Dores que faz parte da Matriz.

Quanto à notícia da existência de uma capela construída no centro da praça, também não procede, pois não constam registros de edificação dentro do quadrilátero da Praça XV de Novembro, que naquele tempo se chamava “Paço da Igreja, depois Largo do Palácio, para Praça Barão de Laguna e finalmente Praça XV de Novembro” (MACHADO, 2000). Nem nos registro iconográficos aparece algum indício desta construção, a exemplo das aquarelas já citadas de Debret e de Victor Meirelles (Fig. 06 e 07).

Apesar das informações já citadas, não se tem um registro preciso da data em que foi construída esta ermida (pequena capelinha). Presume-se que seja a data de 1651, conforme transcrição do Livro tomo I (1727-1871, p. 8):

Data da fundação da Igreja de Nossa Senhora do Desterro na Ilha de Santa Catharina. No anno de 1721 encontraram uma grande cruz junto ao local da antiga Igreja com a data de 1651, anno em que Francisco Dias Velho veio estabelecer-se na Ilha, aqual tomou o nome de Santa Catharina de sua filha mais velha, deque é tradição. Foi pois em 1651 que se ergueu a primeira Igreja dedicada a Nossa Senhora do Desterro. Possuiu a Diocese desde 1682 à 1700 o 1º Bispo D. José de Barros[...].

Fica estimado assim, que a data da fundação da capelinha seja 1651, pois são os registros mais antigos encontrados, até o momento, e registrados em uma fonte primária. Quanto às afirmações de Matos, escrita em 1996 e Cabral em 1979, são relatos posteriores a do LIVRO tomo I 1721-1871, p. 8, com registro de 1721.

8.1.4 A Existência da Capela Após a Capelinha, Antes da Matriz

A suposta existência de uma Capela de pedra e cal após a Capelinha de pau-a-pique, surgiu durante a análise do conjunto de plantas da Matriz projetadas por José da Silva Paes, ao identificar em um delas o registro da Capela que se transformaria em Matriz. Percebeu-se



em seu traçado as fundações de uma construção anterior à fundação da Matriz, que é o traçado da igreja velha, configurando uma estrutura de dimensões parietais mais largas e mais sólidas do que da Capelinha de pau-a-pique comentada por Cabral (1979, p. 17), na citação a seguir sobre o engenheiro militar, Brigadeiro José da Silva Paes, quando solicita a permissão para a construção de uma igreja Matriz, que deveria substituir a “velha igreja” levantada pelo fundador.

Em 1746, depois de regressar de sua derradeira estada no Rio Grande de S. Pedro, o Governador representou ao Rei, a respeito, da “pequenez da velha matriz, feita pelo primeiro povoador de pedra e barro e de mui pequena capacidade e cimitria” e que era preciso acudir com reparos para não ficar em ruínas. Entretanto, pedia ao Rei que fosse servido “premitir” se fizesse outra, capaz, em que pudesse caber todo o “pouvo” nos dias festivos. Adiantava que os moradores já pagavam dízimo, que a Câmara concorreria com a pedra e a Cal, sendo que a maior despesa seria a dos jornais que êlle calculava nuns 8 mil cruzados, se fôsse construída com economia. O Rei, entretanto, desconversou- havia naquele mesmo dia tomado providências sôbre as povoações que se estabeleceriam na Ilha, com os novos moradores que iriam dos Açores e visse Silva Paes, dando seu parecer, onde seria conveniente formar-se Vila, capaz de aumentar com o comércio para então fazer-se a Matriz [...](CABRAL, 1979, p. 48)

Para contribuir com a análise, no desenho da planta há inscrições que indicam a compartimentação da “igreja velha” e o projeto da “igreja nova” (Fig. 100). Juntamente com a citação, reforça a hipótese aqui levantada do fato da existência de uma Capela de “pedra e barro” feita pelo primeiro povoador, que seria Dias Velho, com estruturas mais sólidas e não a estrutura de pau-a-pique primária. Quanto a data atribuída como de sua construção, está vinculada ao registro referente ao “anno de 1721” quando “encontraram uma grande cruz junto ao local da antiga Igreja” (LIVRO tombo I, 1727-1871, p. 8).

Mas as suposições vão além, na tentativa de atribuir que parte das estruturas da Capela, ou seja, as fundações foram utilizadas como base para a edificação da Matriz.

Esta hipótese parece bem provável na análise comparativa das plantas (Fig. 100), onde os espaços de uso e os dimensionamentos correspondem, nos dois desenhos das plantas baixas, às áreas de uso nos espaços e funções, levando em conta que é um desenho de época e, portanto podem não ser muito precisas as medidas e a escala registrada. Na base do desenho existe uma escala registrada em **palmos**, medida muito utilizada naquela época e cada palmo tem a referência métrica de 9’ (nove polegadas), ou seja, 22 cm. Para confirmar tais suposições seria necessário ampliar a pesquisa através de sondagens nas fundações e coletar materiais para posteriores análises. Isso possibilitaria a comprovação destas hipóteses, preenchendo uma lacuna importante na historia do monumento.



Oliveira (2003, p. 06) afirma que:

Em relação ao empirismo, cujo suporte principal é a intuição, faz-se consenso entre os estudiosos, que foi desde os primórdios da história da humanidade, a mola mestra propulsora da tecnologia das construções e, dentre elas, em período mais recente, da tecnologia do restauro. Esta, de longe, mais sofisticada e complexa do que os procedimentos corriqueiros de fabricar edifícios novos, principalmente pelas suas implicações interdisciplinares. O fato de que o empirismo ter cedido parte do seu reinado à ciência, não implica o seu desaparecimento do cenário da epistemologia, pois até mesmo a ciência vale-se do conhecimento e das observações empíricas. O mesmo acontece com a intuição, que vai continuar sendo nossa companheira na resolução dos problemas de estabilidade dos edifícios.

Sabe-se que as hipótese e suposições associadas às experiências empíricas muitas vezes não são consideradas, devido à falta de parâmetros científicos, mas essas iniciativas podem desencadear outros processos que levarão à comprovação científica.

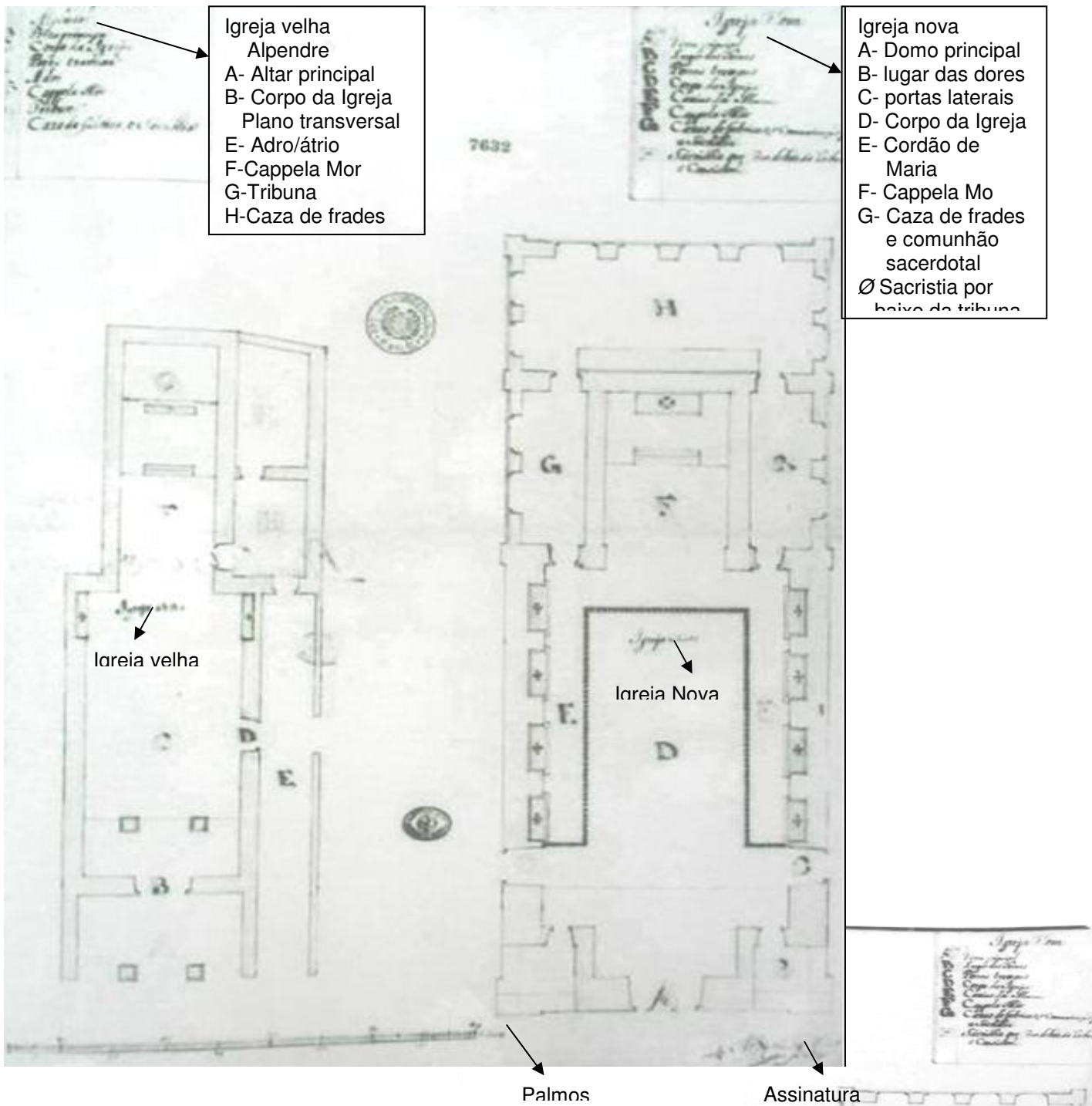


Figura 100 - Desenho das fundações da Igreja Velha e da Matriz.

A) as plantas desenhadas com inscrições indicando os espaços de uso. Mostram as fundações: referentes à igreja velha e a nova- projeto a ser edificado
 B) Planta baixa com a hipótese de sobreposição das fundações da igreja velha (a Capela) sobre as fundações projetadas para a Igreja Matriz

Plantas baixas da Igreja Matriz na Ilha de Santa Catarina III
 Projeto da Matriz de Nossa Senhora do Desterro
 Autor do projeto: Brigadeiro José da Silva Paes-1748
 Fonte primária: Arquivo Histórico Ultramarino- Lisboa
 Fonte: Altrock, 2004, p. 63.





8.1.5 Planta do Brigadeiro Silva Paes Indicando Áreas Edificadas e Projetadas

Nesse mesmo conjunto de plantas de Silva Paes, foi encontrada outra planta (Fig. 101) com manuscritos na área superior, referente às estruturas já edificadas e as que ainda seriam edificadas. Com base no documento, lê-se a transcrição com a grafia da época:

Tudo o que leva à aguada vermelha, se acha concluída, e só lhe falta o reboco, guarnição, os altares, os púlpitos, a soalho, e algumã pequenos ornatos de Cal; o que vay de aguada amarela está por fazer, e há o que se deve arrematar.

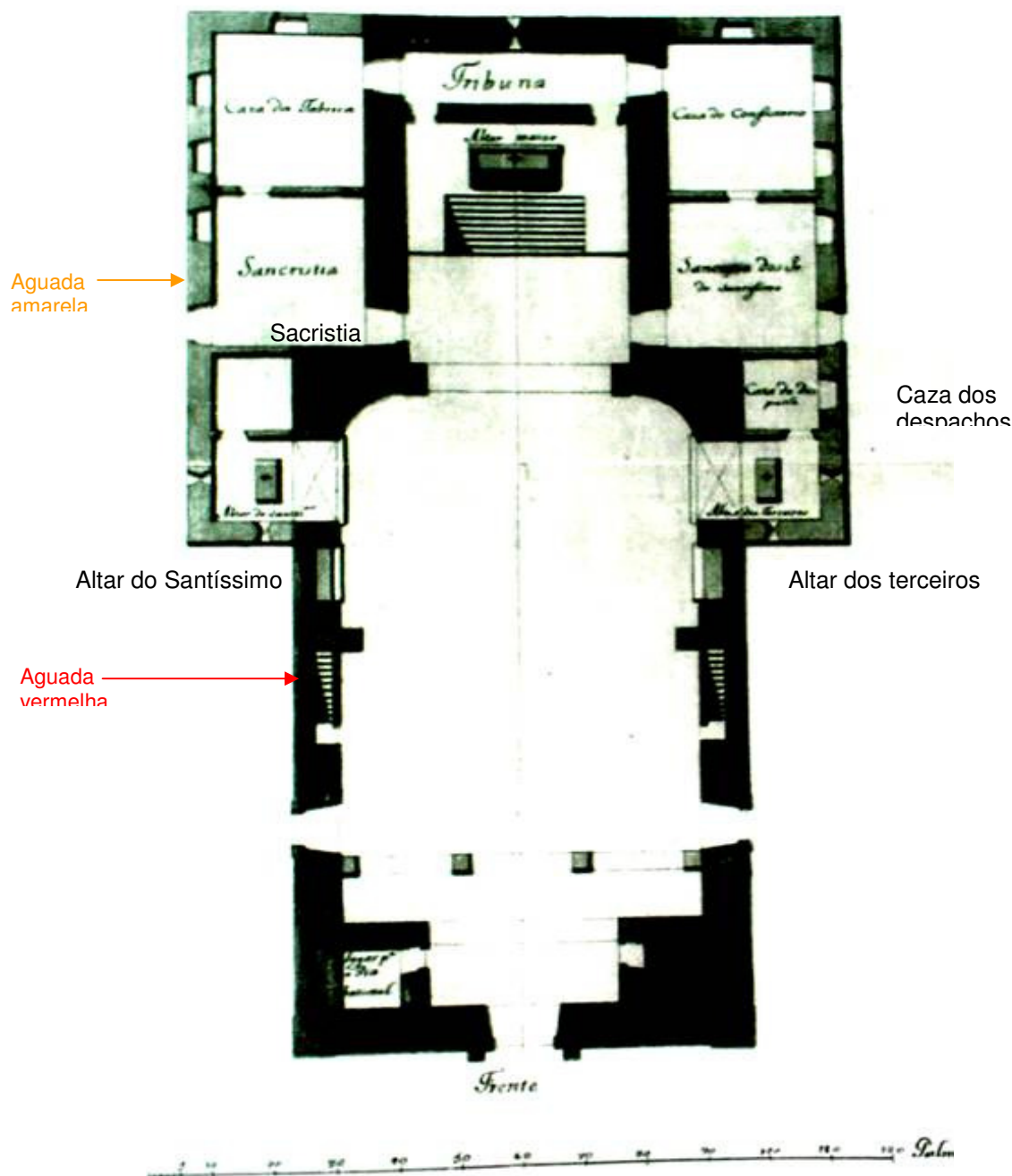
Ao analisar tal desenho, verificou-se que o traçado desta planta provavelmente foi executado pelo Brigadeiro Silva Paes, mas as inscrições, provavelmente não foram feitas por ele, pois, Silva Paes retorna para Portugal, em 1749, e a Matriz começa a ser edificada em 1753, então ele não estava presente para constatar o que já estava edificado e o que só estava no projeto e faltava ser concluído. Possivelmente outra pessoa encarregou-se de fazer tal coloração, que indicava o andamento das obras; só que o autor da coloração não deixou registrada sua assinatura, identificando a autoria. Esta planta deve ter sido colorida após 1753, início da construção; e antes de 1769, quando os Terceiros se encarregaram de concluir a construção da Capela Lateral de N. Sr^ª. das Dores.

A afirmação que a aguada foi antes de 1769 é porque naquela época a construção da capela lateral não correspondeu com as dimensões do desenho projetado por Silva Paes, tendo como resultado, como pode-se observar através de documentos gráficos e fotográficos, um dimensionamento maior, pois os Terceiros tomaram para si aquela dependência da Matriz, em 1769. A configuração a princípio concebida pelo projeto do Silva Paes teve essa alteração como objetivo, provavelmente, aumentar o espaço de uso para poder acomodar a Irmandade da Ordem Terceira da Penitência.

Outra constatação é que esta planta e suas inscrições indicam que a construção da Matriz foi edificada conforme o projeto do Brigadeiro José da Silva Paes. Dessa forma, fica excluída a versão popular, que o engenheiro só teria projetado a Matriz, mas a construção não teria seguido o seu projeto. O documento confirma, ao menos em parte, que ela foi edificada tal como o projeto de Silva Paes, principalmente a Nave Central e a Capela-Mor, as únicas áreas do projeto que tiveram outra configuração foram às capelas laterais, isso ocorreu por serem áreas exclusivas das irmandades e que compartilhavam o espaço da Matriz, mas eram independentes.



Plano da Igreja Matriz da Ilha de Santa Catharina
Tudo o que leva a aguada vermelha se acha concluída, e só lhe falta o reboco, e guarnição, os altares, os púlpitos, a soalho, e algumã pequenos ornatos de Cal; o que vay de aguada amarela está por fazer, e há o que sedeve arrematar



Transcrições das inscrições na área superior do documento (grafia da época):

“Tudo o que leva à aguada vermelha, se acha concluída, e só lhe falta o reboco, guarnição, os altares, os púlpitos, a soalho, e algumã pequenos ornatos de Cal; o que vay de aguada amarela está por fazer, e há o que sedeve arrematar”.

Figura 101 - Planta com inscrições e colorações, indicando as estruturas já edificadas e só projetadas. Esta planta deve ter sido colorida após 1753 e antes de 1769.

Planta baixa da Igreja Matriz na Ilha de Santa Catarina -Projeto da Matriz de Nossa Senhora do Desterro

Autor do projeto: Brigadeiro Joseph da Silva Paes-1748

Fonte primária: Arquivo Histórico Ultramarino- Lisboa /Fonte: Altroch, 2004, p. 39.



8.1.6 Configuração Interna da Matriz

Quanto ao interior da Matriz não há documentação visual (fotografias, desenhos ou gravuras) até o momento, que deixe mais claro como era a configuração e a disposição dos espaços e usos até o século XX. As análises aqui realizadas baseiam-se nas plantas projetadas por Silva Paes e nos registros documentais. No interior da edificação também ocorreram mudanças estruturais, reflexo das já citadas reformas e supressões, além de mudanças estéticas.

As alterações na configuração interna, analisadas através das análises comparativas do desenho (corte lateral da Matriz-projeto do Silva Paes) em relação às fotografias da década de 1970 (Fig. 102), indicam como era o espaço interno após a reforma de 1922, provavelmente, permaneceu a mesma até 1974.

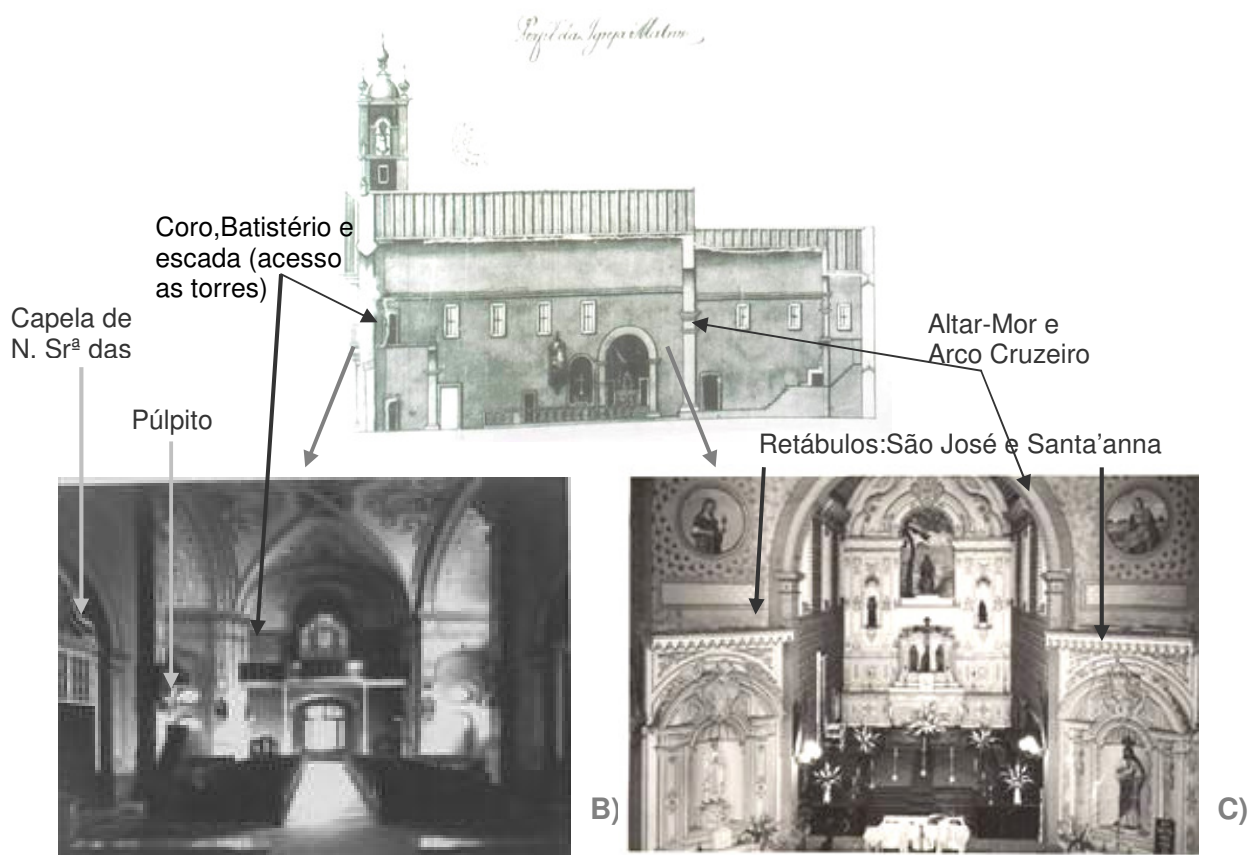


Figura 102 - Conjunto de imagens do posicionamento e compartimentação interna da edificação.

A) corte longitudinal da Matriz- Projeto Jose da Silva Paes 1748

B) Fotografia Foto B- Blásio Junkes 1974, interior da Catedral antes da repintura

C) reprodução de publicação, interior da Catedral antes da repintura

Fontes: A) Altrock, 2004, B) Casa da Memória, C) Recorte de jornal -15 abril de 1939



Na área interna frontal, não houve alteração na estrutura física, as fotografias reforçam o posicionamento da planta de Silva Paes. Permanece o coro, com as duas colunas de sustentação, sendo essas colunas provavelmente peças originais utilizadas desde a construção da Matriz; à direita o batistério e a esquerda a escada que de acesso às torres e a cobertura.

O coro não foi alterado, só foi ocupado com a estrutura do órgão (composta por partes metálicas e em madeira). O órgão veio da “Alemanha, inaugurado no festivo domingo de 17 de agosto de 1924” (LIVRO tomo III, 1902-1930, p. 70v). Esse espaço não perdeu sua funcionalidade, continua destinado ao coro nas celebrações litúrgicas, só que ao ser instalado o órgão a área de circulação ficou reduzida, pois esse ocupou mais da metade do espaço físico inicial.

A área da escadaria que dá acesso às torres continua igual, mantendo a mesma forma, helicoidal, e estrutura em madeira (Fig. 103). Ela apresenta melhor estado de conservação até o primeiro estágio, que dá acesso à cobertura e aos primeiros sinos, a partir daí, a estrutura complementar da escada, feita nas obras de elevação das torres, em 1922, tem menor dimensionamento nos degraus e a madeira, aparentemente, está mais desgastada e frágil. O que chama a atenção é que a madeira do segundo estágio, considerada mais nova que a do primeiro, está em piores condições de uso. Talvez isso ocorra em função do tipo de madeira utilizada, apresentando menos resistência. Mas para afirmar com mais precisão será necessário realizar análises de identificação da madeira para detectar a causa da diferenciação no estado de conservação entre os dois estágios da escada da torre.



Figura 103 - Escada de acesso às torres
Fonte: Acervo da autora, 2006.

Quanto à dependência destinada ao batistério concebido na planta de Silva Paes, que se posicionava a esquerda da entrada principal, perdeu sua função. Esse posicionamento do batistério é importante porque representa o batismo do pagão¹. No início manteve-se o

¹ Na iconografia cristã, a criança recém-nascida chamada de “inocente e sem pecado” ao entrar na igreja recebe os dons do Divino Espírito Santo através do batismo, a partir daí fará parte da comunidade cristã sendo digno de adentrar naquele espaço sacro; isso faz parte dos rituais e das tradições católicas.



Batistério em seu devido lugar, com o tempo e o aumento dos fiéis, o clero optou pela retirada da pia batismal de seu espaço inicial e a deslocou para frente do Presbitério, próximo ao Altar-Mor, facilitando os procedimentos religiosos, mas descontextualizando a função e o significado do batistério. Hoje o local no qual ficava o batistério serve como recepção ao turista e secretaria administrativa da Catedral.

Com a destituição do batistério, a pia batismal existente na Catedral, “oferecida por Diogo Duarte Silva em 1876” (Fig.104-A), encontra-se ao lado do retábulo da Capela do Santíssimo Sacramento. A pia batismal de mármore está em desuso há algum tempo, pois nas celebrações de batismo são usados outros utensílios que não a própria (Fig. 104- B).



Figura 104 - Cerimônia de batizado
A) Pia batismal em mármore
B) cerimônia de batizado
Fonte: Acervo da autora, 2005.

Cabe mencionar que a Matriz possuía pia batismal em madeira, o último exemplar ainda existente na Ilha de Santa Catarina que se encontra na Igreja de N. Sr^a. das Necessidades no bairro de Santo Antônio de Lisboa.

O corte longitudinal em perfil da Matriz possibilita fazer analogias sobre a configuração interna (fig. 105):

a) Capela-mor: o Altar-Mor se localiza aos fundos da Capela-Mor, elevado por vários degraus, terminam numa plataforma até o Arco cruzeiro. O espaço da Capela-Mor é denominado Presbitério, parte da igreja considerada como local sagrado e reservada aos sacerdotes. Na lateral direita da Capela há porta que dava acesso à Sacristia. Na área superior, duas janelas e uma cimalha que contorna as paredes acima das janelas.

b) Nave central: após a porta de entrada está o mezanino do Coro, com acesso pela escada da Torre. A escada se localiza no canto esquerdo da edificação, dentro da estrutura



da torre lateral esquerda. Este é o único acesso ao telhado, às torres, ao relógio e também ao Coro.

Nas laterais há portas de acesso, à esquerda e à direita. O desenho indica a posição de dois púlpitos nas paredes laterais, cujo acesso se dava por uma escada interna embutida na parede lateral direita e na lateral esquerda, a escada de madeira era aparente e não embutida.

Na nave, local onde ficam os fiéis durante as cerimônias, aparece uma mesa de comunhão, que não existe mais, porém era costume o padre circundar os fiéis na hora da comunhão. Existe somente um exemplar desta Mesa de Comunhão na Ilha de Santa Catarina e encontra-se na Igreja de Nossa Senhora das Necessidades, no Bairro de Santo Antônio de Lisboa.

Na área superior tem quatro janelas e a cimalha de contorno próximo ao teto, que dá continuidade à cimalha da Capela-Mor.

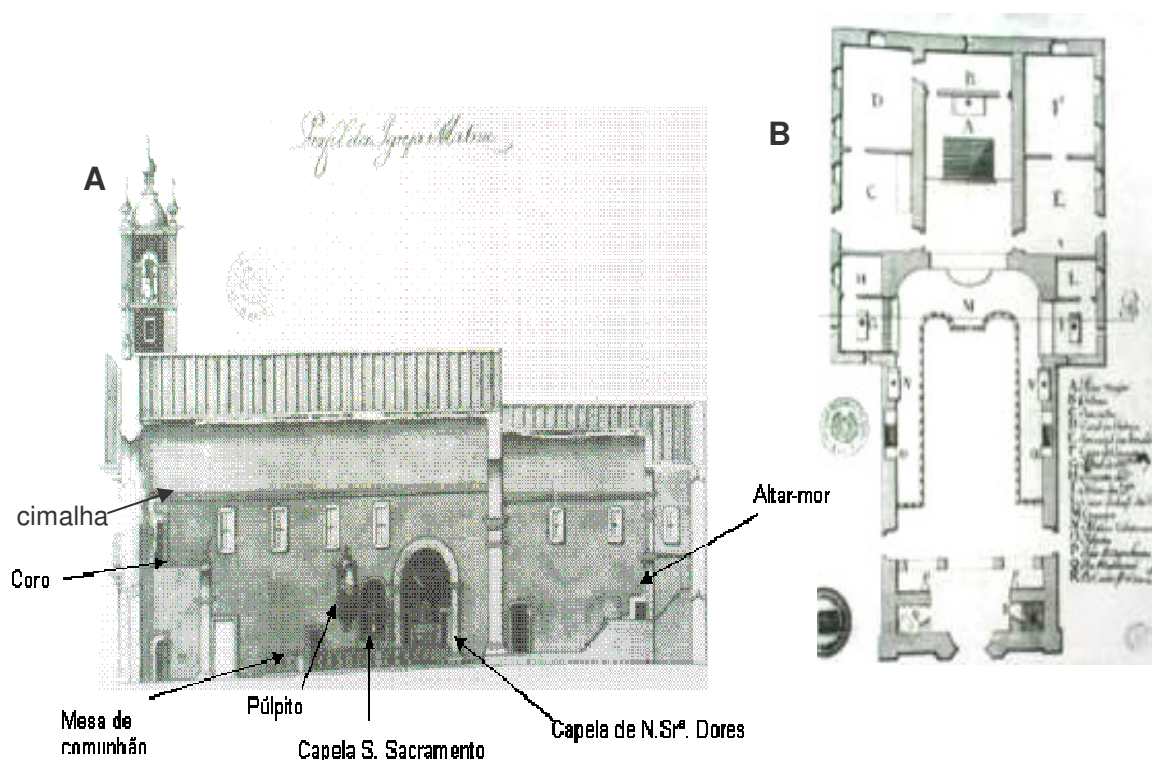


Figura 105- Imagens para análise da localização dos bens integrados.
A) Corte lateral longitudinal da Igreja Matriz
B) Planta baixa da Igreja Matriz na Ilha de Santa Catarina
Autor do projeto: Brigadeiro José da Silva Paes-1748
Fonte primária: Arquivo Histórico Ultramarino- Lisboa/ ALTROCK,2004.



No desenho não aparece o Quebra-vento após a porta principal. Ele existe até hoje (Fig. 106), mas sem data comprovada impossibilitando presumir quando foi colocado nesta posição. Esta peça é tradicional nas igrejas antigas, de grande importância, pois serve para diminuir a incidência de vento nas cerimônias evitando que se apaguem as velas; na simbologia das celebrações religiosas a vela é importante para os fiéis porque significa que “Deus” está presente. É devido à sua função, de bloquear a entrada de vento, que esta peça se encontra na entrada da Catedral. Existem quebra-ventos que datam do século XVII em Minas Gerais e outros estados.

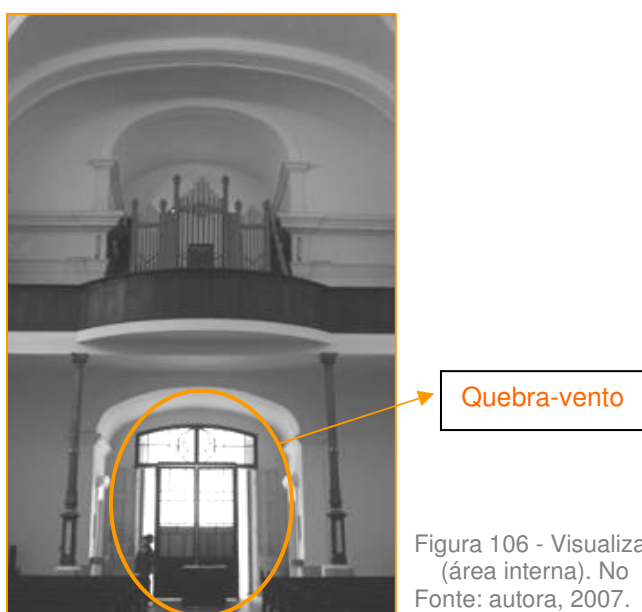


Figura 106 - Visualização da entrada principal (área interna). No destaque o quebra-vento. Fonte: autora, 2007.

c) Capelas: estão posicionadas nas laterais as duas capelas, do Santíssimo Sacramento e de N. Sr^a. das Dores, que configurando juntamente com o corpo da igreja, formam na planta um partido em cruz latina.

Existem descrições que indicam esta configuração interna, é o caso Souza (1981, p. 77- 84), que relata pedidos de reformas, descrevendo o seu interior e o estado de conservação da Matriz. Para melhor compreensão dos pontos abordados a citação será transcrita:

- I. O relatório do Coronel Everard, em 1845, diz que “havia caído o estuque do teto e o madeiramento achava-se podre”.
- II. Em 08 de fevereiro de 1847, o Vigário Antonio Joaquim Pereira Malheiros, encaminha orçamento para a douração e pintura da Capela-Mor e do corpo da Igreja, “a pintura das paredes seria branca e o corpo seria forrado. As cimalkas deveriam ser pintadas imitando pedra, para fazer simetria com as da Capela-mor, que eram de cantaria”.



- III. No mês de dezembro de 1851, o Vigário Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva solicita verbas para um novo assoalho.
- IV. O Presidente da Província Dr. João José Coutinho, em discurso na Assembléia Legislativa- Provincial, em 1º de março de 1857, diz que “a cobertura da Capela-Mor estava ameaçando ruir [...] assim como era urgente a substituição dos barrotes [...]”.
- V. No dia 5 de janeiro de 1858, O Vigário Coadjutor Pe. Joaquim Eloy de Medeiros solicita reparos no telhado, com troca de madeiramento, bem como a substituição do assoalho, reforma da sacristia e pinturas.

Nestes apontamentos conclui-se que, em 1845, já existia um forro de estuque, não se sabe se pintado ou não, apresentando problemas estruturais no madeiramento, devido ao seu estado de degradação. Talvez a causa fosse à infiltração de água das chuvas ou o ataque de insetos xilófagos, fato que se repete em 1857 e 1858.

Em 1847 havia preocupação com relação ao tratamento estético interno da Matriz, na realização de pintura interna, e nas cimalthas imitando a cantaria original. Segundo o relato a pintura interna ainda era branca. As cimalthas que contornam toda a área superior próxima ao teto teriam uma pintura imitando pedra.

A solicitação de um novo assoalho, em 1851, indica que os primeiros pisos eram assoalhos de madeira.

O Vigário Francisco Topp, faz solicitação ao “Bispo Diocesano de Corytiba, Dom José de Camargo Barros, em 22 de maio de 1896”. Nomea-se “João Sescadio Peixoto como fabricante da Matriz para serviços de emenda do telhado, fazer bancos e adornar a Capela do Santíssimo para renovação e embelezamento da Igreja” (ARQUIVO ARQUIDOCESANO, 2006).

Quanto ao orçamento encaminhado em 1847 para a douração, provavelmente era destinada aos retábulos, com destaque para o retábulo da Capela-Mor, devido à sua significância. Fazer e refazer o douramento dos retábulos era uma prática da época, por se tratar, a douração aos moldes das igrejas luso-brasileiras, de uma técnica tradicional, assim como também era uma forma de valorizar os entalhes expressivos das talhas dos retábulos,

Saint Hilaire faz um relato sobre estes altares e o aspecto interno da Matriz:



[...] a igreja tem forro e é bem iluminada, mas achei-a menos limpa do que em geral são as igrejas no Brasil (1820). Medi cerca de quarenta e dois passos desde o altar da capela-mor até a porta. O altar é pouco ornamentado, sendo mais enfeitados os dois outros que o ladeiam obliquamente. Afóra esse há ainda mais dois dos lados da igreja, além de duas capelas bastante ricas. (SAINT HILAIRE apud JUNQUEIRA, 1978, p. 170).

Com base nesta descrição julga-se haver um Altar-Mor na Capela-Mor, e mais quatro altares na Nave, dois laterais à direita e à esquerda da Nave, mais dois colaterais junto ao Arco Cruzeiro e outro altar em cada uma das capelas laterais, totalizando sete altares.

Fazendo analogia da posição descrita com os altares existentes, ainda hoje, na Catedral, tem-se: o altar-mor na capela-mor; dois altares colaterais junto ao Arco cruzeiro localizando-se à esquerda (Sagrado Coração de Jesus) à direita (Nossa Senhora de Lourdes); um altar em cada uma das duas Capelas, à direita (Capela do Santíssimo Sacramento) e à esquerda (Capela de Nossa Senhora das Dores); e mais dois laterais na Nave Central, à direita (São José) e à esquerda (Sant'Anna), totalizando os mesmos sete altares citados. Com isso concluí-se que os altares existentes na Catedral sejam os originais da Matriz. Como estes altares da Catedral apresentam a configuração de sua talha semelhante aos altares das igrejas do século XVIII e XIX na Ilha, acredita-se que sejam da mesma época.

8.1.7 A Irmandade dos Terceiros e a Diminuição da Capela de N. Sr^a. das Dores

As capelas existem desde a construção da Matriz, localizando-se na mesma posição até hoje. Estas capelas, desde a sua concepção, foram destinadas às Irmandades, que as administravam e as consideravam seus espaços de domínio.

A Capela do Santíssimo Sacramento, que fica no lado do Evangelho, ou seja, a direita da edificação era da Irmandade do Santíssimo Sacramento. A Capela de Nossa Senhora das Dores, que ficava em direção oposta à Capela do Santíssimo, no lado da Epístola, ou seja, no lado esquerdo, era da Irmandade da Ordem Terceira de São Francisco.

Quanto à Capela de Nossa Senhora das Dores:

[...] havia o altar dos Terceiros, cuja lhe era a capela. Por sinal que, antes de concluída a Matriz, os Terceiros para ela se mudaram (1769), transferindo, a 09 de abril daquele ano, as suas imagens, desistindo da hospedagem que lhes fôra concedida no hospício dos padres jesuítas, nessa época, aliás, já ausentes da Vila havia 10 anos, por terem sido expulsos do Reino, à Ordem de Pombal. Mudança feita sem que a capela estivesse concluída, pois, com seu acabamento de 1770 a 1799 (vinte nove anos!) consumiu a Ordem Terceira dois contos, seiscentos e vinte e seis mil e quarenta e cinco reis (CABRAL, 1979, p. 50).



Conclui-se, então, que a Matriz do Desterro teve o período de 1753 a 1773 para a conclusão das obras, mas a Capela de N. Sr^ª. das Dores foi uma construção à parte, tendo em comum com o corpo da Igreja somente suas fundações, supondo assim, que as fundações da Matriz e da Capela sejam de mesma época e ambas executadas por Silva Paes. Mas, com a mudança da Irmandade dos Terceiros para a Capela de N. Sr^ª. das Dores, em 1769, antes de estarem concluídas as suas obras, tomam estes, para si, o término da Capela.

Este longo período que durou 29 anos para a conclusão das obras na Capela, indica que as construções ocorreram paralelas, mas não em conjunto com a Matriz. Isto justifica o traçado alterado da Capela das Dores, com formato diferente daquela que consta na planta de Silva Paes. Na planta seu formato é menor do que aparece nas fotografias da época (Fig. 107), devido às ampliações do espaço para acomodar a Irmandade e suas alaias.

O detalhe da fotografia indica uma abertura na parede dos fundos da Capela. Supõe-se ser uma entrada exclusiva da Irmandade dos Terceiros, facilitando, assim, o acesso sem necessariamente passar por dentro da Matriz.

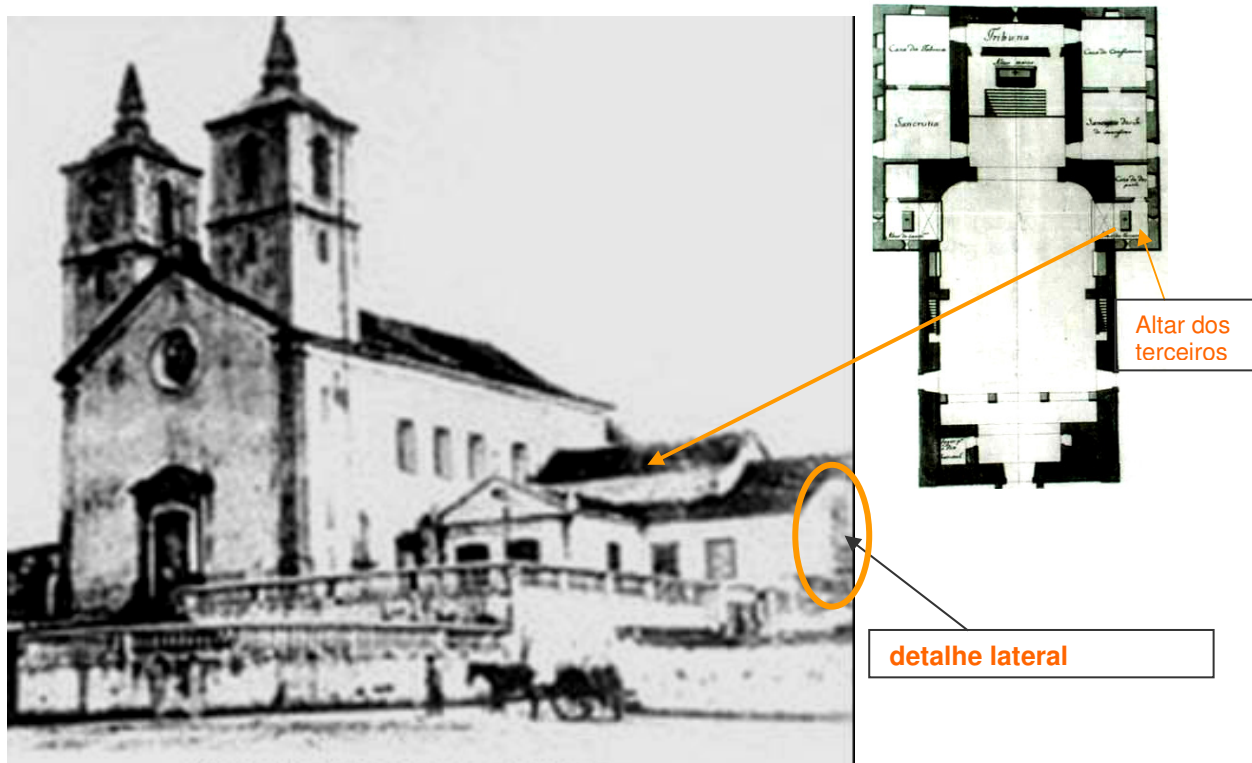


Figura 107 - Análise do dimensionamento e a configuração da Capela de N. Sr^ª. das Dores.

A) Igreja Matriz Nossa Senhora do Desterro- Fotografia do início do séc. XX

Fonte: Casa da Memória- Acervo documental

B) Planta baixa da Igreja Matriz- Brigadeiro Joseph da Silva Paes-1748

Fontes Arquivo Histórico Ultramarino- Lisboa/ Altrock, 2004.



A Capela de N. Sr^a. das Dores recebeu essa denominação por conter em seu interior imagens e referenciais sacros do martírio e da morte de Jesus Cristo, associado ao sofrimento da sua Mãe, que o acompanhou e presenciou as dores sofridas, aos pés do Calvário. Nas igrejas, sua localização é no lado da Epístola, ou seja, à esquerda da capela-mor. Dentro do contexto da pesquisa, esse espaço será analisado sob o ponto de vista das perdas estruturais e suas alterações físicas.

Ela foi alterada na reforma do século XX, perdendo sua área posterior. Atribui-se esta demolição à construção da rampa de acesso lateral ao adro e também por não ser mais utilizada pela Irmandade dos terceiros, que transferiram-se para sua igreja em 1851, a da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência.

Em 1922, altera-se todo o entorno da Catedral com a retirada dos anexos, a esquerda (ANEXO a Capela do Santíssimo) e a direita (o Império do Divino), provocando perdas e alterando as estruturas, principalmente com a demolição parcial da Capela, retirando totalmente a parede de fundos e parcialmente as paredes laterais, restando apenas parte da estrutura original da capela do século XVIII. Nessa Capela, em destaque na figura 108, provavelmente havia um acesso na lateral ou nos fundos para a Irmandade adentrar em sua capela. Com esta supressão do edificado diminuíram-se também a quantidade de aberturas (janelas), restando somente uma; e possivelmente reduzindo a metade do espaço físico original, o que fica evidente na análise das imagens (Fig. 109).

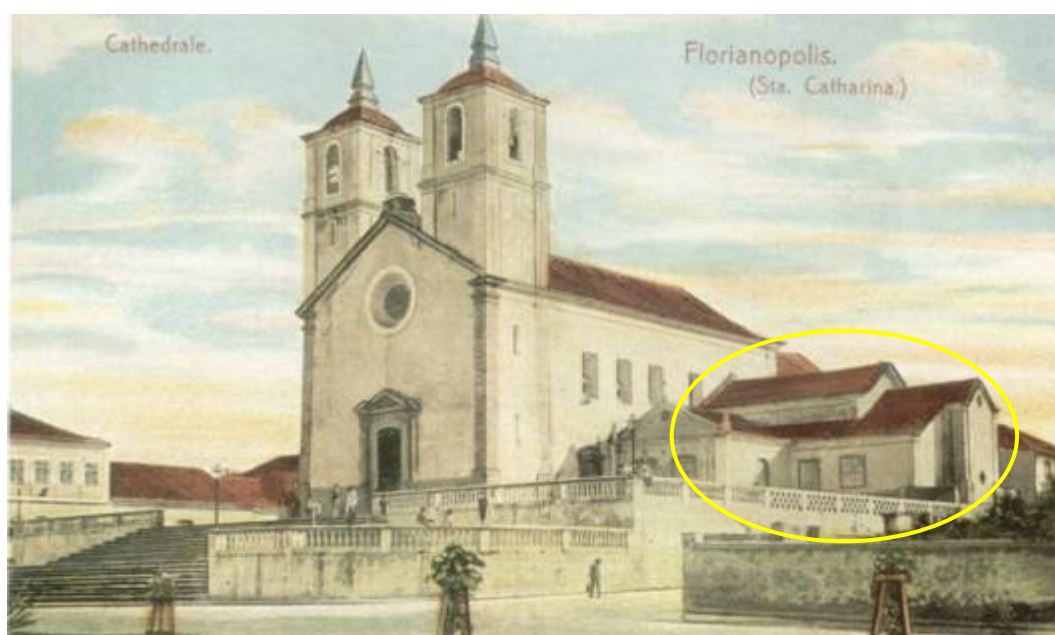
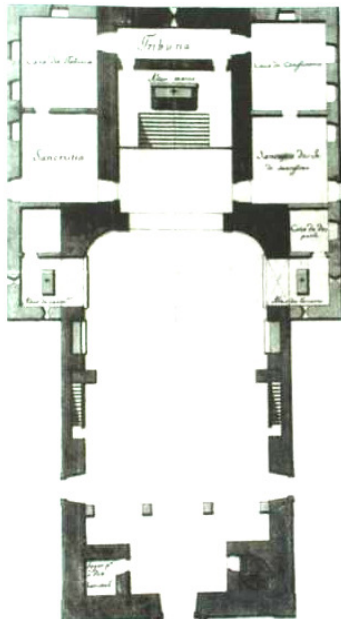


Figura 108- Imagem em cartão postal da Matriz antes da reforma de 1922. Mostra a Capela de N. Sr^a. das Dores com as abertura laterais e a configuração dos fundos da Capela

Acervo Fabiano Teixeira dos Santos
Fonte: Ornato Arquitetura Ltda, 2007



Planta da Mátriz-1748

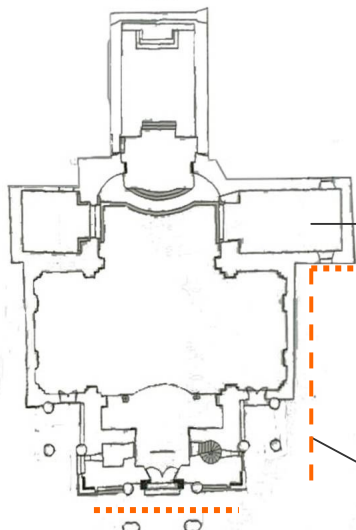
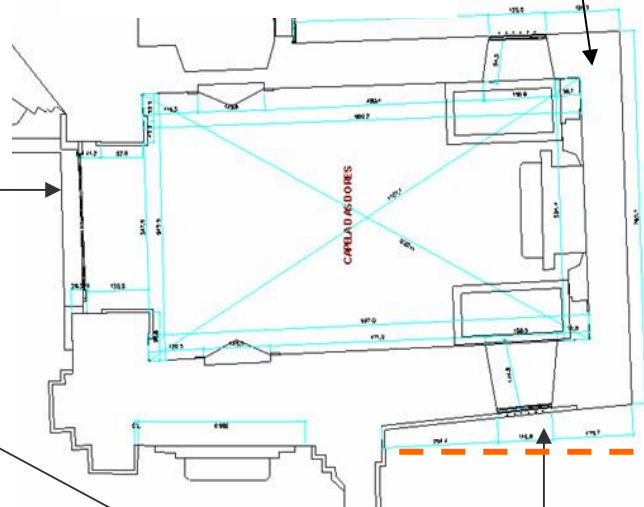


aberturas

Configuração da Capela no início do séc. XX

Emparedamento de fundos após a alteração física da Capela

Planta da Capela de N. Sr^a das Dores- 2007



Planta da Catedral- 2005



Configuração da Capela hoje

Figura 109- Conjunto de imagens e plantas que indicam a redução da Capela de N. Sr^a. das Dores de forma comparativa antes e depois da reforma de 1922. Fonte: Casa da Memória , Concrejato e autora 2006



Essas estruturas parietais da antiga capela de 1769 foram reveladas durante as obras, em 2005. Ao executar os procedimentos investigativos no retábulo da Capela de N. Sr^a. das Dores, a restauradora responsável pelas prospecções fez o registro fotográfico da frente e do interior do retábulo através de um abertura lateral (portinhola) do nicho, percebeu ao verificar as imagens de dentro da estrutura interna do retábulo a existência de paredes nas laterais com pinturas murais. Isso fez com que a empresa responsável pelas obras de intervenção, desobstruísse a passagem que levava para o interior do retábulo. Descobriram assim o emparedamento dos fundos da Capela e resquício das paredes laterais originais do século XVIII, já comentado na p.139), com pinturas murais, em bom estado de conservação e com desenho bem nítidos, provavelmente essas pinturas são anteriores as pinturas de 1938 (Fig. 110).



Figura 110- Conjunto de imagens das pinturas Murais e do emparedamento da Capela de N. Sr^a das Dores.
Fonte: Acervo da autora- 2005/06

Essa afirmação de que as pinturas encontradas no interior do retábulo internas sejam anteriores a do conjunto de pinturas murais de 1938, baseia-se nas prospecções feitas nas

Pigmentação lilás da camada de pintura mural

Vestígio de outra camada pictórica por debaixo da pintura mural lilás com elementos avermelhados



Figura 111 - Prospecções na parede lateral direita da Capela de N. Sr^a das Dores.
Fonte: Acervo da autora, 2007.



demais paredes da capela, que apresentam resquícios de pigmentação abaixo da pintura mural decorativa de 1938 e com as mesmas tonalidades da pintura mural detrás do retábulo (Fig. 111).

Este espaço atrás do Retábulo de N. Sr^a. das Dores é um corredor estreito, com dimensões aproximadas de 80 cm de profundidade por 2,10 m de largura. O ambiente é insalubre, sem ventilação, com acúmulo de sujeira, excremento de insetos xilófagos, fios desencapados e odor forte. Isso pode propiciar, além da proliferação de insetos, o desenvolvimento de alguns problemas patológicos nos materiais.

Um desses problemas é a eflorescência (cristalização de sais) sobre as pinturas murais (Fig. 108). Supõe-se que isso tenha ocorrido em função da ventilação daquele espaço, quando da abertura do seu acesso. A continuidade dessa patologia poderá provocar a perda das referidas pinturas murais.



Figura 112 - Coleta das eflorescências sobre a pintura mural.
Local: parede lateral esquerda, atrás do retábulo de N. Sr^a. das Dores.
Fonte: Acervo da autora, 2006.

Após a coleta de uma amostra retirada deste local e respectiva análise no Laboratório de Tecnologia do Restauro- LabRestauro, da Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC, verificou-se que esses sais seriam da família dos cloretos, do nitrato e do sulfato.

Este emparedamento de fundos, justaposto às antigas paredes laterais, apresenta uma superfície irregular e sem acabamento, onde o excesso de reboco fica sobrando além do tijolo, formando volumes de massa em excesso (tardós)². Isto indica que ela foi executada de fora para dentro (Fig. 106). Essa irregularidade ao assentar os tijolos pode ser atribuída à dificuldade de acesso para alisar a parede durante sua construção ou talvez por ser uma parede que não ficaria visível. Enfim, não se teve preocupação estética em alisar a parte interna.

² Tardós- lado ou face tósca de pedra de cantaria que fica voltada para dentro da parede. A face oposta à face principal.



O emparedamento indica a existência de um ambiente maior, que foi suprimido, restando somente parte das paredes laterais.

Outro fato relevante para a pesquisa, é a complementaridade da função assumida pela Capela de N^a S^a das Dores depois de 1967, como uma espécie de cripta. A cripta é denominada, pelo clero e populares, por ser subterrânea, mas neste caso, somente os corpos estão no subterrâneo. Não se sabe ainda se haviam sepultamentos anteriores no seu subsolo, contudo essa possibilidade não pode ser descartada. A questão é avaliar os danos que estes enterramentos podem trazer aos ambientes, pois o processo de putreficação pode produzir patologias e insalubridade ao ambiente, alterando a composição dos materiais construtivos. Do ponto de vista funcional não parece também ser o local mais apropriado, pois há pouco espaço para circulação. No local já tem os restos mortais de dois Bispos, Dom Joaquim e Dom Afonso Niehues. Fica o questionamento quanto a falecimentos vindouros, haverá espaço suficiente nesse local para outros sepultamentos.

8.1.8 As Pinturas Murais de 1932 e 38

Ao realizarem as prospecções, em 2005, nas estruturas parietais de toda a edificação, encontraram indícios de pinturas murais, sem a indicação de data nem quem as executou.

Com o intuito de buscar estas informações para aprofundar o fato, encontrou-se nos documentos do Arquivo Arquidiocesano de Florianópolis, o recorte de jornal de 11 de agosto de 1932, intitulado: “A pintura da Catedral Metropolitana- o início dos serviços”, no qual o Arcebispo contrata “o hábil artista conterrâneo sr. Arí Margarida, a pintura da Capela-mor da Catedral”. E declara que “os respectivos serviços já tiveram início, obedecendo a um bem elaborado projeto, que, executado com toda a técnica muito embelezará aquele templo [...] Ha dois anos foi aventada a ideia”.

o momento que desvendou-se as pinturas murais através das prospecções, a princípio foram atribuídas à reforma e a ampliação de 1922. Mas o registro no Livro Tombo indica data posterior, **junho de 1938**: “começaram neste mez os trabalhos de renovação interna da Catedral sob a direção técnica do sr. Manoel Rovina. O projeto foi competentemente aprovado pelo sr. Arcebispo” (LIVRO Tombo IV, 1931-1943, p. 58 v). Também existe um contrato que relata a pintura interna da Catedral, com decoração e demais serviços, assinado e reconhecido em Cartório no dia 28 de julho de 1938, entre a Mitra Metropolitana



e Manoel Rovina, decorador, e Crispim Crespo, pintor (ANEXO D). Além de um croqui (Fig. 103), com a data de 1938, no qual constam desenhos e manuscritos descrevendo a aplicação de cores nos desenhos dos arabescos e nos frisos das pilastras e colunas. Apesar de não ter a assinatura do autor, as características reveladas no desenho se assemelham as pinturas encontradas pelas prospecções. Correlacionando o croqui à pintura, é possível determinar, que a execução das pinturas murais internas aconteceram em 1938.

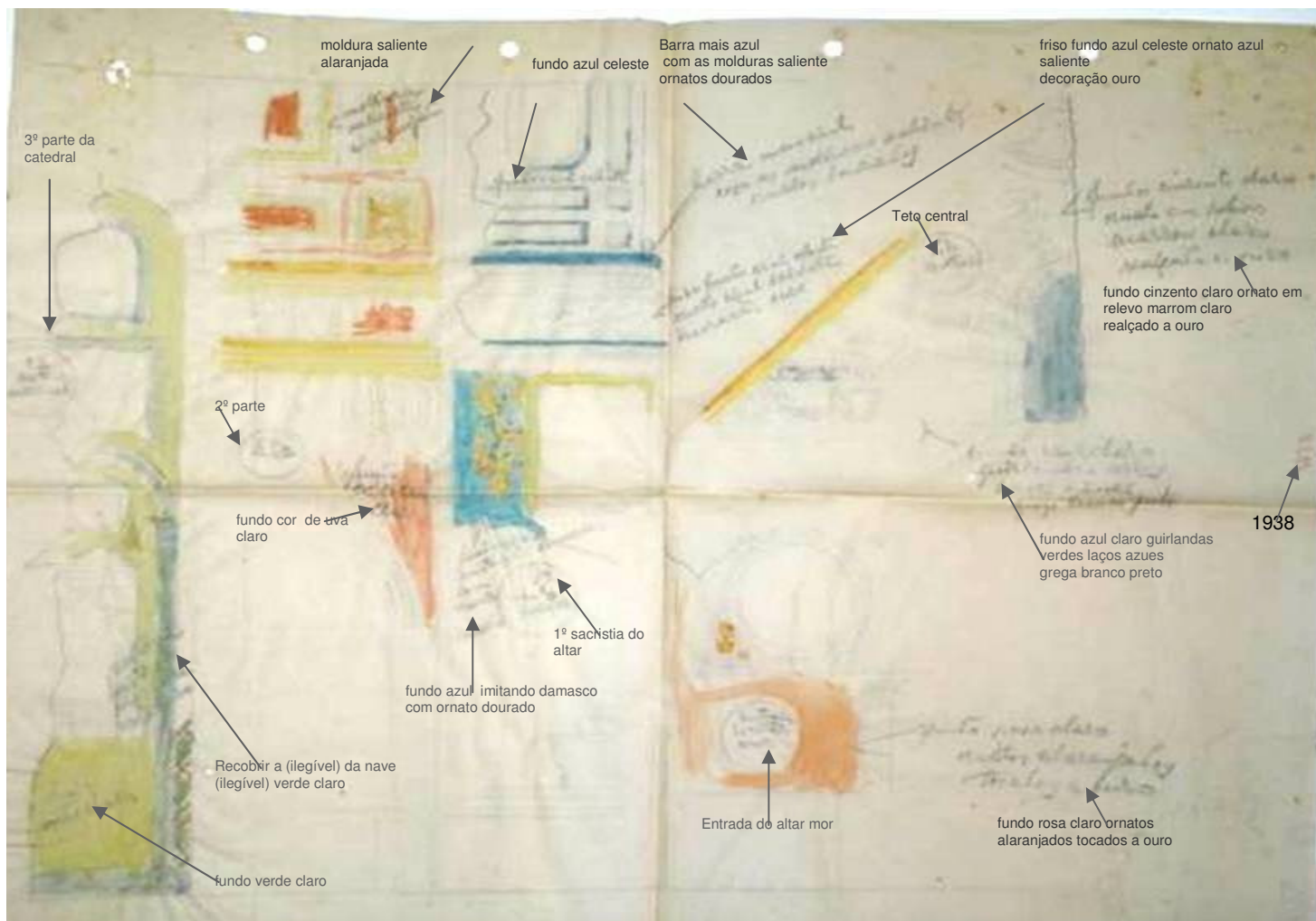


Figura 113 - Croqui referente as pinturas murais de 1938. Com detalhamento e indicações na aplicação as cores sobre os elementos arquitetônicos.
Autor: desconhecido
Fonte: Arquivo arquiocesano de Florianópolis – Cúria Metropolitana- março de 2006



Isto indica que as pinturas que cobriam todas as paredes, provavelmente foram executadas em 1938, o que não descarta a possibilidade de ter acontecido uma pintura anterior, em 1932, na Capela-Mor ou em outras dependências da edificação, como afirma a nota do jornal. Mas, a impressão que se tem é que talvez sejam pinturas distintas, feitas em fases diferentes.

Quanto à existência do pintor “Ari Margarida” só foram encontrados similares com este nome. Segundo Bortolin (2001, p. 223-224), os artistas que existiram com nomes parecidos são: Joaquim Antônio Margarida (natural de Desterro, 1856 - 1951) denominado pintor, desenhista, caricaturista e professor; seu filho Acary Margarida (Florianópolis, 1907-1981) aprendeu pintura com o pai cursou engenharia em São Paulo, foi desenhista e engenheiro de plantas do departamento de Portos e Rios Navegáveis de Santa Catarina; e Manoel Francisco de Oliveira, chamado de “Maneca Margarida”, não constam data de nascimento e morte, só informações de que viveu em Desterro na segunda metade do século XIX, era desenhista, professor de desenho linear, de ornamentação e de máquinas do Liceu de Artes e Ofícios, também foi professor particular; dentre seus alunos estavam Eduardo Dias (1872-1945), que era pintor, escultor, restaurador e muralista, que muitas vezes para sobreviver, foi “caiador de paredes”. Executou pinturas no teto de igrejas, em Florianópolis: Nossa Senhora do Rosário e São Benedito; Nossa Senhora do Parto; e Nossa Senhora da Boa Viagem (Bairro Saco dos Limões), fazia pinturas de santos e paisagens; também restaurava obras e imagens, na Catedral restaurou a Nossa Senhora de Lourdes e o Sagrado Coração de Jesus. Pe. José Besen emite sua opinião sobre essas pinturas:

[...] com a relação às pinturas que existiam na Catedral: existe um equívoco da parte do Patrimônio que busca na Catedral como antigo o que era novo. As pinturas afrescadas foram realizadas entre 1937-39 sob coordenação de Acari Margarida. Algumas foram de Eduardo Dias, hoje reconhecido como pintor importante, à época não tanto. Vieram também alguns de São Paulo, amigos do arcebispo Dom Joaquim³.

Estas pinturas podem ter sido feitas por algum dos artistas mencionados, pois eles atuavam profissionalmente neste período em que as pinturas internas foram executadas, o artista menos provável é Manoel Francisco de Oliveira, já que é desconhecida a data de sua morte, mas Eduardo Dias, Acary e seu pai, Joaquim Antônio, podem ter atuado neste momento, em conjunto ou sozinhos.

³ BESEN, Pe. José Artulino. Entrevista via e-mail, em 21 de abril de 2006.



Da mesma forma não fica claro onde, o artista ou os artistas mencionados, executaram suas pinturas, supõe-se que elas podem ter acontecido em duas etapas. A primeira, talvez na capela-mor, em 1932, e posteriormente em 1938, em todo o interior da edificação.

As pinturas com características figurativas, como as cenas bíblicas e os medalhões, necessitam conhecimento e domínio no desenho da figura humana para serem executadas. O outro tipo de pintura, diferentemente da primeira é executada com estêncil⁴; ou seja, possui forma repetitiva formando faixas decorativas ou panos de parede a exemplo de estampas ou papel de parede (Fig. 114).

Concluí-se, quanto aos artistas já citados, que tiveram formação e conhecimento de desenho técnico, com habilidades para executar obras compositivas e figurativas. Supõe-se que segundo suas trajetórias os artistas, Acary e Eduardo tenham mais habilidade nas figuras humanas e na composição de desenho artístico. No caso das pinturas murais com estampas decorativas através dos elementos repetitivos, podem ter sido executadas por algum pintor que tivesse mais conhecimento de desenho técnico e menos de desenho artístico, determinando o desenho a ser reproduzido sistematicamente pelo pintor ou por um grupo de trabalhadores. Resumindo, é mais fácil e exige menos habilidade na execução a pintura repetitiva, pois é só seguir o modelo pré-determinado.

Com base nos registros fotográficos encontrados (Fig. 114), essas pinturas internas produziram um grande impacto visual, presenciado pelos freqüentadores da Catedral daquela época e que hoje relatam saudosamente: “cobrindo e embelezando todas as paredes internas da Igreja”. Foram executadas nos mais variados motivos: faixas decorativas com elementos geométricos, abstratos; arabescos; medalhões com imagens sacras e cenas bíblicas.

A reabertura da Catedral, após a conclusão das obras, foi em abril de 1939, os valores pagos pelos serviços prestados foram custeados por doações dos fiéis (LIVRO tomo VI-1932 a 1943, p.62).

⁴ Estêncil: técnica de pintura decorativa que usa molde vazado para pintar em série. A repetição do desenho do molde cria faixas ou barras decorativas ou estamparia nas paredes

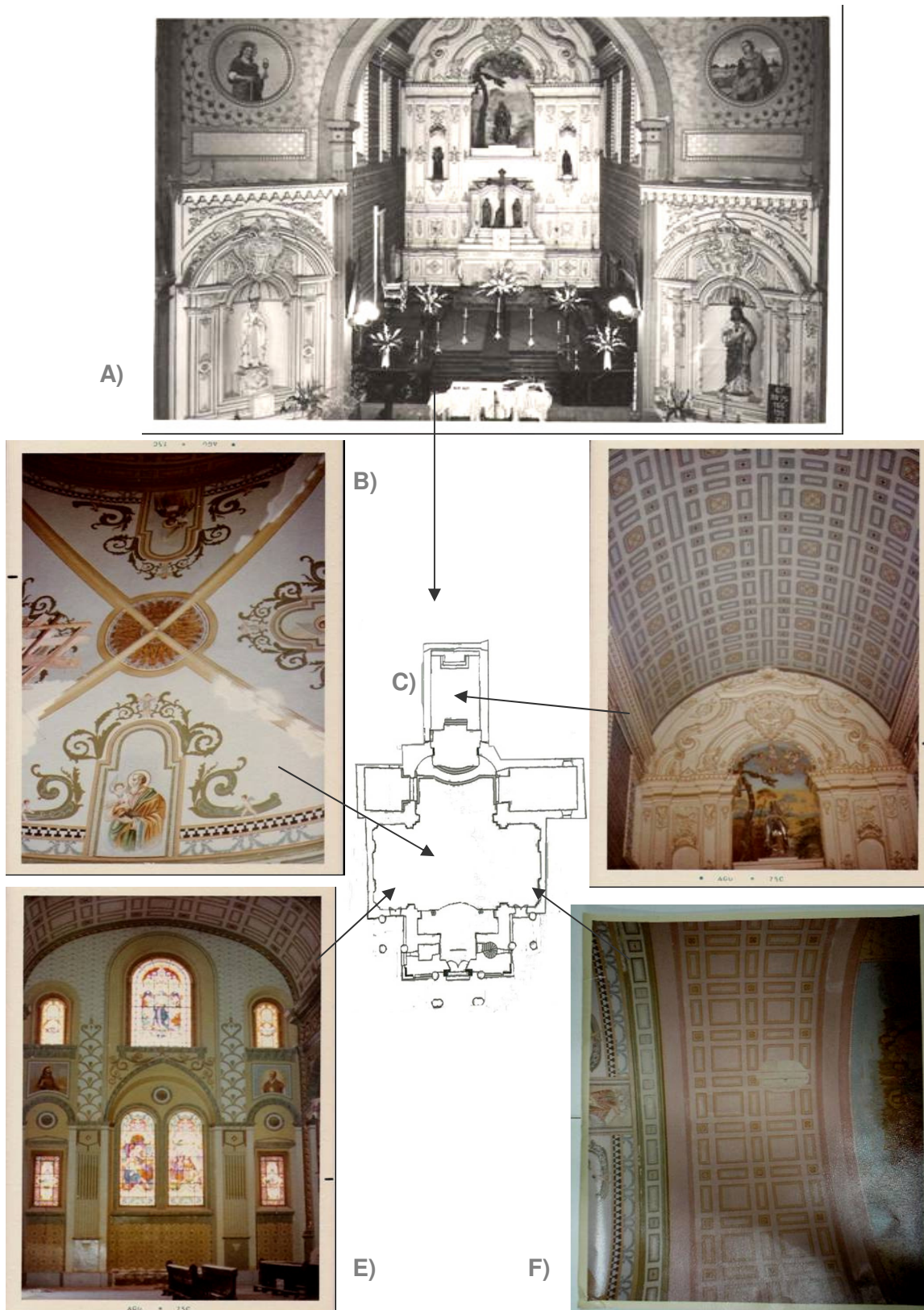


Figura 114- Conjunto de imagens das pinturas internas visíveis até a reforma de 1974

- A) Arco Cruzeiro e Capela-Mor
- B) forro em estuque da Nave Central
- C) planta de localização
- D) forro da Capela-Mor
- E) lateral direita da Catedral
- F) forro em estuque da Nave Central

Autor da Fotografia: Foto B

Fonte: Acervo do Pe. Pedro José Koehler-1974



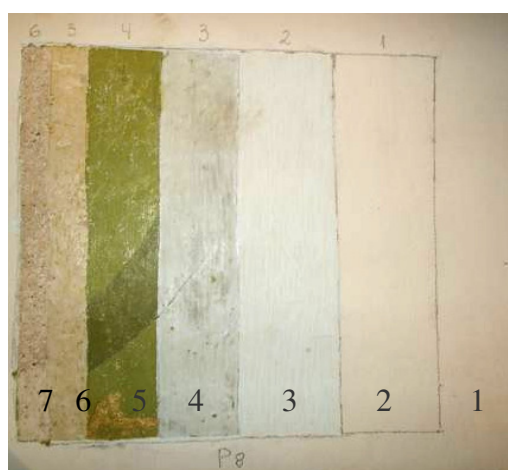
8.1.9 A Repintura de 1974

As pinturas mencionadas anteriormente perduraram até a reforma de 1974, quando todo o interior da Catedral sofreu um processo de repintura, encobrendo-as totalmente.

Antes da repintura os técnicos responsáveis pela preservação deste patrimônio recomendaram a contratação de um técnico para investigar as pinturas. Pe. Pedro alega ter feito essa sondagem, mas “nada foi encontrado” (LIVRO tombo V, 1943-1978, p. 78), sendo executado assim a repintura e encobrendo todas as pinturas murais. Quanto a esta afirmação em que foi consultado um técnico para a análise das pinturas, provavelmente não aconteceu, pois as prospecções atuais indicam a presença das pinturas murais, aparentemente em bom estado de conservação.

Conforme a prospecção realizada em 2005 na parede lateral esquerda da edificação (Fig. 115) fica clara a seqüência de repinturas internas que aconteceram até hoje na nave central.

Nela não aparece à camada fina de massa antes da repintura, recomendada no relatório do representante do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná, Osmar Marcos Grubba. Se tivessem feito esta camada de massa, facilitaria a remoção de todas as camadas posteriores num processo de restauração, porque a massa teria intercalado a pigmentação da pintura de 1938 (Fig.115, nº4) e a tinta nova de 1974, a repintura (Fig.1115, nº3). Na entrevista Pe. Pedro afirma que utilizou tinta comercial “ a óleo em tom azul claro e fosco” (LIVRO tombo V, 1943-1978, p. 78) . Esta tinta aplicada na repintura, segundo a restauradora responsável pelas prospecções, está tão aderida, que há dificuldades para sua remoção. Também é possível na visualização desta janela estratigráfica projetar a época em que ocorreram as repinturas internas (Fig. 115).



Camadas:

- 1) repintura (Concrejato) - 2006
- 2) repintura (projeto das arquitetas) -2001
- 3) repintura (Pe. José Besen) - 1995
- 4) repintura (Pe. Pedro Koehler) - 1975
- 5) pinturas murais de 1938
- 6) escariola
- 7) reboco

Figura 115 - Janela estratigráfica com a indicação das camadas cromáticas.
Local: lateral direita da nave central, 2005.
Autora: restauradora Suzana Cardoso Fernandes
Fonte: Acervo da autora, 2006.



Quanto à afirmação de terem lixado as pinturas murais para aplicar a repintura, a afirmação não procede, devido ao bom estado da pintura presente nas prospecções (Fig. 115).

Das intervenções que aconteceram nessa reforma, algumas foram benéficas como as ações de manutenção, mas quanto à alteração da configuração interna como a repintura, alterando e modificação o testemunho histórico, não é procedimento recomendado pela Carta de Veneza no Art. 6º:

A conservação de um monumento implica a preservação de um esquema em sua escala. Enquanto subsistir, o esquema tradicional será conservado, e toda construção nova, toda destruição, e toda modificação que possa alterar as relações de volumes e de cores serão proibidas (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2006).

Isso reflete o cuidado que devemos ter em nossos atos e posicionamentos. As ações não devem pautar-se só pelo gosto estético, pois a preservação do patrimônio envolve outros valores, além de se levar em conta que a sociedade muda e com ela seus conceitos. É necessário o uso da prudência ao tomarmos decisões e atitudes, que futuramente poderão comprometer esforço e grandes quantias de dinheiro público para serem revertidas.

8.1.10 A Preservação e a Política

Florianópolis, como em muitas outras cidades brasileiras que têm conjuntos históricos desde o Brasil Colônia, possui marcas que se identificam com a formação estrutural da história e da cultura da nação. A Cidade tem sofrido com o acelerado desenvolvimento urbano e com os interesses particulares e políticos, enfrentando perdas constantes dos referenciais que materializam sua história. A realização de ações de proteção e preservação vêm para contribuir e reverter esse quadro de perdas sistemáticas dos referenciais sócio-culturais e de identidade patrimonial.

Os monumentos patrimoniais são referências que sempre atraíram o desenvolvimento turístico para a região de Florianópolis. Hoje o turismo é usado como fonte geradora de trabalho e renda para a população e, também, como prestígio para o poder público. A preservação do patrimônio, que no passado era vista como uma ação que atrapalhava a expansão imobiliária na Ilha, hoje é estimulada, mesmo que em parte, o objetivo seja atrair turistas e, conseqüentemente, recursos para o município, fazendo parte das plataformas políticas de governo para depois se transformar em ações de Estado, que nem sempre são as propostas apresentadas nas campanhas eleitorais, ficando muito aquém do prometido.



Quanto à questão da interferência política nas ações de preservação, nem sempre essas trabalham lado a lado com as recomendações técnicas. Às vezes as pressões por interesses diversos atrapalham o bom andamento da atividade técnica. Muitas vezes os conceitos técnicos são atropelados pelos interesses políticos envolvidos, apesar de que na maioria das vezes, esses confrontos são evitados, pois podem ameaçar a liberação dos recursos necessários a execução das obras. Com isso, perde o patrimônio, que não recebe o tratamento preconizado pelos documentos das conferências, nacionais e internacionais, e também o investimento público.

Outra dificuldade diz respeito ao reduzido grupo de técnicos destinados à fiscalização das obras. Em consequência disso as visitas técnicas são esporádicas, e costumam acontecer com dia e hora marcada, transformando-se num procedimento formal, não correspondendo à ação de fiscalização, pois a previsibilidade permite que a empresa executora prepare-se para não demonstrar sua fragilidade ou cometer deslizes perante os técnicos, durante as inspeções.

Essa situação só será revertida quando os órgãos fiscalizadores possuírem um quadro de recursos humanos condizente com a real necessidade, e capacitados para proceder à fiscalização eficaz, justificando a aplicação dos recursos públicos nos projetos de restauração e propiciando a qualidade dos trabalhos. Talvez não seja de interesse dos responsáveis o incremento do número de fiscais, pois isso favorece a permanência deste modelo de fiscalização, no qual os poucos funcionários ficam “a mercê” da vontade política.

8.1.11 A Falta de Detalhamento nos Projetos de Restauro

Durante a coleta de dados, observou-se que as proposta executadas durante as etapas de intervenção nem sempre correspondiam com o que constava no projeto e nos relatórios. Ao analisá-los percebeu-se que há falta de um detalhamento minucioso nos procedimentos e nos materiais aplicados. Essa falta de detalhamento também foi detectada por Mayr (2000, p. 72), na maioria dos projetos de construção, que se traduzem em “brechas” ou falhas nas especificações dos materiais e sua aplicação. Isso dá margem a intervenções inadequadas ou falsas restaurações, que com o passar do tempo provocam patologias e alterações no patrimônio, além de indicar uma má aplicabilidade do dinheiro público.

Esse distanciamento, muitas vezes entre o que se escreve e o que se pratica, ou seja, entre o que se propõe no projeto de restauro e a execução da obra, decorre da complexidade dos



fatos, onde o projeto indica procedimentos de restauração que não condizem com a prática nas obras, isso muitas vezes, é atribuído a falta de mão de obra especializada ou ao custo elevado dos materiais. Outro item que influencia nas más contratações é decorrente de ser contratada a empresa que apresenta o orçamento menor, provocando um subfaturamento, conseqüentemente durante as obras não haverá recurso disponível para investir nos materiais mais adequados, pois geralmente são mais caros, o que afeta também o lucro visado. Resumindo, nem sempre se executa o que havia proposto.

Essas deficiências nos projetos e as improvisações no canteiro de obra, podem comprometer o desempenho do sistema edificado e a não conformidade da obra em relação ao projeto.

Um dos caminhos apresentados por Mayr (2000, p. 120), para reduzir a distância entre projeto e execução, e garantir a sobrevivência do projeto, é o da melhoria no processo de interpretação e execução do projeto em conformidade com a obra. Para que haja tal conformidade, é necessário o acompanhamento da fiscalização e o cumprimento do que consta no projeto de restauro exatamente como foi proposto e que esta transmissão das informações do projeto para a obra aconteça desde os profissionais que projetaram a obra até o mestre de obras e seus serventes, que na verdade a executam. Por exemplo, se no projeto consta duas aplicações de descupinização, sendo um produto volátil e que não deixa indícios de quantas vezes foi passado, torna-se necessário que a fiscalização esteja presenciando as duas aplicações, porque nada garante que foi feita uma ou duas, e o custo no projeto de uma para duas é bem diferente. Este é apenas um pequeno exemplo do que pode ser questionado.

O processo para os projetos necessitam “mudar de foco”, visando não só a licitação, mas “resgatar a questão do entendimento das necessidades” da edificação e “preocupar-se com a boa execução da obra” dentro dos procedimentos preconizados pelas Carta Patrimoniais (MAYR, 2000, p. 120).

8.1.12 O Entorno da Catedral

Esta abordagem é relevante, pois geralmente, o entorno das edificações históricas sofrem com as alterações no tecido urbano, merecendo uma avaliação futura mais específica, porque nesta pesquisa não houve espaço suficiente para ser abordada.



Esta situação é fácil de constatar, pois as edificações vão acumulando-se no entorno dos bens tombados, devido ao aumento populacional e ao alto valor dos imóveis nos centros históricos, onde cada metro é projetado para se aproveitar o máximo verticalizando as ocupações. Isso acaba alterando a circulação dos ventos e diminuindo os fatores essenciais à saúde das edificações, que é a ventilação e a incidência de sol nas construções tradicionais, constituídas de estruturas parietais grossas e argamassa a base de cal.

as edificações de grande porte construídas próximas à Catedral, propiciam um microclima no entorno imediato da mesma, influenciando diretamente nas patologias que se manifestam no patrimônio edificado e no seu acervo.

Além da verticalização edificada no entorno da Catedral outro fato agravante é o grande volume de tráfego nas vias de contorno. Faz-se necessário, reavaliar esta situação pelos órgãos competentes. Este trânsito local provoca vibrações nas fundações do edifício, como também a poluição e a dispersão de gases tóxicos, contribuindo com o acúmulo de sujidades que ocasionam problemas patológicos e degradações no acervo sacro e na estrutura arquitetônica, necessitando de intervenções cada vez mais de curto prazo e utilizando mais dinheiro público para manter o patrimônio.

8.2 CONCLUSÕES

Uma das formas de preservar um patrimônio é conhecer sua história, para assim compreender os fatos e as mudanças ocorridas e, conseqüentemente, formar uma base para as medidas de proteção do bem. Esta pesquisa teve este objetivo, investigar as modificações arquitetônicas na Catedral, identificando as várias etapas de intervenção dos elementos arquitetônicos, localizando-as no espaço e no tempo, contribuindo assim, para a historiografia da edificação.

Como este testemunho histórico, a Catedral, não tinha uma linha cronológica que elucidasse as alterações na edificação desde a fundação da “Póvoa de Nossa Senhora do Desterro” no século XVII até os dias atuais foi necessário fazer uma investigação nos arquivos da Cúria Metropolitana de Florianópolis e da Catedral; nos registros jornalísticos e documentais dos órgãos de preservação e ainda coletar depoimentos, que trouxeram ao público o esclarecimento de datas e temas inéditos. Este trabalho não traz o impacto de uma inovação ou de uma conclusão final, mas o somatório de novas informações e pequenas descobertas em diferentes campos. Com informações iconográficas e textos originais,



trouxe novos indícios sobre as intervenções e algumas confirmações, por meio das entrevistas e dos registros inéditos dos Livros Tombo, que é a parcela mais importante e fundamental da pesquisa.

O resultado obtido nesta reconstituição histórica proporciona a visualização cronológica das intervenções arquitetônicas, fornecendo subsídios para a preservação do edificado, e contribuindo para a perpetuação da linguagem e da significância deste patrimônio. Reconhecendo-o como testemunho de valores sócio-culturais e como parte significativa do processo de identidade e da história de Florianópolis.

As etapas de intervenções analisadas aconteceram dentro de um contexto social e de uma época, que foram se modificando à medida que iam sendo introduzidos novos costumes e culturas. Desta maneira, uma mesma edificação pode, ao longo de sua existência, adquirir diferentes acréscimos, passando a agregar ao seu valor arquitetônico as modificações ocorridas. Assim, foi construindo sua historicidade e do ambiente em que está inserido, mantendo um elo e uma continuidade entre linguagem e significados, que se somaram aos períodos históricos pelos quais passou.

É impossível dizer a que estilo pertence, ou quais elementos acrescidos devem ser removidos, pois são as marcas do tempo e a construção de sua história que estão neles impregnados. Como salienta a **Carta de Brasília**, de 1995, onde a “autenticidade passa pelo da identidade, que é mutável, dinâmica e pode adaptar-se e valorizar, desvalorizar e revalorizar os aspectos formais e os conteúdos simbólicos de nossos patrimônios” (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2006).

As profundas alterações que ocorreram na edificação, fruto dos séculos em que se mantém como o principal edifício religioso da cidade, não podem ser ignoradas. Da sua composição original ficaram fragmentos somados a outros que foram agregados. Hoje é um mosaico de interferências, mas que possui uma identidade significativa de Florianópolis, pelo seu patrimônio arquitetônico, material, e principalmente, imaterial. É considerada o coração da cidade, desde a fundação da “Villa” pelos bandeirantes até os dias atuais. A vida gira em torno dela. A população possui uma ligação com esta edificação um tanto maternal, pois nos momentos de necessidade a ela recorre, buscando algo que aconchega e protege; aos seus pés, tudo acontece, das comemorações aos protestos.

Na Catedral houve e haverá muitas obras de intervenção, pois os materiais têm sua degradação natural, necessitando, portanto, da conservação preventiva através de



manutenção periódica, medida que prolonga a vida do monumento diminuindo a degradação dos materiais. Às vezes, o fator que mais afeta as edificações não é a degradação natural, e sim a interferência humana, reconstruindo áreas sem sondar suas estruturas de base, fazendo aditamentos, descaracterizando elementos arquitetônicos e decorativos por julgamento de gosto estético pessoal, utilizando produtos químicos que produzem um efeito visual e depois envelhecem resultando em degradações irreversíveis, substituindo materiais construtivos tradicionais por outros materiais novos incompatíveis, optando por projetos de baixo custo devido à falta de recursos, mas de qualidade duvidosa.

A deterioração é um processo natural na estrutura física e nos objetos, pois, com o passar do tempo, os materiais construtivos vão sofrendo com a ação da umidade, o acúmulo de sujidades e com o ataque de insetos e acabam deteriorando a estrutura física dos materiais, necessitando assim de manutenção e intervenções periódicas. As Cartas patrimoniais recomendam ações de manutenção periódicas como conservação preventiva das estruturas físicas, preservando assim os bens patrimoniais; é o caso da Carta de Veneza, Cracóvia, de Burra e também os Teóricos de restauro. Pois à medida que se agravam estas deteriorações, há necessidade de intervenções e reformas, sejam elas, superficiais ou mais incisivas, requerendo custo maior na conservação do monumento, além do risco de perdas sistemáticas, que deixam lacunas na história do patrimônio.

Durante o texto da dissertação não foi largamente usada a palavra “restauração”, mas “intervenção”, por compreender que durante as fases em que aconteceram as obras, haviam procedimentos que respeitavam os conceitos das teorias de restauro, mas eram ações isoladas dentro do processo como um todo. Na maioria das vezes as ações executadas eram de reformas, pois os procedimentos alteravam os traçados originais ou mais antigos, agregando materiais novos, muitas vezes incompatíveis e irreversíveis, causando mais patologias à edificação.

A falta de detalhamento e de desconhecimento prático percebida em alguns projetos desta edificação é uma das falhas freqüentes nos processos de preservação patrimonial. Isso poderia ser reduzido, se a elaboração do projeto de restauro não fosse feita pela empresa executora; e o projeto de restauro fosse executado exatamente como está prescrito, em seus materiais e procedimentos de “restauração”, conforme é exigido pelos órgãos de preservação e recomendados pelas Cartas Patrimoniais. Pois são utilizados materiais, que nem sempre são os mais apropriados, prevalecendo muitas vezes, por serem mais facilmente encontrados no mercado e de menor custo. Esta prática só pode ser barrada se,



o detalhamento do projeto for minucioso e coerente, com a indicação detalhada de cada material e procedimentos a serem utilizados, devendo passar necessariamente pela avaliação de técnicos com formação e experiência comprovados, normalmente ligados às instituições públicas fiscalizadoras.

Como síntese desta pesquisa, baseada no resultado da coleta de dado, foi elaborada uma leitura das estruturas parietais e dos pisos através da localização em planta baixa dos elementos construtivos nas diversas intervenções arquitetônicas (Fig. 116). Também uma cronologia das etapas construtivas da Catedral (Fig. 117).



LEITURA CRONOLÓGICA DOS PISOS E ESTRUTURAS PARIETAIS DA CATEDRAL

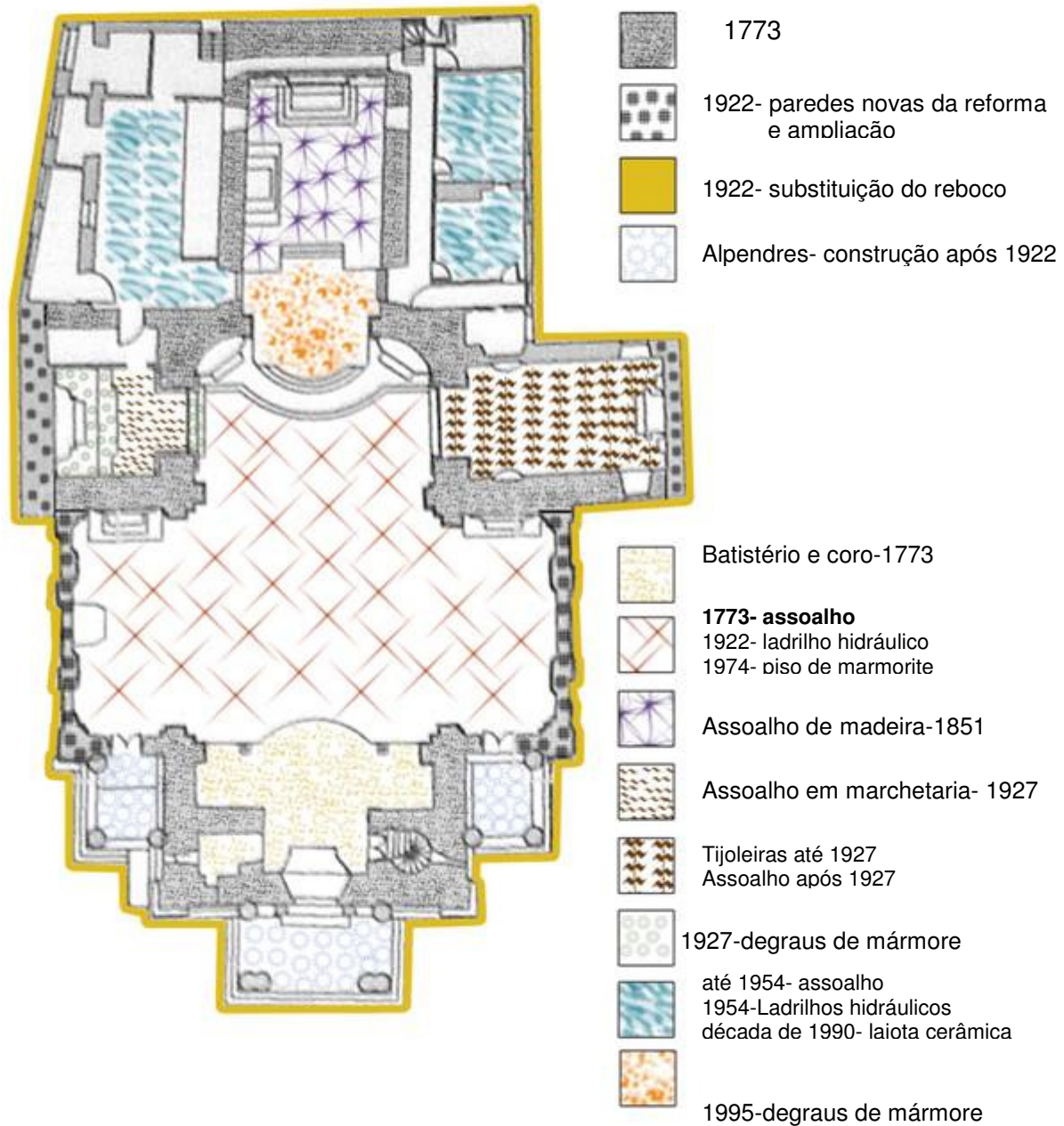


Figura 116 - Leitura cronológica dos pisos e das estruturas parietais
Autora: Márcia Regina Escorteganha Laner- março/2007
Editor da imagem: Luiz A.ntonio Pollo



CRONOLOGIA DAS ETAPAS CONSTRUTIVAS DA CATEDRAL.

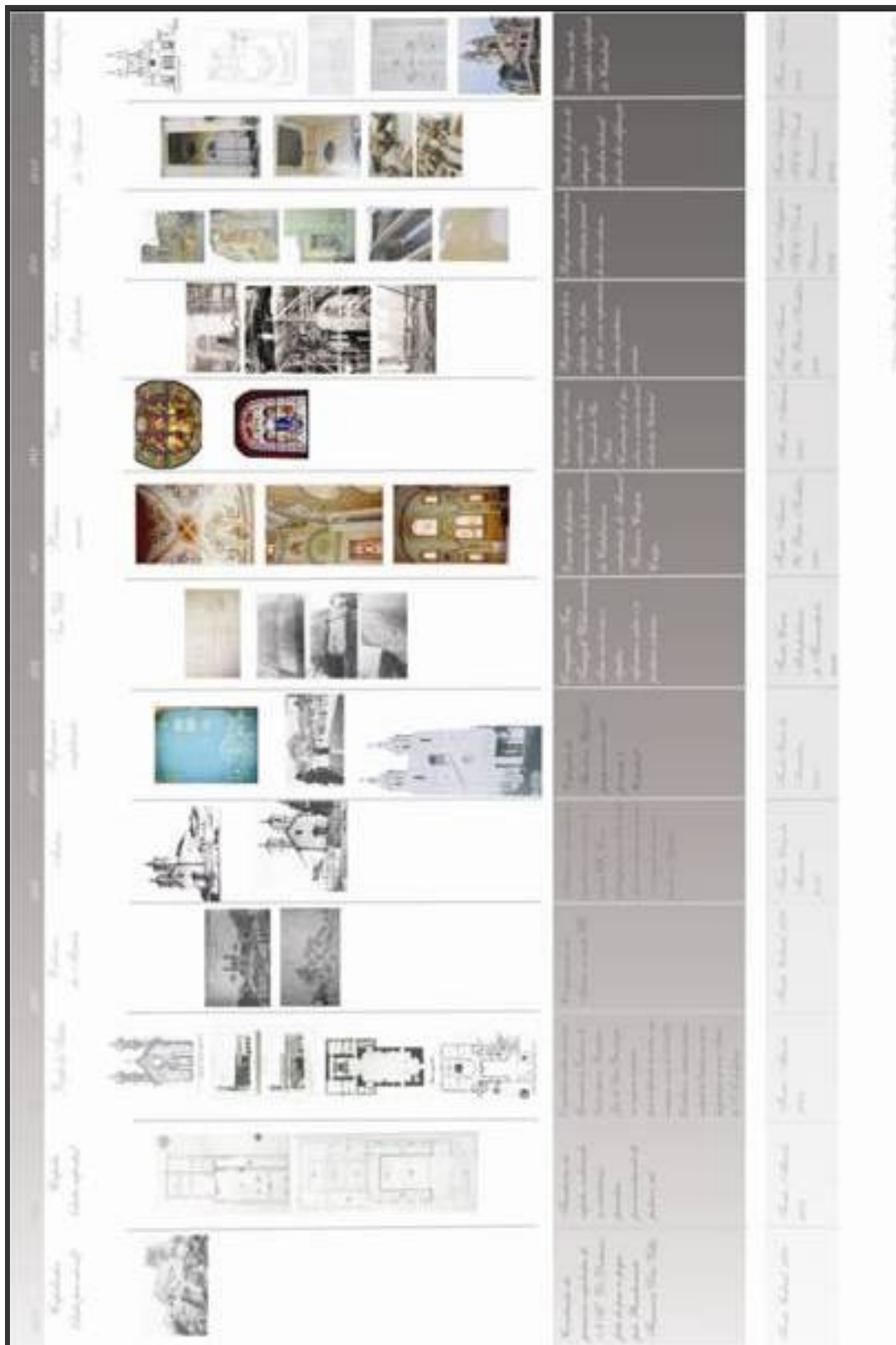


Figura 117- Cronologia das etapas construtivas da Catedral
Autora: Márcia Regina Escorteganha Laner- dez/ 2007
Editora da imagem: Roberta Nocetti



8.3 PERPECTIVAS E RECOMENDAÇÕES

Esta coleta de dados e sua sistematização contribuirão para pesquisas futuras, pois fornecem informações documentais e análises com diferentes enfoques, proporcionando subsídios para outros temas relacionados à pesquisa de materiais construtivos tradicionais, análise das ações de preservação, a importância dos acervos sacros, procedimentos futuros de manutenção e conservação deste bem edificado e de outros similares, análise da influência do entorno nas edificações históricas e como se configura o centro histórico e suas relações político-sociais dentro deste contexto; e muito mais. Pois um tema de pesquisa somente necessita de uma pergunta, para desencadear um processo investigativo que interliga uma rede de objetivos e análises, surtindo hipóteses e conclusões.

Recomenda-se a conservação preventiva como atividade básica na conservação dos monumentos históricos, adotando revisões periódicas e medidas preventivas como procedimentos essenciais na manutenção das edificações e seu entorno. Estas revisões periódicas são necessárias e prioritárias, além de serem recomendadas pelas Cartas Patrimoniais, como forma de salvaguardar o patrimônio histórico. Por este motivo a manutenção, a inspeção periódica dos telhados (dutos e calhas) nos períodos mais chuvosos e o monitoramento de infestações por insetos xilófagos, são cuidados imprescindíveis.

Boa parte dos cuidados preventivos devem estar corretamente previstos e especificados no projeto de restauração, com as devidas recomendações e ações de manutenção pós-obra.

Sugere-se o fechamento ao tráfego motorizado da Rua Arcipreste Paiva, junto à edificação, ampliando o “Largo da Catedral”. Isso favorecerá a visibilidade do monumento e a fruição dos pedestres daquela área, tornando-a mais aprazível. Além da diminuição da trepidação causada pelo tráfego intenso e da diminuição da poluição nessa área.

Com relação às pesquisas laboratoriais, considera-se de grande importância o estímulo à pesquisa de materiais das edificações, colaborando na identificação de sua composição e na compreensão de seu comportamento ao longo do tempo e contribuindo para entender as formas e a funcionalidade das edificações e também a técnica e materiais utilizados. Possibilitando assim elaborar a história dos edifícios com seus espaços anexos, como também sua relação com os contextos sociais, econômicos culturais e tecnológicos. Estes estudos viabilizam a compreensão e visualização dos vestígios da ocupação daquele



espaço; como também permitem analisar os procedimentos de nossos antepassados ao aplicar suas técnicas construtivas, utilizando muitas vezes seu conhecimento empírico na construção desses testemunhos duradouros que atravessaram os séculos. A realização de mais projetos sobre os estudos e análises dos materiais construtivos tradicionais, podem favorecer descobertas que colaborem para a constituição de materiais atuais ou criação de novos componentes para as obras de restauro.

É recomendável o cuidado na aplicação de materiais similares, sobre os bens patrimoniais, especificando melhor seus componentes químicos nos relatórios, estando seguro quanto a aplicação dos mesmos e averiguando o histórico de sua aplicabilidade, a fim de excluir qualquer possibilidade de degradação irreversível. As intervenções de restauro devem ser pautadas, a priori, pela investigação aprofundada da história do monumento, do seu entorno e das análises de materiais que compõem o edificado. Não podem ser aceitas as ações que permitam a alteração das pigmentações, retiradas de camadas históricas de forma incisiva, remoções indevidas, repinturas sobre elementos com policromia decorativa, como recomenda a Carta de Veneza, nos seus art. 6º, 9º e 10º.

Quanto à educação patrimonial, a “Carta de Atenas” de 1931, salienta a importância do papel da educação na relação de respeito aos monumentos, solicitando que “os educadores habitua a infância e a juventude a não danificar o seu patrimônio, quaisquer que fossem[...]” (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2006). Isso demonstra que é preciso colocar em prática nas instituições de ensino, para que no futuro as ações de preservação sejam mais valorizadas e ampliadas.

Por fim, faz-se imprescindível o acompanhamento das obras por técnicos especializados na área de conservação e restauração, com conhecimento das técnicas e dos materiais, para que possam atuar de forma independente de pressões políticas ou de interesses particulares.



REFERÊNCIAS

ADAMS, Betina. **Preservação urbana, gestão e resgate de uma história**. Florianópolis: UFSC, 2002.

_____; BASTOS, Maria das Dores de Almeida (Coord.). **Ocupação humana e paisagem: atlas do município de Florianópolis**. Florianópolis: IPUF, 2004.

ALTOFF, Fátima Regina. PRUDÊNCIO, Maria das Graças Silva. **Tombamento: uma iniciativa para proteger**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 2002.

ALTROCK, Priscila Von. **Aplicações da fotogrametria arquitetural digital na documentação de edificações históricas**: estudos das obras do brigadeiro Joseph da Silva Paes, séc. XVIII. 2004. 181 f. Tese (Doutorado em Engenharia da Produção)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6024**: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6027**: informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6028**: informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. 2. ed. Rio de Janeiro, 2005.

BARRETO, João Batista. **Orçamento e diversos serviços a ser feito na ala direita da Catedral**. Florianópolis: [s.n], 1932. Manuscrito.

BAUMANN, Udo. **Parecer sobre a situação atual e a valorização do patrimônio histórico do século XIX nas cidadeas de Joinville, São Bento Sul e Blumenau, no Estado de Santa Catarina**. Marburg, Alemanha: [s. n.], 1983.

BAZIN, Germain. **L'architecture religieuse baroque au Brésil**. Tradutora: Glória Lúcia Nunes. Rio de Janeiro: Record, 1956. v. 1

BRAGA, Márcia (Org). **Conservação e restauro**: arquitetura. Rio de Janeiro: Editora Rio, 2003.

BORTOLIN, Nancy Therezinha. **Indicador catarinense das artes plásticas**. Florianópolis: EdUFSC: Fcc Edições: Editora da Univali, 2001.



BRANDI, Cesare. **Teoría de la restauración**. Tradução: Maria Angeles T. Roger. 4. ed. Madri: Alianza Editora, 1995.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Nossa senhora do desterro**. Florianópolis: Lunardelli, 1979. 2 v.

_____. **Medicina, médicos e charlatães do passado**. Florianópolis: IBGE, 1942. (Publicação 25).

CALDEIRA, Cleide Cristina. **Conservação preventiva**: histórico. Disponível em <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia>>. Acesso em: 22 abr. 2007, 19:24.

CATEDRAL METROPOLITANA DE FLORIANÓPOLIS. Histórico, Florianópolis, 2001. Neste site foi pesquisado sobre datas e fatos históricos referentes à Catedral Metropolitana de Florianópolis. Disponível em: <<http://cat.arquifloripa.org.br/história>>. Acesso em: 28 ago 2006, 08:45

CHOAY, Françoise. **Alegoria do patrimônio**. Tradução: Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade; UNESP, 2001.

CONCREJATO. Relatório: histórico da Catedral Metropolitana de Florianópolis, 2005.

CORRÊA, Carlos Humberto P. **História de Florianópolis**: ilustrada. Florianópolis: Insular, 2004.

CURY, Isabelle (Org.). **Cartas patrimoniais**. 2. ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.

DIETERICH, Heinz. **Novo guia para a pesquisa científica**. Blumenau: Ed. FURB, 1999.

ELIAS, Isis Baldini. **Conservação e restauro de obras de arte em suporte de papel**. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

FECCHIO, Julia. **UFSC participa da restauração da Catedral de Florianópolis**, 05 de julho de 2005. Bolsista de jornalismo da AGECOM. Disponível em: <<http://www.agecom.ufsc.br>>. Acessado 10/05/06 às 17:14

FUNARI, Pedro Paulo. Patrimônio e diversidade: o que você quer preservar? **Jornal da Unicamp**, Campinas, edição 310, 28 nov./4 dez. 2005. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/novembro2005/ju310pag02.html#pedro#pedro>. Acessado 23/08/06 às 10:27

GEOGUIA- Florianópolis: a Capital do nosso coração. Site Oficial da Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2003. Disponível em <<http://floripa.geoguia.com.br>>. Acessado 13/03/07 às 16:47

FONTES, Luís Fernando de Oliveira. **A Basílica Sueva de Dume e o Túmulo dito da São Martinho**. Núcleo de Arqueologia de Universidade do Minho/ Junta de Freguesia de Dume. Braga e Dume-Portuga: Mota & Ferreira Lda, 2006.

GIACOBO, Fabiano. **Resenha do livro**: estudo de caso: planejamento e métodos. Autor: YIN, Robert K, 1997.



GOOGLE EARTH. **National Geographic Society** 2005. Disponível em <<http://portuguese.eazel.com/tag/google+heart.htm>>. Acessado em: 08 out. 2005,18:25.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Cartas Patrimoniais**. Disponível em: <<http://portal.INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL.gov.br/portal/paginaInstitucional>>. Acesso em: 18 jul. 2006, 19:42.

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO URBANO DE FLORIANÓPOLIS. **Ofício 0077/95**: Suspensão das obras de Intervenção nos retábulos da Catedral. Florianópolis: Arquivo SEPHAN, 1995. Ofício endereçado ao Pároco Pe. José Artulino Besen em 09 de março de 1995.

_____. **Projeto RENOVAR**: nossa história viva e a cores. Valorização do casario histórico de Florianópolis: manual de recuperação. Florianópolis: IPUF, 1993.

JUNQUEIRA, Regina Regis (Trad). SAINT-HILAIRE, Auguste de; Viagem a Curitiba e Santa Catarina- 1779-1853. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1978.

LIVRO tomo I. Florianópolis, 1727-1871. Francisco Justo Santiago (et. al.). Manuscrito.

_____ II. Florianópolis, 1896-1902. Vigário Padre Francisco Topp. Manuscrito.

_____ III. Florianópolis, 1902-1930. Vigário Padre Francisco Topp. Manuscrito.

_____ IV. Florianópolis, 1931-1943. Frei Norberto Tambosi (et. al.). Manuscrito.

_____ V. Florianópolis, 1943-1978. Padre Frederico Robolt (et. al.). Manuscrito.

_____ VI. Florianópolis, 1979-1987. Padre Pedro José Koehler. Manuscrito.

_____ VII. Florianópolis, 1987-1993. Padre Pedro José Koehler. Manuscrito.

_____ VIII. Florianópolis, 1993-1999. Padre José Artulino Besen. Manuscrito.

MACHADO, César do Canto. **Praça XV**: onde tudo acontece. Florianópolis: Insular, 2000.

MATOS, Enio de Oliveira. **Arquidiocese de Florianópolis**: preservando sua história. Florianópolis: Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina, 1996.

MAYR, Luiz Roberto. **Falhas de projeto e erros de execução**: uma questão de comunicação. 2000, 132 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

NUNES, Maria Anilta. **Sistemas construtivos e sua preservação**: retábulos executados entre os séculos XVIII e XIX, da arquitetura religiosa de Florianópolis, SC. 2006. 188 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.



OLIVEIRA, Mário Mendonça de. **A ciência e a prática de restauro**. Salvador: EDUFBA, 2002.

OLIVEIRA, Myriam A. Ribeiro de. **O Rococó religioso no Brasil**. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

_____. (Org.) **História da arte no Brasil**: textos de síntese. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002

PAULI, Evaldo. **A Fundação de Florianópolis**. Florianópolis: Edeme, 1978.

PELUSO Júnior, Victor Antônio. **Estudo da geografia urbana de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora UFSC, Secretaria de Estado da Cultura e Esporte, 1991.

PIAZZA, Walter F. **A igreja em Santa Catarina**: notas para sua história. Florianópolis: IOESC, 1977.

_____. **O Brigadeiro José da Silva Paes**: estruturados do Brasil Meridional. Florianópolis: UFSC, FURG, FCC, 1988.

PROENÇA, Graça. **História da arte**. São Paulo: Ática, 2000.

REVISTA CARTAZ. **Memória: preservar é preciso**. Florianópolis, dezembro 1995.

ROSENFELD, Leonora Lerer. **Glossário técnico de conservação e restauração em pintura**. Porto Alegre: Universidade Editora/ UFRGS, 1997.

SILVA, Dalton da. **Os serviços funerários na organização do espaço e na qualidade sócio-ambiental urbana**: uma contribuição ao estudo das alternativas para as disposições finais funerárias na ilha de Santa Catarina. 2002, 215 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SOUZA, Sara Regina Silveira de. **A presença portuguesa na arquitetura da Ilha de Santa Catarina - séculos XVIII e XIX**. Dissertação. Florianópolis: FCC Edições/IOESC, 1981.

WIKIPÉDIA. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Disponível em <<http://.wikipedia.org/w/index.php?title=Viollet-le>>. Acessado em 26/03/07 às: 21:34

UNGERICHT, José Luiz. **Acabamento em parede de alvenaria com revestimento de escariola**. 2002, 83 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil)-Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.

VEIGA, Eliane Veras. **Florianópolis**: memória urbana. Florianópolis: Editora UFSC, FFC Edições, 1993.

_____. **Informativo Casa da Memória**. Florianópolis: [s.n.], 2005.

_____. **Anotações pessoais**. Florianópolis: [s. n.], 2006 .

_____. ; BASTOS, Maria das Dores de Almeida (Coord.). **Atlas do Município de Florianópolis: ocupação humana e paisagem**.. Florianópolis: IPUF, 2004.



BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS

ABRIL multimídia. **Bandeirantes: desbravadores do Brasil**. São Paulo: Editora Abril, 2000

ARRIAGA, Francisco. et.al. **Intervención en estructuras de madera**. Madri: Asociación de Intervención Técnica de las Industrias de la Madera e Corcho (AITIM), 2002.

BARROS, Maria M. B. Magalhães de. Potencialidades da Arqueologia da Arquitectura- A Experiência do Instituto Português do Património Arquitectónico. **Pedra e Cal: Revista da Conservação do Patrimônio Arquitectónico e da Reabilitação do Edificado**. Lisboa: Gecorpa, 2005

ÁVILA, Afonso. **Barroco mineiro: glossário de arquitetura e ornamentação**. 3. ed. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos Culturais, 1996.

ÁVILA, Cristina. Copyright Ciclope Ltda. 1995. Disponível em <<http://www.cidadeshistoricas.art.br/hac/artbar>>. Acessado em 12/08/06 às 13:45

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)**. Tradutor: Teodoro Cabral. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980.

BALDINI, Umberto. **Teoria del restauro e unità di metodologia**. Volume primo. Firenze: Nardini Editore, 1978.

BOITEUX, Lucas Alexandre. **Notas para a história catarinense**. Florianópolis: Livraria Moderna, 1912.

_____. **Santa Catarina no século XVI**. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1950.

BOITEUX, Henrique. **A república catharinense: notas para a sua história**. Rio de Janeiro: Biblioteca Reprográfica Xerox, 1985.

BOTTICELLI, Guido. **Metodologia di restauro della pitture murali**. Firenze: Centro Di Della Edifimi, 1992.

BURGER, Luiza Maria; RICHTER, Hans Georg. **Anatomia da madeira**. São Paulo: Nobel, 1991.

CATALÃO, Sofia Barroso. Pedra e Cal- Revista da Conservação do Patrimônio Arquitectónico e da Reabilitação do Edificado. **Mosteiro de Santo André de Rendufe – Uma análise histórica e arqueológica**. Lisboa: Gecorpa, 2005

CENTRO DE ESTUDOS DA IMAGINÁRIA BRASILEIRA. **Imagem brasileira nº 1**. Belo Horizonte, 2001.

_____. **Imagem brasileira nº 2**. Belo Horizonte, 2003.

COELHO, Manoel Joaquim D' Almeida. **Memória histórica da província de Santa Catharina**. Florianópolis: Typografia de J. J. Lopes, 1877.

CRUZ, Maury Rodrigues. **Museus e reflexões**. Curitiba: Secretaria de Estado de Cultura, 1993.



CRUZ, Olga. **A Ilha de Santa Catarina e o continente próximo**: um estudo da geomorfologia costeira. Florianópolis: EDUFSC, 1998.

CUNHA, Maria José de Assunção da. **Iconografia cristã**: caderno de pesquisa. Ouro Preto, MG: UFOP/Instituto de Artes e Cultura, 1993.

D'ALAMBERT, Clara Correia; MONTEIRO, Marina Garrido; FERREIRA, Sílvia Regina. **Conservação**: postura e procedimentos. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1998.

DAMASCENO, Suelly (Org.). **Glossário de bens móveis (igrejas mineiras)**. Ouro Preto: Instituto de Artes e Cultura / UFOP, 1987.

DIAS, Adriana Fabre. **A reutilização do patrimônio edificado como mecanismo de proteção**: uma proposta para os conjuntos tombados de Florianópolis. 2005, 169 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

FRANÇA, Marina Lamounier. **Sistemas de informações geográficas**: uma ferramenta para diagnóstico e monitoramento do estado de conservação de bens culturais - portada da Igreja de São Francisco de Assis - Ouro Preto. 2004, 119 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais)-Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

FERRARI, Alessandra. Disponível em <<http://www.areliquia.com.br/ArtigosPintMurais>>. Studio di Restauro, São Paulo. Acessado em 13 ago. 2006, 19:17.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1994.

FERREZ, Helena Dodd; PEIXOTO, Maria Elizabete Santos (Comp.). **Manual de catalogação de**: pinturas, esculturas, desenhos e gravuras. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 1995.

FONTES, Luís Fernando de Oliveira; MACHADO, André Manuel Paes; CATALÃO, Sofia Barroso. **Experiência do Minho**. Sesión de Arqueología de la Arquitectura del IV Congreso de Arqueologia Peninsular. Faro. Universidade de Algarvo, Portugal, nº 3, 2004.

GOETHE, Johann Wolfgang Von; Marco Garande Giannotti (Trad). **Doutrina das Cores**. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

HARO, Martim Afonso Palma de (Org.). **Ilha de Santa Catarina**: relatos de viajantes estrangeiros nos séc.XVIII e XIX. 4. ed. Florianópolis: Editora UFSC; Lunardelli, 1996.

IAWA BULLETIN. **International Association of Wood Anatomics**. Published at the Rijksherbarium Schelpenkade. v.8. Países Baixos 1987.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS. **Caderno de restauração da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias**. Belo Horizonte: IEPHA, 1982.

KÜHL, Beatriz Mugayar (Trad.). **Restauração**: Eugène Emmanuel Viollet-Le-Duc. Cotia - SP: Ateliê Editorial, 2000.



KÜHL, Beatriz Mugayar. KÜHL, Paulo Mugayar (Trad.). **Os restauradores:** Camillo Boito. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2002.

MACEDO, Manuel de. **Restauração de quadros e gravuras.** Bibliotheca do Povo e das Escolas. Rio de Janeiro: Editor David Corazzi - Imprensa Horas Românticas, 1885.

MAINIERI, Calvino e CHIMELO, João Peres. **Fichas de características das madeiras brasileiras.** São Paulo: Instituto de Pesquisas Tecnológicas, Divisão de Madeira, 1978. (Publicação IPT, nº 1791)

MARCHIORI, José Newton Cardoso. **Dendrologia das angiospermas:** das bixáceas às rosáceas. Santa Maria, RS: Editoraufms, 2000.

MARQUES, Lucia. **Metodologia para o cadastramento de escultura sacra- imaginária.** Minas Gerais: Contemp, 1981.

MENDES, Marylka; BAPTISTA, Antonio Carlos Nunes. **Restauração:** ciência e arte. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.

MOTTA, Ariadne Barbosa de Sousa. **Manual de manutenção de obras de arte para encarregados de igrejas e casas históricas.** Rio de Janeiro: IPHAN, 1996.

_____. **Argamassa e restauro dos monumentos.** II Seminário Caminhos da Arquitetura de Manguinhos: Patrimônio e Técnicas de Conservação. Goiânia - Goiás, Escola de Engenharia Civil- UFG/ANTAC, 1995.

_____. **Restauro estrutural:** intuição e cálculo. Historical Constructions: proceedings of 3rd - International Seminar of Historical Constructions. Guimarães - Portugal, 2001.

PATRIMÔNIO EDIFICADO- Novas tecnologias. Inventários. IComunicações apresentadas na XIII Semana de Estudos: IAC – Instituto Açoreano de Cultura, IPPAR- Instituto Português do Patrimônio Arquitectónico e PRODESA- Direção Regional da Ciência e Tecnologia. Angra do Heroísmo- Portugal: Empresa Gráfica Lda Maia, 2002.

PAIVA, Edvaldo; RIBEIRO, Demétrio; GRAEFF, Edgar. **Florianópolis:** plano diretor. Florianópolis: Gabinete de Estudos da Prefeitura Municipal de Florianópolis, Imprensa Oficial do Rio Grande do Sul, 1952.

SALVAGUARDA de revestimentos arquitectónicos. **Pedra e Cal:** Revista da Conservação do Patrimônio Arquitectónico e da Reabilitação do Edificado, n. 09. Lisboa: Gecorpa. Edição trimestral: jan./ mar. 2001.

REIS, Galileu. **Caderno de pesquisa iconográfica:** iconografia da Virgem Maria, n. 1. Minas Gerais: IEPHA, 1982.

RESCALA, João José. **Restauração de obras de arte:** pintura, imaginária, obra em talha. Salvador: UFBA, 1984.

SALLES, Sandra Makowieck. **As igrejas e capelas de Florianópolis:** séculos XVIII e XIX. Florianópolis: UDESC/ CEART, 1994.



_____. **As imagens sacras de valor histórico existentes nas igrejas e capelas de Florianópolis:** séculos XVIII e XIX. Florianópolis: UDESC/ CEART, 1995.

SÁNCHEZ, Peraza F. **Protéccion preventiva da la madera.** Madri: Asociación de Investigación Técnica de las Industrias de la Madera e Corcho, 2002.

SOUZA, Alcídio Mafra de. **Guia de bens tombados, Santa Catarina.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura/ Fundação Catarinense de Cultura, 1992.

SOUZA, Luiz Antônio Cruz. **Evolução da tecnologia de policromia nas esculturas em Minas Gerais no século XVIII:** o interior inacabado da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Catas Altas do Mato Dentro, um momento exemplar. 1996, 128 f. Tese (Doutorado em Química)-Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

VAZ, Nelson Popini. **O Centro Histórico de Florianópolis:** espaço público de ritual. Florianópolis: Editora UFSC, FCC Edições, 1990.

VÁRZEA, Virgílio. **Santa Catarina:** a Ilha. 3. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1985

REVISTA DE PROPAGANDA DO ESTADO E DOS MUNICÍPIOS. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina/IOESC, n. 1, 2002. Edição facsimilada.

VIEIRA, Dalmo. **Notas para o estudo das primeiras praças de Santa Catarina.** Florianópolis, 1980. (notas não publicadas)

VILLELA, Clarisse Martins. **Patrimônio Histórico,** 2003. Disponível em: <<http://www.portalouropreto.com.br>>. Acesso em: 16 ago 2006, 18:42.



ANEXOS

ANEXO A - Documento e transcrição parcial - Obras João Baptista Barretto:
Reforma de 1932

ANEXO B - Documento e transcrição - Diagnóstico das torres-
Arquiteto Tom Wildi- Reforma de 1934

ANEXO C - Documento e transcrição - Reforma do adro e escadarias
Arquiteto Tom Wildi- Reforma de 1934

ANEXO D - Documento e transcrição - Pintura externa e reforma da cobertura-
Arquiteto Tom Wildi
Reforma de 1934

ANEXO E - Documento e transcrição - Contrato para a pintura interna
Manoel Rovina e Crispim Crespo- Reforma de 1938

ANEXO F- Documento e transcrição - Pintura externa
Pozzo Lideo- Reforma de 1946

ANEXO G - Recorte do Jornal A Notícia - Matéria: “Escavação acha ossos humanos”
Data: 16 de março de 2001

ANEXO H - Reprodução da placa explicativa dos cunhais. Relatório IPUF – 2000.



ANEXO A
Obras na lateral esquerda da Catedral - João Baptista Barretto
Reforma de 1932

Orçamento de diversos serviços a ser feito na ala direita da Catedral.

Sendo os seguintes serviços:

Telhado - substituir três arcos das tezouras, reforçar 9 m de terça, centar três chapas de ferro para segurança das linhas de tezouras, colocar três chapas de ferro na parede dos fundos.

Pavimento térreo - Demolir as paredes internas, colocar uma viga de madeira com dois fiadores para segurança do soalho do 1º pavimento, fazer uma escada de caracol de madeira com corrimão, balaustrada e sendo envernizada a pincil. Esta escada dará entrada no pavimento superior. O soalho e forro onde será retirada as paredes são concertadas.

1º Pavimento - Demolir as paredes internas, concertar o forro o soalho e o reboco.

Material para o telhado

3 linhas de 4 metros	105000
3 barrotes " 3 "	15000
1 barrote " 4 "	6000
2 barrotes " 5 "	40000
pregos	8000
1 dúzia de serralhos	10000
30 telhas	15000
3 ferros para chape da teçura	30000
carrete das madeiras	20000
mão de obra de carpinteiro	40000
" " " " pedreiro e serrante	50000
1 mão de ferro para segurança da parede do quinteiro	40000
<hr/>	
1 dúzia de talora de forro	14000
10 " " barrote " forro	40000
transporte	23000
<hr/>	
	429000

Material para o telhado

1 dúzia de talora de soalho	21000
4 barrotes	27000
pregos	8000
1 mão de obra de carpinteiro	40000
carrete das madeiras	20000
mão de obra de carpinteiro	40000
pedreiro e serrante para demolição das paredes e concertar de reboco	250000
carrete de madeira e material	100000
<hr/>	
	632000

Material para o 1º pavimento

1 viga de madeira de 7 metros	40000
4 barrotes de 5 metros	60000
23 peças de ferro	75000
12 " " de soalho	47000
3 ferros para " das vigas	30000
10 ferros de madeira	40000
pregos	12000
mão de obra de carpinteiro	40000
carrete das madeiras	20000
mão de obra de carpinteiro	40000
pedreiro e serrante	250000
carrete de madeira e material	150000
cal e cimento para concertar de reboco	40000
<hr/>	
	752000

Pinturas:

1 dúzia de cal nas paredes internas das duas salas e duas antemão a óleo e alvaçada nos dois forros e nas partes internas das janelas e da escada = 750000

Uma escada de caracol com 1 m e 60 de diâmetro 70000

Florianópolis, 6 de setembro de 1932
 João Baptista Barretto

Figura 118 - documento da reforma - 1932
 Autor; João Baptista Barreto
 Fonte: Arquivo Arquidiocesano, Cúria Metropolitana de Florianópolis, 2006

Transcrição parcial:

Orçamento de diversos serviços á ser feito na ala direita da Catedral.Sendo os seguintes serviços

Telhado- “substituir as três asa de tezouras, reforçar 9 m de terça, centar três chapas de ferro para segurança das linhas de tezouras, colocar três chapas de ferro na parede dos fundos”

Pavimento térreo- “demolir as paredes internas, colocar uma viga de madeira com dois pedreiro, digo fazer 3 arcadas para segurança do soalho do 1º pavimento, fazer uma escada de caracol de madeira com corrimão, balaustrada e sendo envernizada a pincil. Esta escada dará entrada no pavimento superior. O soalho e forro onde será retirada as paredes são concertadas”.

1º pavimento- “demolir as paredes internas, concertar o forro e o soalho e o reboco”
(descrição dos valores e quantidade de material utilizado na obra).....

Pintura interna- “caiação à cal nas paredes internas das duas salas e duas antemão a óleo e alvaçada nos dois forros e nas partes internas das janelas e da escada”.

Uma escada de caracol com 1 m e 60 de diâmetro

Florianópolis, 6 de setembro de 1932

João Baptista Barretto



ANEXO B
Diagnóstico das torres- Arquiteto Tom Wildi – Reforma de 1934

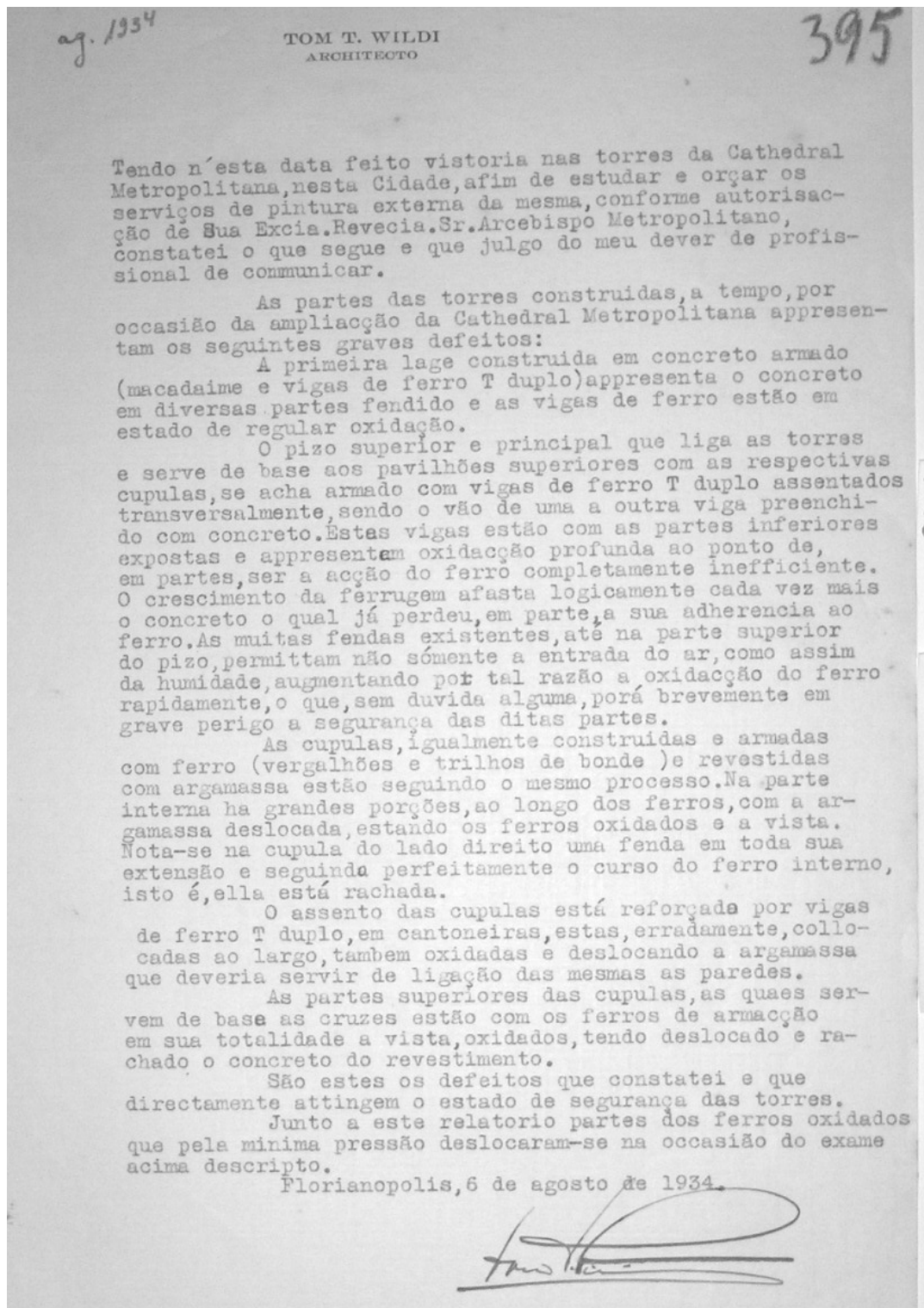


Figura 119 - Documento da reforma 1934- diagnóstico das torres

Autor; Tom Wildi

Fonte: Arquivo Arquidiocesano, Cúria Metropolitana de Florianópolis, 2006



TRANSCRIÇÃO:

Tendo n'esta data feito em vistoria nas torres da Cathedral Metropolitana, nesta Cidade, afim de estudar e orçar os serviços de pintura externa, conforme autorisacção de Sua Excia. Revecia. Sr. Arcebispo Metropolitano, constatei o que segue e que jugo do meu dever de profissional de comunicar .

As partes das torres construídas, a tempo, por ocasião de ampliaccção da Cathedral Metropolitana appresentam os seguintes graves defeitos:

A primeira lage construida em concreto armado (macadaime e vigas de ferro T duplo) appresentam o concreto em várias partes fendido e as vigas de ferro estão em estado de regular oxidacção.

O pizo superior e principal que liga as torres e serve de base para os pavilhões superiores com as respectivas cúpulas, se acha armado com ferro T duplo assentados transversalmente, sendo o vão de uma a outra viga preenchidos com concreto. Estas vigas estão com as partes inferiores expostas e appresentam oxidacção profunda ao ponto de, em partes, ser a acção do ferro completamente inefficiente. O crescimento da ferrugem afasta logicamente cada vez mais o concreto o qual já perdeu, em parte, sua adherencia ao ferro. As muitas fendas existentes, até na parte superior do pizo, permittam não somente a entrada do ar, como assim da humidade, augmentando por tal razão a oxidacção do ferro rapidamente, o que sem duvida alguma, porá brevemente em grave perigo a segurança das ditas partes.

- As cúpulas, igualmente construídas e armadas com ferro (vergalhões e trilhos de bonde) e revestidas com argamassa estão seguindo o mesmo processo. Na parte interna há grandes porções, ao longo dos ferros, com a argamassa deslocada, estando os ferros oxidados e a vista. Nota-se na cúpula ao lado direito uma fenda em toda sua extensão e seguindo perfeitamente o curso do ferro interno, insto é, ella está rachada.

- O assento das cúpulas está reforçado por vigas de ferro T duplo, em cantoneiras, estas, erradamente, collocadas ao longo, também oxidadas e deslocando a argamassa que deveria servir de ligação das mesmas partes.

- As partes superiores das cúpulas, as quaes servem de base as cruces estão com os ferros de armacção em sua totalidade a vista, oxidados, tendo deslocado e rachado o concreto do revestimento.

São estes os defeitos que constatei e que directamente attingem o estado de segurança das torres. Junto a este relatório partes dos ferros oxidados que pela minima pressão deslocaram-se na occasião do exame acima descripto”.

Florianópolis , 6 de agosto de 1934.



ANEXO C

Reforma do adro e escadarias - Arquiteto Tom Wildi – Reforma de 1934

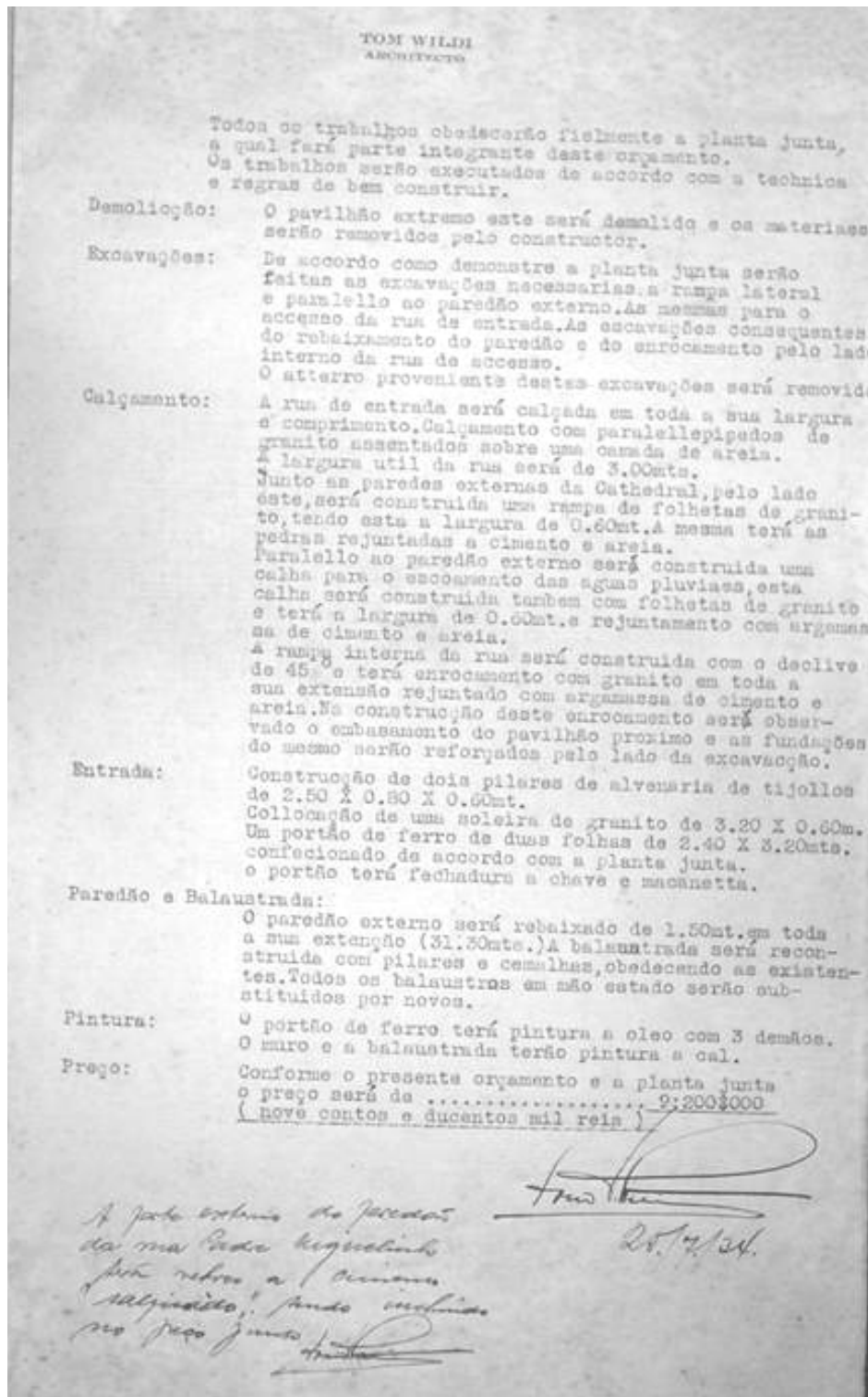


Figura 120 - documento da reforma 1934- adro e escadarias
 Autor; Tom Wildi
 Fonte: Arquivo Arquidiocesano, Cúria Metropolitana de Florianópolis, 2006.



Transcrição:

Todos os trabalhos obedecerão fielmente a planta junta, a qual fará parte integrante deste orçamento.

Os trabalhos serão executados de acordo com a técnica e regras de bem construir.

Demolição: O pavilhão externo este será demolido e os materiais serão removidos pelo construtor.

Excavações: De acordo como demonstra a planta junta serão feitas as escavações necessárias a rampa lateral e paralelo ao paredão externo. As normas para o acesso da rua de entrada. As escavações conseqüentes do rebaixamento do paredão e do enrocamento pelo lado interno da rua de acesso.
O atterro proveniente destas escavações será removido.

Calçamento: a rua de entrada será calçada em toda a sua largura e comprimento.

Calçamento com paralelepípedos de granito assentados sobre uma camada de areia.

A largura útil da ruas será de 3.00 mts.

Junto as paredes externas da Cathedral, pelo lado este, será construída uma rampa de folhetas de granito, tendo esta a largura de 0.60 mt. A mesma terá as pedras rejuntadas a cimento e areia.

Paralelo ao paredão externo será construída uma calha para o escoamento das águas pluviais, esta calha será construída também com folhetas de granito e terá a largura de 0.60 mt. a rejuntamento com argamassa de cimento e areia.

A rampa interna da rua será construída com o declive de 45º e terá enrocamento com granito em toda a sua extensão rejuntado com argamassa de cimento e areia. Na construção deste enrocamento será observado o embasamento do pavilhão próximo e as fundações do mesmo serão reforçados pelo lado da escavação.

Entrada: Construção de dois pilares de alvenaria de tijolos de 2.50 X 0.80 X 0.60 mt.

Colocação de uma soleira de granito de 3.20 X 0.60 m. confeccionado de acordo com a planta junta. O portão terá fechadura a chave e macaneta.

Paredão e Balaustrada: O paredão externo será rebaixado de 1.50 mt. em toda a sua extensão (31.30 mts.) A balaustrada será reconstruída com pilares e cimalhas, obedecendo as existentes. Todos os balaustres em mão estado serão substituídos por novos.

Pintura: O portão de ferro terá pintura a óleo com 3 demãos. O muro e a balaustrada terão pintura a cal.

Preço: conforme o presente orçamento e a planta junta
o preço será de9:200\$000 (nove contos e duzentos mil reis).

Tom Wildi
25/7/34



ANEXO D
“ Pintura externa- Arquiteto Tom Wildi”- Reforma de 1934

1934

TOM T. WILDI
 ARQUITETO

396

Organizemo
 para a pintura externa da Cathedral Metropolitana em Florianópolis.

1/ Preparo das Paredes: Antes de receberem pintura as paredes serão devidamente preparadas. As impurezas, lodo, massa etc. serão retiradas por meio de escovas de aço. Todas as fendas e rachas no reboco, balunas, grades e para-peitos serão consertadas. As paredes de cimento a receber pintura a óleo (cupulas) serão antes impregnadas com uma camada de sulfato de zinco.

2/ Pintura a óleo: As cupulas em cimento terão pintura a óleo "Ruco externo" com alvaia de I. a. e de 3 - 4 demãos conforme e onde for necessário. Todas as portas e janelas terão, pelo lado externo, pintura a óleo com 3 demãos. As 3 portas principais serão completamente espurgadas das tintas antigas, calcetadas e lixadas perfeitamente. As mesmas portas poderão receber pintura a óleo ou verniz de pincel conforme for do desejo de Sua. Exma. e Emia. Sr. Arcebispo.

3/ Pintura a cal: As torres, assim como todas as paredes externas e pelo lado exterior, do corpo da Cathedral, inclusive as dependencias anexas com suas columnas, capitela, frisos, cornalhas etc. terão pintura a cal virgem (cal de pedra) sendo com 3 demãos. A esta pintura será adicionada pedra hume para a perfeita pega.

4/ Cruzeiros e pavilhões de entrada: Os cruzeiros encimando as torres e os telheiros dos pavilhões de entrada receberão pintura sendo uma demão com tinta sarço e 2 - 3 demãos com tinta a óleo.

5/ Embasamento: A primeira sapata do embasamento terá revestimento a cimento salpicado, permitindo desta forma um acabamento perfeito. Esta sapata não terá a altura superior a 1.00mt.

6/ Andaimos: Todas as despesas com andaimos, transportes etc. será exclusivamente por conta do proponente. O pessoal encarregado dos trabalhos será devidamente segurado, em Companhia idonea, contra acidente de trabalho.

Preço: Conforme o presente orçamento 16:800\$000
 (dez e seis contos e oitocentos mil reis)
 Florianópolis, 20. de Agosto de 1934.

Tom Wildi

1934

TOM T. WILDI
 ARQUITETO

39

Organizemo para a confecção de diversos servicos a fazer-se na Cathedral Metropolitana.

Calhas: Colocação de 4 calhas de esgotos baixos para o telhado principal da igreja, calhas de cobre a com a largura de 0.50mt. Aumentadas sobre as calhas de ferro existentes.
 42.00mts. 438\$000

Coberturas: A cobertura em folhas de zinco dos 3 pavilhões de entrada será devidamente consertada. Junto as paredes serão feitos, em parte, revestimento com folhas de cobre. O telhado, onde for necessário, terá feito uma bainha de folhas de cobre, concerto geral no reboco das paredes onde filtra a agua. 383\$000

Total 1:015\$000
 (um cento e quinze mil reis)
 Florianópolis, 21. / 20. / 1934.

Tom Wildi

Figura 121 - documento da reforma 1934- pintura externa e reforma da cobertura
 Autor; Tom Wildi
 Fonte: Arquivo Arquidiocesano, Cúria Metropolitana de Florianópolis, 2006



Transcrição:

Orçamento para a pintura externa da Cathedral Metropolitana de Florianópolis.

- 1) Preparo das Paredes: antes de receberem pintura as paredes serão devidamente preparadas. As impurezas, limo, musgo etc. serão retiradas por meio de escovas de aço. Todas as falhas e rachas em rebocos, balaustradas e para-peitos serão consertadas.
As paredes de cimento a receber pintura a óleo (cupulas) serão antes impregnadas com uma camada de sulfato de zinco.
- 2) Pintura a óleo: As cupulas em cimento terão pintura a óleo "Ruco externo" com alvaiada da 1.ª e de 3-4 demãos conforme e aonde for necessário. Todas as portas e janelas terão, pelo lado externo, pintura a óleo com 3 demãos. As 3 portas principais serão completamente expurgadas das tintas antigas, calafetadas e lixadas perfeitamente. As mesmas portas poderão receber pintura a óleo ou verniz a pincel conforme for do desejo de Sua. Exma. e Exmã. Sr. Arcebispo.
- 3) Pintura a cal: As torres, assim como todas as paredes externas e pelo lado exterior, do corpo da Cathedral, inclusive as dependências anexas com suas columnas, capitéis, frisos, cimalhas etc. terão pintura a cal virgem (cal de pedra) sendo com 3 demãos. A esta pintura será adicionada pedra hume para a perfeita pega.
- 4) Cruzes e pavilhões de entrada: As cruzes encimando as torres e os talheiros dos pavilhões de entrada receberão pintura sendo uma demão com tinta zarcão e 2-3 demãos com tinta a óleo.
- 5) Embasamento: A primeira sapata de embasamento terá revestimento a cimento salpicado, permitindo desta forma um acabamento perfeito. Esta sapata não terá a altura superior a 1.00 mt.
- 6) Andaimos: Todas as despesas com andaimos, transportes etc. será exclusivamente por conta do proponente. O pessoal encarregado dos trabalhos será devidamente seguro, em Companhia idonea, contra acidente de trabalho.

Preço: Conforme o presente orçamento..... 16:800\$000
(dez e seis contos e oitocentos mil reis)

Florianópolis, 20 de Agosto de 1934

Orçamento para a confecção de diversos serviços a fazer-se na Cathedral Metropolitana de Florianópolis.

Calhas: colocação de 4 calhas de espiões baixos para o telhado principal da igreja, calhas de cobre e com a largura de 0.50 mt. Assentados sobre as calhas de ferro existentes. 42.00mts..... 735\$000

Cobertura: A cobertura em folhas de zinco dos 3 pavilhões de entrada será devidamente concertada. Junto as paredes serão feitos, em parte, revestimento com folhas de cobre. O beirado, aonde for necessário, será feita uma bainha de folhas de cobre, concerto geral no reboco das paredes aonde filtrava água..... 380\$000

Total..... 1:015\$000

(um cento e quinze mil reis)

Florianopolis, 31./10./1934.



ANEXO E
Contrato da pintura interna – Manoel Rovina e Crispim Crespo – Reforma de 1938

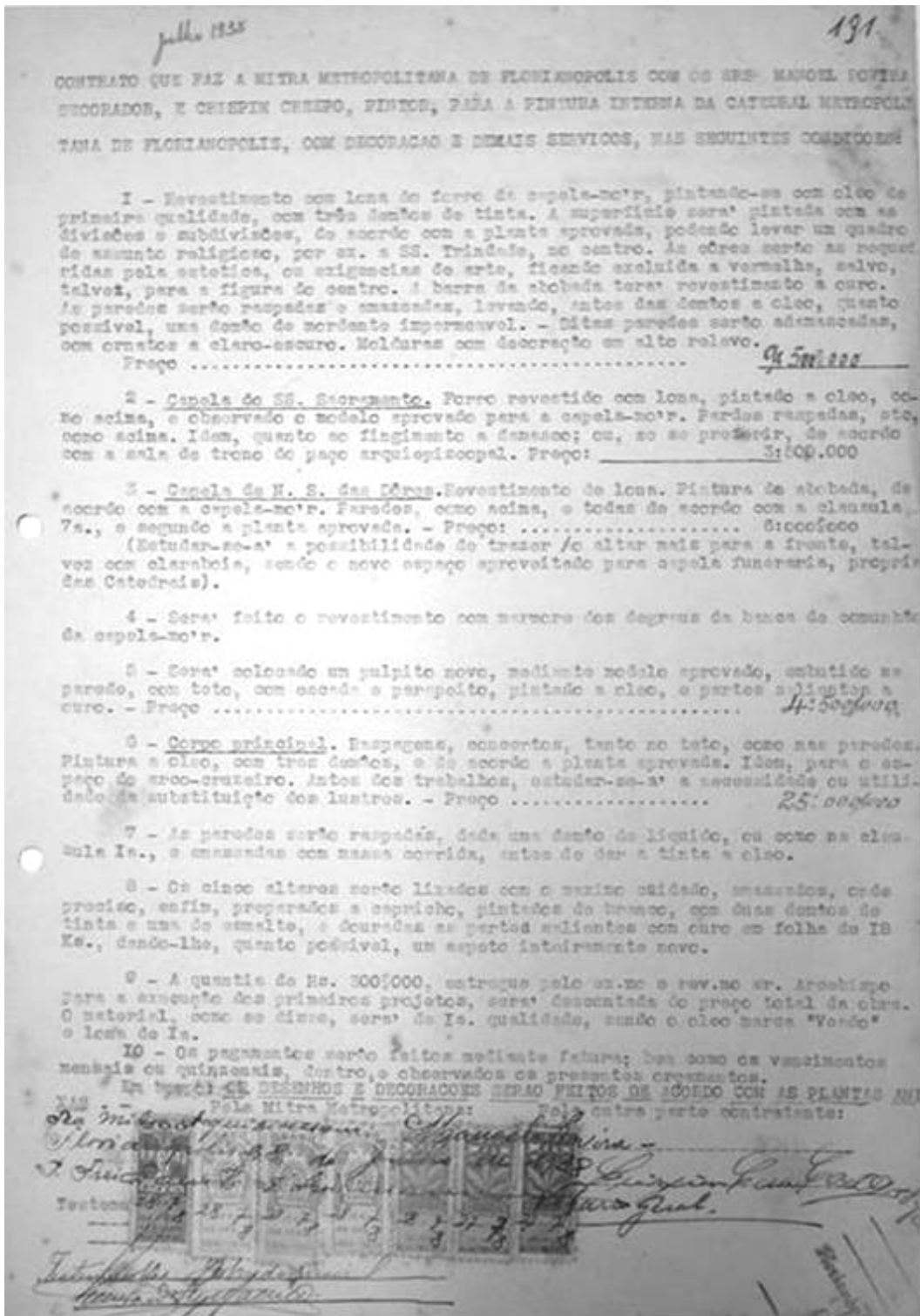


Figura 122- documento da reforma 1938- pintura interna
Autores: Manoel Rovina
Fonte: Arquivo Arquidiocesano – Cúria Metropolitana de Florianópolis-2006



Transcrição:

CONTRATO QUE FAZ A MITRA METROPOLITANA DE FLORIANÓPOLIS COM OS SRS-MANOEL ROVINA, DECORADOR, E CRISPIM CRESPO, PINTOR, PARA A PINUTRA INTERNA DA CATEDRAL METROPOLITANA DE FLORIANÓPOLIS, COM DECORAÇÃO E DEMAIS SERVIÇOS, NAS SEGUINTE CONDICOES:

1- Revestimento com lona do forro da capela-mor, pintando-se com óleo de primeira qualidade, com três demãos de tinta. A superfície será pintada com as divisões e subdivisões, do acordo com a planta aprovada, podendo levar um quadro de um santo religioso, por ex. a SS. Trindade, no centro. As côres serão as requiridas pela estética, os exigências da arte, ficando excluida a vermelha, salvo, talvez, para a figura do centro. A barra da abobada terá revestimento a coro. As paredes serão raspadas o (ilegível), lavrado, antes das demãos de oleo,quanto possível, uma demão de mordente imperzcvol.- Ditas paredes serão aderçadas, com ornatos a claro-escuro. Molduras com decorção em alto relevo.

Preço.....9:500.000

2- Capela do SS. Sacramento. Forro revestido com lona, pintando a óleo, como acima, e observado o modelo aprovado para a capela-mor. Paredes raspadas, etc, como acima. Idem quanto ao fingimento a damasco: ou, so se preferir, de acordo com a sala do trono do paço arquiiepiscopal. Preço:_____3:300.000

3- Capela do N. S. das Dores. Revestimento de lona, pintura da abobada, de acordo com a capela-mor. Paredes, como acima, e todas de acordo coma a clausula 7s.,e segundo a planta aprovada. Preço:.....6:000.000

(estudar-se-á a possibilidade de trazer/ o altar mais para a frente, talvez com clarabóia, sendo o novo espaço aproveitado para a pela funerária, própria das Catedrais).

4- Será feito o revestimento com marmore dos degraus da banca da comunhão da capela-mo'r.

5- Será colocado um púlpito novo, mediante modelo aprovado, embutido na parede, com teto, com escada e parapeito, pintado a óleo, o partes a (ilegível) a coro. Preço..... 4:500.000

6- Corpo Principal.Raspagens, concertos, tanto no teto, como nas paredes.Pintura a óleo, com três demãos de tinta, e de acordo a planta aprovada. Idem, para o espaço do arco-cruzeiro. Antes dos trabalhos, entender-se-á a necessidade ou utilidade da substituição dos lustres.

Preço..... 25:000.000

7- As paredes serão raspadas, dada uma demão de líquido, ou como na clausula 1ª., e amassadas com massa corrida, antes de dar a tinta a óleo.

8- Os cinco altares serão lixados com o mesmo cuidado,(ilegível), onde preciso, enfim, preparados a capricho, pintados de branco, com duas demãos de tinta e uma de esmalte, e douradas as partes salientes com ouro ou folha de 1ª Es. Dando-lhe, quanto possível, um aspecto inteiramente novo.

9- A quantia do Hs. 300:000, entregue pelo ex.mo e rev.mo sr. Arcebispo para a execução dos primeiros projetos, será descontada do preço total da obra.O material, como se disse, será de 1ª qualidade, sendo o oleomarca " Vordo" a lona de 1ª.

10- Os pagemntos serão feitos mediante fatura: bem como os vencimentos mensais e quizenais, dentro, e observados os presentes orçamentos.

(ilegível): OS DESENHOS E DECORACOES SERÃO FEITOS DE ACORDO COM AS PLANTAS ANEXAS.

Pela Mitra Metropolitana:
assinatura (ilegível)- pela Mitra Metropolitana

Pela outra parte contratante:
Manoel Rovina
Crispim Crespo

Florianópolis, 28 de julho de 1938



ANEXO F

Documento da pintura externa- Pozzo Lideo - 15 de abril de 1946

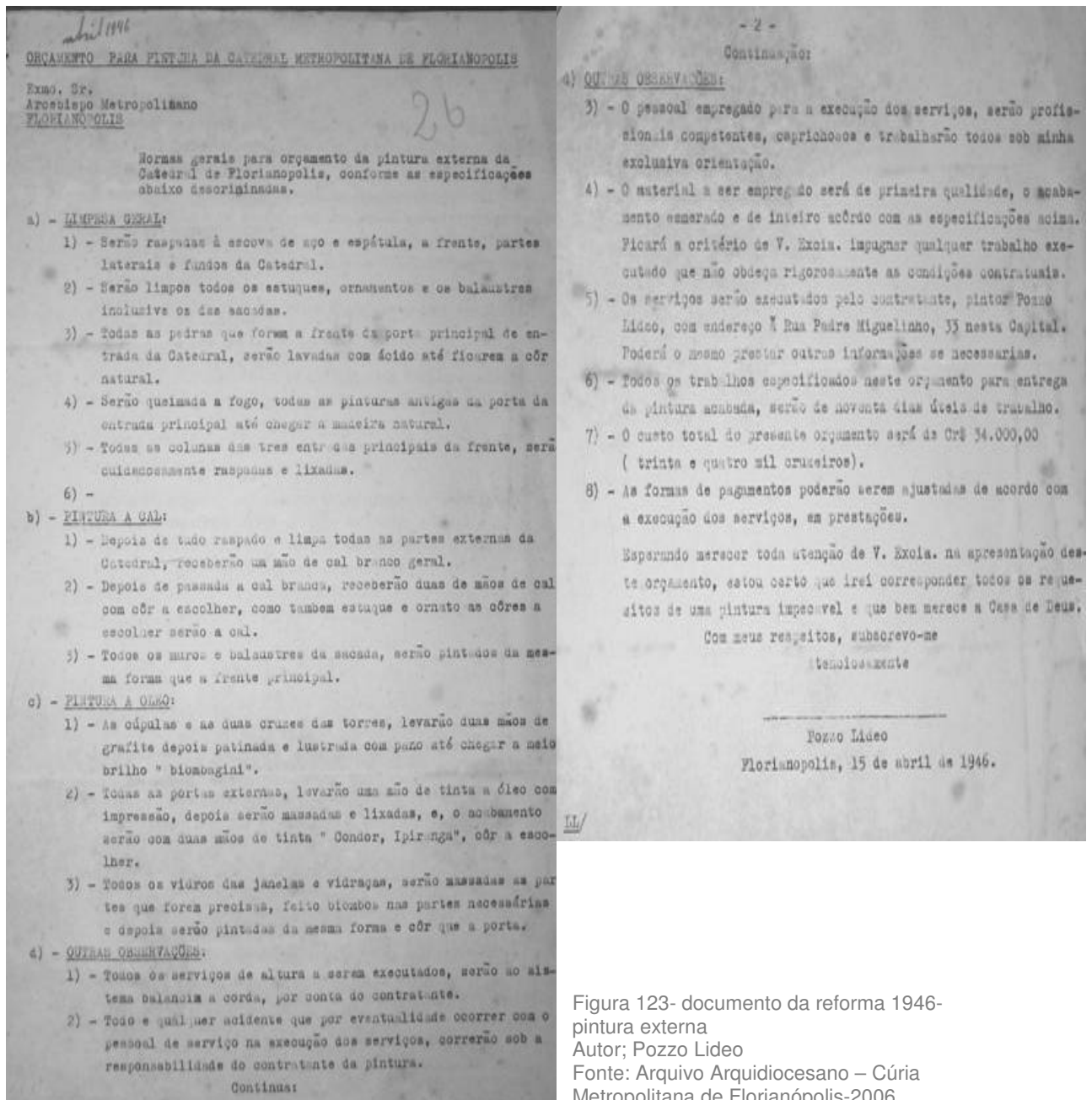


Figura 123- documento da reforma 1946- pintura externa
Autor; Pozzo Lideo
Fonte: Arquivo Arquidiocesano – Cúria Metropolitana de Florianópolis-2006



TRANSCRIÇÃO: ORÇAMENTO PARA PINTURA DA CATEDRAL METROPOLITANANA DE FLORIANÓPOLIS

Normas gerais para o orçamento da pintura externa da Catedral de Florianópolis, conforme as especificações abaixo discriminadas.

a) LIMPESA GERAL:

- 1) -Serão raspadas à escova de aço e espátula, a frente, partes laterais e fundos da Catedral.
- 2) -Serão limpos todos estuques, ornamentos e os balaustres inclusive os das escadas.
- 3) -Todas as pedras que forma a frente da porta principal e de entrada da Catedral, serão lavadas com ácido até ficarem a côr natural.
- 4) - Serão queimadas à fogo, todas as pinturas antigas da porta de entrada principal até chegar a madeira natural.
- 5)todas as colunas das três entradas principais da frente, serão cuidadosamente raspadas e lixadas.

b) - PINTURA A CAL:

- 1)- Depois de tudo raspado e limpa as partes externas da Catedral, receberão um mão de cal branco geral.
- 2)- Depois de passada a cal branca, receberão duas de mão de cal com côr a escolher, como também estuque e ornato as côres a escolher serão a cal.
- 3)- Todos os muros e balaustres da sacada, serão pintados da mesma forma que a frente principal.

c) - PINTURA A OLEO:

- 1)- As cúpulas e as duas cruzes das torres, levarão duas mãos de grafite depois patinada e lustrada com pano até chegar a meio brilho "biombagine".
- 2) -Todas as portas externas levarão uma de mão de tinta a óleo como impressão, depois serão massadas e lixadas, e, o acabamento serão com duas de mão de tinta "Condor, Ipiranga" côr a escolher.
- 3) Todos os vidros das janelas e vidraças, serão amassados as partes que foram precisas, feito biombos nas partes necessárias e depois serão pintadas da mesma forma e côr que a porta.

4) – OUTRAS OBSERVAÇÕES:

- 1)- Todos os serviços de altura a serem executados, serão no sistema balancia a corda, por conta do contratante.
- 2) – Todo e qualquer acidente que por eventualidade ocorreres com o pessoal de serviço na execução dos serviços, correrão sob a responsabilidade do contratante da pintura.

-2-

continuação:

4) – OUTRAS OBSERVAÇÕES:

- 3)- O pessoal empregado para a execução dos serviços, serão profissionais competentes, caprichosos e trabalharão todos sob minha exclusiva orientação.
- 4) - O material a ser empregado será de primeira qualidade, o acabamento esmerado e de inteiro acordo com as especificações acima. Ficará a critério da V. Excia. impugnar qualquer trabalho executado que não obedeça rigorosamente as condições contratuais.
- 5) – Os serviços serão calculados pelo contratante, pintor Pozzo Lideo, com endereço À Rua Padre Miguelinho, 33 nesta Capital. Poderá o mesmo prestar outras informações se necessárias.
- 6) – Todos os trabalhos especificados neste orçamento para entrega da pintura acabada, serão de noventa dias úteis de trabalho.
- 7) - O custo total do presente orçamento será de Cr\$ 34.000,00 (trinta e quatro mil cruzeiros).
- 8)as formas de pagamento serão ajustadas de acordo com a execução dos serviços, em prestações.

Esperando merecer toda atenção de V. Excia. Na apresentação deste orçamento, estou certo que irei corresponder todos os requisitos de um pintura impecável e que bem merece a Casa de Deus.

Com seus respeitos, subscrevo-me

Atenciosamente

Pozzo Lideo



ANEXO G

Jornal: Diário Catarinense

Matéria: “Escavação acha ossos humanos”

Data: 16 de março de 2001



Figura 124- “Escavação acha ossos humanos”

Fonte: Jornal Diário Catarinense Notícia 16/03/2001

Transcrição do texto:

“Escavação acha ossos humanos”

“Ossos humanos foram encontrados ontem pela manhã ao lado da Catedral Metropolitana de Florianópolis. Durante escavações feitas no local, para instalação de luminárias, foram encontradas partes de crânios e dentes, chamando a atenção dos curiosos que passavam pelo Centro da cidade. O padre Sergio Maykot explica que em 1850 a região abrigou o cemitério da Vila do Desterro, desativado ainda no final do século 19. Os ossos foram recolhidos no mesmo local, considerado terreno consagrado. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) vai decidir se realizará pesquisas sobre o material”.

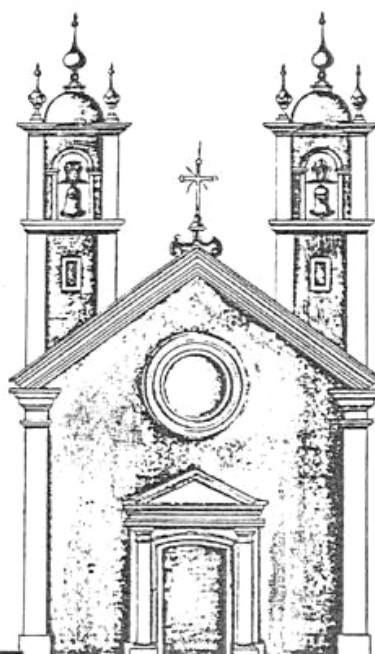


ANEXO H

Reprodução da placa explicativa dos cunhais

A CATEDRAL METROPOLITANA DE FLORIANÓPOLIS FOI CONSTRUÍDA NO SÉCULO XVIII E PROFUNDAMENTE ALTERADA NO INÍCIO DO SÉCULO XX. DURANTE AS OBRAS DE RESTAURAÇÃO REALIZADAS NO ANO 2000 ENCONTROU-SE A BASE DOS DOIS ANTIGOS CUNHAIS. CONSTRUÍDOS EM PEDRA APARENTE, FICARAM EVIDENCIADOS COMO TESTEMUNHO DA IGREJA PROJETADA PELO BRIGADEIRO JOSÉ DA SILVA PAES.

BASE DO CUNHAL



FACHADA DA IGREJA MATRIZ.
OBRA DE JOSÉ DA SILVA PAES, 1748.

Exemplo PLACA PARA A BASE DO CUNHAL
Placa gravada em aço inox
Dim.: 18 x 27 cm

Figura 125- Placa explicativa dos cunhais. Indicação das inscrições para a placa explicativa a ser fixada nos cunhais da fachada da Catedral
Fonte: Relatório IPUF,2000



APÊNDICES

APÊNDICE A - Tom Traugott Wildi - Biografia resumida

APÊNDICE B - Reforma de 1974 - Transcrição da entrevista sobre a repintura.
Pe. Pedro José Koehler Data: 18/08/05



APÊNDICE A

Biografia resumida do Arquiteto Tom Traugott Wildi



Figura 126 - O arquiteto Tom Wildi e sua esposa, Maria Passerino.
Autor da Fotografia: Cristiane Serpa
Fonte: Jornal A Notícia 14/05/2006 p. 06

Tom Wildi nasceu na pequena cidade de Wohlen, Cantão de Argau, na Suíça , em 08 de maio de 1897. Aos 15 anos ingressa na Escola Profissional de Belas Artes em Zurique. Assim que se forma, muda-se para Genebra para cursar a graduação em Arquitetura.

Quando vai iniciar sua carreira profissional começa a Iª Guerra Mundial. É convocado para prestar serviço na Fronteira Suíça, sendo ferido durante o combate. Com o término da Guerra resolve se aventurar em novas terras embarcando com amigos no navio holandês “Gelria”. Desembarca no Rio de Janeiro em 21 de junho de 1919, começa a trabalhar na Construtora E. Marini e depois, na General Eletric (GE).

Vem para Florianópolis em 1921, quando é enviado pela GE para atuar no projeto elétrico da Ponte Hercílio Luz. Durante sua estada em Florianópolis sofre fortes dores de dente e procura a jovem dentista de 21 anos, Maria Passerino, foi à primeira mulher a se formar na Faculdade de Farmácia e Odontologia de Curitiba, de descendência indígena (Tapuia) e italiana.

Tom se apaixona nos primeiros contatos, o tratamento dentário seria apenas um pretexto para firmar laços duradouros e matrimoniais com Maria em 04 de agosto de 1921.

Tom não se apaixona só pela bela dentista, mas também por Florianópolis, onde fixa residência. Nem mesmo quando a GE o convida para ir trabalhar no Canadá e talvez



assumir algum cargo de Direção da Multinacional, recusa a proposta, fazendo da Ilha seu "porto seguro".

Aqui realizou muitos projetos e obras de expressão modernista. Em 1930 é nomeado pelo Governador do Estado Hercílio Luz no cargo de encarregado das Obras Públicas do Município.

Montou empresa em Florianópolis chamada "Arte Nova- Architecto Tom T. Wildi" consta na propaganda da empresa a descrição dos serviços: Fábrica de beneficiar madeira para construção civil, ladrilhos hidráulicos em cimento, Projetos, Orçamentos e Administração de Construções em Geral que se localizava na Av. Rio Branco.

Revelou-se um homem idealista e sonhador, cultivou várias atividades paralelas ligadas a cultura e as artes além da sua profissão de Arquiteto e Construtor. Foi, também, arqueólogo, colecionador, pesquisador, artista plástico; era campeão de Tiro e de xadrez; fez parte do Rotary Clube Internacional e se tornou membro da "Société de Americanistes" de Paris e de Genebra. Foi Cidadão Honorário de Florianópolis o que lhe causou grande orgulho. Um profundo amante da vida, nas suas mais varias expressões, também nutria um profundo amor pela terra que o acolheu.

Faleceu em 21 de março de 1985; sua esposa em novembro. Deixou seus descendentes diretos: Tom Junior, Helvetia e Georges. O filho caçula Georges vive até hoje em Florianópolis; formou-se em Engenharia em continuação ao legado deixado pelo pai. (A NOTÍCIA, 2006)

Considerado um dos primeiros arquitetos modernistas da Capital, deixando sua marca na cidade através das edificações e das intervenções que realizou durante sua trajetória por Florianópolis, implantando novos estilos e concepções arquitetônicas, Tom Wildi foi um de seus primeiros arquitetos.



APÊNDICE B

Reforma de 1974 - transcrição da entrevista do Pe. Pedro José Koehler sobre a repintura.

Entrevista e transcrição feita por: Eliane Veras Veiga e Márcia R. E. Laner

Data: 18/08/05

“Quanto a pintura não tinha expressão artística; antes, pelo contrário. Apesar disso, nem eu, nem o ... nos arvoramos ... para mandar tirar a dita pintura, sem consultar pessoas que pudessem dar o seu parecer. Consultei o Sr. Governador, Dr. Antônio Carlos Konder Reis que me disse não ver expressão artística nesta pintura. Um alemão, entendido em pintura, que por aqui passou, criticou a pintura e disse ser algo pesado e feio e não compreendia como pode Florianópolis suportar esta pintura”. Aliás, era uma coisa sem expressão, assim...“Quanto ao Sr. Arcebispo, prudente, como sempre, aconselhou-me, bem como a o ... consultar o Patrimônio Histórico e Artístico.... Esta reunião foi realizada no dia 26 de julho de 1975, estando presentes Dr. Ciro Corrêa de Oliveira Lira, representante do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Dr. José Lé Pastina, do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná, Dr. Osmar Marcos Grubba, Dra. Sara Regina Silveira de Souza, Janete Milles, do Patrimônio Histórico e Artístico de Santa Catarina, Pe. Pedro José Koeler, cura da catedral” (Ah, estes nomes aqui são importantes)”.

“Nesta reunião, às dezoito e quarenta e sete horas, disse textualmente o dr. Ciro: “O patrimônio histórico por hora não vai se intrometer na restauração da catedral.” “O Dr. Grubba, em seguida, falou que o governo não tem condições de se preocupar com a restauração da catedral. Disse, ainda, o Dr. Grubba: Podem pintar a catedral. Tínhamos então permissão do órgão do governo para pintar a catedral, já que o Dr. Grubba, Coordenador Estadual do Patrimônio e Artístico, sugeriu encaminhar pedido ao governo para o tombamento da catedral. Como cura da catedral, não aceitei esta colocação de encaminhamento do tombamento da catedral, para o Patrimônio Histórico e Artístico sem que o governo antes cedesse uma área para a construção da nova catedral.”

“Fiquei feliz com esta reunião, pois me via assim livre de críticas futuras de jornalistas e de pessoas que queriam a permanência daquela pintura interna.”



“Se a pintura interna realmente tivesse valor artístico e se fosse de pintor conhecido, ou mesmo se tivéssemos encontrado pessoa competente, capaz de retocar aquela pintura deteriorada, com o tempo, pela água que havia penetrado em diversos lugares do estuque, seria eu o primeiro a querer preservá-la para a posteridade. Quer dizer, se tivesse a pintura, se fosse algo maravilhoso, como a gente vê... por esse mundo... na Europa, em diversos lugares [...]”.

“Sinceramente, não valia a pena e não tinha condições e por isto, procurou-se dar á catedral internamente uma pintura sóbria, leve e bem adequada, segundo os entendidos”. “O Coordenador Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico a respeito da restauração e pintura da catedral envia correspondência ao Arcebispo: “Florianópolis, 8 de julho de 75. ... Arcebispo dom Afonso Neheus. Conforme vossa solicitação, aqui vai o relatório pormenorizado da situação atual em que se encontra a catedral metropolitana de Florianópolis, no que diz respeito os trabalhos de conservação e embelezamento da mesma, os quais já estão em andamento “os desenhos decorativos, além de serem pobres na combinação das cores, dão um aspecto lúgubre, devido aos tons escuros. As pinturas, em vista da ingenuidade na sua execução – não tem expressão nenhuma – com deformações primárias... não possuem nenhum valor artístico. As mesmas estão de um modo geral com as superfícies desgastadas pelo tempo e pela má conservação. A restauração destas, tornar-se-á praticamente impossível, pois as superfícies a serem restauradas atingiram grandes proporções. Os santuários...” e boto entre aspas: altares em estilo barroco – “Os santuários, estruturas e vitrais, praticamente os únicos elementos de real valor artístico no seu interior, estão por demais desbotados e desvalorizados diante da ingenuidade da pintura atual e isto nos leva a afirmar a nossa opinião, digo, posição contrária ao tombamento das pinturas em questão; ao sugerimento, ou sugerindo desta forma o lixamento total das paredes e forro, substituindo-as por uma pintura mais condizente com os padrões atuais da beleza estética, sem que esta venha a criar chocantes paralelos entre o atual e o antigo. Cabe-nos, também, a grande responsabilidade de sugerir neste relatório as novas cores.” Veja, até isto. Nós fomos atrás... aquele amarelinho do altar. E Continua o documento:

“As novas cores... como também o tipo de tinta, ser supostamente aplicado no seu interior. As paredes, depois de restauradas, lixadas, seriam preparadas inicialmente com massa fina em tudo, a fim de receber uma nova pintura. Esta seria aplicada com tinta a óleo, no tom azul claro e fosco. Alguns frisos, cornijas e demais saliências, seriam previamente



estudados e ... a sua pintura em tom azul médio fosco. Os altares seriam pintados no tom gelo, com tinta a óleo brilhante, repintando também os frisos dourados.”

“Os altares, nós não pintamos; não tinha dinheiro; ficaram como estavam. Depois, o padre José Besen é que fez esta pintura que eu pessoalmente achei que ficou a emenda pior do que o soneto”.

“O piso seria substituído por lajotas de cerâmica em tom marfim, de preferência com desenhos estilizados em cores neutras, lembrando o colonial. Aqui nós não tínhamos condição...aqui nós ... dinheiro nenhum, então passamos para o que está ali.

O piso do altar mor seria revestido com carpet na cor vermelha. Foi o que fizemos. Sem mais para tratar no momento [...]Osmar Marcos Gruba, arquiteto”.

“O Dr. Grubba sugere que um técnico perito em pintura examine para ver se não há algo de valor artístico por baixo da atual pintura. Isto foi realizado e nada foi encontrado.”

“[...] tratando-se da pintura interna, de autor desconhecido, e um amontoado de cores, tratava-se da pintura interna, de autor desconhecido e um amontoado de cores, sem arte e sem gosto.. Não há nada escrito. Ao menos, não encontrei absolutamente nada a respeito. Disseram ter sido a catedral pintada internamente nos idos de 1939, por um argentino, que por aqui passou.”

“É fácil concluir, que, se realmente houvesse uma pintura de valor artístico, esta seria antes de 1922, quando a catedral foi ampliada e completamente retocada. Se em 1922 foi pintada, creio que não teriam pintado nos idos de 1939, ou seja, não deixariam trocar aquela pintura de valor artístico por esta sem nenhuma expressão”.

“Ao menos... no dia 21 de dezembro de 1975: Inauguração, celebrada as 19:30 horas, presidida por Dom Afonso Neheus da restauração da Catedral Metropolitana. Após dezessete meses de restauração, de reforma da Catedral e após nove meses que não mais eram celebradas missas na catedral e sim na Capela do Colégio Coração de Jesus, as despesas com a restauração somaram 268,453 mil cruzeiros. A reforma e restauração constaram, neste 17 meses de trabalhos, da recuperação parcial do telhado e madeiramento, limpeza e reparo nas calhas e condutores, restauração do adro, restauração integral da capela de Nossa Senhora das Dores, demolição e restauração completa da metade da nave central da catedral. Metade da nave! Remoção de todo o piso e substituição por 509 metros quadrados de marmorite e 32 metros quadrados de mármore. Lixamento de



140 metros quadrados e revestimento de carpete em 140 metros quadrados. Instalação subterrânea dos canos de luz e microfones; massa corrida e pintura interna em toda a catedral. Nova instalação de aparelhos de alto falantes, reparo de quadro da sala para o transmissor e aparelhagem de som. Reforma completa dos sinos, bem como reforma da escadaria que dá acesso aos sinos da torre. Quem trabalhou foram os operários, e também do DAE (Departamento Autônomo de Edificações- Órgão do Estado de Santa Catarina) e ao mestre da obra- Sr. L... Junckes, e ao mestre pintor- Sr. Carlos Auflen [...]”.